

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO**  
**DOUTORADO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO**

**Andréa Olimpio de Oliveira**

**UM ESTUDO DA RECEPÇÃO DA IMAGEM NO MUSEU ARTHUR  
BISPO DO ROSÁRIO ARTE CONTEMPORÂNEA A PARTIR DA  
PSICOLOGIA DA RELIGIÃO DE CARL GUSTAV JUNG**

**Juiz de Fora**

**2025**

**Andréa Olimpio de Oliveira**

**UM ESTUDO DA RECEPÇÃO DA IMAGEM NO MUSEU ARTHUR  
BISPO DO ROSÁRIO ARTE CONTEMPORÂNEA A PARTIR DA  
PSICOLOGIA DA RELIGIÃO DE CARL GUSTAV JUNG**

Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito da obtenção do grau de Doutor em Ciência da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Sidnei Vilmar Noé

Juiz de Fora

2025

**Andréa Olimpio de Oliveira**

**UM ESTUDO DA RECEPÇÃO DA IMAGEM EM ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO A  
PARTIR DA PSICOLOGIA DA RELIGIÃO DE CARL GUSTAV JUNG**

Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em  
Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de  
Fora como requisito da obtenção do grau de Doutor em  
Ciência da Religião.

Aprovada em

BANCA EXAMINADORA

---

Professor Doutor Sidnei Vilmar Noé  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Professora Doutora Amélia Carla Sobrinho Bifano  
Universidade Federal de Viçosa

---

Professor Doutor Felipe Luis Melo de Souza  
Universidade Anhanguera – São Paulo

---

Professor Doutor Jorge Miklos  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

---

Professora Doutora Mônica Giraldo Hortegas  
Núcleo de Estudos em Religião e Psicologia - NERELPSI

Para Matheus, com amor.

O sentimento bonito que carrego tem o seu nome.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal de Juiz de Fora, ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião (PPCIR), aos meus colegas e membros do Núcleo de Estudos em Religião e Psicologia (NERELPSI), especialmente ao meu orientador Prof. Dr.º Sidnei Vilmar Noé, por todas as trocas ao longo deste período que tanto enriqueceram este trabalho – se hoje me vejo como pesquisadora foi graças à sua contribuição. Ao Museu Arthur Bispo do Rosário Arte Contemporânea e aos estudantes que aceitaram participar desta pesquisa, sem vocês este estudo não seria possível. Aos membros da banca e todos aqueles que porventura lerão este trabalho. Minha mais profunda gratidão aos meus amigos e familiares por suas palavras de incentivo. Ao meu marido João Batista e ao meu filho Matheus, pelas horas suprimidas e por alimentar minha alma com ternura e afeição.

*Todo o processo psíquico é uma imagem e um imaginar.*

(JUNG).

## **Resumo**

A tese aborda a recepção da imagem no Museu Arthur Bispo do Rosário Arte Contemporânea, utilizando a psicologia da religião de Carl Gustav Jung como base teórica. O ato criativo e as imagens produzidas são centrais para esta investigação, conferindo-lhe um caráter inovador. O texto explora o conceito de religião como forças que afetam o indivíduo e que merecem atenção cuidadosa. O numinoso é uma categoria fundamental que surge na psique do indivíduo, muitas vezes influenciada por elementos externos. O estudo envolve um experimento realizado com estudantes de graduação em Psicologia e do Ensino Médio do Colégio Anglo, ambos em Viçosa – MG. Os alunos participaram de uma visita técnica ao museu, com o intuito de conhecer as obras em exposição. Durante a visita foram convidados a recriar uma obra que os impactasse ou a desenvolver uma nova criação artística. Em seguida, os estudantes puderam revisar seus desenhos, onde também foram entrevistados para compartilhar suas experiências e reflexões sobre o processo criativo. A metodologia utilizada foi descritiva e fenomenológica, buscando explorar as associações e descobertas relacionadas à imagem, arte e religião. Como resultado, observou-se que as condições que se configuram sob uma obra de arte se elevam além dos aspectos pessoais do artista, podendo ser acessados por todos.

**Palavras-chave:** Imagem; Psicologia da Religião; Criação Artística; Inconsciente Coletivo; Arthur Bispo do Rosário.

## **Abstract**

The thesis addresses the reception of the image at the Arthur Bispo do Rosário Museum of Contemporary Art, using Carl Gustav Jung's psychology of religion as its theoretical foundation. The creative act and the images produced are central to this investigation, lending it an innovative character. The text explores the concept of religion as forces that affect the individual and deserve careful attention. The numinous is a fundamental category that emerges in the individual's psyche, often influenced by external elements. The study involves an experiment conducted with undergraduate Psychology students and high school students from Colégio Anglo, both in Viçosa - MG. The students participated in a technical visit to the museum to explore the works on display. During the visit, they were invited to recreate an artwork that impacted on them or develop a new artistic creation. Subsequently, the students reviewed their drawings and were interviewed to share their experiences and reflections on the creative process. The methodology employed was descriptive and phenomenological, aiming to explore the associations and discoveries related to image, art and religion. As a result, it was observed that the conditions that constitute a work of art transcend the personal aspects of the artist, and can be accessed by everyone.

**Keywords:** Image; Psychology of Religion; Artistic Creation; Collective Unconscious; Arthur Bispo do Rosário.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>1. TRANSTORNO MENTAL E PSIQUE .....</b>	<b>16</b>
1.1. OS DELÍRIOS E SEU TRATAMENTO NA RELIGIÃO E NA PSICOPATOLOGIA .....	16
1.2 A ESQUIZOFRENIA SEGUNDO JUNG E OS COMPLEXOS DE TONALIDADE AFETIVA .....	24
1.3 ESQUIZOFRENIA EM IMAGENS: A IMPORTÂNCIA DA DOUTORA NISE DA SILVEIRA.....	33
1.4 A ARTE COMO UM PROCESSO DE CRIAÇÃO DA PSIQUE .....	36
<b>2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>44</b>
2.1. TIPO DE PESQUISA.....	44
2.2. LOCAL DA PESQUISA.....	44
2.3. CARACTERÍSTICA DA AMOSTRA .....	45
2.4. COLETA DE DADOS .....	50
2.5. ANÁLISE DOS DADOS .....	51
2.6. ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA .....	51
2.7. RISCOS E BENEFÍCIOS DA PESQUISA.....	51
<b>3. A RECEPÇÃO DA IMAGEM NO MUSEU ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO ARTE CONTEMPORÂNEA .....</b>	<b>53</b>
3.1 O MUSEU BISPO DO ROSÁRIO DE ARTE CONTEMPORÂNEA .....	54
3.2 VISITA AO MUSEU BISPO DO ROSÁRIO ARTE CONTEMPORÂNEA .....	56
3.3 EXPRESSÃO EM GRUPO .....	59
<b>4. DA FRUIÇÃO À CRIAÇÃO ARTÍSTICA INDIVIDUAL .....</b>	<b>77</b>
4.1 FUGA E INTEGRAÇÃO .....	78
4.2 IMPOTÊNCIA E ONIPOTÊNCIA.....	96
4.3 CONDENAÇÃO E REDENÇÃO .....	107
4.4. AS VIRGENS NA CONTEMPORANEIDADE: O FEMININO EM FOCO .....	114
4.5. O ÚNICO OLHO OU O OLHO QUE TUDO VÊ.....	128
4.6. ARQUÉTIPO DO CRISTO OU ARQUÉTIPO DO BISPO .....	136
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>150</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>155</b>
<b>ANEXO I- Parecer Consubstanciado do CEP- UNIVIÇOSA .....</b>	<b>160</b>
<b>ANEXO II- Parecer Consubstanciado do CEP- UFJF.....</b>	<b>167</b>
<b>ANEXO III- TCLE.....</b>	<b>172</b>
<b>ANEXO IV- TCLE Responsáveis .....</b>	<b>174</b>
<b>ANEXO V- ROTEIRO PARA A ENTREVISTA.....</b>	<b>176</b>
<b>ANEXO VI – TRANSCRIÇÕES.....</b>	<b>177</b>

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Ecos aliterados .....	59
Figura 2 – A chave da liberdade .....	61
Figura 3 – O grito .....	64
Figura 4 – Boca costurada .....	67
Figura 5 – Ícaro .....	69
Figura 6 – Dupla face .....	73
Figura 7 – A loucura como ato sacrificial .....	74
Figura 8 – Possibilidades .....	75
Figura 9 – A porta.....	78
Figura 10 – A chave .....	82
Figura 11 – Túneis .....	84
Figura 12 – Busca pela paz .....	85
Figura 13 – Os girassóis, van Gogh.....	88
Figura 14 – O balanço .....	90
Figura 15 – Elos .....	92
Figura 16 – Censura .....	96
Figura 17 – De volta ao útero .....	97
Figura 18 – Veias no vaso quebrado .....	98
Figura 19 – Chagas no coração .....	100
Figura 20 – Fluxo de pensamento .....	101
Figura 21 – Fluxo de pensamento 2.....	102
Figura 22 – Força e luta .....	103
Figura 23 – Cidade natal .....	107
Figura 24 – Instrumentos cirúrgicos .....	108
Figura 25 – “Meu reino não é deste mundo” .....	110
Figura 26 – A perda da humanidade.....	111
Figura 27 – Eu sou .....	115

Figura 28 – A pequena sereia .....	117
Figura 29 – Será que estão achando que eu vou entrar? .....	118
Figura 30 – Coração de mosaico .....	120
Figura 31 – Inocência .....	122
Figura 32 – <i>Hashtag</i> : “Vida de Marlene” .....	123
Figura 33 – O feminino entristecido .....	125
Figura 34 – Mulher vestida de casas .....	129
Figura 35 – Olhar hipnotizante .....	132
Figura 36 – Mulher negra .....	133
Figura 37 – Afugentar-se no precipício .....	135
Figura 38 – Os três elementos .....	137
Figura 39 – Levitação .....	140
Figura 40 – Ouvidor de vozes .....	143
Figura 41 – Manto-Armadura .....	147
Quadro 1 – Associação de Palavras .....	127
Quadro 2 – Associação de Palavras.....	127

## LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Gráfico 1 – Amostragem por sexo .....	45
Gráfico 2 – Escolaridade .....	46
Gráfico 3 – Idade .....	47
Gráfico 4 – Raça .....	47
Gráfico 5 – Psicoterapias .....	48
Gráfico 6 – Sobre Arthur Bispo do Rosário .....	49

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objeto o estudo da recepção da imagem no Museu Arthur Bispo do Rosário Arte Contemporânea, a partir da psicologia da religião de Carl Gustav Jung. O interesse por este tema surge a partir das experiências clínicas e acadêmicas da pesquisadora, que ao longo de vinte anos como psicóloga e arteterapeuta tem se debruçado sobre o estudo das imagens do inconsciente. O ato criativo, as imagens produzidas espontaneamente se configuram como ponto central nesta pesquisa, conferindo-lhe seu caráter *sui generis*.

Utilizamos como aporte, o modelo do psiquismo junguiano, pois este se estende diretamente à experiência religiosa. Há uma dificuldade por parte de muitos teóricos em compreender Jung, visto que sua narrativa não parte de uma ciência cartesiana, de causalidade, mas se aproxima muito mais a uma fenomenologia empírica (Jung, 2011*p*). Em várias de suas obras, sua preocupação consistia em descrever as diversas imagens, fantasias e visões que o invadiam soturnamente. Neste confronto com o inconsciente, buscava compreender o significado de tais imagens, e qual haveria de ser, sua utilidade. (Jung, 2011*c*).

Soma-se a isso, a ideia de que grande parte de sua teoria psicológica fora desenvolvida com o intuito de proporcionar uma compreensão religiosa dos fenômenos psíquicos, lançando mão, para isso, de uma concepção específica da religião, que se aproxima à descrição de *religio* de Cícero.

No livro *Psicologia e Religião*, Jung (2011*p*) vincula a experiência religiosa ao pensamento de Rudolf Otto. Segundo o autor, a religião é uma experiência significativa do numinoso, que coloca o ser humano em relação à dimensão mais profunda de sua realidade, a saber, o inconsciente coletivo. O inconsciente coletivo contém o manancial histórico-cultural de toda a humanidade. Esses conteúdos podem ser vivenciados e assimilados a partir das experiências individuais.

Conforme a definição da religião de Jung, é a numinosidade que confere o sentido sagrado às experiências psíquicas, sejam essas religiosas ou artísticas. No pensamento junguiano, o numinoso pode conter as características de um objeto observado, que produza uma mudança significativa na consciência, devendo esta estar necessariamente ligada a uma causa exterior ao indivíduo (Jung, 2011*p*). A linha de problematização desta pesquisa fundamentou-se, então, na seguinte questão: pode-se, ao observar uma obra de arte, de algum modo, evidenciar o numinoso presente nessa contemplação?

Que mudanças significativas na consciência do indivíduo essa contemplação acarretaria? Quais livres associações, a arte evocaria diretamente em seu observador? Pensando na obra de Arthur Bispo do Rosário e de outros artistas em exposição no museu que leva o seu nome, ao contemplá-la, o quê essa suscita naquele que a vê? Evoca lembranças, afloram sentimentos, sonhos, recordações, analogias, metáforas?

Se o caráter numinoso deve estar ligado a uma causalidade externa ao indivíduo, ao recriar-se uma obra de arte, de modo espontâneo, de que modo apareceriam representações primordiais coletivas? Quais arquétipos são suscitados? A interlocução entre as imagens irrefletidas produzidas pelos artistas e pela criação de quem as observa, foi o caminho que tentamos rastrear neste estudo. Esse percurso de criação individual se apresentou como um campo fértil à investigação acadêmica.

Buscou-se discernir (se é que seja possível!) o que seria concernente à dimensão individual, que Jung denominou de complexos, daquilo que eventualmente poderia ser oriundo do inconsciente coletivo. A hipótese inicial era a de que as condições que se configuram sob uma obra de arte se devem justamente à sua capacidade de elevar-se para além dos aspectos pessoais do artista, abrindo seu acesso a todos. As imagens primitivas e/ou mitológicas pertencem ao domínio comum da humanidade; ou seja, a um inconsciente que é também coletivo.

O principal objetivo desta pesquisa foi estudar a recepção da imagem no museu Arthur Bispo do Rosário Arte Contemporânea, através de uma experiência de criação artística espontânea, visando a interlocução dessas imagens com a psicologia da religião de Carl Gustav Jung.

Como objetivos específicos, almejou-se: a) produzir plasticamente uma imagem, com estudantes da graduação em psicologia do Centro Universitário de Viçosa-MG, e alunos do Ensino Médio do Colégio Anglo, a partir da obra de Arthur Bispo do Rosário, e de outros artistas em exposição no Museu Arthur Bispo do Rosário Arte Contemporânea; b) descrever as possíveis associações que poderiam surgir através das imagens produzidas; c) compreender, à luz da Psicologia Complexa, os elementos evidenciados na criação artística; d) explicitar possíveis relações entre as imagens e a psicologia da religião de Carl Gustav Jung.

Destarte, o primeiro capítulo desta tese buscou elucidar a relação entre transtorno mental e psique, evidenciando os delírios e o seu tratamento na religião; e na psicopatologia, a compreensão da esquizofrenia segundo Jung, especificamente a relação desta com os complexos de tonalidade afetiva, bem como, mudança de paradigma no olhar sobre as imagens

do inconsciente a partir do enfoque da Dr.<sup>a</sup> Nise da Silveira. O capítulo finaliza com a compreensão da arte enquanto um meio de expressão criativa da psique.

O segundo capítulo aborda os procedimentos metodológicos utilizados neste projeto experimental. No capítulo três, tem-se a descrição da recepção da imagem no Museu Arthur Bispo do Rosário Arte Contemporânea, realizada pelos alunos do curso de psicologia do Centro Universitário de Viçosa, e alunos do ensino médio do Colégio Anglo, ambos da cidade de Viçosa-MG. Descrevemos como ocorreu a visita técnica ao museu e o processo de criação em grupo.

De importância fundamental é a compreensão das manifestações religiosas enquanto produções psíquicas do inconsciente, tal como a criação do artista em suas obras. Por isso, no último capítulo, demonstramos os aspectos que levaram da fruição à criação individual de cada participante, evidenciando as imagens produzidas, as associações feitas por cada um, e as possíveis relações com a psicologia complexa.

## 1. TRANSTORNO MENTAL E PSIQUE

De modo a introduzir este capítulo, realizamos uma breve apresentação sobre Arthur Bispo do Rosário, considerado esquizofrênico pela psiquiatria da época, foi interno na Colônia Juliano Moreira, na cidade do Rio de Janeiro, a partir de 1964 até a sua morte em 1989. Muito embora não se considerasse artista, suas obras foram expostas no Brasil e no exterior, e atualmente tem-se um museu com seu nome, localizado na Taquara, zona oeste do Rio de Janeiro.

### 1.1. OS DELÍRIOS E SEU TRATAMENTO NA RELIGIÃO E NA PSICOPATOLOGIA

Arthur Bispo do Rosário foi pugilista, marinheiro, funcionário da Light, e prestava serviços à família Leoni, residente no Botafogo, na zona sul do Rio de Janeiro. Nasceu em Sergipe, na cidade de Japarutuba, filho de Adriano Bispo do Rosário e Blandina Francisca de Jesus. Entretanto, ao ser indagado sobre sua origem, dizia apenas: “um dia eu simplesmente apareci no mundo” (Hidalgo, 2012, p. 4).

Herda o sobrenome do pai, cujos substantivos são ricos em referências religiosas cristãs. Bispo é o padre que confere os sacramentos da confirmação e da ordem, e que é incumbido da direção espiritual de uma diocese (Oxford, 2024). A oração do Rosário constitui o caminho no qual, por intercessão de Maria, os cristãos católico-romanos podem obter graças imensuráveis; e, ainda que caracterizado por sua aparência mariana, o Sumo Pontífice João Paulo II (2002) ressalta o valor essencial do Rosário, reforçando sua natureza cristológica: no cerne da oração está o Cristo. Por meio das contas do Rosário podem-se contemplar os mistérios da salvação (Leal; Dilelli, 2022).

Além disso, Arthur – nome de origem céltica – foi popularizado pela famosa lenda do rei Arthur, de Gales, que junto com os cavaleiros da Távola Redonda, realizavam diversas façanhas em busca do Santo Graal, cálice que Jesus teria usado na Santa Ceia. Ademais, o sobrenome da mãe de Bispo era “de Jesus”.

Hidalgo (2012), acerca das referências religiosas, acrescenta:

Arthur Bispo do Rosário cresceu cercado por beatas, rituais, rosários, mandamentos, pecados, culpas e confessionários. Muitos anos mais tarde, ele se faria adotar por Maria, emagreceria em repetidos jejuns para virar santo, juraria que uma cruz lhe marcava as costas, confeccionaria um novo mundo para apresentar ao Todo-Poderoso na audiência final. Era essa a sua missão. A missão de Arthur. Arthur Jesus, assinaria ele em certas obras. O filho de Maria e de Blandina Francisca de Jesus (Hidalgo, 2012, p. 37).

O primeiro surto surge às vésperas do Natal de 1938: enquanto descansava no quintal do casarão da família Leoni, a cortina escura que revestia o céu se abriu, dando passagem a sete anjos, que vinham ao seu encontro. Bispo acolheu essa imagem do mais profundo de si. Era a glória esplêndida, afinal, os anjos *o reconheciam*. Assim como Jesus Cristo? “Está falando com Ele”, afirmaria em resposta (Hidalgo, 2012, p. 6).

Bispo saiu a perambular pela rua deserta, madrugada a dentro, tomado pela força da visão. Ao patrão Humberto Leoni disse que iria se apresentar na Igreja da Candelária. A respeito desse fato temos fragmentos escritos pelo próprio Bispo, registrados nos bordados de um de seus estandartes.

22 dezembro 1938 – meia noite acompanhado por – 7 – anjos em nuvens especiais  
foma esteira – mim deixaram na casa nos fundo murrado rua Sao Clemente – 301 –  
Botafogo entre as ruas das Palmeiras e matriz eu com lança nas mão neste nuves  
espírito malisimo não penetrara – as 11 horas antes de ir ao centro da cidade na rua  
Primeiro de Março – Praça – 15 – eu fiz oração do cledo no corredor perto da porta –  
veio mim – Humberto Magalhaes Leoni – advogado mestre para onde eu ia perguntou  
– eu vou mim apresentar – na Igreja da Candelária – esta foi minha resposta.<sup>1</sup>

Passou por diversas regiões do Rio de Janeiro: Botafogo, Flamengo, Catete, Centro. Os anjos iam em nuvens especiais, ele seguia de bonde. Uma fileira de cruzeiros apontava a direção que deveria seguir, ao mesmo tempo em que reforçava, a imponência da romaria. Bispo perambulou por dois dias, com as costas marcadas por uma cruz luminosa, ao som de vozes inauditas, soprando segredos celestiais em seus ouvidos. Era a sua *via crucis*. A peregrinação terminou no Mosteiro de São Bento, pois acreditava que seria reconhecido pelos monges como um enviado de Deus. Anunciou, ao entrar na capela, que era o juiz dos vivos e dos mortos<sup>2</sup>, o Cristo. No dia 24 de dezembro, refém de suas próprias imagens interiores, foi detido pela polícia, e enviado ao hospício da Praia Vermelha. (Hidalgo, 2012).

A respeito de sua biografia, há excelentes relatos, como o da jornalista Luciana Hidalgo, que escreveu o livro *Arthur Bispo do Rosário: o senhor do labirinto*<sup>3</sup> (2012). Em sua obra, a autora nos esclarece detalhes da internação de Bispo, que teria chegado ao manicômio da Praia

---

<sup>1</sup> Fragmentos de escritos de Bispo, extraídos de suas obras, com o devido respeito à grafia original. O trajeto percorrido por Arthur Bispo do Rosário durante os dois dias de caminhada do Botafogo ao Mosteiro de São Bento foi descrito por ele através do bordado no estandarte intitulado *Eu Preciso Destas Palavras Escritas* (Hidalgo, 2012, p. 5).

<sup>2</sup> Tem-se aqui uma referência ao livro de Atos 10:42: “E nos mandou pregar ao povo e testificar que ele é o que por Deus foi constituído juiz dos vivos e dos mortos”.

<sup>3</sup> Sem fazer uma menção direta a Dédalo, Hidalgo associa o labirinto a uma mitologia pessoal de Bispo. No Pós-fácio de seu livro, a autora afirma: “Elogios, análises críticas, biografias, reverências, discussões acerca do valor de sua arte, de sua função como artista, provavelmente se perderiam nos intrincados vãos de seu valioso labirinto. Mas, sem dúvida, possibilitam cada vez mais pessoas a percorrê-lo, esse tão precioso universo, toda a sua mitologia.” (Hidalgo, 2012, p. 91).

Vermelha, Hospital Nacional dos Alienados (ex-Pedro II), pelas mãos das autoridades policiais, por volta dos 30 anos de idade. Desapropriado de seu corpo, dado como indigente, algo de si parecia se extraviar, o seu *eu* se cindira. Na ficha de internação, o diagnóstico precisava esquizofrenia-paranoide.

“Os delírios de grandeza de natureza mística, calcados em signos do catolicismo, anjos e iluminações, não seriam tolerados na rotina do hospício. Embora para ele se tratassem de visões, não alucinações”, afirmava Hidalgo (2012, p. 8). Um mês após a internação, em 25 de janeiro de 1939, foi transferido para a Colônia Juliano Moreira, em Jacarepaguá. Cabia à Colônia abrigar os doentes considerados *crônicos*, casos irreversíveis, conforme o estado da arte da psiquiatria à época. Bispo viveria na Colônia<sup>4</sup> durante os próximos cinquenta anos.

A presença de alucinações e delírios fazem parte dos critérios diagnósticos para as psicoses, especialmente a esquizofrenia. A última edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), publicada pela Associação Americana de Psiquiatria (2014), retrata o Espectro dos Transtornos Psicóticos, que constitui um conjunto, cuja característica principal é a presença dos seguintes sintomas: delírios, alucinações, pensamento (discurso) desorganizado, alterações psicomotoras (incluindo catatonia) e sintomas negativos.

O conceito de espectro indica que existe relação entre as várias entidades nosológicas classificadas no grupo dos transtornos psicóticos, permitindo estabelecer um *continuum* de gravidade entre os diversos tipos, em relação aos seus sintomas. O grupo de transtornos que compõem o espectro das psicoses inclui esquizofrenia, outros transtornos psicóticos e transtorno (da personalidade) esquizotípica. Esses, por sua vez, são classificados segundo sua evolução.

O Catálogo Internacional de Doenças (CID-11) traz em sua última versão, a classificação 6A2 para representar a esquizofrenia ou outras perturbações psicóticas primárias, que se caracterizam por deficiências significativas em testes de realidade e, assim como o DSM-5, apresentam alterações no comportamento manifesto através de sintomas positivos, tais como ilusões persistentes, alucinações persistentes, pensamento desorganizado (normalmente manifestando-se como discurso desorganizado), comportamento amplamente desorganizado, e experiências de passividade e controle. Dentre os sintomas negativos tem-se o embotamento e

---

<sup>4</sup> Os manicômios eram denominados Colônias, porque o seu formato institucional era inspirado nas colônias agrícolas. Esse modelo surgiu na Europa, no século XIX, pelos alienistas, e foi importado pelo Brasil numa tentativa de modernizar os manicômios. A ideia era que o trabalho agrícola fosse aplicado como ação terapêutica, distraindo os pacientes e aprimorando o seu comportamento. As principais instituições brasileiras que aderiram a esse formato foram a Colônia Agrícola de Alienados do Juquery, inaugurada em maio de 1898, e o Hospital Colônia de Barbacena, criado em 1903. Em 1935, a Colônia Juliano Moreira recebeu esse nome em homenagem ao médico pioneiro da psiquiatria brasileira.

perturbações psicomotoras. A frequência e a intensidade dos sintomas devem ocorrer para desviar das normas culturais ou subculturais esperadas, além de que, neste agrupamento, as categorias não devem ser usadas para classificar a expressão de ideias ou crenças (WHO, 2020).

Embora ambos os manuais apresentem os critérios diagnósticos para as psicoses, é importante ressaltar que não há consenso entre os pesquisadores sobre a definição precisa do termo “psicose”. Segundo Dalgarrondo (2019), muitos psicólogos clínicos e autores de orientação psicodinâmica tendem a enfatizar a perda de contato com a realidade como um dos traços marcantes. Essa visão tem origem nos estudos de Freud e de Bleuler sobre a esquizofrenia.

Já os autores de orientação fenomenológica afirmam que há alterações básicas nas estruturas de experiências fundamentais, como as noções de espaço e tempo. Na psicose ocorre perda de elementos normalmente compartilhados do senso comum, modificando a forma como o indivíduo se dirige ao mundo e às pessoas. Conforme cita Dalgarrondo (2019, p. 667), “normalmente partimos de nós mesmos para dirigir nossa consciência em direção ao mundo; na psicose, o mundo é que é percebido como se dirigindo ao sujeito. O mundo invade, por assim dizer, a consciência”.

Entretanto, esse modo de entender a psicose distingue-se, sob certo sentido, da orientação da psiquiatria clínica, cujo foco está na presença de sintomas psicóticos, tais como delírios, alucinações, dentre outros descritos acima. A presença desses elementos compõe os parâmetros de identificação e diagnóstico de psicoses sugeridos, tanto pela *Classificação internacional de doenças e problemas relacionados à saúde* (CID-11) quanto pelo *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (DSM-5).

As alucinações auditivas, de caráter persecutório ou depreciativo, bem como os delírios persecutórios, perfazem as alterações mais comuns em todos os transtornos psicóticos, causando desorganização geral da personalidade, da vida mental e do comportamento.

Sobre o delírio,

[...] geralmente se trata de uma convicção de uma só pessoa. O delírio, no mais das vezes, não é nem produzido, nem compartilhado ou sancionado por um grupo religioso, político ou de outra natureza. Pelo contrário, ao delirar, o indivíduo se desgarrar de sua trama social, do universo cultural no qual se formou, e passa, mesmo contra esse grupo cultural, a produzir suas crenças individuais. Pode-se dizer que, ao produzir um delírio, o sujeito engendra a sua própria “*religião, seu próprio sistema ideológico ou científico*”, que são criações geralmente falsas, individuais e associadas. (Dalgarrondo, 2019, p. 384-385).

Existem vários tipos de delírios, segundo seus conteúdos ou temáticas. A temática religiosa, mística, sagrada ou demoníaca, está entre os conteúdos mais frequentes dos delírios. Em delírios desta natureza, o indivíduo afirma ser um novo messias, ou que se encontra em comunhão permanente com divindades, recebendo mensagens ou ordens delas. Pode-se afirmar que se é um deus, um santo poderoso, ou que se está sob a influência do demônio; que este quer conquistá-lo ou destruí-lo. Estas são temáticas delirantes, frequentes no contexto sociocultural brasileiro. Além disso, os indivíduos podem delirar sobre sua missão mística ou religiosa, cuja importância consta da transformação deste mundo, sendo seus sujeitos portadores de uma mensagem religiosa nova e fundamental (Dalgarrondo, 2019).

Ainda, segundo Dalgarrondo (2019), os delírios místico-religiosos podem estar presentes em quase todas as formas de psicose, com predominância na mania psicótica, na esquizofrenia e na depressão psicótica. Cabe ressaltar que essa condição não é causada por crenças religiosas fundamentalistas, nem pela interpretação pecaminosa de atos praticados no passado, considerados moralmente censuráveis. Refletem apenas, os interesses e as preocupações predominantes do indivíduo, que adoece mentalmente, e se encontram relacionados ao seu meio cultural.

Para Andrade (2019), o tema dos delírios místicos e religiosos é um fenômeno complexo, tanto quando analisado a partir da psicopatologia e sua relação com os transtornos psicóticos quanto refletido seus efeitos nas relações sociais da população em geral, abrangendo um conjunto de fenômenos, que ultrapassa o espectro das psicoses.

Um aspecto importante, embora difícil, é a distinção entre delírios místico-religiosos e ideias ou crenças religiosas normais, ainda que intensas, sustentadas muitas vezes com considerável veemência. A dificuldade nessa distinção se dá em função de que, muitas vezes, o delírio tem conteúdos semelhantes aos das crenças religiosas preponderantes em determinado grupo social (Dalgarrondo, 2019). O próprio DSM-V (APA, 2014) menciona que, em alguns contextos culturais, *alucinações* podem constituir um *elemento normal de experiências religiosas*. Como então diferenciar as experiências religiosas do que seriam transtornos psicóticos com conteúdo religioso?

Segundo Koenig (2007), enquanto cerca de um terço das psicoses apresenta conteúdos religiosos, nem todas as experiências religiosas são psicóticas. O autor ressalta que nos últimos 20 anos prestou-se mais atenção no estudo científico da religião e na sua relação com a saúde e os transtornos mentais. Embora haja ainda muito por fazer, evidências têm se acumulado no sentido de obter respostas mais objetivas às perguntas como: qual é a relação entre religião,

religiosidade, espiritualidade e psicose? Qual é a frequência dos delírios religiosos psicóticos? Como diferenciar experiências religiosas ou espirituais “normais” de sintomas psicóticos? São perguntas significativas, que apenas agora começam a ser respondidas por pesquisas sistemáticas e empíricas.

Menezes Júnior e Moreira-Almeida (2009), através de uma ampla revisão da literatura sobre o tema, examinaram 135 artigos que apresentavam pesquisas extensivas e critérios diferenciadores entre o que poderia ser considerado uma experiência espiritual saudável e o que poderia ser considerado uma experiência patológica. Os autores identificaram nove critérios de maior concordância entre os pesquisadores, que poderiam indicar uma adequada diferenciação entre experiências espirituais e transtornos psicóticos e dissociativos. São eles, em relação à experiência vivida: ausência de sofrimento psicológico; ausência de prejuízos sociais e ocupacionais; duração curta da experiência; atitude crítica (ter dúvidas sobre a realidade objetiva da vivência); compatibilidade com o grupo cultural ou religioso do paciente; ausência de comorbidades; controle sobre a experiência; crescimento pessoal ao longo do tempo; e uma atitude de ajuda aos outros. A presença dessas condições indicaria uma experiência espiritual não patológica; embora, por outro lado, haja carências de estudos bem controlados, testando esses critérios.

Martins e Zangari (2012), visando superar a relação controversa entre experiências religiosas/espirituais e psicopatologias, exploraram os nove critérios propostos por Moreira-Almeida e Menezes Júnior (2009). Os autores pontuam que esses critérios não devem ser considerados isoladamente, enfatizando a importância da consideração do conjunto de fatores envolvidos em cada situação.

Andrade (2019) relata a escassez de trabalhos que analisem exclusivamente os conteúdos religiosos presentes em delírios de pacientes do espectro das psicoses, corroborando o pensamento de Koenig (2007) e Dalgarrondo (2019). Em sua maioria, as pesquisas encontradas não discutem especificamente as questões psicopatológicas relacionados à temática, trazendo apenas a importância de aspectos religiosos, como parte fundamental do processo terapêutico; mas sem se aterem ao conteúdo dos delírios, bem como, seus significados.

É importante sobrelevar a necessidade de se conhecer o teor do delírio, visando deste modo, uma melhoria do quadro clínico do paciente e, muito além disso, a compreensão do sofrimento psíquico daquele sujeito que procura auxílio dos profissionais da saúde na sua qualidade de vida. Segundo Andrade (2019), é necessário ampliar o número de estudos de caso que discutam e analisem os conteúdos dos delírios místicos e religiosos em pacientes

classificados com transtorno no espectro das psicoses, através de uma investigação aprofundada e detalhada dos elementos constelados pela vivência descrita pelo sujeito.

Oliveira e Pinto (2019) destacam o fato de profissionais da saúde, especialmente psicólogos e psiquiatras, serem menos religiosos, ao serem comparados com a população geral. Evidenciam ainda, que esses profissionais não recebem a formação necessária durante sua preparação teórica e prática para abordarem temáticas religiosas e espirituais em suas unidades clínicas.

Esse abismo entre o contexto da saúde e o religioso e espiritual denota a grande dificuldade exposta pela maioria dos trabalhos revisados, no sentido de distinguir uma vivência religiosa ou espiritual, de uma experiência patológica<sup>5</sup>. De todo modo, mesmo que algumas pesquisas forneçam diretrizes que possam auxiliar nessa distinção, esse fator ainda se mostra confuso para os profissionais da saúde, uma vez que aquilo que se caracteriza como sintoma psicopatológico, no contexto biomédico, pode ter uma função sacra, na ciência da religião.

Talvez seja por isso que Domingues *et al.* (2019) questionam se a religião, em muitas circunstâncias não seria a mais adequada para compreender e lidar com as vivências tidas como anômalas, quando comparada ao contexto biomédico. Segundo os autores, pessoas com transtornos mentais graves, por exemplo, podem vir a enfrentar diversas dificuldades para viver em sociedade, como o estigma, que muitas vezes acompanha o diagnóstico, e que funciona como causa ou “gatilho” para o sofrimento ainda maior.

Embora até aqui muito se haja discutido sobre a natureza dos delírios, se eles se relacionam à vivência espiritual e/ou religiosa, ou se se configuram como sintomas psicóticos, é importante ressaltar a alta prevalência de experiências desta natureza na população geral não clínica, que, em conjunto com outras descobertas científicas recentes, têm alimentado críticas sofisticadas aos conceitos atuais de esquizofrenia e dos critérios diagnósticos. O reconhecimento pelos profissionais da saúde e pela população de que experiências psicóticas são bastante comuns, e não necessariamente patológicas, pode não apenas aprimorar a prática clínica, que se baseia na premissa equivocada de que estes eventos são completamente distintos da experiência humana comum, mas também, contribuir para diminuir o estigma sofrido pelos pacientes, (Moreira-Almeida; Cardeña, 2011).

---

<sup>5</sup> E, ainda que não seja patológica, a experiência pode ser falsa ou verdadeira, podendo gerar uma realidade não adequada àquela prontamente estabelecida. Todavia, procuramos delimitar essa discussão ressaltando a dicotomia que muitas vezes se estabelece entre a área da saúde e à ciência da religião, para não incorrerem no viés de que se algo é verdadeiro, ele é real; considerando que nem tudo que é real é saudável.

Mesmo que a crítica se volte à questão – se as experiências são ou não de natureza patológica – pode-se igualmente ressaltar, se são, ou não, de natureza religiosa e/ou espiritual. Embora seu fulcro esteja atrelado à religião, ou seja, seus conteúdos apresentem tais temáticas, muitas pessoas ditas não religiosas afirmam terem vivenciado experiências semelhantes, caracterizando-as como vivências profundas ou de grande sentido existencial.

É deste modo que alterações de consciência, que podem ser interpretadas como psicóticas, têm sido interpretadas ao longo da história como sendo de grande valor pessoal e social, e consideradas ainda como fontes de inspiração às artes, à religião, à cultura e outras áreas. Moreira-Almeida e Cardeña (2011) nos lembram também do quanto Jung via na experiência mística, a manifestação de uma experiência psicologicamente saudável, e Maslow considerasse as “experiências culminantes” como sendo a expressão máxima da saúde e do bem-estar psicológico.

Nas últimas décadas tornou-se evidente a prevalência de experiências psicóticas na população geral, onde aproximadamente 90% dos casos não apresentam conexão alguma com transtornos psicóticos (Moreira-Almeida e Cardeña, 2011). Deste modo, designar tais experiências como “sintomas psicóticos” resultaria em aproximadamente 90% de falsos positivos. Moreira-Almeida e Cardeña (2011) acreditam que outros termos propostos na literatura como “experiências psicóticas” ou “experiências anômalas” seriam mais apropriados para descrever tais fenômenos.

Van Os (2010), por exemplo, sugeriu uma mudança completa de nossa compreensão dos sintomas e transtornos psicóticos. O autor propõe uma conexão entre a psicose e as experiências humanas “normais”, uma vez que transtornos psicóticos se relacionam às experiências compartilhadas pelas pessoas de um modo geral. A psicose estaria assim, relacionada a um aspecto da experiência humana universal. O artigo ressalta ainda quão pouco se saiba sobre tais experiências e tampouco, acerca da utilização de dois sistemas diagnósticos distintos à psiquiatria, DSM e CID, que seguem um viés conservador, e que reduzem a potencialidade de mudanças.

Sob este aspecto, dois pontos ainda nos chamam a atenção. O primeiro diz respeito à própria concepção atual das psicoses enquanto *espectro*, que varia em gradações, segundo sua classificação, e recebe um interesse particular nesse estudo. E se essa gradação não correspondesse apenas ao grupo dos transtornos psicóticos, mas, em maior ou menor grau, às experiências psíquicas de cada um de nós? Num espectro *continuum*, de um lado, estaria a psicose e seus delírios místico-religiosos, em sua forma mais rudimentar; de outro, experiências

de cunho transcendente, que modificam e transformam a vida da pessoa, interpretadas muitas vezes como fontes de inspiração e repletas de sentido existencial.

Se em algum lugar deste espectro se encontra Arthur Bispo do Rosário, em algum outro ponto, ele diz respeito a todos nós. Assim é que se estabelece o paralelo entre a loucura de Bispo e a nossa. Permeiar uma trilha entre sanidade e adoecimento mental não implica relativização absoluta, que por vezes é tão prejudicial para o indivíduo quanto para a sociedade. É nesse sentido que um segundo aspecto se mostra importante: não devemos nos esquecer de que os manuais diagnósticos são construídos através de léxicos descritivos, por meio de conceitos para discernimento. Os mesmos indicam um conjunto de características, bem como, a frequência e a duração de episódios psicopatológicos, considerando o que foge ou não da norma estabelecida. Essas distinções são necessárias para que não se caia no risco de predizer alucinações e/ou delírios falsos acerca de uma realidade inexistente. Uma vez feito o diagnóstico preciso, é possível indicar os caminhos que levam à mudança ou adaptação.

## 1.2 A ESQUIZOFRENIA SEGUNDO JUNG E OS COMPLEXOS DE TONALIDADE AFETIVA

Carl Gustav Jung iniciou sua carreira como psiquiatra no hospital psiquiátrico de Burghölzli em Zurique, sob a direção de Eugen Bleuler, tornando-se seu primeiro assistente. Na virada do século XX, muito pouco se sabia na área da psiquiatria. Jung dedicará grande parte de seu trabalho inicial ao tratamento do que era então chamado de *dementia praecox*, ou senilidade precoce, desenvolvendo seus primeiros estudos sobre esse tema. Os sintomas predominantes seriam alucinações, ilusões, maneirismos estranhos, pensamento desordenado e isolamento social, conforme à definição de insanidade da época (Hopcke, 2011).

Em 1904 Jung publicara seus *Estudos diagnósticos de associações* e, em 1907, *A psicologia da dementia praecox: um ensaio*, livro que teria profundo impacto no pensamento de Bleuler. A particularidade de seu método consistia da aplicação dos testes de associação de palavras, aprimorado por Jung junto a pacientes com diagnóstico de demência precoce, de modo a evidenciar os elementos primários que estariam na base da psicopatologia destas psicoses (Pereira, 2000).

Bleuler terá um papel decisivo no esforço para reorganizar os conhecimentos clínicos a respeito dessa condição, modificando sua nomenclatura para *esquizofrenias*. O termo escrito no plural visava fundamentar a esquizofrenia, não como uma doença mental uniforme, mas como

um conjunto de síndromes psicóticas variadas, geralmente de caráter crônico. Mais tarde, Bleuler identificou que essas síndromes eram caracterizadas por uma fragmentação da consciência, sendo muitas vezes interpretadas, como personalidade múltipla ou clivada (Hopcke, 2011).

Enquanto trabalhava sob a direção de Bleuler, Jung utilizou amplamente o teste de associação de palavras, na tentativa de elucidar o material produzido por seus pacientes. Barbara Hannah, que foi analista, amiga pessoal, colaboradora e assistente de Jung, nos lembra, na obra, *Jung: vida e obra. Uma memória biográfica* (2003), que o teste de associação foi criado pelo médico e filósofo alemão Wilhelm Wundt (1832-1920), e aperfeiçoado por vários outros autores.

Jung lera a respeito do teste antes, mas foi por volta de 1904 que vislumbrou a possibilidade de sua utilização prática em seu próprio trabalho. Uma das razões pelas quais Jung é tão comumente relacionado a esse teste (Barbara Hannah menciona, inclusive, que já tinha ouvido que Jung seria o seu criador), é o fato de que ele fora o primeiro a investigar perturbações nas reações. Anteriormente, o teste era utilizado apenas para fins de raciocínio consciente, tornando-se um importante instrumento na investigação das raízes profundas do adoecimento mental (Hannah, 2003).

O experimento das associações de palavras<sup>6</sup> pode ser brevemente descrito como um teste em que o indivíduo responde a uma longa lista de palavras-estímulo com o primeiro termo que lhe vem à mente. Jung percebeu que as dificuldades para articular uma palavra, em resposta ao estímulo, era realmente o aspecto interessante do teste, pois evidenciariam a perturbação inconsciente do indivíduo. O método produziu resultados fecundos, sendo ampliado durante a permanência de Jung em Burghölzli, embora algum tempo depois ele o tivesse abandonado, pois percebeu que não mais necessitava do mesmo, haja vista a ampliação de seus conhecimentos acerca da psique e, em especial, dos sonhos (Hannah, 2003).

Quando Jung enviou os seus *Diagnostischen Assoziationstudien* a Freud, em abril de 1906, Freud prontamente percebeu em Jung uma “alma irmã”, enviando-lhe uma calorosa carta de agradecimento. Os dois se encontraram cerca de um ano depois e, desde aquele momento

---

<sup>6</sup> Não devemos confundir o teste de associação de palavras com o método de associação livre desenvolvido por Freud. Carl Gustav Jung realizou experimentos com associação de palavras visando comprovar a existência dos complexos de tonalidade afetiva. A associação livre é um método da psicanálise que permite ao paciente expressar-se livremente, sem a influência do analista. Para um maior detalhamento sobre esse assunto, pode-se conferir em Jung, o volume 2, das Obras Completas: *Estudos Experimentais* (1904); e, em Freud, em seu artigo *A dinâmica da transferência* (1912), no volume 10 das Obras Completas de Freud.

até a ruptura que se estabeleceu entre ambos, suas relações foram tanto emocionalmente quanto intelectualmente plenas de elevados propósitos e muito intensas (Stein, 2006).

Posteriormente, Freud utilizará a associação livre de ideias em substituição à hipnose, como uma ferramenta mais poderosa e mais fidedigna para aceder os conteúdos inconscientes. Falar de modo livre, sem censuras e obstáculos, é a exigência terapêutica fundamental estabelecida pela psicanálise da parte do analisando. Em “A interpretação dos sonhos” de Freud, é possível identificar algumas ideias precursoras relacionadas à associação livre. O autor descreve:

Meus pacientes assumiam o compromisso de me comunicar todas as ideias ou pensamentos que lhe ocorressem em relação a um assunto específico [...]. É necessário insistir explicitamente para que renuncie a qualquer crítica aos pensamentos que perceber. Dizemos-lhe, portanto, que o êxito da psicanálise depende de ele notar e relatar o que quer que lhe venha à cabeça, e de não cair no erro, por exemplo, de suprimir uma ideia por parecer-lhe destituída de sentido. (Freud, 1996a, p. 135-136).

Freud (1996b) ressalta os trabalhos de Jung e do grupo de Zurique com a associação de palavras, em *Cinco lições de psicanálise*. Ele observa que em uma recordação, as conexões estabelecidas com um número suficiente de associações livres, possibilitarão que se desvende um complexo reprimido, sendo necessário para isto que o paciente fale, do modo mais genuíno, sobre o que quiser. Cabe evidenciar que o método utilizado por Jung em Zurique baseava-se em testes de associação verbal, que buscavam demonstrar experimentalmente a presença de material reprimido, enquanto a associação-livre relegava a responsabilidade pelas associações ao paciente.

À medida em que ia avançando em seus estudos, Jung foi percebendo que nos testes de associação verbal, as associações não são oriundas de uma relação direta entre as palavras-estímulo e as respostas; e sim, entre aquilo que ocorre entre as palavras-estímulo e os conteúdos ocultos, inconscientes, que emergem a partir destas associações. Quando estimulada, essa rede associativa – constituída por memórias, fantasias, imagens, pensamentos – gera uma perturbação na consciência. Os indicadores do complexo são os sinais da perturbação. Precisamente não se sabe o que acarreta essa perturbação da consciência; esse conteúdo<sup>7</sup> ainda precisa ser desvelado. Isso pode ocorrer através de novas perguntas ao sujeito e, sendo necessário, por meio de um maior aprofundamento (Stein, 2006).

---

<sup>7</sup> Jung vai mencionar a palavra *conteúdo*, ao se referir à constelação dos complexos. Segundo o autor, a constelação “é um processo automático que ninguém pode deter por própria vontade. Esses *conteúdos* constelados são determinados complexos que possuem energia específica própria”. (Jung, 2011c, p. 41).

Quando as pessoas eram convidadas a falar sobre suas associações, elas gradualmente descreviam momentos de sua história pessoal e que se caracterizam por elevada tonalidade emocional. Normalmente, conteúdos traumáticos vinham à tona. Lembranças dolorosas que há muito estavam esquecidas, afloravam, causando perturbação da consciência. Ao conteúdo inconsciente, responsável por essas perturbações, Jung atribuiu o nome de “complexos” (Stein, 2006).

Para Stein (2006), os complexos são como objetos semelhantes a satélites que gravitam em torno da consciência, sendo capazes de causar perturbações no ego de uma forma surpreendente e, até mesmo, irresistível. São como os diabretes e demônios interiores, que podem causar surpresa.

Os complexos se comportam como os diabretes cartesianos e parecem comprazer-se com as travessuras dos duendes. Põem em nossos lábios justamente a palavra errada; fazem-nos esquecer o nome da pessoa que estamos para apresentar; provocam-nos uma necessidade invencível de tossir, precisamente no momento em que estamos no mais belo pianíssimo do concerto; fazem tropeçar ruidosamente na cadeira o retardatário que quer passar despercebido; num enterro, manda-nos congratular-nos com os parentes enlutados, em vez de apresentar-lhes condolências [...] (Jung, 2011c, p. 44).

Um modo simples de compreender a incursão dos complexos na consciência, é pensar que eles aparecem justamente quando a consciência, o ego, está menos ativa. Pode-se observar esses fatores, como por exemplo, depois de um estado de embriaguez, quando no dia seguinte o sujeito se pergunta: “o que foi que eu fiz?”, ou recebe notícias de seus familiares e amigos acerca de condutas das quais não se lembra. Mas “alguém” falou ali! E esse alguém tem voz, tem atitude, tem presença. Esse “outro”, que não é o “eu”, comparece à consciência, e se anuncia ao mundo.

Para Jung,

Toda constelação de complexos implica um estado perturbado de consciência. Rompe-se a unidade da consciência e se dificultam mais ou menos as intenções da vontade, quando não se tornam de todo impossíveis. A própria memória é muitas vezes profundamente afetada. (Jung, 2011c, p. 43).

A expressão “está constelado” indica uma atitude preparatória e de expectativa, com base na qual, o indivíduo agirá de modo inteiramente definido. O complexo constelado possui força, autonomia, e tende a ocupar o espaço egóico<sup>8</sup> da consciência – o espaço que está

---

<sup>8</sup> A expressão ‘espaço egóico’ é utilizada em sentido figurado. Em Jung, a utilização de tal expressão seria um equívoco, visto não ser possível delimitar um espaço para o ego, bem como, para qualquer outra estrutura. Se a

disponível, de um modo geral, muito mais para o ego. Desse modo, quando um complexo entra em cena, como afirma Jung, rompe-se a unidade da consciência. A consciência não é mais uma unidade, mas rompe-se a ideia de unidade que o sujeito tem de si, como um sistema hermético.

Na elaboração de sua teoria dos complexos, Jung foi muito influenciado por Pierre Janet, neurologista francês, com o qual fez estágio no hospital Salpêtrière, em Paris. C. G. Jung afirma que Janet e Morton Prince, utilizando a técnica da hipnose, produzia de quatro a cinco cisões de personalidade, nas quais cada fragmento fosse dotado de uma componente caracterológica própria, com memórias separadas. Os fragmentos existiam lado a lado, independentes um do outro, capazes de revezar-se a um só tempo, apresentando um elevado grau de autonomia (Jung, 2011c).

Dessa forma tem-se que a psique inconsciente é constituída de múltiplos complexos. São “outros” que habitam a psique, com força suficiente para adentrar à consciência, como se fossem “outros”<sup>9</sup> dentro de nós. Um complexo que se eleva assim, age como um “corpo estranho” – diz Jung. De um estado ativo consciente, o indivíduo cai num estado passivo; ou seja, ele é “tomado”. (Jung, 2011c, p.43).

Por meio de uma comparação, Jung se apropria do termo “possessão”, utilizando uma linguagem religiosa para elucidar o seu pensamento:

Na Idade Média, este conceito completamente moderno tinha outro nome: chamava-se *possessão*. Provavelmente ninguém imaginará que este estado seja tão inofensivo, em princípio, porém, não há diferença entre um lapso corrente de linguagem causado por um complexo e as disparatadas blasfêmias de um possessor. Há apenas *uma diferença de grau* (Jung, 2011c, p.45).

Jung (2011c) exemplifica o excerto acima dizendo que quando alguém está sob a emoção de algum complexo costuma-se dizer: “Que foi que lhe aconteceu hoje?” ou “Está com o diabo no corpo!”, e que não pensamos estas metáforas sob seu sentido original. Contudo, o homem mais primitivo e ingênuo não “psicologizava” os complexos perturbadores, considerando-os como *entia per se*, diga-se, entes em si, como *demônios*.

Quanto mais profundamente se penetre na natureza dos complexos, mais claramente se evidencia, seu caráter fragmentário na alma. Pode-se evidenciar nos sonhos, a forma personificada em que aparecem, quando são reprimidos por uma consciência inibitória; bem

---

utilizamos neste texto, é apenas para determinar a ‘entrada’ dos complexos em cena; ou seja, o elevado grau de autonomia que os complexos possuem, tornando-se incompatível com a atitude habitual da consciência.

<sup>9</sup> Marcos 5:1-20 se refere a esses “outros” como “Legião”. Nesta passagem há uma importante descrição do estado a que nos referimos.

como, em certas psicoses, nas quais surgem como “vozes”, que apresentam características de personalidades próprias (Jung, 2011c).

Por volta de 1910, os estudos de Jung sobre a teoria dos complexos estavam em grande parte concluídos. Nos anos seguintes continuaria a detalhá-los algo mais, sem contudo, acrescentar qualquer material novo, assim como também, não modificaria a sua compreensão acerca da fenomenologia dos complexos, de como esses sejam formados, ou sobre o modo como atuam na relação com o ego; tudo isso permaneceu inalterado. A única exceção se dá quando afirma que todo e qualquer complexo possui um componente arquetípico (isto é, inato, primitivo). O seu artigo, *Considerações gerais sobre a teoria dos complexos*, publicado em 1934, fornece um excelente material sobre esse assunto.

Como componente arquetípico, Jung nos diz que os complexos são manifestações vitais próprias da alma. Por isso, encontramos traços dos mesmos em todos os povos e em todas as épocas. Podem ser identificados em monumentos literários antigos, tais como, a epopeia de Gilgamesh e o Livro de Tobias, do Antigo Testamento, cuja narrativa descreve a ativação de um complexo erótico e sua cura (Jung, 2011c).

Mas afinal, o que seria, segundo Jung, um complexo afetivo? “É a imagem de uma determinada situação psíquica de forte carga emocional incompatível com as disposições ou atitudes da consciência” (2011c, p. 43). A palavra “imagem” é de fundamental importância para Jung. Segundo Stein (2006), a imagem define a essência da psique. Algumas vezes, Jung usa a palavra latina *imago*, em substituição à *imagem*, para referir-se a um complexo. Essa mudança é importante, visto que estabelece uma diferenciação entre os conceitos.

Para Jung (2011r), a imagem de um objeto na psique nunca é, de modo algum, igual a, do objeto, mas sobretudo, apenas semelhante. Configura-se certamente não pela percepção dos sentidos e pela apercepção desses estímulos, mas por mecanismos inerentes ao psiquismo humano, e que são desencadeados pelo objeto. Apesar do testemunho dos sentidos coincidirem potencialmente às qualidades do objeto, a apercepção está sob influências subjetivas, quase incomensuráveis, que dificultam muito a precisão do que se conhece sobre a natureza humana.

Uma grandeza psíquica tão complexa como esta só revela à percepção pura dos sentidos pouquíssimos pontos de apoio, sendo necessárias, a empatia, reflexão e intuição para conhecê-la. Em razão dessas complicações, o julgamento final é sempre um valor bastante duvidoso, de modo que a imagem por nós constituída de um objeto adquire conotação altamente subjetiva.

É nesse sentido que Jung (2011r) nos alerta, que seria bom distinguir na psicologia prática entre a imagem e *imago* de uma pessoa, e sua existência real:

Devido à origem extremamente subjetiva de uma *imago*, é ela, não raro, bem mais imagem de um complexo subjetivo de funções do que do próprio objeto. Por isso é essencial que no tratamento analítico de produtos inconscientes não se identifique, sem mais, a *imago* com o objeto, mas seja considerada como imagem da relação subjetiva com o objeto. Isso é interpretação em plano do sujeito. (Jung, 2011r, p.477).

Em seu livro *Freud e a Psicanálise*, por exemplo, Jung (2011g) nos diz que entre as coisas de maior importância à idade infantil se situa o papel preponderante da personalidade dos pais e de sua respectiva influência. Ainda que os mesmos tenham falecido há muito tempo, os pais continuam sendo importantes para o paciente e permanecem de certo modo presentes, como se ainda estivessem vivos. O amor, a veneração, o ódio ou a revolta se fixam nas imagens parentais, distorcidas pela afeição ou aversão, muito embora nem sempre compartilhem semelhanças com a realidade do passado.

Esse fato levou Jung a não mais falar diretamente de pai e mãe, mas a utilizar o termo *imago*, pois essas fantasias não se referem propriamente ao pai e à mãe, mas a suas imagens subjetivas e, frequentemente, se encontram muito distorcidas, e cunhadas no espírito da pessoa sob uma compleição fantasmagórica, ainda que bastante influente (Jung, 2011g).

O ponto fulcral do complexo é uma imagem, tal qual o reflexo de uma sombra, que aparece sob forma de uma imagem, em um inconsciente pessoal e, como tal, pertencente ao mundo subjetivo. É primordialmente caracterizada por seu aspecto psíquico, por assim dizer, embora represente, do mesmo modo, como uma pessoa, experiência ou situação real, ela não deveria ser confundida com a realidade objetiva. O complexo é um objeto interior, sob o “design” de uma *imago* (Stein, 2006).

Jung (2011g) também se refere aos complexos como arquitetos dos sonhos. Para o autor, a via régia para o inconsciente não são os sonhos, como Freud propunha, mas os complexos, responsáveis pelos sonhos e sintomas. Os sonhos são, destarte, formados a partir dessas imagens inconscientes. Ao serem analisados ao longo de um certo período de tempo pode-se observar imagens, padrões, repetições e temas, que fornecem um quadro descritivo do que seriam os complexos de uma determinada pessoa.

Esta imagem é dotada de poderosa coerência interior, e tem sua totalidade própria e goza de um grau relativamente elevado de autonomia, vale dizer: está sujeita ao controle das disposições da consciência até um certo limite e, por isto, comporta-se, na esfera do consciente, como um cursivo (corpo estranho), animado de vida própria. (Jung, 2011c, p. 43).

Cada uma dessas características da imagem mencionadas na citação acima, a saber, a coerência interna, a totalidade e a autonomia, representa um aspecto importante à definição

junguiana dos complexos. Um complexo tende a ser duradouro, quando deixado em seu próprio espaço, sem intervenção ou mudanças por meio da consciência. Pode-se verificar este aspecto nas repetições dos mesmos padrões comportamentais, dos mesmos equívocos e erros, sob formas intensas de expressão emocional, ou escolhas infelizes, realizadas ao longo da vida.

Em outro momento, ao referir-se à estrutura dos complexos, Jung a descreve como sendo formada por imagens associadas, e memórias congeladas de momentos traumáticos, que se encontram fortemente reprimidos no inconsciente, e que não são mais facilmente acessíveis à consciência. São lembranças reprimidas dolorosas. O que une os vários elementos por ela associados é a emoção (Stein, 2006).

Assim, pode-se observar o enorme esforço de Jung para tentar identificar as possíveis causas psicológicas e emocionais da esquizofrenia, através de uma escuta meticulosa das histórias de seus pacientes, e pela forte atenção aos detalhes de suas respectivas doenças. Deste modo, Jung fez pelos pacientes psicóticos o mesmo que Freud e Bleuler haviam feito pelos histéricos, demonstrando que o comportamento alienado dos esquizofrênicos era, na verdade, a expressão de intoleráveis conflitos emocionais, frutos da emergência de complexos ideofetivos, que fazem com que o sujeito perca o contato com a realidade (Hopcke, 2011).

Os complexos são de tal modo desagradáveis que nenhuma pessoa de sã consciência se deixa convencer de que as forças instintivas nutridoras do complexo possam conter qualquer benefício. Acredita-se que os mesmos sejam inconvenientes, devendo ser, portanto, eliminados. A maioria das pessoas tem repugnância em considerá-los manifestações normais da vida, muito embora ocorra uma abundância de testemunhos acerca da universalidade dos complexos.

Por causa do temor de que o complexo incita, nada mais natural que se deduza disso, a existência de algo perigoso. Este é o motivo pelo qual a primeira teoria médica sobre o inconsciente tenha sido a do recalque, formulada por Freud. Nesta, o inconsciente é constituído essencialmente por tendências incompatíveis com a atitude da consciência, em virtude de sua natureza amorral (Jung, 2011c).

Jung compreendeu que os sintomas dos pacientes psicóticos, embora mais graves e debilitantes na esquizofrenia, não eram distintos daqueles observados em pacientes “normais” ou neuróticos; os sintomas são expressões simbólicas de conteúdos inconscientes. Diante da forma com que a medicina tratava os pacientes psicóticos àquela época, essa interpretação psicológica da esquizofrenia adquiriria um caráter bem revolucionário! – conforme nos diz Hopcke (2011).

“Na verdade, os complexos fazem parte da constituição psíquica, que é o elemento absolutamente predeterminado em cada indivíduo” – nos diz Jung (2011c, p. 23). Empregando a expressão de Rudolf Otto, Jung se refere ao complexo como algo que afeta o que existe de inefável no homem, o numinoso. E acrescenta: “a liberdade do eu cessa onde começa a esfera dos complexos, pois estes são potências psíquicas cuja natureza mais profunda ainda não foi alcançada” (Jung, 2011c, p. 23).

Assim, a existência dos complexos, isto é, fragmentos psíquicos isolados, é um resíduo do estado de espírito primitivo. Este estado se caracteriza por um alto grau de dissociabilidade, que se expressa, por exemplo, em certas tribos, que acreditam que o homem tenha várias almas. Entre esses povos, a ‘alma’ (ou psique) não é entendida como uma unidade. Alguns povos primitivos, de igual modo, supõem a existência de uma ‘alma do mato’, além de sua própria, que se encarna em um animal selvagem ou em uma árvore, com os quais o indivíduo estabeleça alguma identidade psíquica. (Jung, 2016).

Se a alma do mato é a de um animal, este pode ser considerado como uma espécie de irmão daquela pessoa. Esse conceito pode ser ilustrado através do filme *Irmão urso*, de Walt Disney. Supõe-se, por exemplo, que alguém que tenha como um irmão, o urso, possa adquirir dele, sua força ou habilidade. Se a alma do mato for uma árvore, presume-se a existência de uma espécie de autoridade parental sobre aquele indivíduo. E, em todos os casos, qualquer dano causado à alma do mato é considerado uma ofensa ao ser.

Esta crença traduz a ideia de que o ser humano é constituído por diversas unidades psíquicas interligadas, embora distintas. Isso significa que a psique, conforme dito anteriormente, está longe de ser uma unidade. Ao contrário, ela pode se facilmente fragmentar diante de emoções incontidas. De outro modo, construir a sua própria unidade é justamente a tarefa de vida de cada ser humano (Jung, 2016).

Cabe esclarecer que Jung, ao referir-se à existência dos complexos, utiliza o termo ‘primitivo’ no sentido de ‘original’, “primordial”, sem, entretanto, emitir um julgamento ou juízo de valor. E ao referir-se a ‘resíduos’ de um estado primitivo, o faz sem a intenção de afirmar que esse estado anterior ou posterior cessará. Ao contrário, para Jung (2011c), os complexos não desaparecerão até o fim da humanidade.

Talvez, por isso mesmo, em Arthur Bispo do Rosário, a temática do fim do mundo tenha sido tão fundamental, visto o malogro no estabelecimento de sua própria unidade. Bispo buscava sua integração no apocalipse, onde a mesma pudesse ser constituída por uma força maior, projetada para fora ou para o alto. De todo modo, até o presente, os complexos

permanecem atuando em cada indivíduo. E, por isso mesmo, Jung (2011c) foi tão contundente ao dizer que os complexos autônomos se encontram entre os fenômenos normais da existência, e definem a estrutura da psique inconsciente.

### 1.3 ESQUIZOFRENIA EM IMAGENS: A IMPORTÂNCIA DA DOUTORA NISE DA SILVEIRA

Uma pioneira na temática da esquizofrenia no Brasil, foi a Dra. Nise da Silveira, médica do Centro Psiquiátrico Pedro II, entre os anos de 1944 a 1975, na cidade do Rio de Janeiro. A Dra. Nise nunca se contentou com o modo como os internos eram tratados. A eletroconvulsoterapia era uma prática corrente, bem como, cirurgias de lobotomia, também conhecidas como psicocirurgias. Nise da Silveira utilizava a terapêutica ocupacional como um meio de humanização dos tratamentos dos pacientes, substituindo o termo, posteriormente, por *emoção de lidar*, e cedo descobriu, através dos desenhos e pinturas espontâneas, uma poderosa forma de acesso às imagens inconscientes.

Buscando compreender se as produções artísticas de seus pacientes poderiam ser consideradas mandalas e em caso afirmativo, como poderia interpretá-las, escreveu uma carta ao próprio C. G. Jung, enviando-lhe algumas fotografias de criações brasileiras. Sua carta escrita a 12 de novembro de 1954 obteve uma resposta cerca de um mês depois, pela secretária e colaboradora de Jung, a Sra. Aniela Jaffé. (Silveira, 2015).

Na carta, Jung agradece o envio das interessantes fotografias de mandalas desenhadas por esquizofrênicos. Ele faz uma série de perguntas sobre o significado desses desenhos para os doentes, do ponto de vista de seus sentimentos; bem como, sobre o que os mesmos quiseram exprimir por meio delas, e se os desenhos teriam alguma influência sobre os internos. Assim, a Dra. Nise da Silveira encontrou nesta carta a confirmação de que as imagens circulares pintadas no manicômio em Engenho de Dentro eram realmente mandalas, e davam forma a forças do inconsciente que buscavam compensar a dissociação provocada pela esquizofrenia.

Em abril de 1957, a Dra. Nise viaja para Zurique com o propósito de realizar pesquisas no Instituto C. G. Jung. Levou consigo pinturas e modelagens de vários autores para apresentá-las na exposição de produções plásticas de esquizofrênicos, que se realizaria paralelo ao II Congresso Internacional de Psiquiatria em Zurique, na primeira semana de setembro, daquele mesmo ano. A contribuição do Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro teve

como título *A Esquizofrenia em Imagens*. A mostra foi aberta por C. G. Jung, na manhã de 2 de setembro. Ele visitou toda a exposição, detendo-se especialmente na sala em que se encontravam as mandalas produzidas pelos pacientes brasileiros, realizando comentários e interpretações das mesmas. (Silveira, 2015).

Acerca desses comentários feitos durante à exposição, Jung destaca o fato de que nas pinturas ocorrem temas típicos retratados por esquizofrênicos; mas as imagens apresentariam cores vivas num segundo plano da pintura, o que indicaria que esses pacientes pareciam estar envolvidos numa atmosfera afetiva de aceitação da parte daqueles que os acompanhavam (Silveira, 2015).

Em 1959, Jung (2011*m*) menciona que, de modo geral, a mandala surge em situações de dissociação ou desorientação psíquica, sendo comum em crianças cujos pais estejam em processo de separação; em adultos, como resultado de uma neurose; e ainda, em esquizofrênicos, nos quais, a visão do mundo tornou-se caótica devido à invasão de conteúdos inconscientes. A imagem circular, através de um ponto central, no qual todas as coisas se interrelacionam, traz uma certa organização, enquanto uma atitude compensatória da psique.

Jung considera que “assim como o organismo reage de maneira adequada a um ferimento, a uma infecção ou a uma situação anormal da vida, assim também as funções psíquicas reagem a perturbações não naturais ou perigosas, com mecanismos de defesas apropriados” (2011*c*, p. 223). O princípio de autorregulação pode ser observado nos sonhos e em imagens produzidas espontaneamente. Parte do seu significado pode ser integrado à consciência, na medida em que se possa estabelecer um diálogo com esses conteúdos inconscientes.

Mas, conforme ressalta Catta-Preta (2021), na esquizofrenia, esse diálogo é mais difícil e sinuoso, em decorrência da fragmentação do ego. Segundo a autora, o paciente esquizofrênico apresenta limitações na comunicação clara e objetiva, principalmente quando é instado a falar de si mesmo ou de suas emoções. A arte torna-se, então, uma forte aliada, como um recurso de expressão simbólica do paciente (Catta-Preta, 2021). Do mesmo modo, Jung (2006) chama a atenção para o conteúdo da expressão simbólica do paciente, que não é cognoscível à consciência imediata – mas o fato de não o compreendermos não significa que seja destituído de sentido.

Em Arthur Bispo do Rosário, a tessitura da obra é repleta de elementos maravilhosos, referidos a uma origem fantástica. Em sua arte bruta, o mistério que evoca não pode ser

ignorado. A fantasia, em oposição à realidade crua dos fatos vividos (e não vividos), encobre uma seara que só poderá ser desvelada através da própria imagem. Esse também foi o caminho percorrido por Nise da Silveira. Ela esteve com Jung por duas vezes em entrevistas e, em sua biografia, Mello (2014) destaca a emoção que Nise sentiu no primeiro encontro entre eles, e o conselho de Jung de que ela deveria estudar mitologia para a melhor compreensão das imagens produzidas pelos seus pacientes.

Nise da Silveira (2015) segue o conselho de Jung e analisa as imagens, produzindo livros, descrevendo casos clínicos e realizando pesquisas com materiais comparativos e mitológicos, na tentativa de interpretar o material produzido pelos internos. Muitas dessas telas continham imagens arquetípicas, advindos de suas camadas mais profundas, e se mesclavam com questões pessoais, de grande teor afetivo, que foram esquecidas ou reprimidas, por conterem situações traumáticas ou conflitivas (Mello, 2014).

Desse modo pode-se considerar a forte influência que a psicologia complexa exercerá sobre o trabalho posterior da Dra. Nise da Silveira. Ela dedicará sua existência à compreensão da esquizofrenia, usando como aporte, os conceitos da Psicologia Junguiana, e se utilizará da terapêutica ocupacional, como forma de livre expressão dos conteúdos inconscientes, recomendando aos cuidadores do hospital, a não interferência na produção artística dos pacientes. (Silveira, 2015).

Silveira (2015) destaca que, historicamente, a ruptura das funções psíquicas sempre se configurou como uma das características mais importantes da esquizofrenia. Deste esperar-se-ia que as cisões internas se materializassem nas produções plásticas dos pacientes, refletindo a desintegração da personalidade e a fragmentação das formas. Era de se esperar também que o acesso ao mundo interno dos pacientes, por meio da expressão plástica, trouxesse esclarecimentos sobre os fenômenos de cisão das respectivas funções psíquicas.

O pesquisador de orientação psicanalítica, sem dúvida alguma, buscaria nesses conteúdos, um reconhecimento destes aspectos por detrás dos deslocamentos, condensações e símbolos. Todavia, os fenômenos psíquicos são extremamente complexos. Segundo a autora, uma pintura quase nunca será o mero reflexo de sintomas, por mais significativos que estes sejam. Outros fatores se manifestam concomitantemente, sendo necessário diferenciá-los.

A psicologia analítica, nesse quesito, dará grande importância às imagens. Nise da Silveira (2015) observou que, embora não conhecesse estudos específicos sobre terapêutica ocupacional a partir desta base teórica, vislumbrava que essa seria uma área articulável, como uma forma de psicoterapia de nível não-verbal. O método psicoterapêutico Junguiano visava dar

expressão ao que era inexprimível pela palavra, visando sua integração. As imagens são formas objetivas de experiências interiores e elas não dependem de interpretações.

#### 1.4 A ARTE COMO UM PROCESSO DE CRIAÇÃO DA PSIQUE

Para Jung, as áreas da arte e da psicologia nunca deveriam ser subsumidas uma a outra, assim como não caberia à psicologia emitir um juízo sobre o valor estético de uma obra de arte. No seu pensamento há uma clara relação entre essas duas áreas; porém, essa não se refere ao estudo das obras de arte e aos seus processos de criação, ou ao estudo do mecanismo psicológico do ser humano responsável pela criação. Uma obra de arte não deveria ser compreendida como um “mero sintoma” (Jung, 2011*k*, p. 75).

É importante ressaltar ainda, que essas distinções do pensamento rejeitam o caminho freudiano. Carl Gustav Jung não quer interpretar o artista por detrás da obra, expondo-o a uma forma de compreensão terapêutica. No texto “Relação da psicologia analítica com a obra de arte poética” (Jung, [1922] 2011*k*), o autor aborda esta questão, e enfatiza os motivos que o levaram a afastar-se da psicanálise.

Segundo Jung (2011*k*), a psicanálise tem o mérito de demonstrar a relação da psicologia pessoal do artista com sua obra. No entanto, se a criação estivesse atrelada à vida pessoal do artista, ela também se projetaria para fora deste entrelaçamento, e as condições que a tornariam uma obra de arte remontariam à capacidade de seu criador de se elevar por sobre os seus aspectos pessoais. Sob este ponto de vista, o método freudiano se apresentaria como redutivo demais à análise de uma obra, pois somente se basearia nos mecanismos de repressão, ou seja, na neurose, ignorando toda a realidade impessoal inerente à obra de arte.

A psicologia complexa, porém, deveria adotar uma postura diversa àquela, da psicanálise. Em relação à obra de arte, será preciso perguntar pelo seu sentido. O condicionamento prévio só interessa, na medida em que contribua para uma melhor compreensão do sentido. Para Jung (2011*k*), a obra de arte é suprapessoal, apresentando inclusive, uma importância singular, pelo fato de despojar o ser humano das limitações e dificuldades insuperáveis de tudo o que seja pessoal, suspendendo-o sobre este aspecto.

De acordo com Lima (2009), todo ato criador se comporta de modo paradoxal: de um lado se encontra uma personalidade humana; do outro, um processo criador, que é impessoal. O ser humano pode ser pensado como o produtor da obra. Já o artista seria o seu produto. O autor menciona que, neste contexto, Jung faz uma importante inversão: não são as características psicológicas do artista que determinam a obra, mas a obra que, sendo o

destino do artista, determina sua psicologia.

A obra de arte é uma realização criativa, que aproveita livremente todas as circunstâncias anteriores. Seu sentido e sua arte específica não se embasam nas condições exteriores, e sim, em um ser que utiliza o ser humano e suas disposições pessoais como solo nutritivo, cuja potência ordena conforme suas próprias leis, segundo o que precisa ser (Jung, 2011k).

Segundo Jung (2011g), não é possível, através do estudo psicológico do ser humano e de sua obra, revelar o mistério da criação artística. O autor enfatiza que

apenas aquele aspecto da arte que existe no processo de criação artística pode ser objeto da psicologia, não aquele que constitui o próprio ser da arte. Nesta segunda parte, ou seja, a pergunta sobre o que é a arte em si, não pode ser objeto de considerações psicológicas, mas apenas estético-artísticas. (Jung, 2011k, p. 65).

Em outro sentido, Jung igualmente rejeita uma análise estética, puramente artística, em sua compreensão psicológica da obra. Manual Antônio de Castro, na apresentação do livro *Madras: Arte e Sagrado em Arthur Bispo do Rosário* (2012), defende essa concepção de arte, quando diz que não é o autor que, diante das vicissitudes de vida, estrutura psiquicamente ou imagina facultivamente quem faz as obras de arte. Tampouco, o que a ciência saiba sobre a “psyché”. Segundo ele, quem *faz a obra de arte é a arte*, o impulso poético-criativo, que brota do nada, do sagrado.

Segundo Castro (*apud* Bêta, 2012), se a obra fosse entendida como resultado da criação do ser humano, e este fosse considerado “louco”, como no caso do Arthur Bispo do Rosário, esta seria explicada a partir de seus comportamentos desviantes, o que se tornaria inaceitável ao tratar-se da arte. A obra de arte é, portanto, percebida como um produto acabado e final. Esse é um caminho estético à contemplação artística, enquanto o maior grau possível de sintonia do humano com o divino, o mais belo ou sublime.

Muito embora Castro fale das características herdadas por Bispo do Rosário, que se aproximariam ao conceito de arquétipo de Jung, para este realizar sua criação, a estrutura psíquica e as circunstâncias conjunturais nas quais viveu, e como fê-lo, estão todas interrelacionadas. Como nos diz Dantas: “a verdade é que essa obra a fazer exigia esta vida.” (2009, p. 8).

Dantas (2009) comenta ainda que muitas vezes conhecemos a obra antes mesmo do artista. O comentador, ao falar de um artista, traça sua identidade plástica, compreendendo seu processo criativo, ou escrita de sua história de vida, partindo de sua obra. É através dela que o sentido emerge, por mais fantasioso e enigmático que possa parecer.

Desse modo também procede Jung, ao deslocar o estudo centrado na pessoa do artista, sobre seu processo de criação, e sobre o impulso criativo, que brota do inconsciente. De tal sorte, a relação entre a obra de arte e o inconsciente não estaria nos conteúdos manifestos ou latentes, ou naquilo que a arte representa, mas antes, no impulso criador, do qual seria fruto (Lima, 2009).

Na análise dos processos de atividade criativa, Jung (2011k) distingue dois tipos de criação de obras de arte. A primeira é aquela que nasce da intenção e determinação do autor, visando um resultado específico. Neste caso, o autor submete o material de seu trabalho a um propósito definido, tirando ou adicionando, enfatizando ou reduzindo um efeito, dando um toque colorido aqui ou acolá, considerando os possíveis resultados, atento à beleza e ao estilo.

Nesta tarefa, o autor é idêntico ao processo criativo, e está completamente integrado e identificado com a criação, sob todos os seus propósitos e conhecimento. A produção teria temas próximos aos limites da consciência, e que seriam, por isso, facilmente reconhecidos, como paixões, sofrimento humano, suas realizações e desejos. Jung ressalta, porém, que mesmo nesse tipo de obra, o autor só seria aparentemente livre para criar a partir de sua vontade: “ele acredita estar nadando mas na realidade está sendo levado por uma corrente invisível” (Jung, 2011k, p. 75).

O segundo tipo diz respeito a outro gênero de obra de arte, que brotam espontaneamente, vindo à luz de chofre e acabadas. Essas obras se impoem ao autor, que ficaria como que inundado por uma torrente de pensamentos e imagens, que jamais havia pensado em criar, e que sua volição jamais traria à tona, pois, mesmo contra a sua vontade, é de sua natureza mais íntima, que se revelem por si mesmas. Cabe ao artista apenas obedecer e seguir seu impulso criativo, pois o autor percebe a obra como sendo muito maior do que a si próprio, exercendo um domínio sobre o qual ele nada possa fazer, a não ser trazê-la à luz, através da realização artística.

A obra de arte inédita, ou mais precisamente o seu motivo, é uma força da natureza que se impõe à alma do artista. Desse modo, o processo criativo se assemelha a uma essência viva atuante na alma do ser humano. A psicologia analítica denomina esse processo de *complexo autônomo*. É uma parte distinta da alma, com força suficiente para se manifestar, seja como um distúrbio de eventuais processos conscientes, ou como instância superior, que pode tomar a seu serviço e intenção, o próprio Eu (Jung, 2011k).

No primeiro caso, a obra ultrapassa as fronteiras da intenção consciente, revelando muitas vezes mais do que aquilo que fora intencionado pelo seu autor. No segundo caso poder-se-ia esperar estranheza quanto à forma e imagem, uma linguagem impregnada de elementos simbólicos, porquanto expressem o ainda desconhecido. A obra reconhecidamente simbólica, sempre diz mais do que realmente almeja. Por esse motivo, ela tende a sensibilizar mais, tocando mais intimamente o indivíduo; ao passo que a obra que não tenha um caráter simbólico fala mais genuinamente à sensibilidade estética, porque permite a contemplação de sua realização perfeita (Jung, 2011k).

O artista passa por muitas transformações semelhantes ao chamado “louco”; mas é possível voltar ao mundo das imagens, sem se deixar engolir por elas. Ele consolidou um ego suficientemente forte, capaz de suportar esse contato, e consegue compartilhar e reproduzir suas emoções sob forma de arte, sem que essas sejam absorvidas pela atitude consciente. Assim, a linguagem simbólica torna-se um catalisador de energia, que pode nos levar de um nível psíquico a outro (Catta-Preta, 2021).

Muitas biografias de grandes artistas relatam a existência de um ímpeto criativo tão intenso que este se apodera do criador, colocando-o a serviço da obra. A obra inédita se torna, então, uma força da natureza, que se impõe, seja de forma violenta ou sutil, a partir de sua finalidade natural, sem se importar com o bem-estar do sujeito, que é o veículo da criatividade (Jung, 2011k).

Depoimentos dessa natureza são encontrados na literatura. Bispo do Rosário, por exemplo, em uma conversa com uma mulher que estava admirada com sua arte, ao ser indagado se aquilo que fazia era uma glória para ele, responde: “não, não é glória, não. Eu faço isso obrigado. Senão não fazia nada disso. [...] Eu escuto uma voz e é essa voz que me obriga a fazer tudo isso” (Dantas, 2009, p. 90).

Lima (2009) destaca alguns depoimentos desse tipo no seu livro *Arte, Clínica e Loucura* (2009), proferidos por artistas consagrados como Kandinsky ou Picasso. Lima (op. cit.) relata que, para Kandinsky, o artista não deveria se considerar o senhor da situação, mas alguém posto a serviço de um ideal mais elevado, e isso lhe impõe preciosas e sagradas obrigações; e para Picasso, a arte é maior do que o próprio artista, por vezes, obrigando-o a fazer o que demanda.

Para Jung (2011k), os materiais produzidos pelos psicóticos, muitas vezes, possuem conteúdos próximos àqueles encontrados em obras de arte visionárias, e é comum tentar-se explicá-las com base nas experiências pessoais do autor, tomando-as como um sintoma de

um suposto caos interior ou de degradação psíquica. A partir desta perspectiva, é um passo até a confirmação do diagnóstico de neurose.

Freud escreveu, em 1910, um ensaio intitulado *Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci*. A partir da análise da tela “A Virgem, o Menino Jesus e Sant’Ana”, o autor conclui que as imagens deste quadro resumem a história pessoal de Leonardo. Numerosas pesquisas psicanalíticas foram feitas desde então, servindo como modelo para estudos que buscam descobrir, sob o disfarce das imagens, problemas emocionais da infância de seus criadores. O essencial seria desvelar aquilo que a imagem estaria mascarando.

Silveira (2015) reitera que essa análise é importante quando se trata de conteúdos do inconsciente pessoal; mas se o método reutivo for aplicado a conteúdos de origem mais profunda, os resultados seriam empobrecedores. A psicologia junguiana não se desinteressa pelas imagens de cunho pessoal, entendendo que a anamnese forneceria material necessário para uma interpretação satisfatória. Mas os símbolos coletivos ou arquetípicos seriam mais arduos à abordagem. Por revestirem-se de características arcaicas, pareceriam demasiado distantes ou provocariam certo estranhamento.

Como, então, estudá-los? Jung aponta o caminho: “Venho procurando colocar o estudo dos símbolos sobre a única base possível, que é a científica e que consiste na pesquisa comparativa.” (Jung, 2011j, p. 119) As imagens do inconsciente não constituem raridades, sendo encontradas nos sonhos, em obras de arte, visões, alucinações e delírios; embora fiquem perdidas para a pesquisa, nos diz Jung, caso encontrarmos para elas, paralelos mitológicos.

A obra de arte, assim, não deve ser procurada no inconsciente pessoal do autor, mas naquela esfera do inconsciente, cujas imagens primitivas e/ou mitológicas pertencem ao domínio comum da humanidade; ou seja, um inconsciente, que é também, coletivo. Sob esta perspectiva não haveria diferenças entre a criação do artista e as manifestações religiosas.

De inconsciente pessoal, Jung denomina a totalidade dos fenômenos psicológicos que estariam em condição de se tornar consciente, e que muitas vezes já o fora, mas por ser incompatível à atitude habitual da consciência, foi reprimido. Dessa esfera fluem também mananciais criativos, embora turvos, que, quando predominantes, se assemelham mais a um sintoma do que a um símbolo.

À medida que Jung penetrasse nas camadas mais profundas do inconsciente – seja a partir dos sonhos e fantasias de seus pacientes, ou a partir de seu próprio trabalho

introspectivo – ele foi levado a aprofundar-se no estudo das estruturas gerais da mente humana, que pertencem a todos os indivíduos. Esta camada mais profunda da psique, Jung denominou de “inconsciente coletivo”, e descreveu suas imagens como uma combinação de padrões e forças universalmente preponderantes, chamadas de “arquétipos” e “instintos”. Neste nível, nada existe de individual ou único nos seres humanos (Stein, 2006).

De acordo com sua concepção, Jung afirma que todos temos os mesmos arquétipos e instintos. Estes são potencialidades que a natureza concede a cada um de nós, dados de igual modo a todos e a cada um, ricos ou pobres, pretos ou brancos, antigos ou modernos. Todavia, ocorre uma ênfase maior de um ou outro tipo de manifestação arquetípica de acordo com a respectiva cultura, nação. O tema de universalidade é uma característica fundamental do entendimento de Jung da psique humana.

O homem “possui” muitas coisas que ele não adquiriu, mas herdou dos antepassados. Não nasceu *tabula rasa*, apenas nasceu inconsciente. Traz consigo sistemas organizados e que estão prontos a funcionar numa forma especificamente humana; e isto se deve a milhões de anos de desenvolvimento humano [...] Esses sistemas herdados correspondem às situações humanas que existiram desde os primórdios: juventude e velhice, nascimento e morte, filhos e filhas, pais e mães, acasalamentos etc. Apenas a consciência individual experimenta essas coisas pela primeira vez; mas não o sistema corporal e o inconsciente. Para eles só interessa o funcionamento habitual dos instintos que já foram pré-formados de longa data. [...] Denominei este modelo instintivo, congênito e preexistente, ou respectivamente o “*pattern of behaviour*”, de *arquétipo*. (Jung, 2011g, p. 312-313).

A imagem primordial, ou arquétipo, é um *Leitmotiv* que reaparece de tempos em tempos na história, toda vez que a imaginação criativa e expressa livremente. Essa figura pode ser o demônio, o ser humano ou processo; sendo pois, uma imago mitológica (Jung, 2011k, p. 82). As formas mitológicas são uma elaboração da psique criativa, aguardando sua transcrição sob uma linguagem, que seja compreensível à consciência. De todo modo, Jung entende que os processos inconscientes sejam as raízes dos arquétipos.

É importante dizer ainda, que para Jung (2011k), a obra nos oferece uma imagem elaborada, no sentido mais abrangente. Esta imagem, enquanto puder se exprimir como símbolo, poderá ser analisada. Mas se nada descobrirmos sobre seu valor simbólico, estaremos reconhecendo que ela nada significa em sentido psicológico; isto é, nada mais seja do que aquilo que aparenta.

A pergunta fundamental da psicologia analítica, ao retratar os processos criativos, é, pois, “a que imagem primordial do inconsciente coletivo pode ser reduzida a imagem desenvolvida na obra de arte?” (Jung, 2011k, p. 81). É importante ressaltar que Jung considera, para este caminho interpretativo, a obra de arte simbólica, cuja origem não se

encontra no inconsciente pessoal do autor, mas na esfera mitológica inconsciente, à qual, as imagens primordiais pertencem, ou seja, ao patrimônio comum da humanidade.<sup>10</sup>

A partir desta perspectiva observamos a temática do Juízo, presente nas criações de Arthur Bispo do Rosário. O tema aparece igualmente em artistas consagrados como Michelangelo e Hieronymus Bosch. Sua narrativa inicial pode ser encontrada no Livro das Revelações ou Apocalipse. Enquanto representação, pode-se dizer que se estabelece uma relação de sentido entre a ideia do Juízo Final e a imagem do fim dos tempos, que possivelmente é tão arcaica quanto a própria ideia da criação do universo.

Metaforicamente, poder-se-ia intuir que a relação do Juízo Final com a esquizofrenia se assenta na criação de um outro mundo. O sujeito adoecido, ao não encontrar “lugar” para si na humanidade, trilha um novo caminho, que o leva para fora de si, o da fuga da realidade. E é justamente esse o momento do juízo final. Ao sentir-se desamparado em relação ao mundo, recria o mesmo, a partir de dentro, renovando-o, tornando-o novo, conforme o consumou Arthur Bispo do Rosário, no seu universo particular.

O que nesse ínterim é exclusivo de Bispo, da sua história de vida e contexto pessoal, e o que é conteúdo comum à humanidade inteira, os motivos mitológicos ou arcaicos, se assenta naquilo que Jung discerne entre inconsciente pessoal e inconsciente coletivo.

Ao contrário do inconsciente pessoal, caracterizado por sua camada mais superficial à psique, o inconsciente coletivo se apresenta como a possibilidade de algo que nos foi legado desde os primórdios da humanidade, na forma de imagens mnemônicas<sup>11</sup>: “elas só aparecem na matéria sob forma de princípios reguladores à sua formação; quer dizer, somente por conclusão, após o término da obra de arte, conseguiremos reconstruir o projeto primitivo da imagem primordial” (Jung, 2011k, p. 82).

As formas mitológicas são uma elaboração da fantasia criativa que impelem o indivíduo a uma forma de linguagem compreensível à consciência. A obra de arte, ainda por ser criada, transmite uma fonte de conhecimento dos processos inconscientes, cujas raízes são as imagens primordiais (ou arqueimagos, *Urbilder* – em alemão). Estas imagens contêm

---

<sup>10</sup> Contudo, é necessário frisar que Jung não ignora as peculiaridades da experiência individual, ao enfatizar as imagens primordiais como patrimônio comum da humanidade. (Jung, 2011k)

<sup>11</sup> Jung faz referência a imagens mnemônicas ou, por meio de uma linguagem anatômica, dentro da estrutura cerebral. E nos lembra que ideias inatas não existem; mas, sim, *possibilidades* inatas de ideias que colocam categorias à capacidade humana de fantasiar; certas ideias *a priori*, cuja existência só seria possível através da experiência. Além disso, complementa: “[...] o inconsciente coletivo não tem, sob condições normais, capacidade de consciência, não podendo ser levado, através de técnica analítica, à rememoração, pois ele não é reprimido nem esquecido. A rigor, o inconsciente coletivo nem existe, pois nada mais é, do que uma possibilidade. (Jung, 2011k, p. 82).

um pouco do destino e evolução da humanidade, um pouco de dor e prazer, ressimbolizados inúmeras vezes ao longo das gerações (Jung, 2011*k*).

No momento em que essas imagens aparecem, elas são sempre caracterizadas por fortes estados emocionais. Jung descreve estes estados como se fossem cordas tocadas dentro de nós, que nunca antes houvessem sido ressoadas, ou como se forças poderosas fossem desencadeadas, de cuja existência sequer cogitássemos. Vale ressaltar que toda a referência ao arquétipo é “perturbadora”, porque faz ressoar uma voz mais poderosa a do ego.

Quem fala através de imagens primordiais, fala como se tivesse mil vozes; comove e subjuga, elevando simultaneamente aquilo que qualifica de único e efêmero na esfera do contínuo devir, eleva o destino pessoal ao destino da humanidade e com isto também solta em nós todas aquelas forças benéficas que desde sempre possibilitaram a humanidade salvar-se de todos os perigos e também sobreviver à mais longa noite. (Jung, 2011*k*, p. 83).

É possível, através das imagens produzidas por Bispo, conforme nos diz Jung na citação anterior, “elevar o destino pessoal ao destino da humanidade”? Eleva-se, igualmente, o destino pessoal naquele que, ao contemplá-la, dela frui, recriando-a? É nesse intuito que buscamos percorrer o caminho das imagens produzidas, e em exposição no Museu Arthur Bispo do Rosário Arte Contemporânea, naquilo que evoca em quem as contempla. Esta é a tese que procuraremos fundamentar!

## 2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Descreveremos a seguir os caminhos metodológicos utilizados neste estudo.

### 2.1. TIPO DE PESQUISA

Este estudo se caracteriza por um experimento com alunos de Psicologia do Centro Universitário de Viçosa (UNIVIÇOSA) – MG, e alunos do Ensino Médio do Colégio Anglo de Viçosa – MG. O experimento consistiu da realização de uma visita com os respectivos alunos ao Museu Bispo do Rosário de Arte Contemporânea, na cidade do Rio de Janeiro, cuja intenção era, num primeiro momento, a de que os estudantes conhecessem a obra de Bispo.

Durante a visita foi feito um convite a cada aluno se este se disporia a recriar uma obra de arte que o tivesse impactado, ou realizar uma nova criação artística, a partir daquilo que a imagem evocasse de dentro de si; enfim, se concordaria em criar uma obra própria, da forma mais livre e espontânea possível.

Após a criação da imagem, de volta à cidade de origem, os alunos tiveram a oportunidade de reelaborar seu desenho inicial, caso desejassem. Para tanto foi agendado um encontro com cada um dos participantes para esta finalidade. Nesta ocasião também foi realizada uma entrevista, para que pudessem falar sobre sua obra e sobre o processo de sua criação.

Neste mister, a metodologia de trabalho fora descritiva, no sentido de descrever as possíveis associações que pudessem emergir a partir dessas incursões no mundo das imagens, e também fenomenológica, posto que a pesquisa implicou a manifestação de descobertas sobre imagem, arte e religião, alcançadas por meio deste projeto experimental.

### 2.2. LOCAL DA PESQUISA

Eventualmente, o Centro Universitário de Viçosa – MG realiza visitas técnicas, visando aprimorar o conhecimento dos estudantes sobre conceitos trabalhados em aula, durante a formação em Psicologia. Nos últimos cinco anos foram realizadas excursões para o Museu do Inconsciente (RJ); Museu do Amanhã (RJ); Museu da Loucura (Barbacena-MG); Manicômio

Judiciário (Barbacena-MG); além de visitas locais na cidade Viçosa (MG) em presídios, hospitais, instituições de ensino, dentre outros.

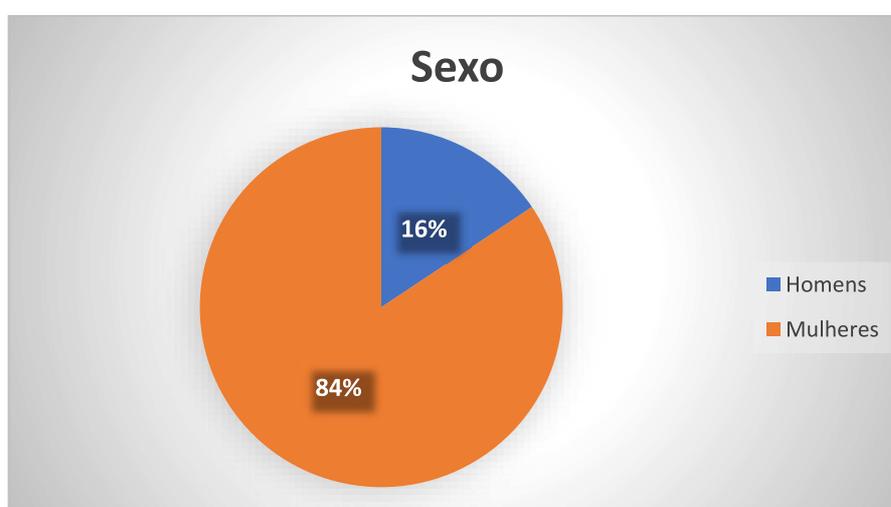
Para o ano de 2023 foi programada uma visita técnica ao Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea. Além dos estudantes de graduação, a visita fora estendida aos alunos do ensino médio do Colégio Anglo de Viçosa. O Museu acolhe grupos escolares e nãoescolares interessados na experiência com a arte, assim como grupos de acadêmicos e profissionais da arte e saúde.

Esta pesquisa incluiu a participação destes alunos na visita ao Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea. Além disso, foram utilizadas as salas de aula do Centro Universitário de Viçosa para as produções artísticas dos estudantes, e os laboratórios de arte do Colégio Anglo, para esta mesma finalidade.

### 2.3. CARACTERÍSTICA DA AMOSTRA

Para a visita técnica ao Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea fora fretado um ônibus com capacidade máxima de 44 pessoas. Destas, 40 pessoas participaram da excursão, incluindo a pesquisadora. A população foi constituída por esta amostragem não probabilística, levando em consideração o número de participantes que foram nesta viagem e que, posteriormente, aceitaram participar deste experimento. As características da amostra passam a ser descritas a seguir.

Gráfico 1 – Amostragem por sexo.

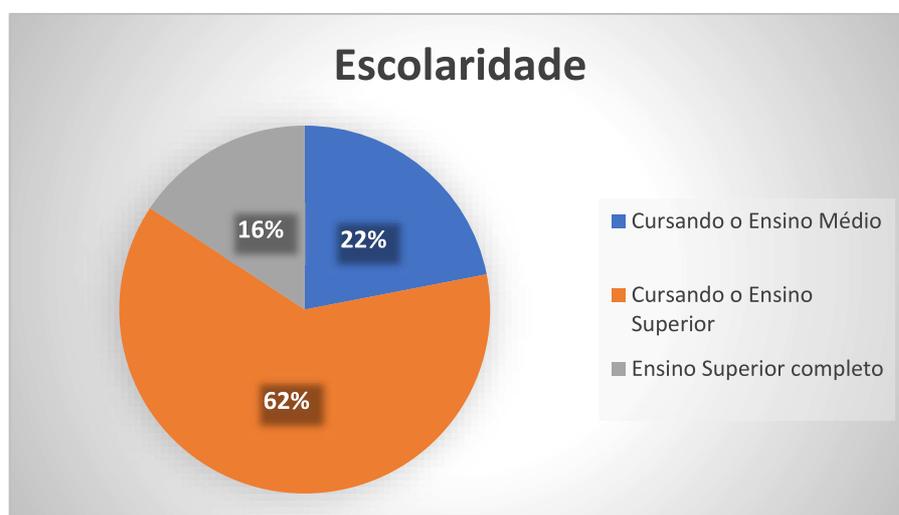


Fonte: elaborado pela própria autora (2024).

**Nota:** os dados foram coletados durante o período de junho a dezembro de 2023.

No total, 32 pessoas participaram do estudo, sendo 5 homens (16%) e 27 mulheres (84%). Durante a visita ao acervo, três alunos se ausentaram do museu, pois desejavam conhecer a cidade do Rio de Janeiro. Assim como estes, outros três participantes foram excluídos da amostra – seja porque não assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) ou por não terem participado das entrevistas. A autora e a professora do Ensino Médio também não compõem o gráfico amostral, pois afastaram-se no momento do experimento para não influenciar o resultado final da pesquisa.

Gráfico 2 – Escolaridade

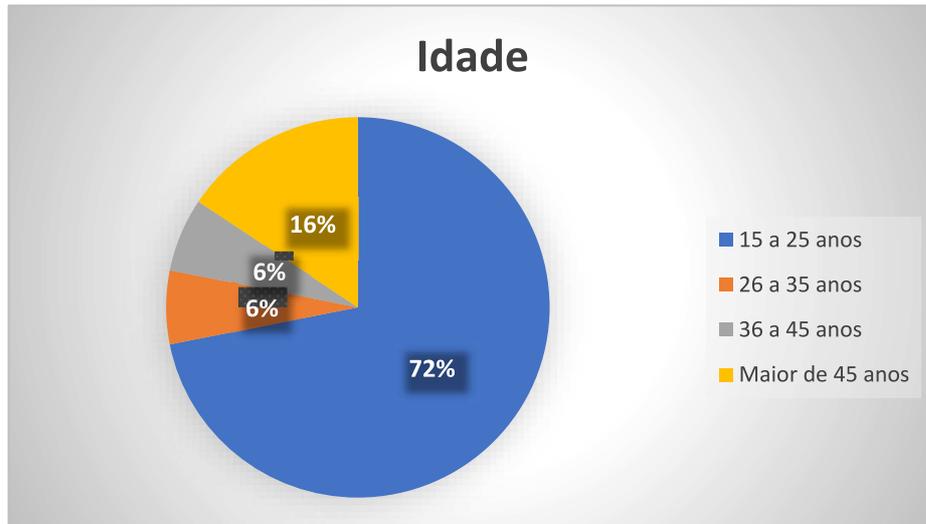


Fonte: elaborado pela própria autora (2024).

**Nota:** os dados foram coletados durante o período de junho a dezembro de 2023.

Entre os participantes, 7 alunos (22%) cursavam o Ensino Médio do Colégio Anglo, em Viçosa-MG; 20 estudantes (62%) estudavam na graduação, sendo 19 em Psicologia, no Centro Universitário de Viçosa-MG, 1 em Nutrição, na Universidade Federal de Viçosa; 5 pessoas (16%), além de cursarem Psicologia, tinham o Ensino Superior Completo em outra área do conhecimento, sendo elas: Administração, Comércio Exterior, Direito, Biologia, Agroecologia e Ciências da Natureza; e Licenciatura em Química, Biologia e Matemática (esta participante possui mais de um curso de graduação).

Gráfico 3 – Idade

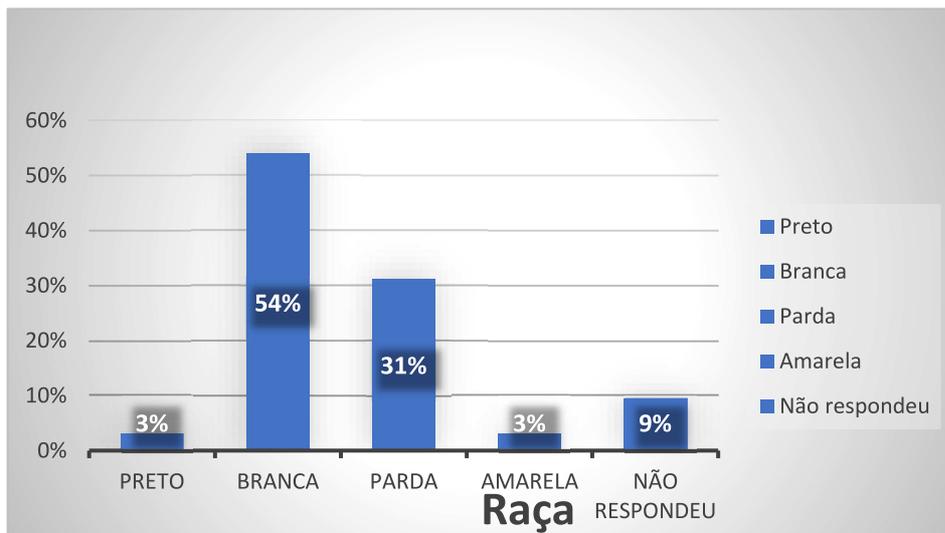


Fonte: elaborado pela própria autora (2024).

**Nota:** os dados foram coletados durante o período de junho a dezembro de 2023.

O grupo era composto majoritariamente por pessoas jovens, sendo 23 estudantes (72%) com idades entre 15 a 25 anos; 2 participantes (6%) com idades entre 26 a 35 anos; 2 pessoas (6%) com idades entre 36 a 45 anos; e 5 participantes (16%) com a faixa etária acima de 45 anos de idade.

Gráfico 4 – Raça

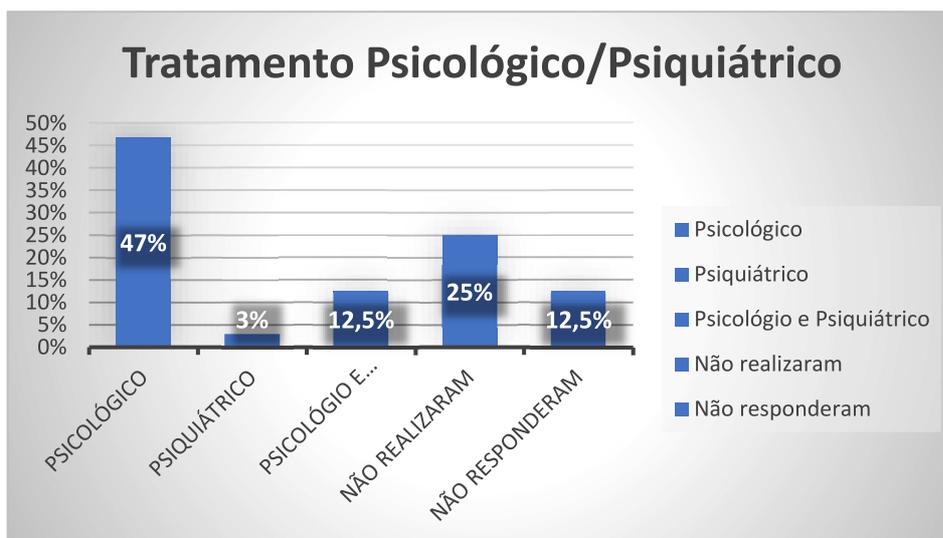


Fonte: elaborado pela própria autora (2024).

**Nota:** os dados foram coletados durante o período de junho a dezembro de 2023.

No que diz respeito à raça, 1 pessoa (3%) se autodeclarou preta e 1 pessoa se autodeclarou amarela (3%). Se autodeclararam de cor branca 17 pessoas (54%), 10 participantes (31%) se autodeclararam de cor parda e 3 participantes (9%) não responderam.

Gráfico 5 – Psicoterapias



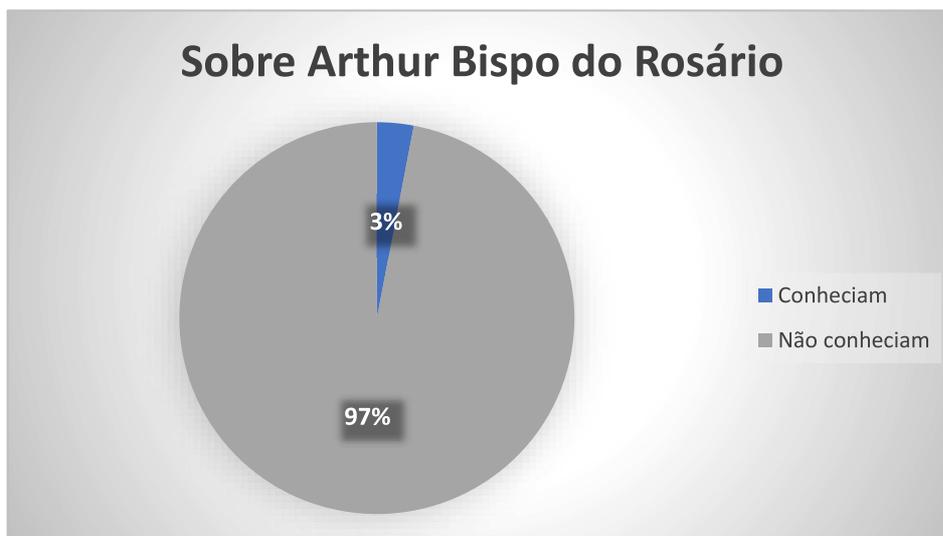
Fonte: elaborado pela própria autora (2024).

**Nota:** os dados foram coletados durante o período de junho a dezembro de 2023.

Um dado importante para esta pesquisa se baseia na questão se os participantes frequentaram ou não algum tipo de atendimento psicológico ou psiquiátrico, em qualquer época de suas vidas, visto o contexto em que se insere esse estudo. Dos 32 participantes, 15 já fizeram psicoterapia (47%); 1 pessoa (3%) fez acompanhamento psiquiátrico; 4 participantes (12,5%) já realizaram tratamentos psicológicos e psiquiátricos, de forma alternada ou simultânea; 8 pessoas (25%) não realizaram nenhum tipo de tratamento psicológico e psiquiátrico; e 4 participantes (12,5%) não responderam.

É importante ressaltar que, como a maioria dos participantes cursam a faculdade de psicologia, é componente curricular desta graduação, a recomendação de que os estudantes façam psicoterapia em algum momento de sua vida, não só visando um autoconhecimento e aprimoramento pessoal, como à aquisição de uma perspectiva da potencial atuação de um psicólogo clínico, visto que futuramente muitos deles desempenharão essa função.

Gráfico 6 – Sobre Arthur Bispo do Rosário



Fonte: elaborado pela própria autora (2024).

**Nota:** os dados foram coletados durante o período de junho a dezembro de 2023.

Durante a entrevista foi perguntado aos participantes, se eles já tinham ouvido falar de Arthur Bispo do Rosário; se conheciam alguma coisa a seu respeito; ou se conheciam alguma de suas obras. Com exceção de 1 participante (3%), todos os demais (97%) relataram nunca terem ouvido falar de Bispo, de sua temática, ou visto alguma de suas obras de arte. O participante que dissera ter alguma informação, trouxe como referência o fato de que sua mãe é psicóloga e que ele realiza muitas viagens internacionais (trabalha com comércio exterior). Por isso, traz consigo a sensação de já ter visto o Manto da Apresentação “em algum lugar”, usando a expressão “Não me é estranho!”, embora complementasse sua fala dizendo que não sabia quem era o seu autor. Fica o questionamento, se podemos considerar essa menção como um conhecimento ou não de Bispo.

É necessário ressaltar que, conforme dito acima, estando a maioria dos participantes em contato com a área da saúde, especialmente na formação em psicologia, a saúde mental é disciplina obrigatória na grade curricular, seja surpreendente, um total desconhecimento por parte dos alunos de uma personalidade tão importante. Por outro lado, torna-se genuíno todo o material coletado neste estudo, através dos desenhos ou expressões artísticas diversas, visto o desconhecimento prévio sobre sua autoria.

## 2.4. COLETA DE DADOS

O convite para participar da visita técnica foi feito diretamente aos alunos através dos professores e coordenadores dos respectivos cursos. No dia da excursão, os primeiros realizaram no museu, alguns esboços artísticos espontâneos. Uma atividade foi feita em grupo, com utilização de cartolinas, e um croqui de desenho produzido individualmente, após a visita das galerias.

Depois de realizada a excursão ao museu, os estudantes foram convidados a fazer algum tipo de intervenção na atividade artística individual, realizada no dia da visita, com base na obra que mais lhes tenha chamado a atenção. Os participantes tinham liberdade para colorir, pintar, escrever sobre a imagem ou tudo o mais que a imaginação sugerisse, caso assim o desejassem. O convite foi feito aos participantes do Colégio Anglo de Viçosa e do Centro de Ensino Superior de Viçosa pela autora desta pesquisa, ficando os alunos livres para optar em participar ou não.

O material artístico foi de livre escolha dos participantes. A livre escolha do material se justifica pelo fato de não ser a técnica que necessariamente está no centro deste estudo, mas o processo criativo, a imagem livre e espontânea, produzida a partir da observação da imagem.

No mesmo dia e horário previamente combinados foi feita a entrevista com os estudantes, para fins de compreensão da imagem produzida. O foco principal deste momento foi o relato subjetivo sobre aquilo que o participante viu naquilo que criou. Os conteúdos das entrevistas foram gravados e transcritos na íntegra. Na entrevista foi mencionada a confidencialidade e o sigilo de todas as informações que pudessem identificar seus possíveis autores, lembrando que o foco deste experimento foi a representação da imagem artística, e não o sujeito em si.

Todas as etapas deste experimento, sendo elas, a excursão, o processo de criação artística e as entrevistas, só aconteceram após a anuência dos participantes e de seus responsáveis (quando os mesmos fossem menores de idade), e após a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (ANEXO III e IV).

Foram resguardados, de igual modo, os procedimentos relacionados a medidas de segurança referentes à pandemia da COVID-19, sendo estes seguidos à risca, como orientam os protocolos da Organização Mundial de Saúde (OMS).

## 2.5. ANÁLISE DOS DADOS

Os dados coletados foram interpretados por meio da análise de conteúdo, na modalidade de categorias temáticas que, segundo Bardin (2009), consiste de um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Esta técnica de estudo, de acordo com Campos (2004), se refere tanto aos conteúdos nas figuras de linguagem, reticências, entrelinhas, quanto aos conteúdos manifestos. Dessa forma, os relatos, as imagens, as livres associações foram analisadas conforme a realidade de significações de cada participante, e de acordo com o viés da Psicologia Complexa.

## 2.6. ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA

O projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Juiz de Fora, e ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos Sylvio Miguel do Centro Universitário de Viçosa (UNIVIÇOSA), atendendo à Resolução 466/2016 do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tendo sido aprovado sob os protocolos de nº 6.098.197 e 6.152.668 (ANEXO I e II).

Após os esclarecimentos sobre os objetivos da pesquisa e sobre a metodologia a ser utilizada, foi solicitada aos participantes, a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); bem como, às instituições, a assinatura do Termo de Autorização para a execução desta pesquisa. Esse experimento foi realizado somente após o preenchimento e a assinatura dos termos, e após a autorização dos respectivos Comitês de Ética.

## 2.7. RISCOS E BENEFÍCIOS DA PESQUISA

Este estudo implicou os seguintes riscos para os participantes: a obra de Arthur Bispo do Rosário, bem como, a, dos demais artistas expostos no Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea, podem evocar não apenas o lado positivo, que é o do símbolo, o manifesto, a sublimação, mas também, o lado sombrio, psicopatológico, a partir da expressão artística de um paciente esquizofrênico, podendo gerar mal-estar nos participantes. Pode, ainda, durante as entrevistas, ou durante as produções artísticas, despertar lembranças e situações que remetam a períodos difíceis da história de vida do sujeito, podendo trazer à tona sofrimentos e sentimentos de angústia, gerando incômodo e desconforto.

Para amenizar os riscos, sempre que necessário, foi realizado o acolhimento do participante por meio do diálogo sobre a pesquisa e sobre como ela afetou os respectivos sentimentos. Foi ressaltado também o quanto a arte pode ser terapêutica e quão rica pode ser a expressão e o diálogo a partir dessas imagens, tranquilizando-o, quando necessário.

Os benefícios da pesquisa assentam-se na produção de conhecimento científico sobre a arte, a psicologia da religião e a saúde mental. Os participantes puderam contribuir através da geração de relatos acerca de suas criações artísticas, obtendo uma maior compreensão dos conteúdos inconscientes eventualmente implicados, resultando em um maior conhecimento de si próprios. Ademais, a arte traz inúmeros benefícios, promovendo bem-estar tanto naquele que cria quanto naqueles que desfrutam daquilo que é criado.

### 3. A RECEPÇÃO DA IMAGEM NO MUSEU ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO ARTE CONTEMPORÂNEA

No prefácio do livro *Arthur Bispo do Rosário: a poética do delírio*, João A. Frayze-Pereira faz um importante questionamento: “A obra de Bispo é arte para quem?” (2009, p. 9) Para o autor, mais do que a arte culta, a arte bruta torna-se expressiva ao encontrar seu lugar no campo da recepção, destacando ainda que “mais do que à imaginação de Bispo, é à nossa que o seu trabalho faz apelo”.

Nesse mesmo percurso, Oliveira inquire: “Considerando que a obra é a presença silenciosa do outro que ressoa em mim, pode-se perguntar: o que vemos? Vemos a coisa mesma?” (Oliveira, 2022, p. 40). Assim, faz-se necessário uma investigação rigorosa do impacto da obra sobre o observador. Não há garantias quanto a uma interpretação correta no âmbito da recepção. A leitura surge na medida em que se reconhece a participação de quem as observa.

A atenção do leitor é capturada, e esse outro que é interpelado lê a obra a partir de algo que lhe é familiar, de sua própria substância. As cores, a dor, o mundo do artista – como o indivíduo as conceberia senão através das cores que vê, das dores que têm, do mundo em que vive? Oliveira (2022) destaca que nas obras de arte, os mundos privados se comunicam, e cada um afere aos seus respectivos titulares, as chaves de um mundo comum.

Mas, frisa Jung (2011*d*), o caminho da interpretação intelectual não é o único. Há também o método que sugere ao indivíduo a tentativa de dar forma visível às imagens internas que surgem em meio ao turbilhão das emoções. Expressar as emoções através do desenho ou da pintura, é uma excelente forma de confrontá-las. Não importa se essas imagens não adquiram qualidades estéticas. O que as torna significativas é que proporcionam à imaginação, a oportunidade para desenvolver um livre jogo, no qual, os indivíduos participam ativamente dos acontecimentos imaginados.

Silveira (2015) reitera que as imagens do inconsciente objetivadas na pintura tornam-se suscetíveis a certa forma de trato, ainda que não haja uma tomada de consciência de suas significações mais profundas. Destaca também, que uma das surpresas deste método é a constatação de que “pintar o que vemos diante de nós” é uma arte diferente daquele de pintar o que vemos a partir de nós.

Aquele que na fruição de uma obra de arte até então permanecera passivo, agora começará a desempenhar um papel ativo. Lançando sobre o papel, as imagens que viu passivamente, realiza um ato deliberado. Há uma grande diferença entre falar sobre as imagens

e desenhá-las ou pintá-las, dando-lhes forma. Não se trata de criar arte, diz Jung, mas de produzir um efeito sobre si próprio.

Assim adentramos o Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea, buscando no campo da recepção, o encontro do sujeito com as imagens que mais lhe impactaram, resignificando-as a partir de si mesmos.

### 3.1 O MUSEU BISPO DO ROSÁRIO DE ARTE CONTEMPORÂNEA

O Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea (mBRAC) está alocado no Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira, centro de saúde mental anteriormente conhecido como “Colônia”, situado na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. O museu é responsável pela preservação, conservação e propagação da obra de Arthur Bispo do Rosário, sendo este um dos principais expoentes da arte contemporânea, com reconhecimento nacional e internacional. (MBRAC, 2024*d*).

O museu conta com quatro galerias, no prédio sede da Colônia e no Polo Experimental, que é um espaço dedicado às atividades educacionais. Além disso, o mBRAC realiza mostras e exposições, e oferece gratuitamente, uma série de programas educativos voltados à comunidade. A programação do museu tem como eixo fundamental, a oferta de exposições de arte contemporânea, tendo como referência, a obra de Arthur Bispo do Rosário (MBRAC, 2024*d*).

No itinerário de visitas ao museu, pode-se realizar um passeio pelo Circuito Cultural Colônia, onde se pode conhecer o Centro Histórico Rodrigues Caldas, remanescente das terras dos antigos engenhos datados do século XVII, o Polo Experimental de Convivência Educação e Cultura, além das dependências do Pavilhão 10 do Núcleo Ulisses Vianna, local em que Bispo do Rosário viveu, ocupando um conjunto de celas que serviria como seu ateliê.

O mBRAC conta ainda com um importante acervo documental, disponível para o acesso de pesquisadores e historiadores. No ano de 1952 tem-se o primeiro registro de uma organização de cunho museal na Colônia, quando foi criado um departamento para armazenar a produção artística dos ateliês de arteterapia então existentes. Este setor recebeu à época o nome de Egaz Muniz, em homenagem ao médico português criador da lobotomia (cirurgia irreversível no cérebro para seccionar as vias que ligam os lobos frontais ao tálamo), que era utilizada para “acalmar” pacientes considerados agressivos, deixando-os em um estado semivegetativo (MBRAC, 2024*d*).

Com os avanços da reforma psiquiátrica na década de 1980, o museu passa a se chamar Nise da Silveira, um tributo à psiquiatra que introduziu um olhar humanizado aos internos, reformulando o modo de se compreender a loucura, através de uma terapêutica que acolhia o universo interior dos pacientes.

Após a morte de Arthur Bispo do Rosário, em 1989, a Colônia Juliano Moreira se depara com o desafio de decidir o que fazer com as suas obras, produzidas ao longo dos quase 50 anos em que este esteve internado. Em um primeiro momento, o conjunto de sua criação foi abrigado no Museu Nise da Silveira. Somente onze anos após o falecimento de Arthur Bispo do Rosário, em 2000, é que a instituição modifica o seu nome para Museu Bispo do Rosário, honrando o principal artista de seu acervo.

Dois anos após, com a reforma psiquiátrica já consolidada no país, o então Museu Bispo do Rosário incorpora a sua nomenclatura “Arte Contemporânea”, dando visibilidade não apenas à criação de Bispo, como à, de diversos outros artistas que, após o fechamento das instituições manicomiais, se utilizam da arte como forma de expressão.

É importante ressaltar que as alterações no nome da instituição acompanham as respectivas mudanças no cenário da interpretação da saúde mental brasileira. Se, em sua origem, havia a intenção de homenagear o médico que silenciava os pacientes por meio da lobotomia; em um segundo momento, tem-se na doutora Nise da Silveira, uma importante referência, visto sua importância no reconhecimento de que por trás do adoecimento mental atua um conteúdo a ser revelado; para, finalmente, dar voz ao paciente louco, que em seu ato criativo, recria o próprio mundo (MBRAC, 2024*d*).

Araújo (2016) menciona que o setor de arteterapia da Colônia Juliano Moreira foi criado em meados dos anos de 1950, e muito embora não houvesse a adesão de um número considerável de pacientes, possuía uma grande visibilidade, por apresentar a riqueza das obras de arte desenvolvidas, mascarando a realidade, à qual os internos eram submetidos. Ao contrário dos ateliês existentes no manicômio do Engenho de Dentro, que funcionavam sob a orientação da Dra. Nise da Silveira e estimulavam a livre criação, as atividades criativas desenvolvidas na Colônia tinham um incentivo à reprodução, à cópia e à produção plástica de cunho figurativo, em ações dirigidas, que visavam o cumprimento de um papel normativo. Arthur Bispo do Rosário, por sua vez, não frequentava os ateliês de arteterapia, produzindo suas obras à parte.

Atualmente, o Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea contempla um acervo de mais de 1500 objetos, com características e natureza diversas. É composto por obras de

arte que foram produzidas por pacientes nos ateliês de arteterapia da Colônia Juliano Moreira, no período entre 1950 e 1980, e a partir de 1990, pelos artistas vinculados ao Ateliê Gaia. Além destes, as obras de Bispo do Rosário são, sem dúvida nenhuma, a parte mais relevante de sua coleção (MBRAC, 2024a)

O inventário foi tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC), na década de 1990. O INEPAC é uma instituição que se dedica à preservação do patrimônio cultural do Estado do Rio de Janeiro. Em 2018, a coleção de Arthur Bispo do Rosário também foi tombada pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), uma autarquia federal que tem como responsabilidade a preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro.

A continuidade dos trabalhos criativos desenvolvidos dentro do Ateliê Gaia possibilita uma investigação de caminhos possíveis na área da saúde mental, considerando as complexidades de se exercer um trabalho como este, desfazendo uma série de estigmas atribuídos aos usuários da rede de saúde mental. Atualmente integram o Ateliê Gaia artistas como Arlindo Oliveira, Patrícia Ruth e Rogéria Barbosa – profissionais que foram mencionados pelos participantes ao longo deste trabalho, dentre outros (MBRAC, 2024b).

### 3.2 VISITA AO MUSEU BISPO DO ROSÁRIO ARTE CONTEMPORÂNEA

No dia 12 de maio de 2023 foi realizada a visita técnica ao Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea. Na véspera da visita soubemos, pelo curador pedagógico do Museu, que haveria pouquíssimas obras do Bispo expostas. Isso porque boa parte do acervo se encontrasse em um museu fora do país, com destaque ao *Manto da Apresentação*, considerada a obra-prima do Bispo, que também não constasse da exposição. Segundo o curador, “o *Manto* precisava descansar”. Em face a esse comunicado, fora necessário reorganizar a programação.

Assim, o grupo, com aproximadamente 40 pessoas, saiu de Viçosa por volta da meia-noite, e chegou ao Rio de Janeiro em torno de 9 horas da manhã. No novo roteiro estavam programadas duas atividades: um passeio pelo Circuito Histórico da Colônia, às 10 horas, visita que seria mediada pelo assistente da curadoria pedagógica, e visitas espontâneas às galerias de arte do Museu, no turno da tarde.

Neste novo percurso também houve mudanças, em decorrência das condições climáticas do dia. Choveu no início da manhã, e o roteiro pelo Circuito Histórico da Colônia envolvia caminhada, o que inviabilizou a execução desta etapa. Fora então sugerido, pelo assistente da

curadoria pedagógica, que o grupo se dirigisse a uma das galerias, com condições de comportar um número maior de pessoas, para que lá conhecessem a exposição em cartaz, ouvissem um depoimento sobre Saúde Mental, e realizassem uma atividade criativa conjunta. A exposição em cartaz tinha como título: “Stella do Patrocínio: me mostrar que eu não sou sozinha, que tem outras iguais, semelhantes a mim e diferentes”.

Stella do Patrocínio nasceu em 1941, no Rio de Janeiro. Assim como Arthur Bispo do Rosário, ela foi detida pela polícia enquanto caminhava por uma rua no bairro Botafogo, e internada compulsoriamente no Centro Psiquiátrico Pedro II (CPPII). Em 1966 foi transferida para a Colônia Juliano Moreira (CJM), local onde viveu até sua morte, aos 51 anos (MBRAC, 2024c).

Em 1986 houve um movimento de humanização das práticas nos contextos psiquiátricos. Como parte deste movimento foi realizado na Colônia Juliano Moreira, o projeto *Oficina de Livre Criação Artística*, cujo objetivo era o de promover oficinas de arte para as internas do extinto Núcleo Teixeira Brandão. O projeto foi desenvolvido em parceria com a Escola de Artes Visuais do Parque Lage, idealizado pelas psicólogas Denise Correa e Marlene Sá Freire, sob a orientação da artista Nelly Gutmacher, e colaboração de estudantes da Escola de Artes Visuais (MBRAC, 2024c).

Foi durante esse projeto que Stella do Patrocínio e a artista Carla Guagliardi realizaram algumas conversas que foram gravadas, à época, em fita cassete, sendo posteriormente regravadas e transcritas pela estagiária de psicologia Mônica Ribeiro. O *fatalório*, como Stella do Patrocínio assim cunhou, tornou-se publicamente conhecido, inspirando várias publicações, produções artísticas e pesquisas acadêmicas. Esses áudios, reproduzidos na íntegra na exposição, reproduzem a voz de Stella, através do gesto de fazer ecoar sua voz, diante de uma sociedade normatizadora, racista e patriarcal, que procurou silenciá-la se valendo do modelo médico dominante para excluir e calar as pessoas que de alguma forma não se encaixavam no modelo hegemônico vigente (MBRAC, 2024c).

Assim como Stella, outras vozes semelhantes e diferentes da dela foram confinadas, silenciadas e condenadas à invisibilidade. O mesmo caso se repete na narrativa ouvida pelos estudantes, de um ex-interno da Colônia Juliano Moreira, que compartilhou seu modo de vida, suas dores e afetos, no período em que esteve internado (MBRAC, 2024c).

Arlindo de Oliveira é um artista do Ateliê Gaia. Quando tinha 12 anos, sua mãe o deixou na colônia psiquiátrica, alegando que o jovem havia sofrido uma crise, e que ela própria não tinha condições de cuidar dele. Até hoje, ele tem pouco contato com a família – a mãe já é

falecida, não tem notícias de seu pai, enquanto os irmãos o visitam esporadicamente. (CIEDS, 2019).

Em suas criações – dedicadas às crianças – ocorre uma variedade de suportes e técnica mista, a partir de sucatas, objetos utilitários, madeira, luzes e brinquedos, que coleta no território onde vive e trabalha. Ele também realiza performances relacionadas ao seu período de internação no Pavilhão Ulysses Viana. Essas atividades não são implementadas somente para servir de mera expressão cultural, mas para atuarem como importantes recursos terapêuticos (CIEDS, 2019).

Em seu depoimento, Arlindo conta que conheceu Arthur Bispo do Rosário. Seu quarto era ao lado do, dele, no pavilhão 10. Em sua narrativa, diz que ambos foram tratados como loucos, mas que no fundo eram artistas. Uma frase muito difundida de Arlindo inclusive traz essa temática à tona. Ele afirma: “eu não sou louco. Minha loucura é ser artista”.

A mostra com o falatório de Stella do Patrocínio, assim como o depoimento compartilhado de Arlindo de Oliveira, coloca em foco a palavra. Neste ínterim, o convite foi para que o grupo da excursão, dividido em pequenos sub-grupos de 6 a 7 pessoas, pudesse também falar. Através de uma livre expressão, usando cartolinas e materiais secos (lápiz de cor, canetas hidrocores e giz de cera), os participantes puderam *dar voz* ao modo através do qual fizeram a recepção dos depoimentos. As imagens e descrições de cada grupo serão expostas a seguir<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> Se descrevemos este momento, antes de dar início às temáticas envolvidas na criação individual de cada participante, é por compreender que muito do que se passou nestas atividades em grupo foram posteriormente associadas aos relatos individuais dos participantes.

### 3.3 EXPRESSÃO EM GRUPO

Figura 1 – Ecos aliterados



Fonte: Fotografia realizada pela autora dos desenhos elaborados pelos participantes da pesquisa, 2023.<sup>13</sup>

O grupo 1 relatou a dificuldade que teve em fazer sua representação no cartaz, por considerar a vivência manicomial como muito pesada. Mencionou ainda, que para alguém que tenha vivenciado uma situação semelhante à, de *Arlindo*, “a dor é tão grande que “dói”. Nesse sentido, a arte ficou bem abstrata e evidenciou o ponto de vista de cada pessoa, considerando que cada um escuta uma história a partir de uma perspectiva diferente.

Em que medida a história de *Arlindo* afeta a lembrança de experiências vivenciadas pelos participantes de situações semelhantes a esta? Qual é o limite entre aquilo que é contado e o que evoca em cada um dos ouvintes? A resposta vem de forma visceral: “a dor é tão grande que dói”, quase como uma apropriação literal do sentimento vivido pelo outro naquele contexto.

Os integrantes escreveram vários sentimentos negativos, mas sentimentos positivos também, que surgem a partir de desejos, do que desejam essas pessoas nomeadas como “sobreviventes”. Escolheram a palavra central que é EXPRESSÃO, e a partir dela

<sup>13</sup> Imagem capturada pela autora em 12 de março de 2023, durante a visita ao Museu Bispo Do Rosário Arte Contemporânea, retratando o desenho produzido pelos participantes em cartolina durante a dinâmica de grupo. Todas as demais que seguem essa sessão são reproduzidas desta mesma forma.

acrescentaram várias outras palavras, frases, que refletiam o sentimento do grupo. Palavras como esquecer/lembrar; vazio/cheio; intenção/paradoxos aparecem de modo espontâneo dentro do que queriam representar.

Desse modo, por meio de uma tentativa de simbolização, as palavras surgem de modo ambivalente, paradoxal, representando a multiplicidade de sentidos que açambarcam. Conforme afirma Foucault, a loucura sempre foi vista como um desvio perigoso, “pois ela reina sobre tudo o que há de mau no homem. Mas não reina também indiretamente, sobre todo o bem que ele possa fazer?” (1972, p. 23). Assim, o grupo encontra na *expressão* das palavras, uma tentativa de compreender o paradoxo do sentido.

O mediador fez uma proposta ao grupo: que se pensasse nesse movimento o que representa ouvir a palavra, falar a palavra, inscrever a palavra no material plástico, colocá-la numa folha de papel, por meio de pintura e desenho, e apresentá-la ao final. Então a proposta seria a de que de um modo “bem bagunçado”, de forma bem orgânica mesmo, todos lessem em voz alta os termos que aquele grupo – o *grupo 1* – colocara em seu cartaz. Esse ato criaria, bem provavelmente, uma experiência polifônica. Todos leriam em voz alta simultaneamente e, de outro modo, provavelmente sem se escutar. E assim foi feito! Alguns leram uma só palavra; outros, várias; e a mistura de sons gerou uma espécie de zunido, que, ao fundo era incompreensível, mas, ainda assim, permitia distinguir apenas algumas poucas: “Louca, ninguém, sociedade...”.

Assim, essa proposta nos convida a olhar para a imagem da palavra enunciada, refletida no outro. Nesta perspectiva, os efeitos de sentido produzidos na leitura coletiva, dentro do que emerge no funcionamento polifônico da linguagem, provoca um enunciado que determina a voz como lugar de ressonância de outras vozes (Zonin, 2006).

Um importante exercício na terapêutica da esquizofrenia é o de se constituir uma singularidade, unicidade, no interior ao partilhado. A polifonia, tão presente nesta forma de adoecimento, indica uma consciência decomposta em várias vozes. O exercício proposto ao grupo instaura efeitos de sentidos que exprimem um dizer povoado da voz do outro, que ao representar uma dada realidade, é revestido de sutilezas e entonações daqueles que a reproduzem (Zonin, 2006).

Observa-se assim, o entrelaçamento de outras vozes, como uma manifestação artística que insiste em dizer que a palavra se manifesta sempre além do que é dito. Sua manifestação aparece tanto na oralidade discursiva quanto no sombreamento do que não é audível, se apresentando inclusive na leitura silenciosa de algumas pessoas. A palavra ressoa por meio de

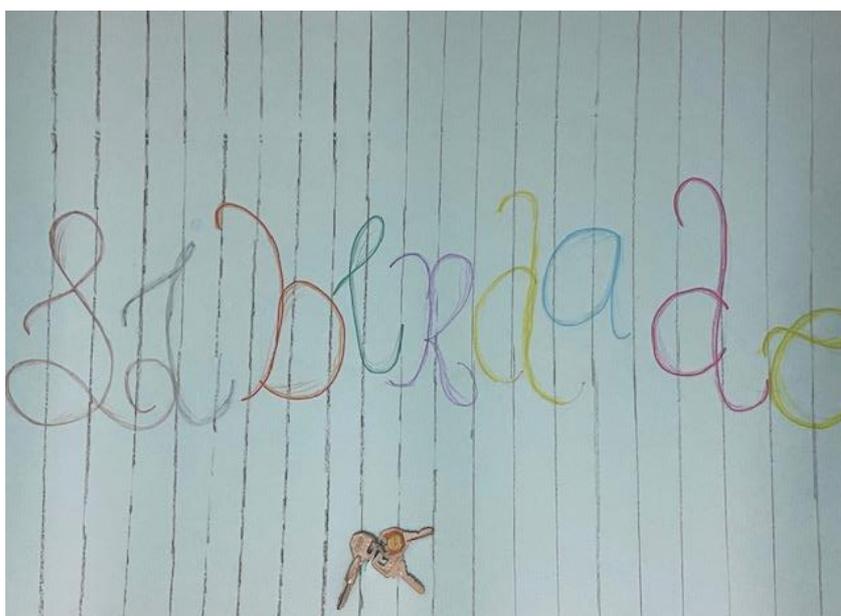
uma percepção que se forma através dos efeitos produzidos, e que mantém em segundo plano, na opacidade da linguagem, o que não pode ser escutado (Zonin, 2006).

Conforme explica o mediador, a proposta se dá numa tentativa de se pensar o *movimento* das palavras, onde tudo se dá de forma cadenciada e nada está acabado. Não há uma tentativa discursiva de se colocar um ponto final sobre os dizeres proferidos. Neste exercício polifônico, a última palavra ainda não foi dita. (Zonin, 2006).

Potencializa também, a narrativa daquele grupo, por meio de sujeitos que participam da linguagem, enquanto indivíduos socialmente construídos. Neste ínterim, a escolha da palavra verbalizada por cada um não é feita de forma aleatória, mas determinada por uma série de conjunturas coletivas, culturais, sociais, nas quais todos estamos inseridos. Segundo Zonin (2006), o falante nunca acha a palavra despovoada de outras vozes, pois jamais a encontraremos de forma pura.

Na polifonia, essa palavra é usada justamente para caracterizar um tipo de discurso em que se permita entreouvir muitas vozes. Os discursos se estabelecem revestidos de efeitos, que constituem “uma imagem viva de uma outra linguagem” (Bakhtin, 1990, p. 159), uma imagem que, refletida naquele contexto específico, constitui-se num modo único de representação, e que recupera a intensidade daquilo que é dito.

Figura 2 – A chave da liberdade



Fonte: Fotografia realizada pela autora dos desenhos elaborados pelos participantes da pesquisa, 2023.

Em meio ao gesto polifônico deu-se lugar ao segundo grupo, que teve como pensamento central a LIBERDADE. Foram ressaltados dois aspectos: no primeiro, os internos da Colônia Juliano Moreira, estando dentro de uma situação de prisão, experimentavam em si mesmo a liberdade de serem quem eram, de se manifestarem e se expressarem de alguma forma; mas o grupo também destacou uma *chave* que possibilitou uma reflexão sobre as pessoas que a utilizavam para sair da prisão, e outras, que optaram em não a usar para abrir um cadafalso.

Houve entre os membros do grupo, uma professora do Ensino Médio, que afirmou que a chave era simbólica e que se deveria buscar o seu significado. Como professora, por meio dos seus ensinamentos, poderia aprisionar ou libertar os alunos. A chave trazida como um instrumento de possibilidades foi o tema de discussão, nesse tocante.

O mediador trouxe uma indagação sobre quem tem a chave em um manicômio, respondida prontamente pelo *grupo 2*, que afirmou que estava nas mãos dos profissionais da saúde. Assim, dá-se início a uma breve explanação sobre a história dos manicômios, um sistema público de saúde que deveria ser igualitário, ou seja, deveria garantir a isonomia de todas as pessoas inseridas em seu meio. Uma isonomia que, conforme vimos, não existia. O que se percebia, eram situações muito delicadas de violência, praticadas por pessoas que detinham o poder de uma d'outra maneira.

Embora o *grupo 2* enfatizasse a chave como metáfora, é importante ressaltar que ela também é real. Arthur Bispo do Rosário tinha a chave. Durante o processo de reforma psiquiátrica foram construídas 10 celas no Núcleo Ulisses Vianna, e Bispo morava em uma delas. As celas eram pequenas e bem complexas, do ponto de vista do mínimo necessário à vida.

Segundo o curador pedagógico do Museu, com a reforma psiquiátrica entendeu-se que a internação compulsória não seria mais o lugar correto para acondicionar uma pessoa em sofrimento psíquico, sem ter para onde leva-las, as pessoas iam morrendo. O manicômio é um lugar necropolítico: a todo momento se sabe que a pessoa vai morrer, embora não se saiba quando, porque os hospícios eram utilizados como um lugar de biopoder<sup>14</sup>, não de estímulo à vida, e sim de sucateamento, de vilipêndio à vida daquelas pessoas.

Bispo do Rosário começa a entrar nas outras celas. Tem-se um pátio interno com uma porta, que inclusive se encontra no Museu até os dias atuais, e que é cerrada por um cadeado.

---

<sup>14</sup> Biopoder é um conceito elaborado pelo filósofo e historiador francês Michel Foucault (2012), que o definiu como uma forma de governar a vida. Este conceito refere-se a uma técnica de poder, com o objetivo de criar um estado de vida em determinada população para produzir corpos economicamente ativos e politicamente dóceis. Em síntese, o biopoder se baseia na ideia de que a morte de uns assegura a existência de todos, o que explica o descaso com que eram tratados os pacientes nas instituições asilares.

O Bispo tem a chave do cadeado. Ele transforma 10 celas e um pátio interno fechado como se fosse uma laje em sua casa, seu lar. E a partir desse cadeado, ele permitia a entrada ou não de algumas pessoas, desde que respondessem a uma senha: “Qual é a cor da minha aura?”, cuja resposta certa fosse “azul”.

Então, pode-se pensar que Arthur Bispo do Rosário assume para si o poder dos outros, transformando-o no poder de São Pedro: ele tem a chave dos céus, no qual só entram os eleitos. Portanto, está imbricada a ideia de Juízo Final. Em contrapartida, com esse instrumento de liberdade nas mãos, Bispo pode usá-lo para muitas coisas, inclusive para fugir.

Apesar de suas idas e vindas ao manicômio, em um determinado momento, Bispo escolhe ficar e, de dentro do hospício, apresenta sua obra à humanidade. Como já mencionado anteriormente, depois que sete anjos descem do céu e informam que ele é o responsável por apresentar o mundo a Deus, ele faz um inventário de peças, que não são obras de arte (embora tenham potencial artístico), mas que assumem um caráter sacrossanto. Bispo do Rosário faz um inventário com aproximadamente 1.500 peças, cujo objetivo é contar a história do mundo para Deus, quando chegasse o momento de sua apresentação.

Após esse dia, as pessoas iriam reconhecê-lo como Jesus Cristo, o Salvator Mundi, que é o enviado de Deus; e depois disso não existiria mais doença, não existiria mais fome, miséria, pobreza, as pessoas seriam felizes.<sup>15</sup> Se não vai existir mais doença, não vai mais existir manicômio, não vai mais existir médico, não vão existir mais psiquiatras. E qual o lugar onde ele vai se apresentar a Deus? Ele vai se apresentar de dentro da Colônia, assim como a Nova Jerusalém do Apocalipse se instala na Terra, no Juízo Final. Depois disso vai existir a vida, a vida para todos os tempos e na glória – nas palavras do próprio Bispo (Hugo Denizart: O Prisioneiro da Passagem, 2012).

Então nem sempre as pessoas têm a chave, mas quando a tem, pode-se decidir o que abrir e o que fechar também!

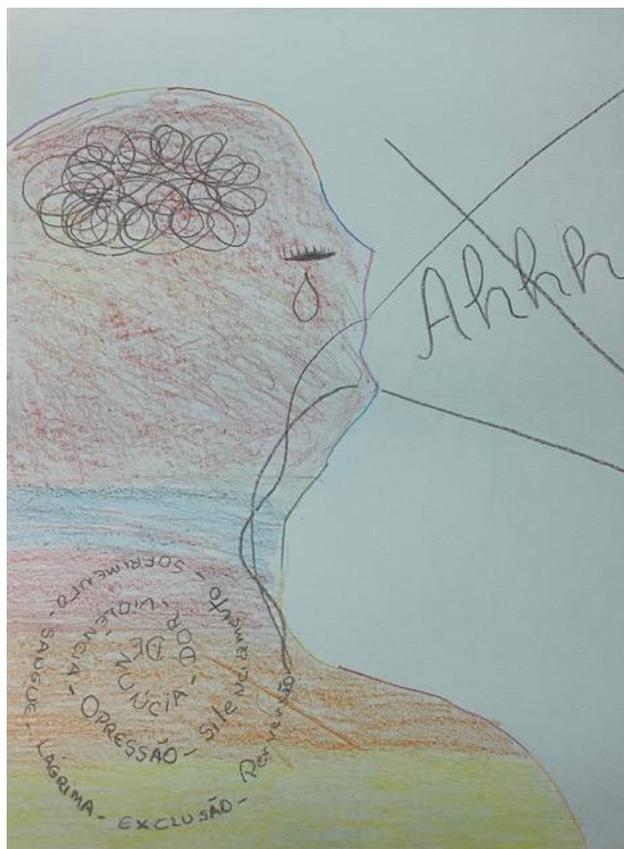
O *grupo 2* conclui sua apresentação dizendo que é por isso que *liberdade* está escrita meio desconstruída, porque a liberdade é subjetiva. Destacaram que às vezes o que é liberdade para um pode não ser para o outro. Contudo, essa fala não foi totalmente aceita pelo mediador, que ressaltou que a liberdade também é coletiva. Lembrou a experiência das mulheres históricas, que apresentavam um desejo muito forte de liberdade, e terminou sua fala

---

<sup>15</sup> Tem-se aqui uma referência direta ao Apocalipse, 7-16:17: “Nunca mais terão fome, nunca mais terão sede; nem sol nem calor algum cairá sobre eles. Porque o Cordeiro que está no meio do trono os apascentará e lhes servirá de guia para as fontes das águas da vida; e Deus limpará de seus olhos toda a lágrima”.

ênfatizando o quanto que nós, como um grupo social, poderíamos fazer para modificar a realidade (e aquilo que escapa da nossa alçada).

Figura 3 – O grito



Fonte: Fotografia realizada pela autora dos desenhos elaborados pelos participantes da pesquisa, 2023.

O terceiro grupo desenhou uma pessoa de perfil, buscando representar em sua expressão tanto um grito quanto um silenciamento. Segundo eles, ao mesmo tempo em que antes as pessoas eram silenciadas, em seguida, elas são levadas a gritar demais, a falar efusivamente sobre isso. O que impactou o grupo foi o falatório de Stella do Patrocínio. Destacaram uma frase que, segundo a interpretação do grupo, dizia: “Você está me comendo tanto com o olho, que eu já não tenho mais alimento... que eu não tenho mais força para te alimentar”. Essa frase estava presente na exposição em cartaz.

Assim como antes predominasse o silenciamento, onde não se podia ter voz, a opressão reinasse, após se colocaria esse sujeito na posição de falar mais sobre sua experiência. E quando se fala mais, o indivíduo retorna muito à experiência vivida, revivendo com intensidade, suas dores.

O desenho foi feito a partir de uma sombra, a sombra de uma pessoa sob a luz projetada. Do lado interno do desenho escreveram algumas palavras, que iniciam com uma denúncia, e seguem até desembocar nesse grito. Uma espiral que surge através do movimento interior, e que se externa sob o formato de um grito: “Ahhh!”. Só que, ao mesmo tempo em que esse grito é externalizado, ele também é silenciado. Na parte superior da cabeça, a imagem reproduz a confusão mental, que ela pode implicar.

O grupo destacou ainda, as cores presentes na imagem. Embora haja sentimentos como opressão, dor, traumas, confusão mental, por detrás há uma pessoa que as experiencia. As cores representam essa singularidade do indivíduo. Segundo a concepção daqueles participantes, é esse o lugar que o artista acessa, quando ela se manifesta: um lugar que pode ser tanto a dor quanto um espaço criativo. O de transformar a privação da liberdade, por estar num manicômio, sob manifestação dessa angústia através de sua obra.

Outro aspecto interessante, ressaltado nesta atividade, é a discussão sobre o belo e o feio na arte. O *grupo 3* não gostou do seu desenho, considerando-o feio. Segundo eles, o sofrimento vivido pelas pessoas naquele ambiente poderia ter proporcionado a ausência de beleza física, de autocuidado; a mesma feiura foi expressa ali, através deste desenho.

Sem querer prolongar esta discussão, que excede o escopo deste estudo, ressalta-se que a explanação foi realizada no sentido de desconstruir este pensamento. Uma desconstrução que se dá tanto em relação à questão estética na Arte quanto em relação à fala e ao silenciamento, que é uma situação bastante complexa – até mesmo, porque nem sempre falar significa ter saúde mental! E essa complexidade se estabelece tanto no manicômio quanto na sociedade em si.

Em relação à reintegração psicossocial, há uma gama de profissionais que trabalham diretamente com saúde mental, que entende que não caiba mais ao indivíduo neurótico, ou seja, aquela pessoa que não é acometida por uma demanda psiquiátrica, ser a reguladora da fala, ou não, sobre a saúde mental das pessoas psicóticas: ou seja, pessoas que apresentam suas demandas individuais no contexto da saúde mental. O lugar de protagonismo é delas; elas é que precisam decidir se querem falar, ou não.

Esse lugar de fala pode ou não perpassar os trabalhos desenvolvidos nos museus, especialmente aqueles que contemplam a interface com a saúde mental, como ocorre no Brasil, através do Museu da Loucura, Museu do Inconsciente e o próprio Museu Arthur Bispo do Rosário Arte Contemporânea. O museu, de modo algum, é equipamento de promoção, mas de criação, ou ao menos de oferta de meios para que o diálogo aconteça. Essa ponte de acesso é

importante, porque estamos pensando em pessoas que historicamente ficaram à margem de uma série de questões sociais.

O indivíduo *louco*, esse sujeito estigmatizado com a chaga da loucura, será que essa pessoa consegue ter a mesma inserção no sistema educacional regular? Será que essa pessoa consegue ter emprego? Será que esse indivíduo consegue afeto? Quantos de nós aceitaríamos, de imediato, ter uma relação afetiva com uma pessoa que se apresenta: ‘Eu sou um esquizofrênico!’; ‘Eu tenho transtorno bipolar!’; ‘Tenho um autismo moderado!’ ou qualquer outro tipo de classificação psiquiátrica. Os manicômios institucionais já foram ‘quebrados’, mas faz-se necessário indagar se os manicômios internalizados em cada indivíduo, que também estão regulando as nossas liberdades, continuam operantes?

É necessário e urgente desconstruir os aspectos estigmatizantes da saúde mental, a partir de cada um, no sentido de refletir sobre sua própria condição, para além dos profissionais de saúde ou dos centros de formação. É essa condição que promoverá uma aproximação entre a temática deste trabalho e as imagens suscitadas na criação individual de cada sujeito. Temáticas coletivas, como a ideia de clausura, silenciamento, fala, condenação, juízo final, Bispo, e também, beleza.

A beleza é, igualmente, uma abordagem bem complexa. Quantas histórias de pessoas lindas, que foram colocadas num manicômio, que se tornaram vítimas justamente por causa de sua beleza. Situações de violência e estupro também perpassam as histórias dos hospitais psiquiátricos. Os internos na Colônia Juliano Moreira eram divididos por gênero: masculino, feminino e haviam também os cômodos infantis. Os profissionais de saúde eram geralmente distribuídos entre médicos e enfermeiras.

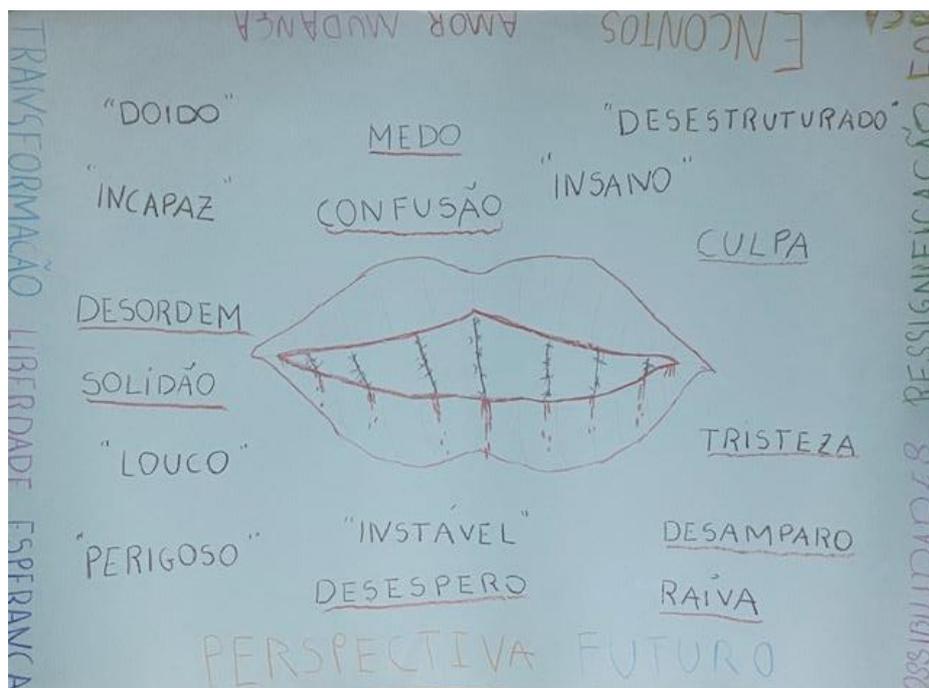
Os profissionais mais antigos das instituições manicomiais comentam como era a logística do funcionamento do manicômio quando recebiam uma moça muito bonita, e sabiam que essa moça teria um grande problema com os próprios profissionais de saúde, com a equipe de segurança, e com os outros internos. Para conter as situações de violência sexual criava-se uma rede de apoio feminina, com outras mulheres usuárias, internas, ou profissionais, formando uma espécie de barreira ou escudo para que esse indivíduo “bem apessoado” fosse preservado inviolado.

Também se poderia evidenciar a problemática das pessoas transgênero. Se o banho é coletivo, como acondicionar esse indivíduo durante o banho? O mediador da curadoria pedagógica mencionou uma história, contada para ele por uma artista do Ateliê Gaia. A artista comenta que ela ficou muito tempo num pavilhão feminino. O banho era coletivo, então todas

as moças iam juntas para o banheiro, se despiam e se banhavam. Mas tinha uma moça que sempre ficava para trás e ela tomava banho separado. A artista em questão não compreendia o porquê dessa moça ser excluída. Então houve um momento em que teve uma mudança na equipe médica, na equipe profissional, e essas novas enfermeiras não se importavam mais com esse fato. As profissionais determinaram que essa moça deveria tomar banho junto com as outras. Foi então que as outras mulheres perceberam que essa moça tinha um pênis, acarretando uma situação de pânico entre elas. E essa mulher com pênis foi realocada, sumiu e nunca mais foi vista.

Mais do que uma discussão sobre a orientação sexual, essa discussão evidencia o quanto a questão da beleza e da criatividade em relação aos corpos também faz parte do sistema de saúde. E poder refletir sobre como organizar pessoas tão distintas num ambiente que funciona para a padronização.

Figura 4 – Boca costurada



Fonte: Fotografia realizada pela autora dos desenhos elaborados pelos participantes da pesquisa, 2023.

O grupo 4 apresentou ideias muito parecidas às, do grupo anterior. Eles representaram uma boca, mas não uma boca fechada e sim semiaberta, porque tem um sujeito que quer falar, mas não consegue. Falaram sobre julgamentos, estereótipos e buscaram sublinhar, na borda

externa, os sentimentos que foram reprimidos, que são o medo, a culpa, o desamparo, a raiva, e assim por diante.

As palavras ganharam uma tonalidade especial nas explicações desenvolvidas até aqui. A palavra que se apresenta num lugar mais eclético, retórico, como nesta imagem, mas também se destacara nos grupos anteriormente vistos, que estes as situassem dentro e fora; ou ainda, a corporificassem, por pensar o corpo como um instrumento do discurso. Mas qual parte do corpo? Essencialmente a oralidade.

Assim, todo o diálogo se estabeleceu dentro deste contexto: sobre pessoas que são mudas e não conseguem verbalizar; sobre como se expressar de outras formas; e sobre como os corpos estão condicionados pelos aspectos culturais, que em contato com outras pessoas, de outros lugares, expressarão *coisas* muito distintas.

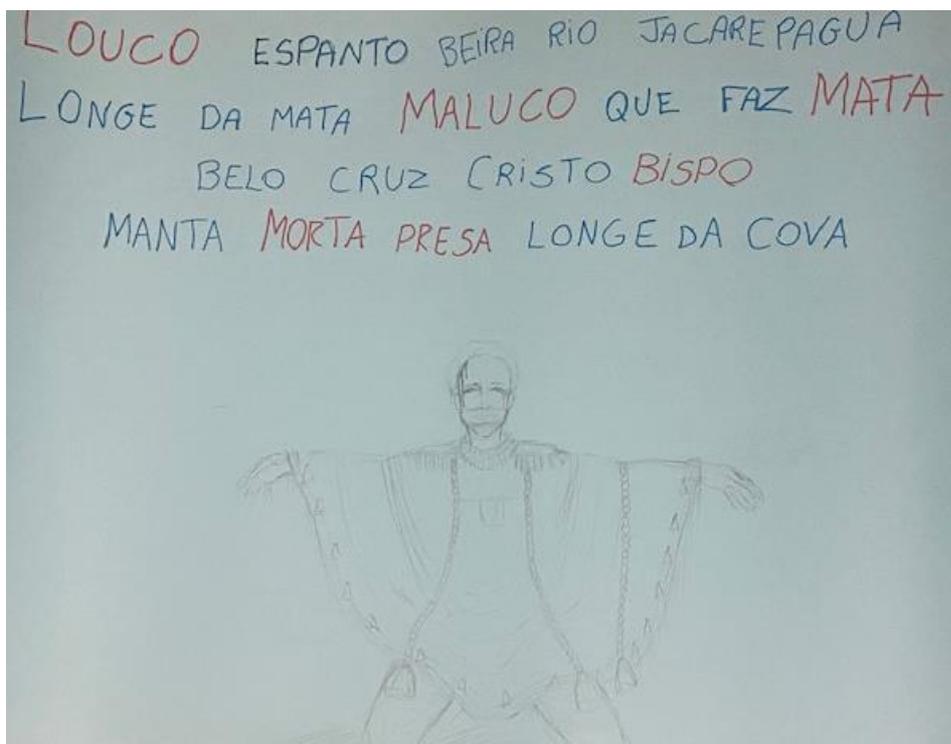
O modelo de manicômio da Colônia Juliano Moreira é importado da Itália, num ambiente que não é italiano, num clima que não é italiano. Então, como haverá de se pensar, por exemplo, uma Colônia de *Práxis Terápica*, que tem o trabalho agrícola como um norte terapêutico, num lugar onde as sementes que brotam aqui não sejam as mesmas que brotam acolá. Muito embora haja uma tentativa de adequação desse modelo, esses corpos precisam lidar com esses aspectos.

Pode-se pensar ainda em pessoas que utilizaram outros mecanismos discursivos além da boca, e essas pessoas também se encontravam ali naquele espaço, como por exemplo, os artistas que produzem suas obras.

Arthur Bispo do Rosário, inclusive, usava a palavra escrita bordada nas suas produções. Quando entramos em contato com seus bordados, e lemos essas mensagens, desenvolvemos uma relação com a palavra que não é oralizada, mas entretecida, incrustada, materializada, que também tem uma relação com a comunicação. Pode-se pensar que o próprio Bispo do Rosário escreveu sua biografia em suas obras, assim como Stella do Patrocínio o faz, através da palavra verbalizada.

Quando o *grupo 4* desenha essa boca que quer se expressar, mas que de certa forma está costurada, dando a entender que o que não é falado através da boca, encontra outros meios para ser comunicado. Nesse ínterim ascende à arte, o corpo assume forma de expressão, além de inúmeras outras manifestações para além da comunicação verbal.

Figura 5 – Ícaro



Fonte: Fotografia realizada pela autora dos desenhos elaborados pelos participantes da pesquisa, 2023.

O grupo 5 reproduziu a imagem do Bispo a partir de uma famosa foto dele, com os braços abertos. Para os seus integrantes, essa imagem remete ao Cristo Redentor, na cidade do Rio de Janeiro. Ressaltaram a boca tapada, pelos mesmos motivos que os outros grupos trouxeram, e acrescentaram um elemento a mais, a cabeça está sangrando. O desenho do manto lembra, todavia também, que está batendo as asas, tal qual Ícaro, que ao voar muito alto rumo ao Sol, tem suas asas derretidas, despencando num oceano profundo.

No cartaz estão os quatro primeiros versos de um poema, escrito por um dos participantes durante a atividade, que assina o poema com o pseudônimo “O homem livre”. O poema inteiro consta descrito a seguir:

Louco espanto beira rio Jacarepaguá  
Longe da mata maluco que faz mata  
Belo cruz Cristo bispo  
Manta morta presa longe da cova  
Calçadão Itapuã padre de Ipanema  
Bahia fria seca longe do sacerdote

Longe do rei da tvula  
Morto longe de sua terra  
Morto longe de sua arte  
Arte? Arte para mim pago  
Não a ele santo Cristo são.

O poema associa o Bispo ao sacerdócio,  figura religiosa. O curador pedagógico afirmou que muitas pessoas que visitam o museu acreditam que se trata de um museu de arte sacra, por esta mesma razão. Arthur Bispo do Rosário não era bispo da Igreja Católica, apesar da visão dele ser de cunho profético. Esse  o seu nome de batismo.  interessante, contudo, mencionar essa relao do nome com a religião, porque além de ter o nome do Bispo, ele também se comporta como tal.

Existe um ramo da esquizofrenia denominado de *delírio místico*, tema que foi bastante explorado em nosso primeiro capítulo. A produo do Bispo do Rosário está muito vinculada a um quadro de referência de orientao cristã. Nesse sentido, não são sete Orixás que descem do céu, nem tampouco sete Budas, mas sete anjos. As mulheres, em sua acepo, são colocadas no lugar das virgens. Esse aspecto  tão importante que houve no museu, uma exposio denominada “Das virgens em cardume”. Então, essa relao metafísica, cultural, religiosa, profética, sacerdotal,  intrínseca ao Bispo também, sob certo grau. (Labra, 2017).

Outra discussão que se impõe diz respeito  relao com a loucura. O curador pedagógico contou que muitas pessoas que visitam o Museu questionam: “Mas será que ele era mesmo louco? Será que não se tratava de um médium muito sensível, um profeta?” Em sua biografia (Hidalgo, 2012), vê-se que ele residiu durante algum tempo com a família Leoni, cujos membros se declaravam Espíritas. De todo modo, importa dizer que sendo profeta ou tendo alguma vocao espiritual, ele foi uma pessoa que foi submetida, em decorrência da sua percepo de mundo, a um sistema manicomial. No dia 22 de dezembro Bispo perambula pelas ruas do Rio de Janeiro e vai se apresentando como Jesus Cristo, o enviado de Deus, às igrejas cariocas. E ninguém entendeu! Ninguém acreditou que esse homem poderia ser Jesus Cristo.

O poema traz ainda, uma referência ao Bispo como padre de Ipanema, embora ele tenha nascido em Japaratuba (SE). Mas de fato ele perambula por alguns bairros cariocas durante seu delírio místico. A história dele  marcada pela família Leoni, de Botafogo (RJ),  qual Bispo serve como uma espécie de servente, o tpico “faz-tudo”. Nesta relao não há remunerao, o afeto  moeda de troca.

Outra associação à qual o poema alude, é a relação com o rei Arthur. No ano de 2018, uma escola de samba do Rio de Janeiro fez um enredo sobre o Bispo do Rosário, cujo título é “O rei que bordou o mundo”<sup>16</sup>. A escola de samba também faz um exercício mental, um jogo semântico com essa figura do rei, porque Bispo também se apresenta no discurso sob essa persona salvadora, Jesus Cristo, Rei dos Judeus. É desse modo que, através da sua anunciação, de sua manifestação, o mundo perceberá que ele é um líder. A partir desse momento, não vai ter mais presidente, não vai ter mais país. (Hugo Denizart: o prisioneiro da passagem, 2012). Ele será o *rex mundi*.

Segundo Jung (2011e), o si-mesmo como arquétipo pode se expressar somente através de símbolos, visto representar uma totalidade numinosa. Como imagem coletiva, vai muito além da capacidade de expressão do indivíduo no espaço e no tempo; por isso, não está sujeito à evanescência de um corpo: a compreensão do si-mesmo está frequentemente ligada ao sentimento de “eternidade”, intemporalidade ou imortalidade. Não se sabe do quê consiste um arquétipo, visto que a natureza da psique nos seja inacessível; mas sabemos que os arquétipos atuam em nossa existência e se impõem, de uma ou de outra maneira.

Sob este aspecto, não é difícil reconhecer até que ponto a ressurreição espelha a projeção de um reconhecimento indireto do si-mesmo na figura de um certo homem, Jesus de Nazaré. Segundo Jung (2011e), naquela época os antigos deuses haviam perdido seu efeito. Seu poder havia cedido lugar a César, materializando-o através do deus visível – os sacrifícios obrigatórios eram devidos somente a ele. Porém, esta substituição não fora satisfatória, assim como ocorreu em outros tempos da história (por exemplo, os deuses dos estados comunistas). Foi, de outro modo, uma tentativa desesperada para criar um monarca espiritual, um *pantokrator*, em oposição à divindade imposta por Roma.

Assim também ocorreu com o Bispo, ao buscar substituir aquele que governa na terra (o presidente) pela figura de si mesmo como salvador. A necessidade de uma autoridade espiritual agiganta-se quando os líderes terrenos fracassam. A ausência de um governante interior também é prejudicial, quando não se tem a quem recorrer através dos pedidos de súplicas e orações. Daí a solução: tornar-se o próprio Cristo.

Jung menciona que os redatores dos Evangelhos estavam tão interessados quanto Paulo em acumular tributos sublimes e significados espirituais ao jovem Rabi, e acrescenta:

---

<sup>16</sup> O samba-enredo “O rei que bordou o mundo” foi composto por Gabriel Martins, Junior Fionda, Márcio André Filho e William Rodrigues; e interpretado pela G.R.E.S. Acadêmicos do Cubango, RJ. Fonte:

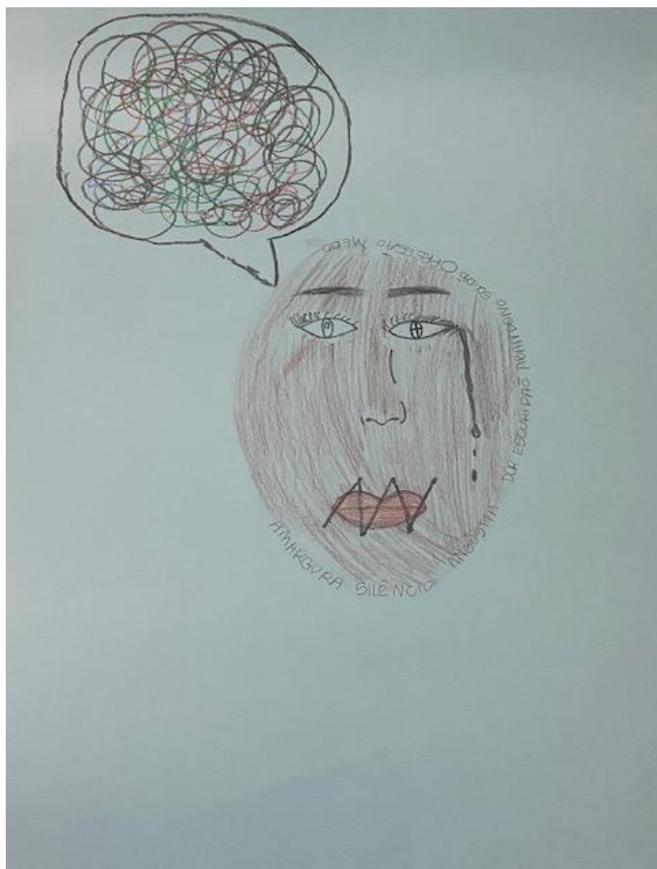
[...] não sabemos até que ponto esta imagem tem algo a ver com o homem realmente histórico, sufocado sob uma avalanche de projeções. Não sabemos se ele foi o Cristo e o Logos eternamente vivo. Isto também pouco importa, uma vez que a imagem do homem-Deus vive em cada um e foi encarnada (isto é, projetada) no homem Jesus para torna-se visível, de modo que as pessoas pudessem reconhecê-lo como seu próprio *homo interior*, o seu si-mesmo. (Jung, 2011e, p. 292).

Assim os homens recobram sua dignidade humana, ao reconhecerem em si mesmos, sua natureza divina. “Cristo lhes dissera: *Dii estis*: ‘Vós sois deuses’; e assim as pessoas eram seus irmãos, segundo sua natureza, e venceram a aniquilação, que vinha do poder de César ou da morte física. Eles haviam ‘ressuscitado com Cristo’” (Jung, 2011e, p. 293). O poder de César, que se transforma no, do presidente, em Arthur Bispo do Rosário, por um processo de identificação, transubstancia-o no de Cristo.

Outro assunto bastante polêmico que envolveu esse momento da atividade dizia respeito à discussão sobre o dado de que Bispo do Rosário queria ser enterrado com o manto. Durante o debate foi exposto que Bispo nunca dissera que ele iria morrer, mas sim, que ia se apresentar a Deus, e que neste dia estaria com o seu *Manto*; logo, com todos aqueles que ele salvara (os, à sua direita). O mediador do grupo, contudo, ressalta outro ponto de vista: “O Arthur Bispo do Rosário morreu, para nós ele morreu. Mas será que se apresentou a Deus? Porque depois de sua morte muita coisa mudou mesmo”. (Curador Pedagógico, 2023).

A apresentação do *grupo 5* encerra personificando a palavra na figura do Bispo do Rosário. Alinharam palavra, discurso, história, com quem ele foi e, a partir disso, como ele é, em função de sua morte. Em 1989 morre Arthur Bispo do Rosário, e em 2023 um grupo revive sua arte mediante o diálogo. Algo foi deixado, algum rastro dele, que permanece em nós, e dessarte se torna eterno.

Figura 6 – Dupla face



Fonte: Fotografia realizada pela autora dos desenhos elaborados pelos participantes da pesquisa, 2023.

A construção do *Grupo 6* exprime a formação de uma face, pensada coletivamente, desde os lábios, o olhar, a boca que quer falar e foi repreendida, a lágrima caída, e suas demais características. A face foi dividida em duas partes; no sentido oposto, está limpa, pois ainda há sanidade. O balão alusivo à confusão mental também está presente. Ressaltaram o ambiente adoecedor e a ausência de liberdade.

Figura 7 – A loucura como ato sacrificial



Fonte: Fotografia realizada pela autora dos desenhos elaborados pelos participantes da pesquisa, 2023.

A mesma ausência demarcada no cartaz acima, a partir de uma liberdade que se espera que aconteça, mas que não consegue se realizar, torna-se inalcançável. E nesse sentido é inatingível, a sanidade se perde, e o que fica, é a loucura.

Há uma alusão ao encarceramento, tanto numa comparação com os presidiários que, ao saírem da prisão para ir a lugar nenhum, deveriam permanecer de cabeça baixa, sem olhar à frente, até aos lugares ocupados dentro do próprio cárcere, nos quais o sujeito desfruta de uma pequena liberdade atrás das grades, mas extremamente limitada.

A lágrima de sangue também foi um destaque na constelação deste grupo. É uma lágrima que vai enchendo os olhos e se derrama de uma só vez, como algo denso que externaliza aquilo que, fora desse aprisionamento, seria incontrollável.

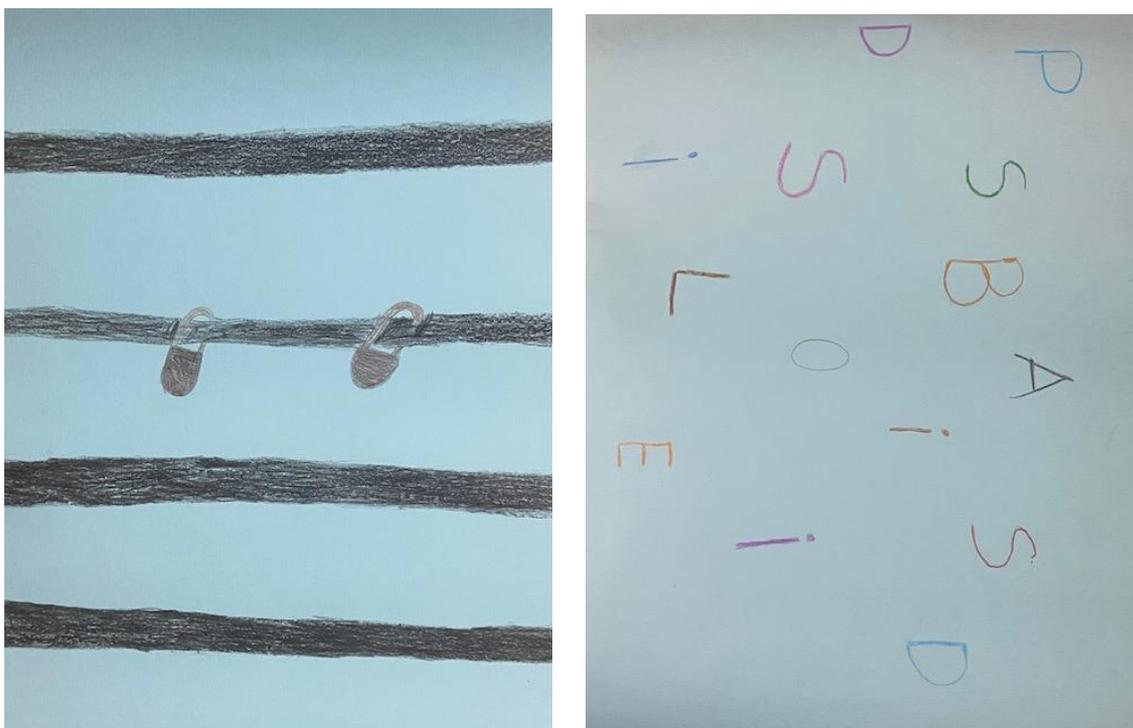
É bastante interessante, a relação que se pode fazer entre as lágrimas de sangue, o martírio, o ato sacrificial, e o contexto em que as lágrimas de sangue comumente se apresentam às imagens de santos. A dor, o asilamento, a loucura, ganham um caráter sagrado, divino, celestial. Chorar sangue é extremamente simbólico, visto que na Santa Missa, o sangue é o próprio corpo de Cristo. Nesse sentido, o sangue está vinculado a algo bastante profundo.

Trata-se da loucura como ato sacrificial, o louco como mártir, por tantos vilipêndios sofridos. É importante também enfatizar que, embora o grupo ressalte o encarceramento, a

loucura nem sempre foi enclausurada em manicômios, porque historicamente houve uma época em que os manicômios sequer existissem. E onde é que estava a loucura nessa época? Em toda parte! Há relatos sobre a loucura desde os primórdios da humanidade. Na Grécia antiga, as Sibilas tinham visões xamânicas, proféticas, sobre o mundo. Será que essas mulheres não poderiam ser consideradas pela psiquiatria moderna como pessoas psicoatípicas? E será que isso não oportunizava um outro lugar, não comum, mas profético, divinatório; um lugar de distinção social?

Nesse ensejo, dentre tantos outros exemplos possíveis, faz-se importante distinguir que nem sempre as pessoas loucas estavam segregadas da sociedade. A criação dos manicômios constitui um movimento na história da humanidade, bem como, a luta pela reforma psiquiátrica e a reintegração desses indivíduos. (Foucault, 1972). O que esse debate anuncia é que nem sempre essas pessoas estavam à margem.

Figura 8 – Possibilidades



Fonte: Fotografia realizada pela autora dos desenhos elaborados pelos participantes da pesquisa, 2023.

O último grupo representou o cadeado como uma das formas de se conseguir a liberdade almejada. Para se alcançar a liberdade, o símbolo do cadeado deveria ser quebrado. Quem tinha o cadeado? Os profissionais da saúde. Mas eles tinham a liberdade de usar a chave para abrir

esse cadeado? As profissionais de saúde também eram oprimidas pela compreensão institucional. Essas foram algumas das indagações trazidas pelo grupo.

Nesse caminho de se pensar a liberdade, os participantes observaram, que embora fosse mencionado anteriormente que algumas pessoas tinham a liberdade para transitar e outras não, para eles, isso não se configuraria como liberdade, mas faria a vez de mera moeda de troca.

Então, a palavra liberdade foi pensada a partir de algo que pudesse ressignificá-la, que pudesse surgir como algo novo. O que seria preciso para quebrar o cadeado? A resposta surgiria como um ato reflexo de “virar a página!”. Do outro lado do cartaz, escreveram letras soltas, que unidas formariam POSSIBILIDADES, embora embaralhadas. Porque, segundo o grupo, a possibilidade pode vir do sujeito, seja através das artes plásticas, da cultura, do movimento, dos recursos que este tenha em mãos, para que possa se desenvolver como sujeito. Ter a sua subjetividade respeitada.

A liberdade não seria a palavra adequada, porque essa liberdade não ficou livre de estigmas; por isso, as possibilidades poderiam indicar um caminho. Não podemos deixar de associar essa palavra, dada com tanta ênfase na conclusão desta atividade, às “*possibilidades herdadas*”, que Jung chama de imagens arquetípicas, pois são justamente estas que tocam tão particularmente o sujeito, conforme o tema que abordaremos a seguir.

#### 4. DA FRUIÇÃO À CRIAÇÃO ARTÍSTICA INDIVIDUAL

Durante o período da tarde, os participantes tiveram a oportunidade de percorrer as galerias do Museu, fruir das obras de arte em exposição, e criar uma imagem a partir daquela que mais lhe impressionou. É importante ressaltar que não era uma *livre* criação artística, no sentido próprio do termo, pois não se tratava de uma criação espontânea do inconsciente, sem interferência de qualquer outro objeto. O local era determinado por elementos que mesclavam obras frutos de um processo artístico-terapêutico.

Assim, a escolha de cada um foi elencada a partir de uma conexão pessoal e íntima com as obras de arte percebidas, as falas dos participantes e o lugar da visita. De outro modo, nenhuma indução foi feita. A escolha da obra de arte a ser reproduzida, ou que inspiraria novas produções, a forma de representação, o material plástico escolhido, tudo ficou a critério dos participantes.

Em um estudo comparativo entre as imagens produzidas, pode-se verificar alguns temas que caracterizavam os desenhos e que posteriormente foram ressaltados no relato individual sobre a criação. Polaridades arquetípicas como fuga e integração; impotência e onipotência; condenação e redenção; as virgens na contemporaneidade: o feminino em foco; o único olho ou o olho que tudo vê; e, arquétipo do Cristo ou arquétipo do Bispo, tornaram-se as categorias elegíveis à análise. O caráter antitético reforça o pensamento junguiano no que tange à abrangência de uma consciência mais elevada. Jung resalta que nas polaridades, aquele ser que antes ora era um, ora era o outro, agora em suspensão entre os opostos lentamente se aproxima do centro. A realização emocional dos opostos leva ou deve levar a um equilíbrio entre eles (Jung, 2011*h*).

Importante frisar que se mesclam nas imagens e nos depoimentos, aspectos da psique individual com aquilo que se pode considerar como uma categoria coletiva, geral ou até mesmo arquetípica. Torna-se, pois, difícil de estabelecer o que é de cada pessoa, e o que se refere a todos nós, sob camadas que se interpenetram de uma forma ou outra. Assim, optamos por uma descrição fenomenológica exatamente como a experiência se deu, conforme demonstraremos a seguir. Os nomes dos participantes foram substituídos por siglas “P1, P2, P3, e assim por diante, visando preservar sua identidade.

#### 4.1 FUGA E INTEGRAÇÃO

Nesta categoria temática, as imagens expressam em sua maioria fuga e/ou uma tentativa de integração. A fuga às vezes aparece de forma literal, como uma saída, uma porta, uma chave; outras vezes se configura como evasão da realidade ou regressão a tempos anteriores ao sofrimento infligido.

Figura 9 – A porta



Fonte: Fotografia realizada pela autora dos desenhos elaborados pelos participantes da pesquisa, 2023.<sup>17</sup>

A participante P1 representou a imagem de uma porta, a porta de uma prisão, uma solitária, que lhe causou uma grande angústia. “É porque lá tem direitinho a porta, e aquela

---

<sup>17</sup> Imagem capturada pela autora em 12 de março de 2023, durante a visita ao Museu Bispo Do Rosário Arte Contemporânea, retratando o desenho livre produzido pelos participantes. Todas as demais que se seguem neste capítulo são reproduzidas desta mesma forma.

porta em si era aquela porta de antes. Pelo que eu entendi não foi uma porta construída para colocar ali, era uma porta do próprio museu” (P1, Anexo VI, p. 178).

Em sua livre associação, P1 descreve a porta simbolizando momentos de dor, de vontade de falar e não ser ouvido, de estar escondido ou estar preso. Além disso, P1 tentou retratar em seu desenho uma pequena abertura, que durante a criação de seu desenho imaginava sob uma pessoa gritando, se segurando nas grades, com grande dor, sem ser ouvido pelos outros: “[...] é como se a boca fosse fechada, aquelas falas, aqueles gritos, não tivesse importância para ninguém. Quem passava por aquela porta ali, ficava e pronto, como se fosse algo definitivo.” (P1, Anexo VI, p. 178).

Em sua vida, P1 nos conta que muitas vezes também considerou a situação em que estava vivendo como algo definitivo, pronto e acabado, ou como se fosse o próprio destino, a partir do qual não haveria mais jeito, ninguém mais se importaria. Essa sensação se intensificou após a morte de sua mãe, pois não havia mais a quem recorrer, seu grito fora silenciado.

Então, quando viu a porta, assim como o manguito, o dril e uma furadeira que compunham o mesmo cenário – instrumentos que apagavam a lembrança de muitas pessoas dali – elegeu a porta como objeto de representação. Essa porta que, segundo P1, alguém até poderia abrir para ela, mas ninguém abriria.

[...] na hora em que eu entrei e vi a sala, a porta em que estava isso aqui e atrás dessa porta aqueles instrumentos de dar choque, atrás desta porta estavam isto. Ali me impactou... não que os outros instrumentos não fossem usados naquela época, mas essa porta, ela me impactou um tanto! E aquilo, é como se eu vivesse, é como se eu voltasse naquele tempo, como se eu estivesse no museu... [...] Aí na hora em que eu vejo, atrás desta porta concreta, eu falei: Meu Deus, como isso é sofrido. Quanto dói, isso dói aqui dentro e o quanto isso pode nos destruir. (P1, Anexo VI, p. 183).

P1 engravidou muito jovem, aos 13 anos. Seu grande desejo era estudar, conversar, sair e desenhar. Mesmo após o nascimento dos dois primeiros filhos, sonhava em fazer faculdade, sempre na esperança de que o dia seguinte fosse melhor: “mas como seria melhor? – ela indaga – Então essa porta me causou muita dor, muito impacto sabe? De ver essa porta pesada.” (P1, Anexo VI, p. 179).

Como uma menina que perdera a infância, gostava de ouvir música e cantar, assistir televisão com as filhas, especialmente filmes e desenhos animados. Contos de fadas eram suas histórias favoritas. Mãe de três filhos, P1 enfeitava o quarto das meninas com desenhos coloridos. Nesse meio em que vivia, tão difícil e fechado, através da espiritualidade, de alguma forma, ela criava recursos. “Isso vai melhorar, isso vai passar. Hoje vai passar, agora está ruim,

mas daqui a pouco vai melhorar, vai melhorar” (P1, Anexo VI, p. 180) – vivendo assim por muitos e muitos anos.

A avó tentava lhe auxiliar como podia. Ela era uma pessoa muito religiosa, que exerceu grande influência sobre P1. Em sua residência havia um altar com figuras religiosas, de Preto Velho a Iemanjá, mas a avó era católica, de ir na igreja rezar o terço. Certa vez o padre da paróquia que a avó frequentava lhe disse que essas imagens não eram imagens santas. A avó ficou tão aborrecida que quebrou todas elas. Mas foi essa mesma avó que falou a P1 sobre Deus, quando ela era ainda criança. Contava carinhosamente que tudo o que ela pedisse a Deus, Ele concederia, se fosse bom para ela, e se não fosse, aquilo iria embora. E, mais ainda, que se fosse embora, e fosse bom, voltaria. Foi também para essa avó que P1 confidenciava os maus tratos sofridos, através do relacionamento abusivo que tinha com o pai dos seus filhos.

Certo dia ela estava cantando uma música em sua casa e duas mulheres estavam vindo da igreja. O lugar onde todas viviam era um vilarejo distante. No retorno para casa a pé, elas passaram em frente à casa em que P1 morava e falaram: “Nossa, que voz bonita você cantando. Vem cantar com a gente na igreja!”. (P1, Anexo VI, p. 180). Então ela foi. As filhas participaram do teatro, da crisma, cantavam, se vestiam de anjo e tudo o mais que podiam fazer.

Havia hora para chegar em casa, por isso, nem sempre era possível participar da vigília na igreja. Quando conseguiam ir, era necessário pedir, às vezes implorar, ao pai das crianças. Em momentos de grande dificuldade, a amizade com essas mulheres cresceu e a fortaleceu. “[...] elas olhavam para mim com tanto carinho e me apresentou um Deus tão bom, possível assim. Elas falavam: Deus não nos fez para ser infeliz. Jamais Deus nos fez para ser infeliz. Então você tem que ver o que está de fora desta porta, entendeu?” (P1, Anexo VI, p. 180).

Um dia elas me chamaram para ir na casa delas, e para ir tinha que pedir também, pedir licença... e fui. E vi um mundo diferente assim de família, de aconchego, de que é possível, de alegria...

Assim, aos poucos, foi se abrindo para outra realidade. Um dia P1 aceitou o convite para ir à casa das amigas e pôde perceber um mundo novo, um modelo diferente de família, de aconchego e de afeto. A mãe dessas moças havia criado os filhos sozinha, e eram muitos filhos. O marido dela morreu jovem, era uma roça pequena, e essa mãe construiu sua vida assim. Esse momento lhe trouxe a perspectiva de que poderia cuidar de seus próprios filhos, sem o auxílio de um mantenedor.

Outro momento significativo sucedeu quando P1 foi a uma cidade “grande”. Na verdade, era uma cidade de porte médio, na região da Zona Mata Mineira. “Tá vendo isso daqui?

Isso é outro mundo!” – as amigas disseram (P1, Anexo VI, p. 181); pois seu mundo era pequeno demais. Ela não ia ao supermercado, nem fazia “coisas normais”, contou, se referindo à rotina.

Na época de frio e chuva, quando o ônibus escolar não circulava na zona rural, elas faziam o trajeto a pé. O pai das crianças falava para vir rápido para casa e muitas vezes, quando isso não era possível, ele não abria a porta de casa, deixando-a no relento. P1 ficava ali do lado de fora, no frio da madrugada. Não abrir a porta de casa, é algo muito significativo, visto as associações feitas com a imagem desenhada. Ela poderia ir embora, “mas como ir com os filhos lá dentro?” – argumentava. Admitia também, que não tinha forças. Foram muitas orações e pedidos para que Deus levasse o marido embora, seguidos de sentimento de culpa e arrependimento pelo pedido feito.

Muito embora P1 não tivesse a chave de casa, outra chave ela possuía: a da igreja. Uma catequista a havia lhe emprestado, e todos os dias, às três horas da tarde, P1 rezava o terço da misericórdia. Orava pedindo a Deus para sair dessa situação. Amparada por Santa Faustina, que segundo sua compreensão, afirmava que na visão do Jesus Misericordioso, tudo aquilo que você pedisse às três horas da tarde aconteceria, pois as três horas seria o momento em que a lança transpassara o coração de Jesus e jorrara água e sangue. Desse modo, pedindo todos os dias, às três horas da tarde, e às três horas da manhã, P1 conseguiu ter coragem para sair da situação em que se encontrava.

Percebeu que somente ela mesma poderia abrir a porta que a aprisionava, porque ninguém faria isso por ela. Mas esse foi um trabalho muito árduo, muito intenso, em que o auxílio se deu através da fé. P1 pedia coragem para poder atravessar essa porta. Ao entrar no Museu e ouvir o depoimento de pessoas que viveram tantos anos aprisionadas, cheias de marcas, de feridas, mas que hoje encontraram um meio para conseguir se superar, sem, contudo, se perderem de si mesmas, isso lhe foi muito significativo.

Neste ínterim, P1 já não sabia se o diálogo se dava em relação à esta porta acima desenhada, vista durante a visita ao Museu, ou se eram as várias portas que atravessara em sua vida. Afinal, de qual porta estávamos falando? E de qual chave? Quem poderia abri-la, senão ela mesma? Então, P1 revela: “[...] humanamente falando eu vou te dizer a verdade, é muito difícil a gente sobreviver a certas coisas que acontece com a gente, é muito difícil! E aquelas pessoas, o Arlindo, estava ali. Aquela senhora estava ali desenhando.” (P1, Anexo VI, p. 184).

Quantas portas não se abriram ao abrir essa porta! Foi uma superação que deixou marcas profundas, mas que trouxe um amadurecimento muito grande também.

Figura 10 – A chave



Fonte: Fotografia realizada pela autora dos desenhos elaborados pelos participantes da pesquisa, 2023.

A área externa do Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea possui uma vegetação bem viçosa. Assim que o ônibus atravessou o portão de entrada da antiga colônia, foi possível perceber algumas estruturas artísticas do lado externo, próximas da natureza. P18 desceu do ônibus, ainda com uma ideia antiga de hospício, imaginando instalações pesadas, de clausura e fechamento, e se surpreendeu com uma escultura de ferro no jardim. Um pouco mais adiante, uma arena lhe causa impacto. Seguiu caminhando, e à medida em que ia adentrando aquele espaço, refletia como as construções se encaixavam naquele contexto, que durante à época manicomial provavelmente não se encontrassem ali.

Na área interna, onde as obras de arte estavam expostas, a percepção foi diferente: muita cor, muita vivacidade, muita vida, contrastando com o que vira lá fora. Uma escultura lhe chama a atenção: a imagem de um boneco, com várias bocas ou vários olhos, não se lembra ao certo, embora tenha ficado bastante tempo contemplando esta peça de arte. Se lembrou do irmão que gostava de trabalhos manuais, especialmente com sucatas – o mesmo material utilizado na escultura que admirava.

Optou por reproduzir uma chave, embora tenha dificuldade em dizer onde exatamente a tenha visto. A dúvida não era sobre o local exato em que a chave estaria, mas porque carregava

consigo, a impressão de ter entrado em contato com este objeto em vários momentos da visita: na interação em grupo; durante a fala do mediador; “havia esse desenho também na cantina?” – se pergunta. Em seguida acrescenta: “Eu gosto de chaves. Abre portas, fecha portas”. (P18, Anexo VI, p. 258).

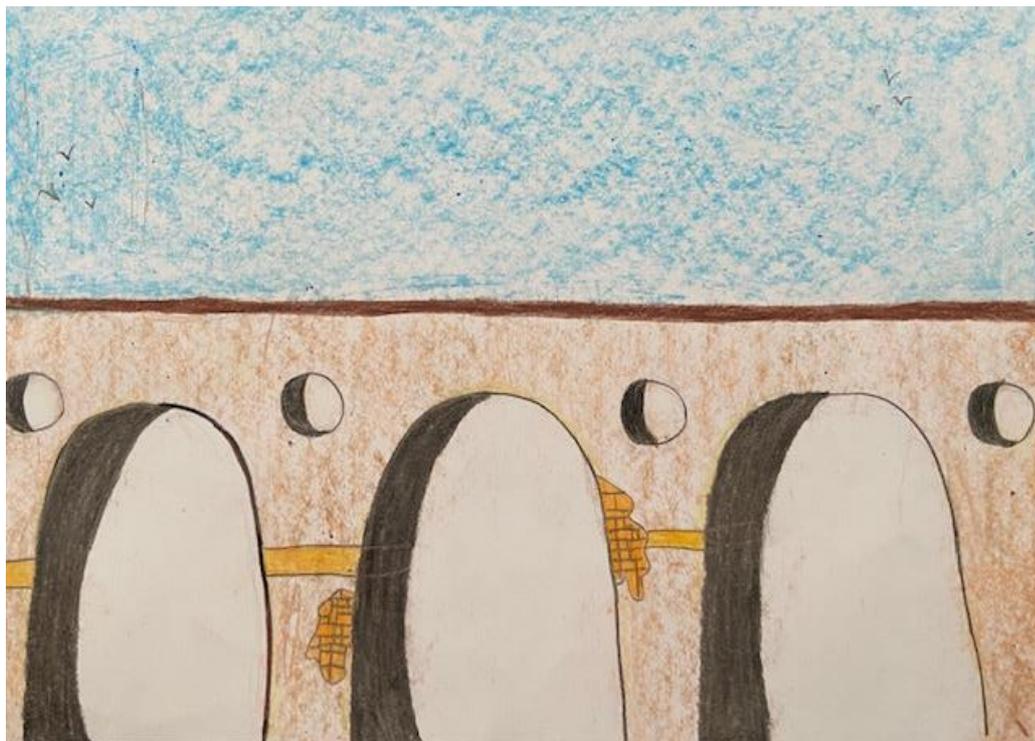
Lembrou-se do diálogo que o grupo manteve com o mediador. Uma conversa interessante sobre estar aprisionado ou se sentir livre, apesar do contexto manicomial. A maior parte do tempo, reverberou em si mesmo, os ecos daquela conversa. Buscou na memória, se perto do boneco também houvesse uma chave. Sem a lembrança que buscava, falou para si mesmo: “Eu não sei. Então talvez eu que esteja na chave”. (P18, Anexo VI, p. 259).

As associações-livres seguiam seu curso rumo a momentos de aprisionamento ou liberdade. O ambiente ganhou uma dimensão importante, com todas as referências que trazia, se a pessoa que “pisa lá fora” poderia se sentir tão angustiada, tão encurralada quanto lá dentro, porque, para P18, a liberdade estava relacionada a um lugar de bem-estar, de pertencimento, e à arte, que seria o vínculo necessário para permitir esse pertencimento.

P18 recordou de uma professora de Filosofia que teve, que falava aos alunos sobre limites. A professora dizia que quando você delimita, você sabe o seu espaço (P18 contava essa lembrança fazendo movimentos circulares com o dedo). E dentro daquele limite, a pessoa teria a possibilidade de ser qualquer coisa, já que *tatear* o seu espaço proporcionaria conforto. Essa memória era bastante significativa para P18, porque desmistificava a ideia de que o limite é sempre algo que aprisiona.

Em um âmbito pessoal, refletindo sobre sua experiência, P18 diz que a viagem foi muito importante, porque antes percebia esses temas acima abordados de modo isolado, e quando se aproximou daquela realidade viu muita cor e muita beleza. E conclui: “[...] foi uma viagem muito especial nesse sentido. Talvez essa chave abriu alguma porta”. (P18, Anexo VI, p. 260).

Figura 11 – Túneis



Fonte: Fotografia realizada pela autora dos desenhos elaborados pelos participantes da pesquisa, 2023.

Sobre suas impressões da visita ao Museu Bispo, P10 sentiu uma profunda tristeza: “Aquela sala com sons, ai, sei lá! Eu acho que até a voz que a gente escuta dá para sentir uma certa angústia lá na hora.” (P10, Anexo VI, p. 223) – afirmou.

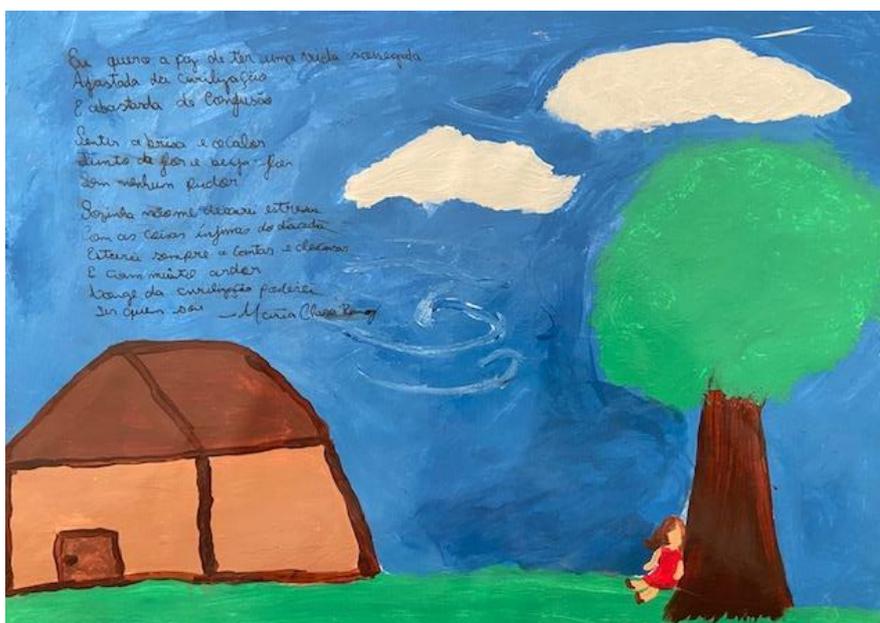
Tinha muitas questões em mente. No próximo ano se mudaria para o Rio de Janeiro, sem a companhia dos pais, pois quer estudar teatro. Está na mesma escola desde pequenininha, e tinha medo daquilo que iria perder: o resto de sua adolescência com os amigos, antes de entrar na fase adulta. O consolo veio justamente de uma dessas amigas: “nossa, você não vai perder nada, você só vai estar ganhando” – P10 concordou. “Eu preciso ir!” – afirmou para si mesma. (P10, Anexo VI, p. 224).

A semelhança do desenho com os Arcos da Lapa, na cidade do Rio de Janeiro é notável. Todavia, a participante disse que seu desenho era um túnel com três portas, ou seriam três túneis? Quando desenhou só conseguiu imaginar alguém fugindo. Para onde? Para dentro do túnel. Todas as entradas levavam para dentro. Em sua fantasia, uma pessoa correndo, fugindo, encontra o túnel e foge para o seu interior. Em que circunstância isso ocorreria? Quando essa mesma pessoa está mal.

Os pais de P10 sabem de sua orientação sexual homoafetiva, embora a mãe não a aceite. O pai é mais flexível, mas apoia a postura materna. Em vista dos conflitos familiares que se tornaram frequentes, P10 preferiu terminar o namoro. Pensou que se continuasse seu relacionamento, prenderia a namorada nesses emaranhamentos que só caberiam a ela. A família da ex-namorada era ‘bem resolvida’ e apoiava as escolhas da filha.

A abertura para o diálogo entre P10 e a mãe é um tema delicado. P10 não aborda mais o assunto de sua sexualidade em casa: “A gente tem uma boa relação, mas sobre isso não é bom nem falar, porque... para não ouvir o que eu não quero” (P10, Anexo VI, p. 226). Por isso precisa partir, talvez no Rio de Janeiro encontre mais abertura para ser quem ela é.

Figura 12 – Busca pela paz



Fonte: Fotografia realizada pela autora dos desenhos elaborados pelos participantes da pesquisa, 2023.

O livro *Holocausto Brasileiro*, da autora Daniela Arbex (2013), retrata o horror vivido no Colônia, manicômio situado em Barbacena-MG. Pelo menos 60 mil pessoas morreram entre os muros do Colônia. Relatos de violência, estupro e morte denunciavam a precariedade de um sistema falho e completamente desumano. Muitas fotografias, vídeos e depoimentos fornecem um amplo material de pesquisa, que pode ser facilmente acessado pelas pessoas interessadas neste assunto. Os museus desempenham, igualmente, um espaço rico de narrativas, que contam

a história da luta e da reforma psiquiátrica no país. O Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea se insere neste contexto.

Por isso, é comum encontrarmos pessoas que, ao visitarem esses espaços, não se sintam bem. Descrevem um estado de fadiga pós-visitação, uma sensação de ambiente pesado, ou uma certa angústia diante da exposição. Entretanto, é surpreendente quando alguém, diante do assombro, nos aponta uma sensação de bem-estar. Foi o que aconteceu com P20. A participante P20 descreve sua experiência como uma sensação de paz. “[...] em meio a tantas, tantas obras lindas que tinha lá no Museu Arthur Bispo do Rosário, muitas chocantes, muitas com cores vibrantes, chamando a atenção, umas até assim, como é que eu posso falar, bem expressionistas, bem expressivas, eu vi tudo muito diferente”. (P20, Anexo VI, p. 265).

Não é que não tenha visto nenhuma obra que lhe houvesse causado impacto, mas todas as imagens, para P20, pareciam ter um mesmo padrão. Lembavam-na da ansiedade do mundo real, da qual a participante buscava fugir. A fuga pode se dar como uma forma de negação da realidade vivida. Em sua visão de mundo, P20 afirma que todo ser humano primitivo buscava voltar a um estado natural, um estado de paz. E foi o que sentiu: muita paz e uma sensação de segurança. Havia obras de arte que a deixaram agitada, provocando uma sensação de desconforto, e não lhe traziam leveza. Então desenhou uma que contrastava com esse sentimento, fez uma poesia, uma cena bucólica, que proporcionava aconchego.

Eu quero a paz de ter uma vida sossegada

Afastada da civilização

E abastarda de confusão

Sentir a brisa e o calor

Junto da flor e beija-flor

Sem nenhum pudor

Sozinha não me deixarei estressar

Com as coisas ínfimas do dia-a-dia

Estarei sempre a cantar e descansar

E com muito ardor

Longe da civilização poder

Ser quem sou<sup>18</sup>.

---

<sup>18</sup> Poema escrito no desenho que a participante representou.

A imagem escolhida foi inspirada no quadro de uma casinha, parecendo uma fazenda, bem afastada, longe da cidade. P20 acrescentou ao seu desenho, uma menininha, como se fosse ela mesma. Afirmou que se não tivesse essa pintura na exposição, iria procurar de qualquer jeito uma figura que representasse algo parecido com a paz interior.

P20 nasceu em Minas Gerais, mas morou a maior parte de sua vida no Espírito Santo, retornando recentemente para seu Estado de origem. Descreve o local em que reside como tranquilo, no estilo dessa casinha. E gosta muito, muito mesmo de estar lá. Futuramente almeja para si, um modo de vida semelhante. A correria da cidade grande a sufoca; por isso, só vai por necessidade, quando precisa dos “resquícios” que ela oferece.

Dizia que sua ansiedade a matava um pouco a cada dia e em período de vestibular, como esse que estava vivendo agora, estava ficando “maluca”. Além disso, por mais que períodos turbulentos estivessem acontecendo em sua vida, de muito estudo, gostaria que em futuro próximo conseguisse trabalhar bastante para mudar essa realidade, e alcançar tranquilidade para a sua vida. A roça lhe transmite segurança, uma certa estabilidade ou conforto emocional. Se o dinheiro não for um fator limitante, pretende ter uma família com muitos filhos, ao estilo parnasiano.

Mas logo em seguida, um pensamento lhe sobressai: “Ai meu Deus e o Brasil daqui a alguns anos. Será que vai valer a pena morar aqui? Ai meu Deus, mas o mundo? Será que vai valer a pena pôr um filho no mundo, se às vezes está tão caótico? Eu vou pôr um filho para sofrer?” (P20, Anexo VI, p. 267). Embora saiba que não valha a pena pensar assim. Então continua: “[...] no meu desconforto, nos meus pensamentos caóticos, desordenados que eu tenho, eu busco uma paz em tudo, seja da vida moderna aqui da cidade, seja dos estudos, seja do ENEM ou seja de mim mesma. Parece que eu busco fugir”. (P20, Anexo VI, p. 267).

Lembrou-se, então, de uma música do Renato Teixeira que expressa o que estava sentindo, chamada *Casinha Branca*: “Fiz uma casinha branca lá no pé da serra, pra nós dois morar...” (P20, Anexo VI, p. 266). A participante afirma que essa música também lhe ocorreu no dia em que viu o quadro que a inspirou, pois a remete somente a pensamentos bons.

Figura 13 – Os Girassóis, van Gogh



Fonte: Fotografia realizada pela autora dos desenhos elaborados pelos participantes da pesquisa, 2023.

Seguindo essa mesma direção, P4 ressalta suas impressões a partir de uma perspectiva positiva, agradável. Para o participante, a imagem que lhe trouxe maior significado foi a de um piano, no hall de entrada do Museu. O cenário lhe transmitia uma ideia de requinte e sofisticação. Mas será que é possível ter requinte em uma instituição asilar? Qual a função daquele piano? Foram alguns dos questionamentos levantados, nem sempre com respostas.

As associações seguiram em direção de outra imagem: uma montagem por meio de sucatas de um caminhão do BOPE. Talvez por estar na cidade do Rio de Janeiro, o participante 4 se lembrou do filme *Tropa de Elite*<sup>19</sup>, que ele sequer assistiu. “É justamente pelo fato de não ter significado para mim que me chamou a atenção, porque não é algo que está na minha convivência” (P4, Anexo VI, p. 197) – afirmou.

---

<sup>19</sup> Tropa de elite é um filme brasileiro, do gênero drama e policial, lançado nos cinemas em 2017, dirigido por José Padilha. Tem como tema principal a violência urbana na cidade do Rio de Janeiro, ressaltando ações do Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE) e da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro. (Wikipedia, 2024).

Ao ser indagado por quê, na opinião dele, haveria uma imagem do caminhão do BOPE em exposição, sua resposta foi que provavelmente fosse por causa de uma certa associação entre indivíduos que não são muito bem vistos socialmente com a ideia de criminalidade. Por exemplo, pessoas consideradas insanas, ou indivíduos que estão ‘vadiando’ em determinados lugares, ou ainda, em horários inadequados, segundo a visão social das pessoas.

Essa foi a realidade de Arthur Bispo do Rosário. Bispo ingressou no Hospital Nacional dos Alienados no dia 24 de dezembro de 1938, trazido pela polícia, em uma época em que perambular pelas avenidas sem documentação levava um ou outro à delegacia mais próxima, ainda mais se considerarmos as conversações íntimas travadas consigo mesmo durante esse trajeto. Policiais arregimentavam os que estavam à margem da sociedade e, ao menor sinal de desordem mental, os encaminhavam às instituições manicomiais. Ao serem admitidos, esses sujeitos eram tratados como indigentes, sem passado e perspectiva de futuro (Hidalgo, 2012).

A imagem que o participante 4 reproduziu era de um ou mais girassóis dentro do mesmo vaso. Uma clara alusão à obra “Girassóis”, de Vincent van Gogh. Relembrou a lembrança de que o artista também sofria sob distúrbios mentais, possivelmente o Transtorno Bipolar, com delírios e comportamento aditivo. Porém, todas essas informações lhe ocorriam de modo impreciso.

O girassol remete P4 a uma ideia de bem-estar, gratidão, quiçá, tranquilidade. Após um breve intervalo, a palavra tranquilidade foi substituída por outra: *contemplação*, como aquela que melhor definiria o que estava tentando expressar. Associa a contemplação à natureza e especialmente ao sol. Há também, como elemento significativo do desenho, o vaso quebrado. A intenção de reproduzi-lo desta forma era no sentido de revelar um aspecto caótico de destruição.

O piano reaparece em sua narrativa, igualmente como um objeto de tranquilidade e bem-estar. Alocado no final da escadaria, que dá acesso ao segundo andar do museu, todo o espaço lhe transmite requinte, além de proporcionar uma ideia de um ambiente claro, sem muitos estímulos, minimalista.

Outra lembrança advém por meio de uma série de terror que o participante 4 havia assistido. É a *American Horror Story*, uma série televisiva famosa, antológica, onde cada temporada apresenta uma história independente. E uma das temporadas se chama *Asylum*. Ela se passa nos anos 60, e tem em seu enredo, uma personagem que é investigadora, e que fora internada e submetida a uma lobotomia, por ser homossexual.

P4 se recorda que neste episódio havia um piano na parte central do asilo, só que o ambiente em si era bem escuro, sem claridade, e muito mais caótico. As pessoas ficavam aglomeradas em um espaço pequeno, no qual havia alguém que tocava o instrumento. “Tem uma cena bem legal que é divertida, onde uma atriz, que eu gosto dela, ela canta uma música lá e está todo mundo cantando, dançando, assim, os loucos.” (P4, Anexo VI, p. 198).

Figura 14 – O balanço



Fonte: Fotografia realizada pela autora dos desenhos elaborados pelos participantes da pesquisa, 2023.

“[...] eu tenho a sensação de que aquilo que eu desenhei me trouxe uma certa familiaridade, sabe! Foram imagens que me pareciam familiar.” Foi assim que P16 (Anexo VI, p. 248) iniciou sua fala durante a entrevista. Se lembra de ter visto uma imagem de um balanço, sem se atentar ao certo aos demais elementos que continha. Caminhou um pouco mais, viu outras pinturas, passou novamente pela imagem, e falou para si mesma: “Nossa, eu preciso desenhar esse balanço”. (P16, anexo VI, p. 248).

Havia também uma parede com várias fotos, provavelmente retratos da época em que o manicômio estava em pleno funcionamento. P16 desenhou uma mão, inspirada em uma das fotografias que viu. A foto era de uma mão desenhando uma casinha, algo muito simples. Diante da imensidão daquela experiência, de imagens que são de certo modo complexas, queria algo

singelo. Por fim, acrescentou uma frase, que foi retirada de uns escritos caídos no chão: ‘Criei com minhas mãos o limite de não me ferir’; ao lado, o nome da autora, Rogéria Barbosa.

O balanço a remetera à infância, quando ia passear na casa dos avós paternos, e havia um no qual gostava de brincar. Recentemente P16 iniciou um trabalho em uma escola, cujo parquinho lhe vem à mente. Neste espaço há duas gangorras, e a participante diz que estava tendo muitos *déjà vu* neste lugar, como se já tivesse vivido aquela cena. Se para P20 a fuga se dava em direção ao interior rural, P16 era levada de volta à infância, época anterior a qualquer mal-estar. O balanço simbolizava aconchego, ou uma memória boa.

Talvez seja por esse motivo que o processo de criação foi descrito como tranquilo e confortável, algo gostoso de se fazer. Afinal, retratava um conteúdo infantil associado a uma certa familiaridade. A casinha lhe transmitia essa mesma sensação, porque lhe parecia um desenho de criança, embora a mão fosse de um adulto. Por um instante, estranhou esse paradoxo, mas este logo se desfez. O aspecto da mão é algo significativo. Provavelmente a alusão à mão assumo o significado do ser que gera e cria.

P16 recordou que durante a visita ao museu conversou com uma das mulheres do ateliê Gaia. Lembra-se de ter-lhe perguntado se ela já pintava, porque se tratava de um talento absurdo. Queria na verdade saber se ela pintava desde a infância. A resposta negativa é quase como uma constatação da dura realidade vivida nos tempos difíceis do manicômio. A artista lhe diz que a pintura surgiu a partir dessa passagem pela instituição psiquiátrica, como uma forma de autoexpressão.

Quão incrível foi para P16, essa resposta! Acreditava que a arte estava presente na vida de uma pessoa desde pequena, como se fosse um talento nato; e descobriu naquele instante que nem sempre seja assim. A arte como um meio de expressão lhe fazia muito mais sentido agora.

Figura 15 – Elos



Fonte: Fotografia realizada pela autora dos desenhos elaborados pelos participantes da pesquisa, 2023.

P32 se comove ao imaginar que materiais que iriam para o lixo viraram obras de arte. Tampinha de garrafa, bonecas, sucatas, foi a parte que prendeu sua atenção. A participante gosta de artesanatos. E a forma com que o artista vestia a boneca, pensar em como ficaria a roupa, os detalhes, feitos de objetos que foi encontrando, tudo isso lhe impressionara.

Outra pintura lhe chama a atenção: era a de um quadro com um homem, cujo foco estava em seu rosto, com suas características peculiares. Para P32, essa imagem retratava a loucura, o transtorno mental naquela época. Havia nessa pintura uma certa distorção da imagem, meio embaçada, meio torta.

A participante escolheu para reproduzir uma chave, e embora acrescentasse em sua imagem outros objetos, era a chave que queria exaltar. Questiona se a viu no portão que desenhou, tentando se recordar se era uma chave pequena ou grande. Lembra-se que a avó morava em uma fazenda que tinha elementos como este, que a remetiam à escravidão: uma barra de ferro, correntes pesadas e/ou outros de manutenção da violência. Esses objetos ainda se encontram na fazenda que a família mantinha sob sua guarda.

A cadeia associativa se seguia entre materiais reciclados, a imagem distorcida que remetia à loucura, e a chave que lhe trazia à memória, o período da escravidão. É curioso que

na imagem, a bonequinha se configura como mais um elo da corrente. P32 contava que a relação de materiais presente na casa da avó dizia respeito a sua história, a história que via diariamente e lhe trazia boas sensações. Queria, quando pequena, ser historiadora, para investigar esses objetos.

Lembrou-se que o mesmo local da fazenda no qual armazenava esses utensílios (um paiol) vivia também uma mulher que não tinha destino certo e ficava sob os cuidados da avó. Como o paiol era grande, P32 também brincava lá, usava o quarto de hóspedes para ser sua casinha, quando brincava de boneca. Recordava que essa mulher tinha ainda, um transtorno mental, assim como um outro rapaz que frequentava a casa, que era alcoólatra. Outras pessoas exploravam o homem que trabalhava em troca de cachaça.

A participante, bastante reflexiva, diz que ainda há muito para se fazer em relação à saúde mental. “[...] essa tortura ainda existe, esse preconceito e tá muito longe disso acabar”. (P32, Anexo VI, p. 336). Conta que o primeiro estágio que fez foi em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). Quando chegava, tomava café junto com os usuários. Era criticada pelos demais funcionários por ter essa atitude; contudo, permanecia, porque era importante estar lá. Precisava sentar e ficar perto, o mais próximo possível daquela realidade, e percebia tantas coisas!

Certo dia apareceu no CAPS uma usuária, de uma simplicidade sem tamanho. A paciente chegou a levar uma barra de chocolate enorme, “daquelas que a gente usa para confeitaria bolo”, como agradecimento pelo fato de a participante ter pintado a unha dela. P32 lhe respondeu que não poderia aceitar, então a paciente dividiu o mesmo com todos que ali estavam. Essa paciente havia sido diagnosticada com esquizofrenia e transtorno bipolar. O *Dia de Beleza* passou a ser uma prática recorrente no CAPS e quase todos os dias a paciente pedia que lhe pintasse as unhas.

Geralmente a paciente e a estagiária se encontravam na rua a caminho do CAPS e seguiam juntas para o mesmo destino. Mas teve um dia em que a usuária ao encontrar com P32, ficava lhe perguntando se ela não estava atrasada, solicitando que descesse a rua na sua frente. A paciente queria parar na padaria para comer um doce, mas não queria ser vista, pois era diabética. Ao ser repreendida pela estagiária: “Ah, fulana, não faz isso não!” (P32, Anexo VI, p. 337), elas se tornaram próximas.

O vínculo afetivo foi se fortalecendo a cada dia. Em meio a brincadeiras e muita compreensão, a paciente contava a todos o quanto a estagiária era boazinha. Então, certa vez, a usuária foi para a sala de artesanato. Ela estava fazendo um gorro, enquanto escutava Eduardo

Costa (um cantor de música sertaneja brasileira). Seguiu-se a seguinte descrição: a artesã que ministrava a oficina comentou que gostava muito deste cantor, mas depois que teve um filho com ele e o cantor a abandonou, ela não gostava mais.

Surpresa com o relato, a usuária do CAPS se compadeceu com sua dor, e lhe disse que também gostava muito do cantor, admirava o quanto ele cantava bem, mas que depois de ouvir todas essas coisas, não escutaria mais a música dele. Em momento algum a funcionária a desmentiu. Ao contrário, continuou afirmando: “É, meu filho estuda hoje lá no Rio Grande do Sul. Ele não mora comigo não, por isso que você não o conhece”. (P32, Anexo VI, p. 337). Todos que presenciaram a cena riram. A estagiária, sem saber o que fazer, se afastou do local onde estavam. Depois, durante o café, foi criticada pelas funcionárias por ter ido embora.

Então, P32 associou a visita ao museu à reflexão de que ainda existe tortura física, tortura psicológica e um imenso despreparo por parte dos profissionais que atuam na saúde mental brasileira.

Jung (2011a) já elucidara, em seu livro *Ab-reação, análise dos sonhos e transferência*, que todos gostariam de escapar a uma determinada situação, de certo modo desconfortável, mas que fatalmente descobririam mais tarde que o que foi deixado para trás eram eles mesmos. Quem vive fugindo de si mesmo sente amargura, e viver consigo mesmo requer uma gama de virtudes cristãs que é necessário adquirir em relação a si mesmo. Para Jung, essas virtudes são: paciência, amor, fé, esperança e humildade. Ressalta, contudo, que beneficiar o próximo com elas é fundamental, mas assim que o fazemos vem o diabo do narcisismo com suas congratulações dizendo: “Bravo! Muito bem!” pelo feito desempenhado.

Ter-se essas virtudes nos tornariam felizes? – indaga Jung. E complementa:

E se for eu mesmo o receptor de minhas próprias dádivas, se for eu mesmo o menor entre os meus irmãos que devo acolher dentro de mim? E se tiver que reconhecer que estou necessitado de minha própria paciência, de meu amor, de minha fé e até de minha humildade? Que o diabo, meu opositor, aquele que sempre em tudo me contraria, sou eu mesmo? Podemos realmente suportar-nos a nós mesmos? Não se deve fazer aos outros o que não se faria a si mesmo. E isto é válido para o mal como para o bem. (Jung, 2011a, p. 191).

Assim é que a polaridade da fuga se dá na integração dos conteúdos capazes de se tornarem conscientes. Quando as partes inconscientes da personalidade se tornam conscientes, produz-se não somente uma apropriação delas à personalidade do eu, antes existente, como sobretudo, uma mudança nesta última. De um modo geral, o complexo do *eu* não pode nem deve ser facilmente alterado, porque está fortemente ligado ao senso de continuidade e à própria consciência, sob pena de acarretar sérias perturbações psicopatológicas (Jung, 2011c).

No âmbito das psicopatologias encontram-se as analogias mais próximas de uma alteração do eu, onde nos deparamos não somente com dissociações neuróticas como também com a fragmentação esquizofrênica e até mesmo com a dissolução do eu. Observa-se, também, tentativas de integração, que consistem de irrupções mais ou menos violentas de conteúdos inconscientes à consciência, mostrando-se o eu incapaz de assimilar os "invasores". Se, todavia, a estrutura do complexo do eu for significativamente forte para resistir ao assalto dos conteúdos inconscientes, a assimilação pode acontecer. Neste caso haveria não somente uma alteração dos conteúdos inconscientes, como também, da própria estrutura do eu (Jung, 2011*c*).

Jung (2011*i*) distingue uma verdadeira psicose, na qual, a pessoa envolvida é inundada por fantasias incontroláveis, por se tratar de uma irrupção do inconsciente, daquela outra, que adquire uma postura crítica por meio de um enredamento voluntário naqueles acontecimentos à fantasia. Esse enredamento ocorre com a finalidade intencional de integrar à consciência, os enunciados do inconsciente, realizando esse sentido de totalidade que é, segundo o autor, a única forma capaz de tornar a vida digna de ser vivida, fornecendo a não poucas pessoas, a própria possibilidade de viver.

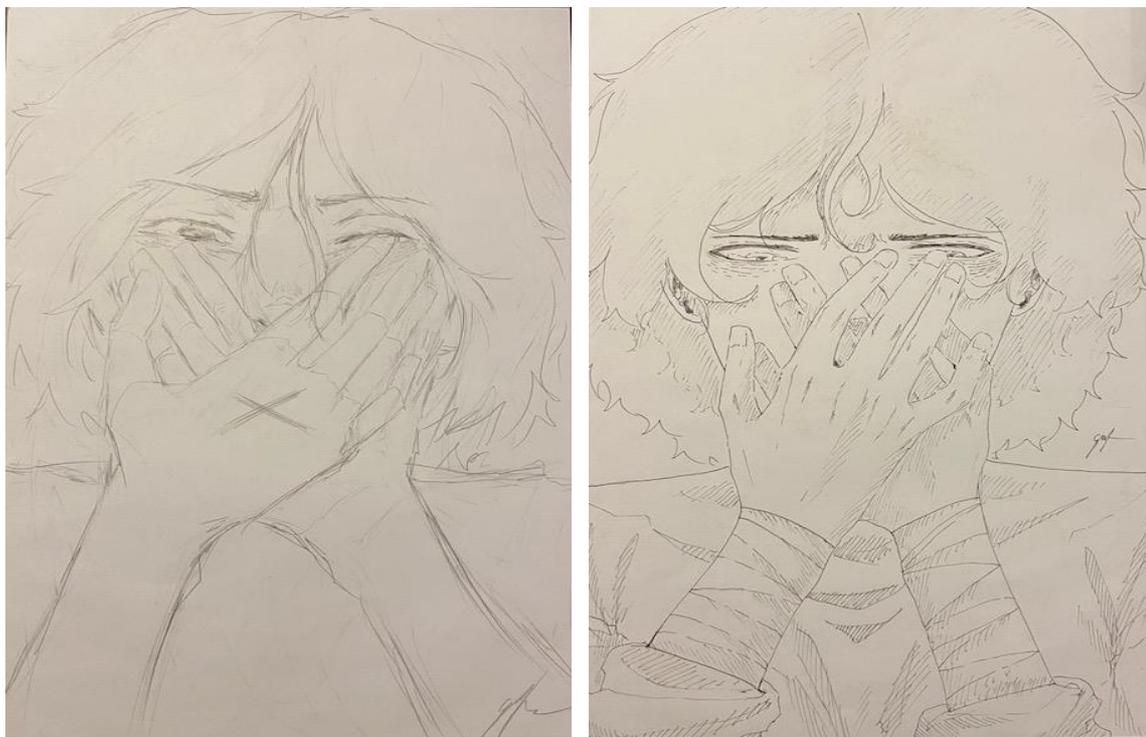
O fato do enredamento ter justamente a aparência de uma psicose, provém justamente da condição da pessoa integrar o mesmo material da fantasia, do qual se torna vítima o doente mental, porque não o possa integrar, sendo, ao contrário, devorado por ele. Jung (2011*i*) nos diz que no mito do herói é o que vence o dragão, e não aquele que precisamente seja devorado por ele. Entretanto, ambos precisam lidar com o mesmo dragão. Sob esta mesma analogia, Jung (2011*i*) afirma que o herói também não é aquele que nunca se encontrou com o dragão, nem aquele que, tendo-o visto uma vez, afirme nunca tê-lo encontrado. Descobre e ganha o tesouro somente quem ousa a confrontação com o dragão, e não pereça. Esta pessoa adquire um verdadeiro direito à autoconfiança, pois enfrentou a profundidade sombria do si-mesmo, e desse modo conquistou para si, o seu si-mesmo.

Esta experiência interior lhe dá força e confiança na capacidade de sustentação do si-mesmo, pois tudo o que internamente o ameaçava, torna-se algo próprio do ser, adquirindo desse modo, certo direito de acreditar que será capaz de dominar com os mesmos recursos tudo o que no futuro ainda possa vir a ameaçá-lo. Desse modo, a pessoa adquire certa segurança interior que a capacita a ser autônoma (Jung, 2011*i*).

## 4.2 IMPOTÊNCIA E ONIPOTÊNCIA

Nesta sequência, as imagens se apresentam ora como impotência, incapacidade reativa, mutismo e silenciamento; ora como empoderamento, força, luta e garra nos enfrentamentos vividos. “O alto ergue-se do profundo”, diz Lao-Tsé. E em Jung, “é do íntimo que se impõe o lado contrário.” (Jung, 2011, p. 84). Verifica-se, assim, o embate entre esses dois polos nos depoimentos a seguir.

Figura 16 – Censura



Fonte: Fotografia realizada pela autora dos desenhos elaborados pelos participantes da pesquisa, 2023.

Após ouvir as histórias daquele lugar e tudo o que acontecera ali, não somente na Colônia Juliano Moreira, como em outros manicômios do país, P11 optou por retratar uma pessoa tampando a boca com as mãos. Era a sua forma de entender de que todo o sofrimento vivido à época pode ser compreendido como censura: não se expressar, não ser quem se é, ocultar os sentimentos, não exteriorizar nada do que se via. De outro modo, fingir ser uma outra pessoa, parecer estar melhor do que realmente se estivesse, numa tentativa de atenuar a violência, e obter um tratamento um pouco melhor.

Essa foi a interpretação de P11 sobre a realidade vivida. É o silêncio e a censura que essas pessoas passaram e outras tantas ainda passam. Atualmente, fora dos muros dos hospícios,

mas aprisionadas em ditames sociais moralistas, P11 se lembrou de várias pessoas conhecidas que sofrem censura ou são condenadas diariamente por serem como é.

Então, eu acho que eu vejo isso de perto, sabe? A censura talvez da sexualidade, de pessoas que tem que se trancarem em “armários” e não podem sair disso, porque às vezes a família não aceita ou porque o mundo é perigoso demais. E essas... várias pessoas, em vários contextos que sofrem uma censura e não podem ser quem elas são, e não podem se expressar da forma que querem, por causa de um contexto social que elas têm que se encaixar e que não podem fugir daquilo. (P11, Anexo VI, p. 228).

Figura 17 – De volta ao útero



Fonte: Fotografia realizada pela autora dos desenhos elaborados pelos participantes da pesquisa, 2023.

Essa mesma realidade foi significativa para P22. A participante queria explorar o museu, e foi direto para a parte dos fundos que não havia sido reformado; naquele local teve um sentimento muito ruim, imaginando todas as circunstâncias sob às quais seus habitantes vivessem. O lugar era insalubre, e todas as janelas tinham barras, como se fosse uma prisão. De certa forma, queria trazer essas impressões para o seu desenho, especialmente a solidão, e a questão degradante da desvalorização e perda da dignidade.

Sua inspiração foram os próprios sentimentos percebidos diante daquela situação. Associa consigo mesma, o isolamento e a solidão, que trouxe para o desenho. Relata que em

parte é necessário ficar só, porém, quando a solidão é em excesso, isso pode afetar a saúde mental, tornando-a desgastante.

No livro *Psicologia e Alquimia*, Jung traz um excerto sobre o mito do herói, tal qual descrito anteriormente, cuja situação seria a do herói dos primórdios, devorado pelo dragão. Nesta alegoria, a consciência coloca-se em uma situação perigosa pela descida ao inconsciente; aparentemente, é como se ela se extinguisse. Os heróis ficam, portanto, retidos no mundo inferior ou no fundo do mar, expostos a um calor extremo e a todos os perigos. Mas nesta mesma alegoria, semelhante ao depoimento e à imagem acima, Jung interpreta a prisão como o útero. Subjugados pelo inconsciente e abandonados a ele, significa que se entregaram voluntariamente à morte, a fim de gerar uma vida fecunda naquela região da alma que até então se encontrava na mais profunda escuridão (Jung, 2011o).

Figura 18 – Veias no vaso quebrado



Fonte: Fotografia realizada pela autora dos desenhos elaborados pelos participantes da pesquisa, 2023.

Se, por um lado, o útero pode ser associado à prisão, por outro, Jung o associa ao símbolo do vaso, que, em sua concepção, se originaria de representações primitivas ou arcaicas (Jung, 2011r). A imagem do vaso com suas raízes e veias à mostra se configurará como objeto de reflexão em P26. Em uma das galerias, olhando à sua volta, a participante viu um quadro de

uma mulher. Na descrição ao lado, o relato de sua história. “[...] parecia que eu senti como se fosse comigo. Tentei sentir o que eles sentiam naquela época”. (P26, Anexo VI, p, 295). Lembra-se que desenhou uma boca costurada, porque trazia a impressão de que aquela mulher não tinha voz, como se sua boca estivesse tampada, e lágrimas de sangue escorriam em sua face.

Também fez um quadrado, mas na verdade queria ter colocado em sua imagem uma escada ou quem sabe um labirinto, dando sentido para algo que está perdido. Além disso, desenhou um jarro com flor – “a flor era normal, ela só estava...” – completou representando uma flor murcha com as mãos (P26, Anexo VI, p. 296). Procurou, ainda, enfatizar as raízes.

Em relação a esse conjunto de imagens, P26 reafirma que diz mais sobre ela mesma do que sobre a mulher projetada no quadro. No fundo, sente que carrega consigo uma tristeza profunda. Por outro lado, haviam obras de arte que a deixaram muito feliz. Em uma das salas havia umas mulheres pintando, e as pinturas de casinhas, de flores, lhe causaram bem-estar.

P26 se descreve como uma pessoa bastante sensível, que se compraz com a alegria das pessoas, e sofre quando algo ruim lhe acontece. Ao ver um mendigo na rua, sente uma tristeza tão grande que tem vontade de acolher sua dor, como se ela mesma tivesse na pele daquele sujeito, pois se sente muito mal. Assim como vê, às vezes, algo trivial, mas que a deixa extremamente feliz. Um casal de idosos andando de mãos dadas na rua, por exemplo.

Eis o modo cuidadoso com o qual a participante vai descrevendo suas associações: o mendigo, sentir na pele, o casal na rua, levam-na à imagem do pai. Do mais íntimo de sua alma, ecoa uma voz que quer falar. As associações que se seguem, lembram-na de um passado distante, o fato de não tê-lo conhecido. P26 tem apenas o nome dele em seu registro de nascimento. Ao longo de 15, 16 anos sempre perguntava à mãe sobre o que aconteceu com ele, mas ela também não sabia de seu paradeiro. Sabiam apenas que ele era garimpeiro, e que após o registro, desaparecera.

A vida seguiu com uma nova configuração familiar: a mãe, o padrasto e o irmão, cobriram-na de afeto. Desde a maioridade, almeja também um lar, com direito à casa, carro, marido e filhos. À medida em que cresce, esse desejo cresce também. Relaciona a raiz que consta em seu desenho, à sua família. Tem medo de ir embora para longe e deixar sua família de origem, talvez como uma reminiscência do que viveu na infância.

Quer muito encontrar o pai, saber de seu paradeiro. No último ano conheceu a família paterna, através de um amigo da época que a ajudou. Descobriu que a família era do norte do Brasil e pôde conhecer o irmão do pai, a irmã dele e algumas primas; mas dele mesmo, ninguém

tinha notícia. Saiu em 1996 de sua cidade natal e nunca mais voltou. Apesar da busca incessante, P26 se sente feliz, por conhecer ao menos uma parte de seus familiares.

Ainda almeja descobrir o que realmente aconteceu. Muitas pessoas a desencorajam, afirmando que é melhor não procurar. P26, ao contrário, se sente impelida por esta busca, porque não saber se o pai está vivo ou morto é pior do que tentar encontrá-lo. Além do mais, a procura não é somente pelo pai, mas pela sua própria história.

Figura 19 – Chagas no coração



Fonte: Fotografia realizada pela autora dos desenhos elaborados pelos participantes da pesquisa, 2023.

Para P27, o quadro que mais lhe chamou a atenção foi o de uma senhora que tinha marcas pelo corpo. As feridas retratavam o sofrimento pelo qual os pacientes passaram: “Não só vivenciei como ficou marcado no corpo dela tudo aquilo que aconteceu ali.” (P27, Anexo VI, p. 302). É como se fossem chagas. O sofrimento, psíquico ou físico, deixa sequelas profundas, mas quando ambos se manifestam, para P27 é ainda pior. Talvez por isso tenha representado um coração sangrando. O sofrimento infligido não tinha voz, era interno, e sentido no coração.

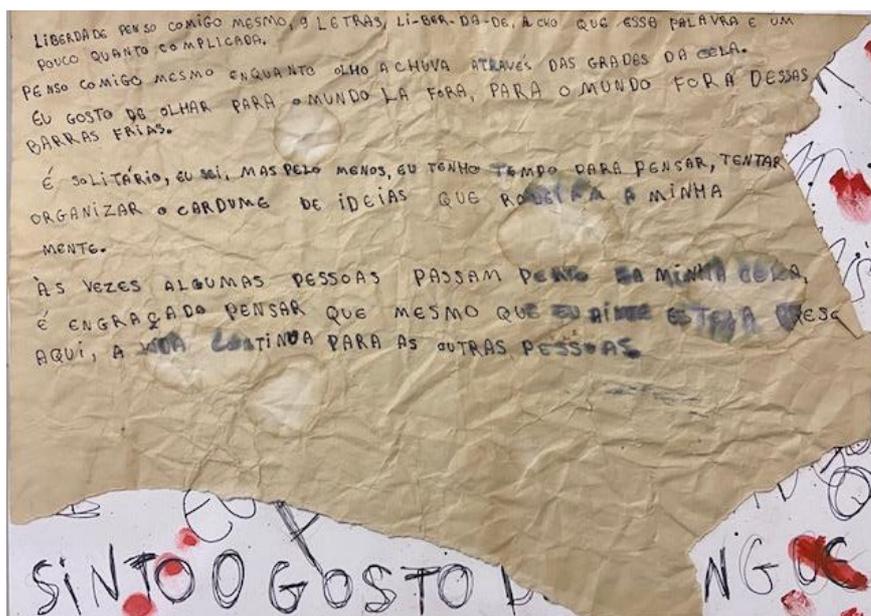
Essa entrevista foi seguida de muita comoção, o silêncio predominava em vários momentos, seguidos pelo choro recolhido. Foi perguntado ao participante, se ele gostaria de encerrar a entrevista, mas o mesmo insistia em falar aquilo que, de sua garganta, não saía. Esboçava na voz embargada marcas de uma dor invisível, comentava que, com o tempo, as pessoas aprendem a conviver com o sofrimento, e falava sobre sua identificação com o silêncio dos asilados.

Lembrou-se de que Bispo do Rosário trazia a temática do juízo final em sua vida. Como teólogo, P27 explicava que o julgamento era sempre das boas ou más ações, e entendia que na Colônia houvera um ajuizamento em vida, sem direito à defesa dos condenados. Foi-lhe então perguntado, o que seria o contrário do coração sangrando? A resposta seria: um coração que se daria oportunidade de viver algo novo.

Saiu da visita ao museu com a sensação de que precisava ressignificar muita coisa em si mesmo. Rememorou os desafios que teve ao voltar a estudar, pois havia parado de ir à escola na 7ª série. Foi impulsionado pela vontade de estudar Teologia e, em seguida, Psicologia. Lembrou-se das vozes que encontrou ao longo do caminho, dizendo-lhe que não conseguiria concluir os estudos, que não era capaz.

Aos poucos foi percebendo que a vida poderia ser diferente, ao contrário do que os outros diziam. Oportunizou para si mesmo, a possibilidade de viver algo novo, tal qual mencionou acima, e se viu longe, talvez muito mais longe do que as vozes que o silenciavam.

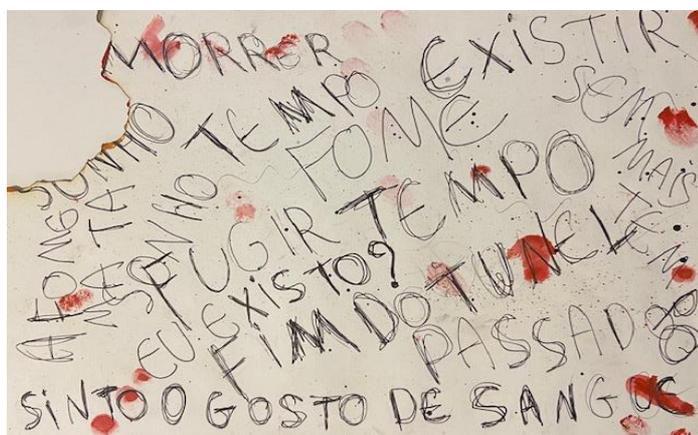
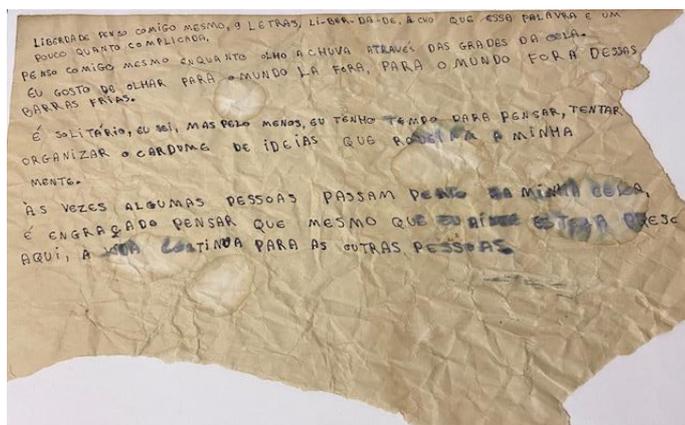
Figura 20 – Fluxo de pensamento



Fonte: Fotografia realizada pela autora dos desenhos elaborados pelos participantes da pesquisa, 2023.

Se nas imagens anteriores havia o silêncio, que frases poderiam passar pela cabeça de alguém que está preso? Fome, existir, eu ainda existo, fugir, tempo, passado, presente... A lateral do papel está queimada, como se tudo o que houvesse para ser dito ainda não estivesse finalizado, ou talvez porque aquele sujeito haja sido interrompido. Foi assim que P9 tentou se expressar, através de sua experiência no museu.

Figura 21 – Fluxo de Pensamento 2



Fonte: Fotografia realizada pela autora dos desenhos elaborados pelos participantes da pesquisa, 2023.

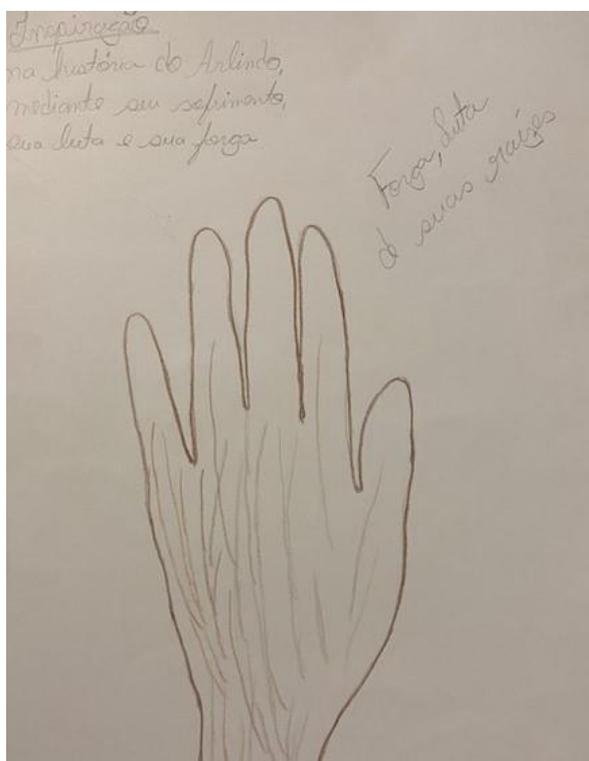
A imagem era composta por duas folhas sobrepostas. O participante se inspirou em vários objetos grudados na parede que não dialogavam muito entre si, não tinham uma certa logicidade ou ordenação. Havia uma colher, botões, um espelho e um ursinho de pelúcia. “Eu lembro de olhar isso e falar: olha, isso é legal! [...] Era como se fosse um fluxo de pensamento, quando você pensa em várias coisas e você só vai fazendo”. (P9, Anexo VI, p. 221). Segundo P9, essa é a graça da arte: nunca saber exatamente qual foi a intenção do autor, o que possibilitaria a projeção do observador sobre os objetos percebidos.

Para P9 os artistas são muito egoístas, pois querem falar sobre si mesmo em todas as obras que realizam. A escrita de P9 foi uma tentativa de imaginar o que se passaria na mente daquelas pessoas que vivem em um manicômio, tal qual os objetos não sincronizados pregados na parede. Se há uma tendência natural de relacionar a arte a alguma experiência vivida pelo observador, como seria imaginar o contrário, o processo de criação do artista que a confeccionou? Vários questionamentos surgiram de sua criação:

O que é estar livre, o que é estar preso? Porque ninguém realmente é livre. E se a pessoa é livre, qual foi o preço desta liberdade? Para mim todo mundo está preso a alguma coisa, todo mundo está numa prisão, mas nem sempre é uma prisão, nem sempre é com celas e barras. Às vezes a gente está preso a pessoas ou a nossa própria mente. Ninguém realmente é livre. E foi isso que eu quis expressar um pouco na minha arte. (P9, Anexo VI, p. 221).

P9 gostaria que as obras de arte não retratassem somente um processo de ressignificação do sofrimento mental, mas mostrassem a realidade do manicômio. Na lateral do museu havia uma cela. Alguns participantes subiram em uma árvore para poder vê-la, queriam saber como seria lá dentro. No fundo, queria que a própria estrutura virasse arte.

Figura 22 – Força e luta



Fonte: Fotografia realizada pela autora dos desenhos elaborados pelos participantes da pesquisa, 2023.

Em uma das galerias de arte do museu havia uma senhora pintando. Era uma artista do ateliê Gaia. Alguns alunos tiveram a oportunidade de conversar com ela, e foi por meio deste diálogo que a participante 3 buscou suas associações com o que mais houvesse lhe tocado. Um pequeno trecho desta conversa ocorre da seguinte maneira:

(Artista): - Não tira foto porque as outras artes que estão aqui são de outros artistas que não estão aqui no momento, então não pode tirar foto. Mas esses aqui são os meus e pode tirar.

(P3): - Nossa, são os seus?

(Artista): Sim.

(P3): - Que lindo!

(Artista): Ah, obrigada.

(P3): Então as suas artes envolvem muito a questão de sentimento?

(Participante): Sim, aqui eu consigo expressar meus sentimentos, as minhas emoções naquilo que eu estou vivendo, que eu já vivi.

(P3): - Nossa, que bacana! (P3, Anexo VI, p. 191).

Após esse encontro, a participante saiu contemplando as pinturas desta artista. Identificou em si mesma uma sensação estranha, que não soube explicar. Ao adentrar a galeria, perto de algumas imagens, viu umas colunas e uma descida, um ambiente escuro que a impressionara, e pôde *ver* a realidade daquelas pessoas como era antes. Sentiu tristeza. A sensação era de cisão, como se de um lado estivessem os artistas expressando seus sentimentos, e do outro, um sentimento de dor e aflição. P3 se questionou se não estava vendo “coisas demais” (P3, Anexo VI, p. 191), mas de todo modo, ficou bastante pensativa depois disso.

Em sua imagem, P3 buscou integrar esse episódio ao depoimento de Arlindo. absorvendo cada palavra verbalizada, se comprazendo com sua dor, com a realidade vivida, e com a coragem daquelas pessoas. Associou os ex-internos a sobreviventes, e se lembrou de sua bisavó que foi escravizada. O desenho de P3 foi uma mão, com algumas palavras escritas, e o nome Arlindo. Segundo a participante, colocar o nome dele indicava a força de seu enfrentamento e a forte presença que ele criara ao falar de si mesmo. Nesse sentido, a mão significa força e luta.

Outra lembrança que surgiu por meio da imagem foi o divórcio dos seus pais. Um divórcio conflituoso, que gerou muito sofrimento e angústia, culminando com um episódio de internação hospitalar materna. A família extensa buscava culpados pela separação, colocando uns contra os outros. Diante do episódio de surto materno, as acusações se intensificaram e a

busca por um culpado também. As ofensas diminuíram quando P3 conseguiu se posicionar, pedindo aos familiares que respeitassem a decisão dos pais e parassem com as acusações.

Todas essas críticas e julgamentos a fez lembrar de outro julgamento, proposto por Bispo, no dia do Juízo Final. Para a participante 3, o Juízo Final seria o momento de se apresentar, de colocar sua opinião. Esse gesto proporcionaria uma reflexão, de modo que o acontecimento sofrido não trouxesse prejuízo ou abalo. Desse modo, o Juízo seria a possibilidade de pensar em uma situação, refletir sobre ela, e a partir dessa reflexão, produzir algo positivo à própria existência.

E o que ficou de positivo para ela? A força. P3 se sentiu guerreira, confiante. Pode perceber quem era. Em um primeiro momento, estava sendo quem os familiares desejavam que fosse, se comportando conforme os hábitos que lhe eram ditados, vivendo para eles, e não para si própria. Após esse episódio sentiu-se aliviada: “Eu falei: Não, vou viver a minha vida agora. Vou ser eu, eu ser eu mesma” (P3, Anexo VI, p. 195) – concluiu.

Não podemos deixar de observar o quanto a mão vai ganhando um contorno cada vez maior, a cada associação realizada: a mão dos artistas que estavam pintando durante a visitação; a mão como um dos mais importantes símbolos da escravidão; as mãos que assinam o papel do divórcio dos pais e, finalmente, a mão como símbolo de identidade. Em todas as associações, força e luta.

O conceito de individuação desempenha um papel não menos importante na psicologia junguiana. “A individuação, em geral, é o processo de formação e particularização do ser individual e, em especial, é o desenvolvimento do indivíduo psicológico como ser distinto do conjunto da psicologia coletiva” (Jung, 2011*r*, p. 467). Portanto, a individuação é um processo de diferenciação, cujo objetivo é o desenvolvimento da personalidade individual. Para Jung (2011*r*) uma necessidade natural: a individualidade dada física e fisiologicamente teria uma manifestação psicológica correspondente.

Uma repressão do desenvolvimento natural por meio de regulamentos preponderantes, ou exclusivamente de ordem coletiva, traria prejuízos para a vitalidade do indivíduo. Assim sendo, quando um grupo social apresenta uma deformidade em sua atuação, ele não é capaz de sobreviver muito tempo, pois só a sociedade que é capaz de manter uma coesão interna e seus valores coletivos, preservando o máximo de liberdade do indivíduo, alcança a vitalidade duradoura.

Por outro lado, uma vez que o indivíduo não é um ser isolado, mas pressupõe também uma convivência coletiva para a sua existência, da mesma forma, o processo de individuação

não implica distanciamento do sujeito, seu isolamento ou afastamento, mas um relacionamento coletivo forte e mais amplo. Por isso, antes de torná-la um objetivo individual, é necessária uma finalidade educativa de adaptação mínima necessária às normas coletivas. “A planta que deve atingir o máximo desenvolvimento de sua natureza específica deve, em primeiro lugar, poder crescer no chão em que foi plantada” (Jung, 2011*r*, p. 468).

A individuação coincide com o desenvolvimento da consciência e um alargamento da vida psicológica consciente, mas Jung adverte que este estado é apenas uma das partes da totalidade psíquica. Seu opositor é o inconsciente coletivo, que não compreende a linguagem da consciência; é preciso, pois, contar com os símbolos para que o mesmo consiga se expressar. Os símbolos representam uma expressão primitiva do inconsciente e ao mais elevado pressentimento da consciência (Jung, 2011*f*).

Neste estudo, os símbolos são permeados pela criação individual de cada participante, atrelados às possíveis associações que cada um foi desenvolvendo. Na clínica junguiana, as manifestações do inconsciente advinham das fantasias e dos sonhos dos pacientes. Estes traziam ricos materiais simbólicos, mas, ao mesmo tempo, nem sempre eram capazes de dizer em que consistiam essas imagens. Por isso, Jung (2011*c*) dava aos pacientes a tarefa de elaborá-las ou descrevê-las, deixando a fantasia atuar livremente. De conformidade com o gosto ou os dotes pessoais, cada pessoa poderia fazê-lo de forma visual, acústica, dramática, dialética, por meio da dança, da pintura, do desenho ou da modelagem.

O resultado era uma série complexa de produções artísticas que o próprio Jung nem sempre conseguia decifrar. Em suas palavras: “este método era manifestação espontânea de um processo em si desconhecido, sustentado unicamente pela habilidade técnica do paciente, e ao qual, mais tarde, dei o nome de “processo de individuação”. (Jung, 2011*c*, p. 150). Em seguida, Jung complementa:

Em muitos casos, isto produzia um efeito terapêutico notável, encorajava tanto a mim como o paciente a prosseguir no tratamento, malgrado a natureza incompreensível dos conteúdos trazidos à luz do dia. Tive necessidade de insistir em seu caráter incompreensível, para evitar que eu próprio, baseado em certos pressupostos teóricos, recorresse a interpretações as quais eu tinha consciência não só de que eram inadequadas, mas podiam levar a prejudicar as produções ingênuas do paciente. (Jung, 2011*c*, p.149-150)

Sempre que se sentia inclinado a um direcionamento, Jung (2011*c*) adotava uma postura de não se arriscar a formular qualquer teoria a respeito delas. Essa atitude lhe causava muitas vezes um certo incômodo, porque muitas vezes o paciente necessitava de uma certa orientação para não se perder na escuridão em que se encontrava. Nestas circunstâncias, Jung lhes fornecia

uma interpretação provisória, mesclando-a com muitos “talvez”, “se”, e “mas”, sem ultrapassar os limites das configurações que se apresentavam. Preocupava-se, tão-somente, que a interpretação desembocasse em uma questão que a própria fantasia do indivíduo fosse capaz de responder.

#### 4.3 CONDENAÇÃO E REDENÇÃO

Esta sequência de imagens abarca a temática da condenação e redenção. Traz consigo uma dor profunda acerca do sofrimento humano, imputado por uma sociedade excludente. Os relatos dos participantes sobre instrumentação cirúrgica, lobotomia, eletroconvulsoterapia, misturam-se com depoimentos pessoais de pessoas que acreditavam que se fosse em outra época também estariam naquela condição manicomial. Em casos ainda mais graves, a condenação se dá através da morte, de si mesmo ou do outro, de forma simbólica ou como possibilidade real, conforme pode-se observar a seguir.

Figura 23 – Cidade natal



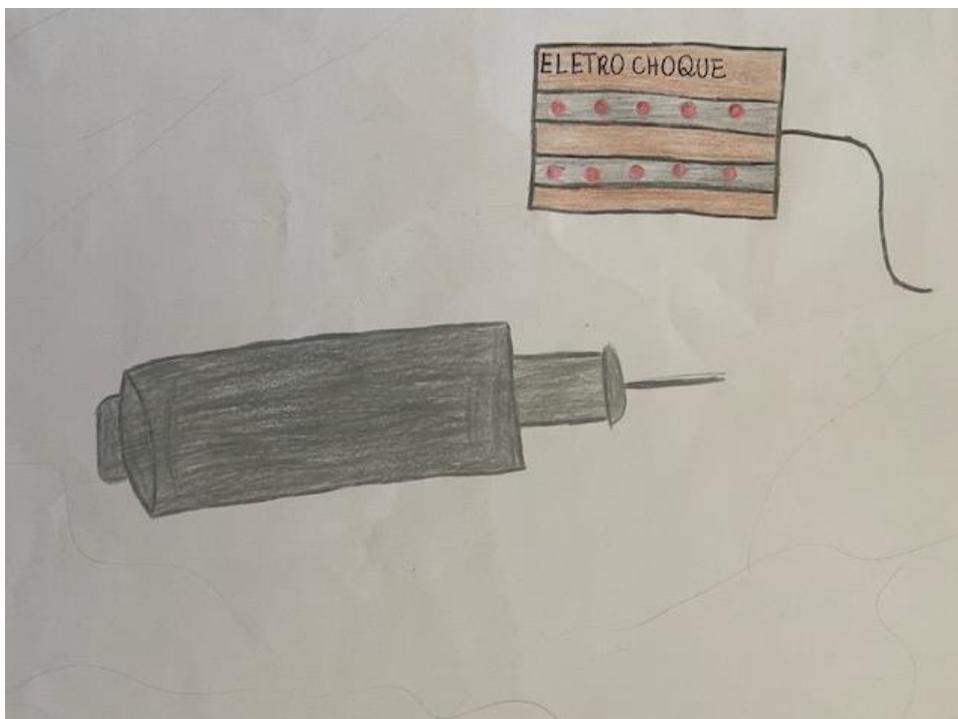
Fonte: Fotografia realizada pela autora dos desenhos elaborados pelos participantes da pesquisa, 2023.

P14 buscou representar sua cidade natal, acrescentando vários elementos que faziam referência ao que via, e a si mesma. Dentre eles, o desenho contém um cavalo, um táxi e uma menina pendurada pelos pés. Uma menção ao suicídio? Talvez!

A pessoa amada estava na mesma viagem feita ao museu. Um amor proibido por se tratar de uma relação homoafetiva. Terminaram o namoro para não se machucarem. Como se tivesse um interlocutor à sua frente, se referindo a todos aqueles que enclausuram o outro por sua condição, P14 indaga: “Pensei, qual é o problema? Você acha que você é doida pela cor que ela é, pela condição que ela tem, pela sexualidade dela? O quê que isso impacta na sua vida? No caso, você não tem nada a ver com a vida dela. Não muda nada na sua.” (P14, Anexo VI, p. 239).

No que diz respeito à sua orientação sexual, P14 teve apoio familiar, sua ex-namorada, não. De todos os elementos que a participante representou, a que mais gosta é a imagem de um bonequinho, que apesar de ser todo “esquisitinho”, tem o seu gosto pessoal. A mesma estranheza que sutilmente comparece ao falar sobre si.

Figura 24 – Instrumentos cirúrgicos



Fonte: Fotografia realizada pela autora dos desenhos elaborados pelos participantes da pesquisa, 2023.

A condenação é efetiva quando os instrumentos cirúrgicos entram em cena, retirando a individualidade do sujeito. O aparelho de lobotomia, parecendo uma furadeira enorme, apareceu na fala de P12. A participante ficou impressionada com o depoimento de Arlindo, queria ter visto a performance que ele mencionara, ora sendo o Bispo, ora ele mesmo. Se solidarizou com sua dor, com a situação crítica, à qual os internos fossem sujeitados e expressou o horror diante dos instrumentos cirúrgicos e aparelhos de eletrochoque.

Silveira (2024), no livro *O mundo das imagens*, questiona quais seriam as bases científicas dos tratamentos agressivos imputados aos doentes mentais? Segundo Silveira, para o psiquiatra Ugo Cerletti, a inspiração para o uso do eletrochoque se deu quando ele visitou um matadouro de porcos em Roma. Cerletti verificou que os porcos submetidos a choques elétricos apresentavam crises convulsivas antes de serem abatidos. O psiquiatra concluiu que poderia provocar uma convulsão no homem sem matá-lo, por meio de uma corrente transcerebral. Foi assim que surgiu, em 1928, o eletrochoque, uma prática recomendada até hoje.

O eletrochoque, bem como, o choque hipoglicêmico, provocam profunda regressão fisiológica e psicológica, com perda temporária da memória. Esse ‘apagamento’ das funções mentais superiores, com sua posterior recuperação, seria exaltada como uma reconstrução sadia pelos seus adeptos. A eficácia desse tratamento se justificaria exatamente sob este ponto, visto que o principal benefício seria o esquecimento dos fatores que desencadearam a psicose.

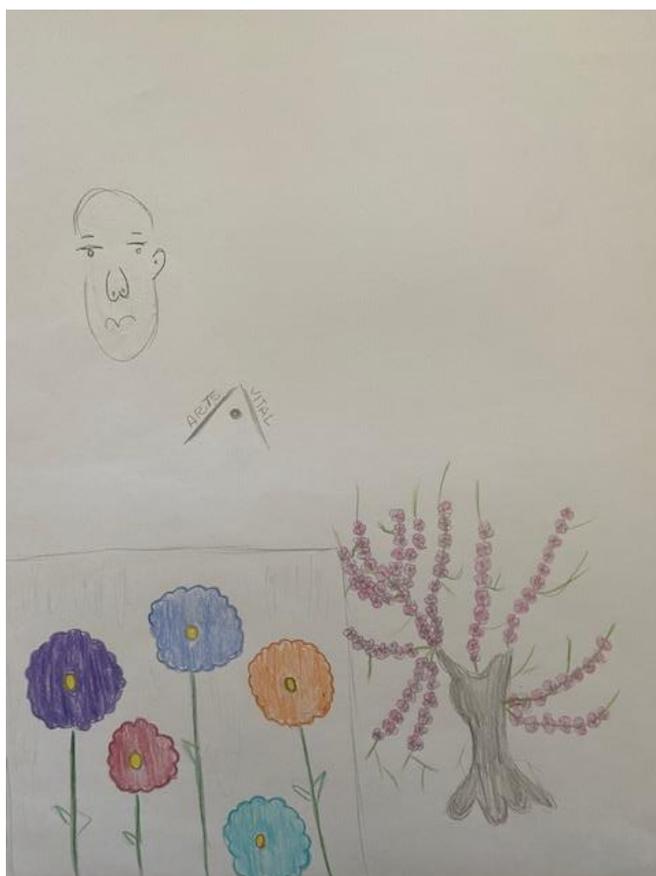
E se, durante o processo de reconstrução da estrutura psíquica, o paciente voltasse a recordar dos acontecimentos que motivaram o surto psicótico? – questiona Silveira. “Valeria a pena esquecer os conteúdos nucleares da psicose, ou antes, seria preferível trazê-los à tona, confrontá-los, tentar interpretá-los, metabolizando-os e mesmo transformando-os?” (Silveira, 2024, p. 12).

O sentimento de dor, o sofrimento e uma *coisa* ruim, não nomeada, foram as impressões que P12 teve diante da visita: “E essa sensação de morto-vivo... a pessoa tem vida, mas está ali sem reagir. Eu acho muito pesado isso!” (P12, Anexo VI, p. 230).

Lembrou-se de duas tias que sofrem de demência, uma delas, em estágio avançado da doença, apesar da pouca idade. A tia acamada se alimenta por sonda, usa fralda e é totalmente dependente. A outra está um pouco infantilizada em decorrência de sua saúde precária. Ressaltou que a situação vivida por elas é semelhante àquela que tentava expressar: a pessoa está viva, mas não vive.

A voz da tia ainda ecoa em sua mente: “Ai, não aguento mais!” (P12, Anexo VI, p. 230). A mesma sensação que tem ao ver diante de si a miséria humana sob sua forma mais deprimente, no caos da saúde mental brasileira.

Figura 25 – Meu reino não é deste mundo



Fonte: Fotografia realizada pela autora dos desenhos elaborados pelos participantes da pesquisa, 2023.

Com a participante P6, não foi diferente. Ela sequer conseguiu nomear os aparelhos de eletrochoque, que por meio de suas impressões pessoais afirmou também se assemelharem a uma furadeira. Ficou em choque quando se indagou se os funcionários “furavam as pessoas com aquilo”. (P6, Anexo VI, p. 208). Ao ver os instrumentos, sentiu vontade de chorar, diante da desumanidade escancarada.

Talvez seja por isso que no desenho realizado por P6 haja um homem e algumas árvores. Achou bonita a árvore, gostou dos galhos. A imagem do homem, viu pintada no muro, do lado de fora do museu. Em sua imaginação, era uma pessoa que possivelmente morara ali. P6 associou esse agrupamento de figuras a um estado de condenação, pois acredita que de um certo

modo todos os que viveram na Colônia Juliano Moreira haviam sido condenados. Em uma dialética entre condenação e redenção, o perdão não coube a esta vida.

Para P6, mesmo que os ex-internos conseguissem sair da prisão institucional, o prejuízo acarretado por anos de sofrimento físico e mental seria tão grande que eles não se sentiriam libertos. “É como se eles estivessem fora, mas ao mesmo tempo tudo isso está dentro deles, então eles não conseguem se libertar”. (P6, Anexo VI, p. 211).

P6 acredita que o descanso para os antigos internos da Colônia somente seria possível após sua morte, quando eles repousassem e poderiam viver o que não foi possível nesta existência. “É porque eu acho difícil ter essa libertação num lugar que é tão prejudicial, que é tão preso!” (P6, Anexo VI, p. 211). Assim, a redenção, o resgate da humanidade, o reino de Deus, não são deste mundo.

Figura 26 – A perda da humanidade



Fonte: Fotografia realizada pela autora dos desenhos elaborados pelos participantes da pesquisa, 2023.

As associações-livres de P23 também se referem à redenção, ou ao resgate de uma certa humanidade. Ter visto o eletrochoque, com as maletas de médico no canto da sala, fez P23 se lembrar do documentário que assistiu sobre o manicômio Colônia, em Barbacena. A partir do impacto que teve, ficou imaginando o sofrimento daquelas pessoas, cujas fotografias estavam

penduradas na parede. Em sua arte, fez uma pessoa chorando, ligada a um aparelho de eletroconvulsoterapia, ‘perdendo a humanidade’, com lágrimas coloridas.

P23 contou que perdeu a humanidade quando passou por uma crise conjugal intensa. Nessa ocasião, descobriu em si uma pessoa que até então não conhecia. “Eu me desfiz toda ali. Eu fiquei doente, eu entrei em depressão e foi um processo muito difícil, porque eu me perdi. Eu não me via mais, eu era uma outra pessoa” (P23, Anexo VI, p. 274) – afirma. Muitas perdas foram mencionadas, perdeu a alegria, a vontade de viver, a sua essência e sua sensibilidade, principalmente para matar ou morrer. Sofreu muito, porque foi um processo intenso e dolorido. Colhe os amargores desse período até hoje.

Há alguns anos atrás P23 sofreu uma traição do marido com uma mulher que, até então, era muito próxima de sua família. Os dois haviam combinado morar juntos; entretanto, o esposo não conseguiu partir. Ele disse à amante que não conseguiria ir embora e deixar os filhos para trás. Indignada com a decisão do companheiro, a amante decidiu contar tudo para sua esposa. P23 se descrevia como uma mulher pacífica, que diante de uma comoção muito intensa esbravejava, mas sem maiores consequências. Porém, nessa ocasião, havia decidido pôr fim aquela situação, queria matá-lo. Disse ao marido: “Você tirou tudo de mim!” (P23, Anexo VI, p. 275).

Sentia vergonha quando imaginava que todos a sua volta sabiam da traição, menos ela. Pensou que não teria nada a perder: sua mãe cuidaria dos filhos, pagaria a pena na prisão, e sairia ilesa. Mas felizmente nada saiu conforme o planejado. Quando o esposo chegou em casa, a discussão foi inevitável! Diante da briga, quem apareceu não foi a polícia, mas o pastor. Ele pedia a P23 para que se acalmasse, porque ela estava transtornada. Em meio a pedidos de calma, o pastor lhe disse que o seu dever como esposa era perdoá-lo.

P23 não entendia o conselho fornecido; afinal, quem sofrera o dano fora ela! Aproveitando o ensejo daquela situação, o cônjuge confessou a todos: “Errei, fiquei mesmo e não tem como voltar atrás” (P23, Anexo VI, p. 276). Porém aquilo significava o fim para P23. Sentiu-se no lugar errado. Quem deveria se desculpar era a mesma pessoa que agora lhe exigia um pedido de perdão, ancorado na igreja da qual fizesse parte.

A depressão que se seguiu foi profunda. Tornou-se apática, perdeu sua sensibilidade. Quando uma pessoa conversava com P23, ela se via “em outro lugar”. (P23, Anexo VI, p. 276). A comunidade religiosa a julgava, afirmando que ela era uma pessoa muito dura, e que aquele que não perdoa não teria o coração grato. Conclamavam-na a olhar para os filhos; mas tudo isso lhe fazia mal. Por fim, deixaram-na de lado.

Certo dia, sua mãe veio visitá-la, já se passara uma semana que P23 não tomava banho. Não sentia vontade de fazer nada, queria ficar quieta no escuro, sem ver ninguém, sem falar com ninguém. A mãe cuidadosa abre as janelas e a conclama: “Vamos tomar banho agora”. (P23, Anexo VI, p. 277). Então a conduz até o banheiro, lava seus cabelos, senta ao seu lado da cama, e lhe diz: “Olha, você tem duas opções: ou você sai disso fortalecida ou você se enterra de vez! O que eu tenho para te falar é que eu quero que você saia dessa, mas a opção é sua. Levanta, vai estudar, faz o que você quiser fazer da sua vida!” (P23, Anexo VI, p. 277).

O convite materno encontrou eco em seu coração. Após 20 anos de ausência da escola, fez inscrição para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), conseguiu um financiamento estudantil, e iniciou um curso superior. Era o movimento que precisava para despertar. Poucos meses após sua entrada na faculdade, a mãe adoece e morre. Esta que não viu a conclusão da faculdade em Psicologia, mas que foi a mola propulsora para seu início da graduação.

Ao término de sua existência, mãe e filha se aproximaram muito. P23 não foi criada por sua mãe; esta, por sua vez, tinha também uma história bastante complexa. A genitora e o marido dela viviam em uma relação bigama: durante 15 dias ele ficava na casa da outra companheira; no restante dos dias, com ela. Quando a mãe disse basta àquela situação degradante, o avô não a aceitou de volta em casa, porque “era vergonha naquela época”. (P23, Anexo VI, p. 278).

Longe do lar, a mãe de P23 engravida. Algum tempo depois, o ex-marido arrependido lhe pede para voltar para casa, contou que havia se separado da outra companheira, e queria muito que ela voltasse. A mãe relata ao parceiro sua gestação, e o mesmo consente, prometendo cuidar da pequena criança. Tanto a mãe de P23 quanto o marido eram negros; porém, o pai biológico era branco. Quando a pequena neném nasceu, o companheiro da mãe se revoltou, porque acreditava que a filha também seria negra, resguardando o segredo familiar. O tom de pele escuro se tornou motivo de vergonha, pois todos iriam saber que o bebê não era sua filha legítima.

Então quando tinha um mês, mais ou menos, o padrasto chega bêbado em casa, pega um revólver, coloca na cabeça da criança e atira. Quando a mãe escuta o barulho do gatilho, corre em direção da filha, segurando-a em seus braços, e a leva para à casa de uma tia. No revólver não havia bala. Assim, P23 morou com a tia até os 12 anos de idade. A mãe saiu de casa naquele mesmo dia; alguns anos depois, ela se casou novamente e teve novos filhos.

O vínculo com a tia era forte, sentiu-se segura, e por lá permaneceu. Embora sempre soubesse de sua mãe, não se considerava próxima dela. Mas quando a genitora adoeceu, esse vínculo se fortaleceu. P23 pôde cuidar dela: dava banho, comida. Foram poucos meses de

convivência, porém, ricos em afeto. A mãe, que por duas vezes a salvara, encontrava alento nos braços da filha, impulsionando-a à sua própria existência.

Em seu desenho, P23 retrata uma mulher. Na sua intenção inicial, a pessoa que representou estava careca; porém, ao conectar os fios do aparelho de eletrochoque aos cabelos, o semblante pareceu-lhe feminino. Afirmou que antes de todo esse acontecimento, não arrumava os cabelos, não fazia a unha, nem a sobancelha, porque na igreja as pessoas diziam que tudo isso não era importante, a aparência não tinha valor. Mas quando souberam da traição, não demoraram a afirmar que o marido havia se interessado por outra pessoa porque P23 estava gorda. Decidiu, desse modo, se cuidar – mais por si mesma do que por causa dos outros.

Então, quando se deparou com o equipamento de lobotomia, todas essas memórias lhe vieram à mente. Pensou em Bispo, no Juízo Final, e comentou que também foi julgada: “Morri, fui julgada e estabeleci aonde que eu queria estar!”. (P23, Anexo VI, p. 281).

Outra obra que vira no Museu lhe sobreveio: era a pintura de um cérebro, com duas pessoas dentro. Pensou: “Como que existem duas pessoas [...] duas pessoas lá dentro? Como que cabe duas pessoas distintas, porque elas têm uma separação.” (P23, Anexo VI, p. 282). Sentiu-se surpresa, ficou muito impactada. E, mais adiante, completou: “E eu fiquei pensando, nossa que legal! Duas pessoas dentro de uma. E como é que administra isso?” (P23, Anexo VI, p. 282).

Procurou ver as digitais dos internos expostas na parede. Ficou por horas olhando, buscando identificar.

Todavia, algo curioso chama a atenção, se a humanidade está na lágrima, ela está também no aparelho? Porque a mulher está chorando sua humanidade, que está se perdendo, mas ao colorir, P23 destaca não apenas as lágrimas, como também, o instrumento. É difícil extrair um sentido *positivo* de um aparelho de eletrochoque, quando nos encontramos no plano concreto, literal. Porém, é simbólica, a transformação provocada por um “choque” de realidade, que tira a humanidade, ao mesmo tempo em que a resgata.

#### 4.4. AS VIRGENS NA CONTEMPORANEIDADE: O FEMININO EM FOCO

Esta seção foi inspirada em uma frase de Arthur Bispo do Rosário. “Venham as Virgens em Cardumes”, encontrada em um de seus bordados. Nesta tessitura, Bispo descreve virgens, cardumes, milagres, em uma mistura de palavras e visões. Durante este experimento no Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea, algumas participantes associaram sua feitura à temática

do feminino, com seus desafios e enfrentamentos. A criação artística se apresenta como forma de expressão e resistência.

Figura 27 – Eu sou



Fonte: Fotografia realizada pela autora dos desenhos elaborados pelos participantes da pesquisa, 2023.

A primeira imagem à qual P31 se ateu tinha três círculos, uma figura superior, que parecia uma lua ou uma banana, um feto e alguns remédios. Os círculos convergiam entre si, como uma mistura de colagem com pintura; as cores eram fortes, com predominância do vermelho.

Depois, conhecendo o museu, viu outra obra de arte. Uma fotografia quadrada, contendo o busto de uma pessoa e uma chave entre a camisa. A chave estava pendurada em meio aos botões. Foi uma imagem muito significativa, porque a fazia lembrar do que acabara de ouvir sobre o Bispo do Rosário, que ele tinha a chave do lugar onde morava, e depois que os manicômios foram desfeitos, Bispo permaneceu por lá, porque era a casa dele. P31 exclamou:

“Não tem nada mais representativo neste lugar do que eu fazer essa imagem”. (P31, Anexo VI, p. 328).

A primeira obra era pautada pelo tema da maternidade – folheando um livro da autora, P31 pôde constatar seu significado. A segunda, abordava o encarceramento de si mesmo, ter a sua própria chave, e escolher entre sair ou ficar. Mas a participante se inquietou por não conseguir fazer uma relação entre as duas. Ambas eram imagens muito simples, sem muita elaboração.

Dizendo não ter “muitos dons artísticos”, P31 foi fazendo traços leves, explicando que ao olhar para a imagem, sem colorir, o risco estaria bem clarinho. Tentou reproduzir a obra de arte mesmo, mas não conseguiu imprimir força nos braços para fazê-la. As associações que acompanharam seu processo de criação foram uma lembrança de quando era mais jovem e, sendo filha única, não tinha muito contato com os outros. Ficava grande parte do tempo em casa com a mãe, longe da cidade, na roça.

A casa em que residia tinha grades nas janelas. Após alguns anos começou a namorar. Os pais não deixavam que P31 saísse de casa a sós com o pretendente. Então, seu cunhado, certa vez, falou que a participante parecia uma prisioneira. Ficou bastante aborrecida à época com o comentário, mas agora relembro, constata que, assim como Bispo, tinha a chave nas mãos mas permanecia naquela situação.

Novamente numa tentativa de integrar as imagens que a tocaram, menciona que Bispo possuía uma visão de mundo e grande criatividade. O feminino se apresenta assim, às vezes, quando tem tanto a mostrar para o exterior e, apesar disso, segue enclausurado em um lugar confortável ou conhecido.

O mesmo acontece no relato a seguir. Se o mundo é ameaçador, há um retorno à condição psíquica anterior e, em algumas vezes, mediante mecanismos regressivos. A voz é uma característica fundamental para P7. Com deficiência auditiva, o que mais lhe chamou a atenção foi “aquela parte dos microfones”. Essa é uma referência à exposição: *Falatório de Stella do Patrocínio*, uma sala vazia, com microfones espalhados pelo ambiente, ecoando a entrevista realizada.

Figura 28 – A pequena sereia



Fonte: Fotografia realizada pela autora dos desenhos elaborados pelos participantes da pesquisa, 2023.

Sua inspiração para o desenho veio de um outro lugar, um quadro que apresentava coqueiros, pôr-do-sol, o mar e o Cristo Redentor. Além destes, P7 acrescentou uma sereia, uma figura mitológica que tem como característica principal, o seu canto, a sua voz; embora essa relação não ocorra de modo consciente, P7 disse que desenhou a sereia por causa do mar. Esta associação encontra suporte na teoria junguiana. Para Carl Gustav Jung, as sereias são “figuras femininas que de certa forma representam o inconsciente enquanto mar e onda do mar” (Jung, 2011o, p. 168).

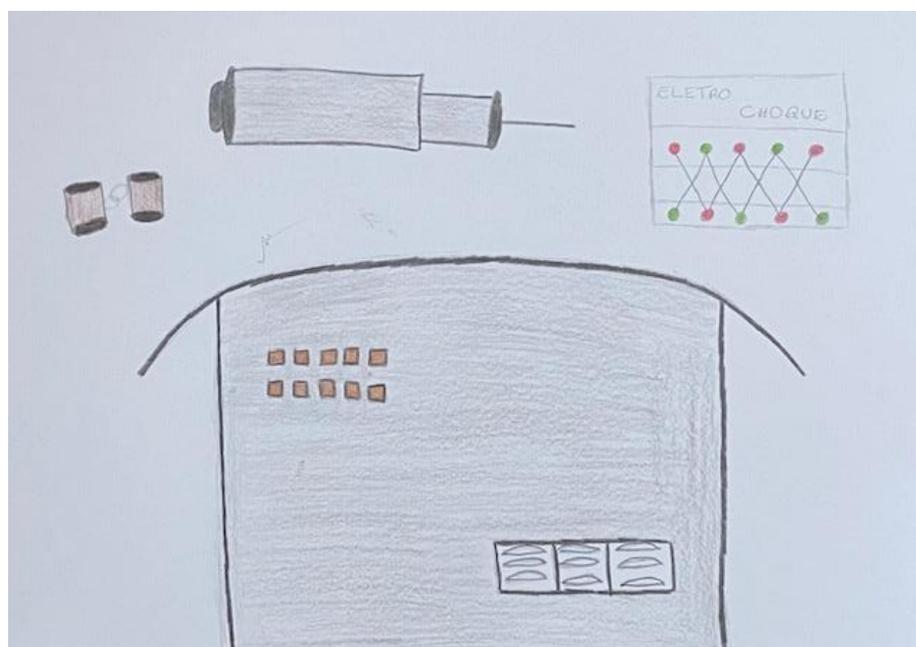
Destacando sua característica de ser metade peixe, metade humana, surge a lembrança da personagem que volta ao mar, como uma bolha, depois de haver sido magoada pelos humanos. Uma referência ao conto *A pequena sereia*. Nesta obra, a sereia faz um acordo com a bruxa do mar, segundo o qual, se ela não conseguisse fazer com que o homem amado se apaixonasse por ela, mesmo sem ter a voz (porque ela a havia dado para a bruxa), logo, não conseguisse tal façanha, a bruxa a transformaria em espuma do mar. A sereia não consegue

fazer com que o humano se apaixone e se atira ao mar, se transformando no fatídico destino. O autor que criou o conto era um dinamarquês, *Hans Christian Andersen*, que escreve, na lembrança da participante, que “o amor é insensato”. (P7, Anexo VI, p. 214).

Segundo Jung (2011*m*), a sereia é um estágio ainda mais instintivo, de um ser mágico feminino. Em épocas remotas em que a consciência humana nascente ainda se encontrasse por inteiro ligada à natureza, haveriam de ter existido, primeiro, os espíritos da floresta, do campo, dos cursos de água, muito antes do desenvolvimento da consciência moral. Seres que se apresentavam tão temidos quanto sedutores, cujos encantos não passavam de características parciais. Aquilo que agora sentimos em uma quantidade infinita como parte integrante de nosso próprio psiquismo, ainda pairava alegremente ao homem primitivo sob amplas projeções.

Jung (2011*f*) ressalta, ainda, o quanto as sereias entendem da arte da transformação. Essas criaturas podem transformar-se em qualquer forma, aspecto que terá destaque no relato de P7. A participante nos conta que gosta de ouvir diferentes opiniões ou perspectivas, e o conto lhe indica um sentido de mudança, de uma pessoa poder retornar ao lugar em que se sente mais confortável depois de conhecer o mundo.

Figura 29 – Será que estão achando que eu vou entrar?



Fonte: Fotografia realizada pela autora dos desenhos elaborados pelos participantes da pesquisa, 2023.

Caminhando em direção à parte externa do museu, P29 identificou um lugar em “ruínas”, que lhe apontava para o local onde possivelmente as pessoas ficavam aprisionadas. A participante e uma amiga olharam através de uma pequena janela que dava acesso ao seu interior e não souberam explicar o que sentiram, apenas que era algo forte, como se as pessoas ainda estivessem lá, vivendo tudo aquilo que passaram.

Os pensamentos que sobrevieram foram: “Meu Deus, aqui é pequeno, fechado, só tem essas mini janelinhas e essa saidinha de ar aqui. E lá dentro tudo destruído, sem nenhuma reforma.” (P29, Anexo VI, p. 316). Imaginou que os sujeitos que ocupavam esses espaços eram levados para aquele lugar para serem punidos, em consequência de algum delito cometido.

Duas imagens que não foram reproduzidas por P29 mas que prenderam o seu olhar revelam uma mulher despida, com a blusa levantada e os seios à mostra, e um homem igualmente nu, proporcionando-lhe uma ideia sobre a vulnerabilidade dos corpos. Por fim, pensou em como deve ser ruim despir-se diante de outra pessoa. Todo esse impacto, ela sentiu do lado de fora. Dentro do museu, sem dúvida alguma, foram as algemas, o eletrochoque e os aparelhos de lobotomia que mais a impressionaram.

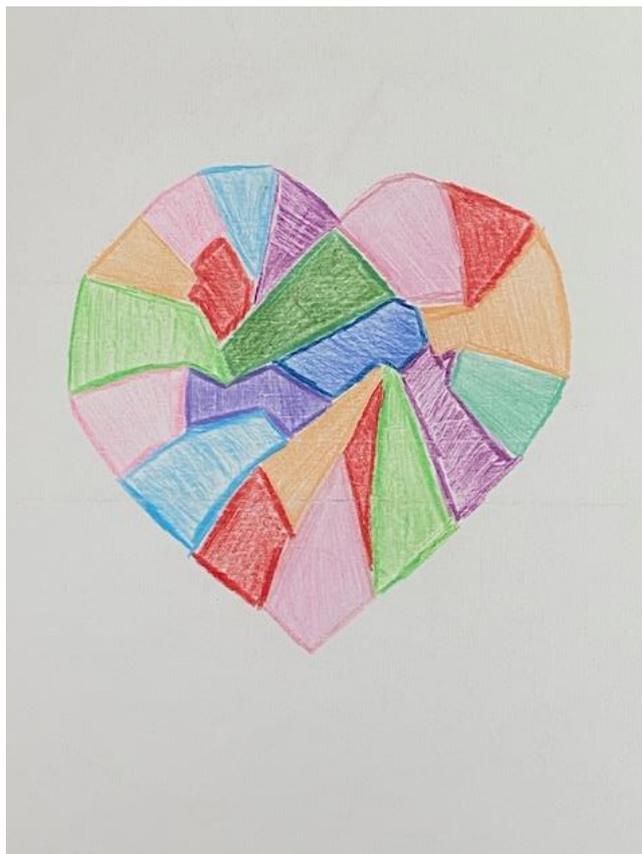
Associou a nudez à sua infância, carente de recursos financeiros. A sua tia deixava de comprar roupas para si mesma, para adquiri-las para ela; então, quando viu a mulher despida, fez essa analogia, “sem perceber”. P29 poderia ser essa mulher despida, ou a tia, que deixava de se vestir por causa dela. De importância ímpar, a irmã de sua mãe era a única que trabalhava fora, por isso sustentava a casa onde residiam.

Até os seis anos de idade, o pai de P29 não era presente em sua vida. Quando a mãe engravidou, eles moravam em São Paulo. Assustada, a progenitora voltou para Minas Gerais, pois queria o acolhimento dos pais dela. Só mais tarde, o pai soube da gestação, solicitando o exame de DNA, que comprovou sua paternidade. A partir desse momento tornou-se presente na vida da filha, provendo-a e sustentando-a, sempre que necessário. Na mesma época, sua mãe conheceu o novo companheiro, e eles permanecem juntos até os dias atuais.

Assim, como que a demarcar um território, P29 nos conta que tem vários pais: o pai-avô, o pai-padrasto, o pai-padrinho e o pai biológico. Um excesso de pais como a dizer às outras pessoas: ‘Não mexe com minha filha não!’. Ela é assediada quase todos os dias. Transita por uma avenida muito movimentada na cidade em que mora. Quando os caminhões passam, os motoristas param. “Será que estão achando que eu vou entrar?” – ela questiona. “Eu olho, fecho a cara e continuo andando”. (P29, Anexo VI, p. 318).

Entre o imaginário de vulnerabilidade das mulheres despidas nos asilos, ao assédio cotidiano sofrido nas ruas, P29 se sente protegida pelos cuidados maternais. Amparado nessa experiência, contou que a princípio não queria participar da excursão, pois tinha receio de ir por não conseguir dormir no ônibus, e iria ficar muito cansada. Mas dormiu! Dormiu profundamente na ida e na volta para casa.

Figura 30 – Coração de mosaico



Fonte: Fotografia realizada pela autora dos desenhos elaborados pelos participantes da pesquisa, 2023.

Do mesmo modo P21 sentiu-se sensibilizada pelos objetos que eram usados para fazer lobotomia. Os instrumentos estavam lá, como um registro vivo da história manicomial brasileira. Não era uma história inventada, testemunhavam o que realmente aconteceu, e pensar que poderia ter sido ela passando pela internação, ou qualquer outra pessoa que existisse naquela época, a deixou comovida. O motivo pelo qual acredita que poderia ter sido com ela, é um só: o fato de ser mulher.

Em seu desenho, representou um coração em mosaico, ou seria um mosaico de coração? Sorriu diante da confusão criada pela semântica das palavras. Estranhou o fato de que pouco

tempo depois de ter feito essa imagem, seu relacionamento afetivo veio ao fim. Surpreendeu-se dizendo: “O coração ficou daquele jeito lá!” (P21, Anexo VI, p. 269).

Apesar dos cacos, o mosaico lhe trazia uma imagem de reconstrução e também fez questão de frisar que “o coração do mosaico estava inteiro, né? Então...”. (P21, Anexo VI, p. 269). Haviam muitos sinais de que seu namoro estava chegando ao fim; porém P21 insistia em sua continuidade, acreditando que poderia mudar alguns comportamentos com o passar do tempo, mas não pôde.

Refletiu bastante sobre a condição do feminino. Mencionou quando uma pessoa não é escolhida para uma tarefa por ser mulher, quando a sociedade lhe dá um tratamento diferenciado, ou não lhe fornece o crédito por algo que conquistou (por exemplo, a carteira de habilitação). E mais ainda, os homens acreditarem que podem desrespeitá-la, falar alguma coisa indesejada, assediar, encostar em seu corpo. P21 já vivenciou todas essas situações, com bastante incômodo.

A imagem do mosaico foi inspirada em uma obra de arte que viu na lojinha do museu. Queria ter comprado o quadro, era um quadrinho bem pequenininho. Mas havia nele uns “lascadinhos” e P21 não comprou não. Essas “lascas” que tanto lhe chamaram a atenção também foi motivo da associação com sua condição atual. Além do quadro, gostou do vestido que a Patrícia Rute fez, das casinhas e dos carrinhos do Arlindo Oliveira. No final, deslocou-se para a parte de trás do museu, onde os pacientes ficavam presos e a sensação foi horrível, por pensar que as pessoas ficavam ali “jogadas”.

No início sentiu-se incomodada quando Arlindo Oliveira estava contando sua experiência, porque se colocou no lugar dele, tentando imaginar como seria se fosse com ela. Se perguntou: “Como que eles conseguiram, sabe? Eles conseguiram sair dessa situação e estão hoje contando a história. Por quanta coisa eles tiveram que passar?” (P21, Anexo VI, p. 271). Ao mesmo tempo, percebeu que estava feliz por não estarem mais vivendo daquela forma. A capacidade de ser resiliente, de superar e expor sua realidade após ter vivenciado uma experiência de sofrimento, remetia-a à sua própria situação. De um certo modo, P21 trilhou esse percurso: se identificou e pôde ser empática também com eles e consigo mesma.

Figura 31 – Inocência



Fonte: Fotografia realizada pela autora dos desenhos elaborados pelos participantes da pesquisa, 2023.

A mulher em um relacionamento amoroso também foi tema de interlocução para P24. A participante escolheu para representar um quadro com duas pessoas dentro da cabeça de outra, “Se não me engano as duas pessoas estavam abraçadas.” (P24, Anexo VI, p. 285).

Descreveu o quadro da seguinte forma: “a imagem é uma cabeça de um homem, como se fosse um desenho de um cérebro e tinha duas pessoas lá dentro”. Tentou tomá-lo o mais parecido possível com o original. E continuou: “Se eu não me engano, as duas pessoas que estavam na cabeça dessa pessoa, era como se elas estivessem nuas. E... eu não... como que eu posso explicar? É como se eu tivesse alguma coisa na minha cabeça nesse momento também, sabe! Não sei explicar muito bem!” (P24, Anexo VI, p. 285).

As pessoas representavam pensamentos que P24 reconhecia em si mesma, sobre intimidade ou algo semelhante. Palavras como companheirismo lhe vieram à mente, pelo fato de as duas pessoas estarem abraçadas; mas a participante não atribuiu à imagem, nenhuma condição erótica, apesar de estarem nuas. Por fim, concluiu dizendo que estava precisando de um relacionamento.

Conheceu recentemente uma pessoa, e estava começando a se envolver com ela: havia reciprocidade no gostar; contudo, esse sujeito morava muito longe, em outra cidade, e eles ainda não haviam se encontrado. A lembrança do flerte passou, e de relance, ela foi atravessada pela memória do primeiro namorado. Ele também residia em outra cidade, cerca de cinco horas de

viagem, e terminaram o relacionamento no dia seguinte ao seu aniversário. Sentiu-se muito mal, pois, afinal, era um dia de comemoração, que se tornou estranho, pesado.

É mesmo estranho quando o presente de aniversário é o término. A abertura para novas experiências, o fechamento e início de um novo ciclo coincidindo com uma data tão significativa, amplia ainda mais o sentido do presente dado. O reencontro com o antigo companheiro ocorre cerca de um ano depois. Houve pedidos de retorno, sentimentos de arrependimento, mas o namoro já tinha chegado ao fim.

A mesma ingenuidade com a qual não imaginou a ruptura de seu relacionamento afetivo lhe trouxe à mente a fala de Arlindo. Segundo P24, em seu depoimento, Arlindo contou como veio parar na Colônia Juliano Moreira. “Senão me engano o pai dele falou com ele que ia levá-lo para comer uma maçã. E aquela frase foi muito marcante, porque ele foi abandonado com a maior inocência, ele foi fazer algo que ele jamais imaginou”. (P24, Anexo VI, p. 287).

Figura 32 –*Hashtag*: “Vida de Marlene”



Fonte: Fotografia realizada pela autora dos desenhos elaborados pelos participantes da pesquisa, 2023.

Se, anteriormente, observamos o feminino aprisionado e ferido, encontramos também, imagens que apontavam para uma certa forma de resistência. Uma mulher deitada, com o aspecto de cansaço – “ou algo assim mais intenso” – afirma P19 (Anexo VI, p. 261), ao se

referir à imagem que escolheu para reproduzir. Ao lado do desenho da mulher, acrescentou duas frases: “Marlene xingou o presidente e foi expulsa da escola” e “Marlene cansou de sofrer”. Alguém passou dois dedos embaixo da palavra *cansou*, como se quisesse marcar aquele vocábulo. As frases escolhidas estavam escritas em um muro, que foi fotografado e exposto em uma das galerias do museu.

Sobre o processo de criação do desenho, P19 nos conta que ficou bastante reflexiva. Muitas coisas lhe chamaram a atenção, destacando a história real dos moradores da antiga Colônia Juliano Moreira. Porém, o que de fato a houvesse sensibilizado era o quadro com uma mulher; afinal, era “Marlene”, e não “João” ou “Ricardo”.

Na obra de arte havia seios fartos, que P19 não representou. Em todas as fotografias uma *hashtag* “Vida de Marlene”. A opressão feminina, relacionada à ideia de cansaço físico e mental, foram os aspectos que ligaram P19 a esta arte.

Eu acho que é imposto tanto esse posicionamento sobre nós, de como nós deveríamos ser, do nosso cabelo, da nossa sobrancelha, o nosso falar, a nossa comunicação. É tão imposto algo sobre a gente que é muito difícil. E é cansativo se manter nesse posicionamento que a sociedade cobra da gente. (P18, Anexo VI, p, 262).

Estava claro para P19 que a imagem escolhida não deveria ser interpretada de modo literal, pois não se tratava de xingar o presidente, nem de ofendê-lo, mas da importância de se questionar e ter um posicionamento crítico sobre todas as formas de opressão. E nem tampouco versava apenas sobre Marlene:

Sempre que se fala sobre a questão racial, sobre o SUS, sobre a escola pública eu me arrepio. Sempre, sempre, sempre que se toca nesse assunto. [...] Porque a gente tem que cuidar dessa parte também, sabe! Por mais que a gente não esteja frequentando a escola, a gente tem que lutar por essa instituição. Do nosso modo, nosso também! Então eu acho que eu estou muito nesse movimento, como a Marlene. (P19, Anexo VI, p. 263).

P19 teve a oportunidade de conversar com Patrícia Rute, artista do Ateliê Gaia. Ter esse contato mais próximo, assim como poder conhecer a história psiquiátrica do Brasil, proporcionou uma reflexão sobre a atuação profissional de médicos e psicólogos diante do sofrimento mental, além de ponderar sobre o uso excessivo de medicamentos e os estigmas sociais.

Enfim, P19 almejava uma mudança, não queria cometer os mesmos erros do passado, diga-se, reprimir ainda mais aqueles que estão precisando de escuta ou necessitando se expressar de alguma forma, seja na arte, na dança, ou qualquer outra forma de criação. Quer a

liberdade que a mulher contemporânea não tem, para que o fim não seja os mecanismos de coação imputados no passado e tão vistos na atualidade.

Figura 33 – O feminino entristecido



Fonte: Fotografia realizada pela autora dos desenhos elaborados pelos participantes da pesquisa, 2023.

Com outras quatro colegas, P25 caminhou pelo museu. As amigas pararam em algumas criações, tecendo comentários sobre elas, e a imagem que capturou sua atenção foi aquela “que tem curativos”. (P25, Anexo VI, p. 288). Parecia haver quatro mundos, com remédios, chave, apito e outras figuras. Eram tantos elementos, tanta informação em única obra, que desencadeou no grupo uma tentativa de saber o seu real significado.

Em seguida, encontraram no museu, um livro, no qual a autora estava citando a arte, com a exata compreensão daquilo que imaginavam. Qual foi a interpretação do grupo? P25 responde que por suas impressões, o que havia elaborado era a quantidade de remédios e a gestação – ao que tudo indicava, a artista não conseguia engravidar em decorrência do uso

desses medicamentos. No quadro havia também preservativos, como a dizer “de um lugar dela que parece que não conseguia, de certa forma, gestar o filho.” (P25, Anexo VI, p. 289).

No início do ano, P25 foi diagnosticada com endometriose profunda. Uma das principais consequências relacionadas a este adoecimento é a infertilidade. Apesar do tratamento ginecológico, os ovários estavam bastante comprometidos. A terapêutica, a princípio, era medicamentosa, visando bloquear o avanço da doença; mas a participante tem medo, muito medo de não saber se vai conseguir ou não ser mãe, embora deseje muito a maternidade.

Há também uma pressão por parte dos médicos para que a gestação aconteça logo, pois ela não pode esperar. Essa recomendação vem acompanhada de muito sofrimento, porque recentemente terminou o namoro. O relacionamento duradouro lhe aponta um lugar sagrado. P25 rezava o terço, orava pelo companheiro, perdendo as faltas cometidas, afinal, “quem ama perdoa”. No fim, a relação se desfez quase simultaneamente à descoberta da endometriose.

Em seu desenho, P25 traz alguns elementos que estavam nesse quadro. Queria que fosse um círculo que tivesse em seu interior os elementos que mais lhe chamaram a atenção, a partir de tudo o que vira no museu. É como se fosse o seu mundo. As escolhas pelos objetos eram feitas a partir de suas impressões pessoais, desenhando inclusive um elemento que não soube interpretar o que era, e lembrava-a de uma banana ou algo similar. Nomeou as diversas figuras como boca, barco, lágrima, casa, chave, escada... e uma lua brava, triste. “É o feminino triste” – acrescentou.

A lua e o sol, como representação do feminino e masculino, aparecem em diversos momentos na teoria junguiana. No livro *Mysterium Coniunctionis*, Jung diz que como divindade Luna é o oposto do Sol, por isso é “fria, úmida, de luz fraca até a escuridão, feminina, corpórea, passiva etc. De acordo com isso, seu papel mais importante é o de ser a parceira do Sol na conjunção. Como uma divindade feminina de brilho suave, é ela a amante” (Jung, 2011h, p. 177).

P25 buscava cada objeto em sua memória, por vezes se perguntando: “O que é isso? “O que está embaixo da escada?” ou “Eu não tô sabendo identificar”. Vislumbrada com sua própria criação, exclamou: “Nossa, que imagem forte, né?”. (P25, Anexo VI, p. 291). E seguia listando: a planta, as pedras, as casas pequenas, bem coladinhas... Do outro lado, o mar. Sua arte lhe parecia a representação de uma certa bagunça, uma confusão – que lhe impressionava a cada elemento redescoberto. Confessou que não havia olhado para a imagem depois de tê-la feito e se surpreendera questionando: “Nossa, eu que produzi isso aqui? Foi eu mesmo? E foi eu, né?”

(P25, Anexo VI, p. 291) – e continuou: “Eu estou emocionada, eu tô mexida!”. (P25, Anexo VI, p. 292).

Seguiu-se, então, um jogo associativo de palavras. Tal qual Jung no teste de associações, foi solicitado à participante que respondesse a algumas palavras-estímulos com a primeiro vocábulo que lhe ocorresse. As palavras foram inspiradas na fala da própria participante. E assim se seguiu os resultados:

Quadro 1 – Associação de Palavras

Palavras-Estímulo	Resposta
Nascimento	Do meu eu? Ou do meu novo eu.
Aborto, engravidar	Tem a ver com a doença.
Saúde	Nossa, saúde é tanta coisa. Eu vou colocar bem-estar, mas não sei se essa é a melhor definição para saúde.

Fonte: elaborado pela própria autora (2024).<sup>20</sup>

Após essa indefinição, houve um breve intervalo, em que P25 falou sobre Religião, Bispo do Rosário e o Juízo Final. E para dar prosseguimento ao jogo associativo, essas palavras também foram inseridas.

Quadro 2 – Associação de Palavras

Palavras-Estímulo	Resposta
Deus	É a base.
Juízo Final	Representa a salvação.
O que é ser salvo?	É ficar mais próximo de Deus.

Fonte: elaborado pela própria autora (2024).

---

<sup>20</sup> Os dados do Quadro 1 e Quadro 2 foram coletados durante a entrevista com a participante.

É interessante, esse curso de associações, no qual nascer é nascer para si mesmo e a salvação representa uma aproximação com Deus, que é a base. Por fim, se pergunta: “o que é o amor?” (P25, Anexo VI, p. 294). Continua em busca desta resposta, que lhe aponta um caminho, embora não saiba qual é.

#### 4.5. O ÚNICO OLHO OU O OLHO QUE TUDO VÊ

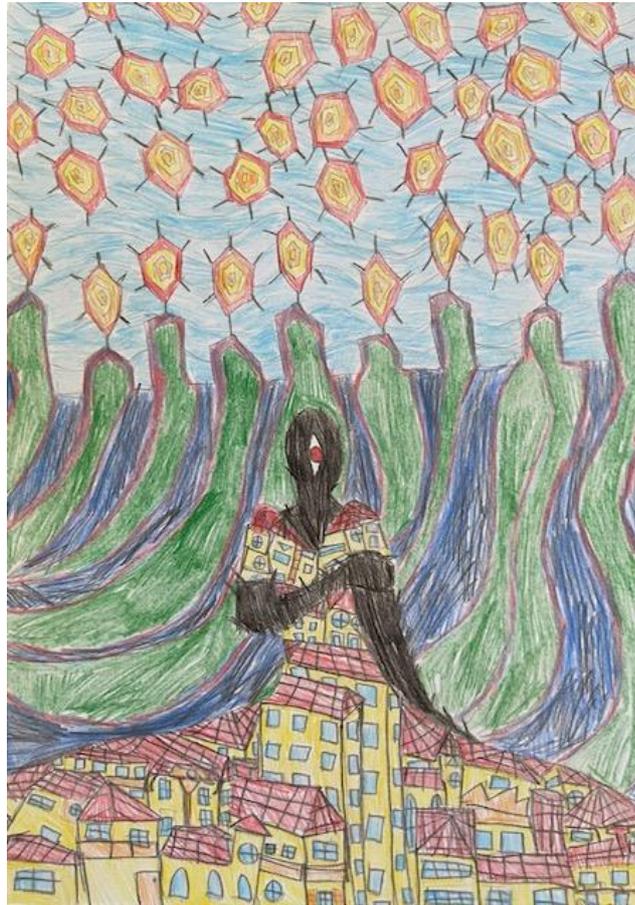
Todas as imagens a seguir trazem como semelhança, um olho central no rosto. Segundo Jung (2011c), os olhos de Deus nunca repousam, ou aquele que tudo vê – pode ser representado por apenas um olho, outras vezes vários, e outras, dotado de centenas ou milhares de olhos. Além disso, se caracteriza como aquele que nunca adormece.

A primeira imagem desta série, representada por P2, revela uma mulher negra, com um vestido estampado de casas, como se fosse uma cidade. Esta mulher está com um olho apenas. O céu se dissolve em hexágonos, num movimento contínuo ao alto. O desenho foi inspirado através de uma combinação de várias obras de arte que estavam expostas no museu.

Os hexágonos coloridos, com cada camada de linha de uma cor diferente, estavam pendurados no teto, empilhados ora para cima ora para baixo, uns próximos, outros afastados, ao redor uns dos outros. Para P2 parecia um monte de galáxias pairando no ar. Havia uma obra com a exata construção de uma pessoa com o olho no meio do rosto e o vestido estava exposto numa sala ao lado, não como uma tela, mas entretecido e costurado mediante um padrão contendo várias casas, de um modelo bem simples, de telhado vermelho e paredes amarelas, mas que se misturavam muito bem.

P2 tentou imprimir em sua imagem cores vivas, bonitas, que se destacassem nos hexágonos, contrastando com um fundo mais sombrio, de cores verde e azul como plano de fundo. O sentido era manifestar justamente a dualidade, pois, enquanto haviam artes muito bonitas no museu, elas apresentavam muitos significados, nem sempre considerados belos.

Figura 34 – Mulher vestida de casas



Fonte: Fotografia realizada pela autora dos desenhos elaborados pelos participantes da pesquisa, 2023.

É um tipo de arte que é difícil de encontrar para falar a verdade, porque num museu normal por exemplo, você só veria as obras bonitas [...] que evocam sentimentos confortáveis, digamos. Mesmo que não sentimentos bons, talvez sentimentos familiares. Mas os sentimentos evocados por muitas daquelas obras, aquelas misturas de cor, aqueles traços agressivos, uma coisa assim que é até diferente da arte abstrata na minha opinião, pelo menos da arte abstrata que eu já vi na minha vida, e eu acho que fala muito dessa questão da experiência das pessoas que viviam lá tinham, justamente que tiveram ao longo de suas vidas. (P2, Anexo VI, p.187).

A entrevista se estabeleceu sobre pessoas que eram tratadas sob o estigma da insanidade ou dos tratamentos, aos quais os pacientes eram submetidos, quando chegavam no hospício. E P2 (Anexo VI, p. 187) acrescenta: “E eu acho que isso sangra muito em muitas das obras”. Inclusive a escolha pela representação da imagem da mulher com o olho no meio da face como sendo a figura central no seu desenho se deu, porque esta obra, apesar de bem-feita em seus aspectos estéticos e formais, para o participante, simbolizava algo muito ruim. Sem saber

exatamente o que o artista queria representar, havia na imagem “original” muitas palavras que mostravam aquilo que a obra de fato estava tentando expressar, que era essa figura desumanizada.

Estas obras de arte causam impacto em quem as observa, pois não são naturalmente consideradas confortáveis de se ver, de se tentar compreender. P2 buscou replicar algumas dessas imagens que eram mais concretas em sua memória, incluindo aquelas que também exerceram um grande impacto sobre ele. Ressaltou também, que são obras de arte difíceis de serem memorizadas, por serem mais caóticas.

Uma pergunta a se fazer é a seguinte: de onde P2 retirou as preferências que utilizou para construir seu desenho? Porque essas imagens tocavam sua alma, e não outras? P2 dedicou a maior parte da realização de seu desenho à construção das casas, pelo menos para ele, foi o que deu mais trabalho de se fazer, pelas formas e pela cor. As casas têm relação com o lugar onde nasceu.

Assim como Arthur Bispo do Rosário, o participante 2 também é nordestino. Em meados de junho, o nordeste do Brasil se enfeita com as festas juninas e seus folguedos. A predominância das cores amarelo, vermelho e laranja se entrelaçam com essa lembrança. “É uma coisa que lembra muito de casa e é engraçado porque eu estava representando literalmente casas”. (P2, Anexo VI, p. 188).

Mas também tem a mulher em si, com a pupila de olhos vermelhos, encarando bem ao meio, como se estivesse olhando para quem está vendo o desenho, e que é extremamente perturbadora para ele. Mesmo assim, P2 gosta muito de representar imagens dessa natureza, por causar um certo impacto e atrair a atenção da pessoa, como se a própria imagem que você está representando conseguisse te ver também.

Colocar a figura de um humano no meio da tela, distante de tudo, cercado por tantos conceitos abstratos, lhe traz ainda uma sensação de isolamento. P2 não se considera uma pessoa solitária, nem se sente tão julgado quanto àqueles que viveram em um manicômio, mas é fácil para ele sentir como tudo isso deveria ter sido. Por isso tentou se colocar no lugar daquilo que os internos sentiam.

E, por último, o céu se dissolvendo foi uma referência a pinturas abstratas que conhecia, e que representavam um mergulho na irrealidade. Como seria olhar uma parede com quadros e não conseguir reconhecer nenhum dos objetos que estão sendo representados, ver o mundo e não reconhecer padrões?

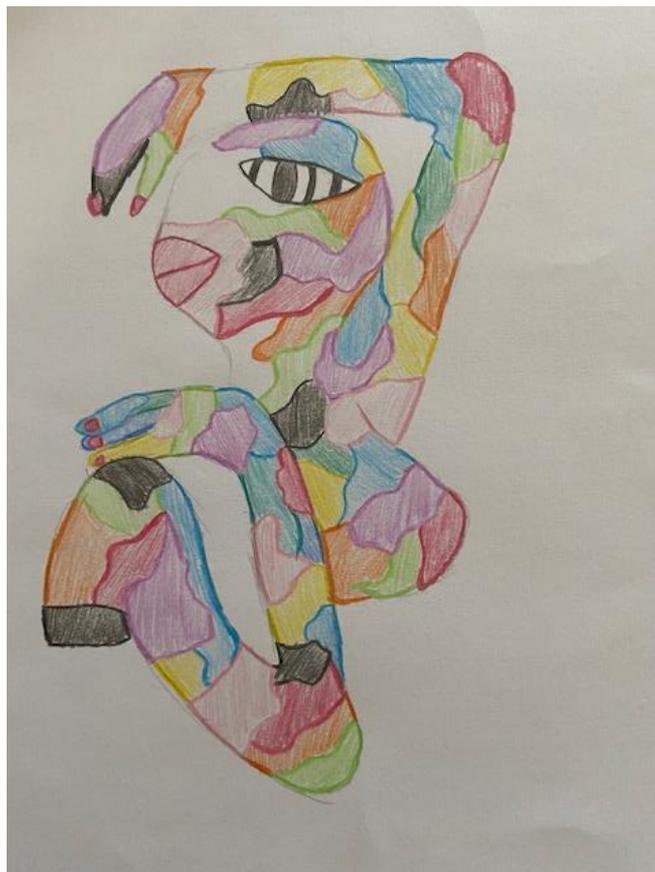
[...] isso que acontece com muitas pessoas que sofrem lobotomia. E dá para perceber que elas sabem de si, e, de certa forma, o que elas lembram de ter visto, de ter reconhecido numa época, mas com aquele pedaço do cérebro faltando, não conseguem enxergar direito. Isso também é algo que me perturba muito, digamos, imaginar como seria isso. (P2, Anexo VI, p. 189).

O participante se lembra, então, de um paciente que era um ótimo escultor e sofreu lobotomia. Quando o mesmo tentou modelar um rosto, a forma estava distorcida, ainda que lembrasse o semblante de um homem. P2 faz referência a Lúcio, paciente diagnosticado com esquizofrenia, que trabalhava na seção de modelagem do Serviço de Terapêutica Ocupacional, no Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro. Antes de ser submetido à psicocirurgia, Lúcio produzia obras incríveis, de “notável qualidade artística” – conforme escreveu Nise da Silveira (2024). Algumas de suas obras foram mostradas na exposição *9 Artistas de Engenho de Dentro*, realizada no Museu de Arte Moderna de São Paulo, em outubro de 1949.

Por comparação, P2 se refere a uma primeira imagem esculpida por Lúcio, que representava a um guerreiro egípcio. Empenhados na luta entre o bem e o mal, os guerreiros eram frequentes em sua produção. Após a lobotomia, sua criação tornou-se inexpressiva, moldando lentamente algumas disformes e terríveis carrancas. A psicocirurgia comprometeu suas atividades sociais, anulando arrasadoramente sua capacidade criativa (Silveira, 2024).

O que se destaca nesta narrativa, é a constatação de que havia uma mente brilhante ali que foi mutilada, porque acreditavam que este indivíduo era louco, ou ainda que assim não fosse, por ser considerada uma pessoa indesejável para a sociedade da época.

Figura 35 – Olhar hipnotizante



Fonte: Fotografia realizada pela autora dos desenhos elaborados pelos participantes da pesquisa, 2023.

Ao percorrer as galerias do Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea, P8 parou diante de um quadro, sem precisar ao certo por quanto tempo aquela imagem capturou o seu olhar. Trata-se de um cérebro que continha outros elementos dentro, entre eles, instrumentos de lobotomia. Seguiu em outra direção e escolheu a imagem que representaria: uma mulher muito colorida, cujo olho a impactou. “[...] sabe em desenho animado quando vão hipnotizar e fica aquele olho... preto e branco, assim?” E continua: “Ela tinha o olho desta maneira, aí me pegou.” – nos diz P8 (Anexo VI, p. 216).

Quando a participante era criança, ela se sentia sozinha, por ser a filha caçula e o irmão fosse 10 anos mais velho. Nem sempre havia pessoas com quem pudesse brincar; por isso passava uma boa parte do tempo desenhando. O desenho se tornou uma forma de expressar a dor e o sofrimento vivido, que perdurou até a adolescência, e mais tarde foi se perdendo.

O quadro da mulher que escolheu reproduzir, cuja imagem tinha um único olho como característica central, e que lhe transmitia a ideia de zumbi ou de uma pessoa hipnotizada, chamou a atenção de P8, justamente porque durante algum tempo de sua vida ela se visse assim.

Por um longo período era conduzida por tudo aquilo que os outros falavam, especialmente sua mãe. Obedecia aos ditames familiares, mesmo que isso significasse ir contra seus próprios desejos. De uns tempos para cá, P8 conseguiu romper um pouco essa relação, e se sente melhor agora, ao se deixar conduzir por si mesma e não pelos outros.

As cores da imagem também lhe chamaram a atenção. Se por um lado houvesse o olhar entorpecido, por outro, as cores traziam vida. Procurou ressaltar esse contraste em seu desenho. Ao final do percurso, se depara com uma última imagem do lado de fora do museu, bem grande, pintada no próprio prédio, que anteriormente não conseguira perceber. “Era enorme! [...] a gente chegou lá e foi vendo tudo de frente, estava do lado e a gente não tinha visto” (P8, Anexo VI, p.220). Que interessante poder *ver* aquilo que não se via! Especialmente quando um olhar tão hipnotizante fosse sua única referência até então.

Figura 36 – Mulher negra



Fonte: Fotografia realizada pela autora dos desenhos elaborados pelos participantes da pesquisa, 2023.

A mulher negra é representada em um quadro colorido, com várias palavras subscritas, dentre elas, “racismo”. Também foi o tema escolhido por P13 para o seu desenho. O olhar diferente que a mulher tinha no rosto não passou despercebido pela participante. Sentiu-se

tocada, igualmente, pelas árvores com raízes profundas, na vasta vegetação em que o Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea se encontra inserido.

Lembrou-se de chofre de que o pai fora alvo de racismo. Sua família tinha uma casa na cidade do Rio de Janeiro, e o pai estava indo para lá. Ele e um amigo (que era funcionário do pai) iam a trabalho. O pai era negro e o amigo branco, ambos com pressa, porque poderiam perder o ônibus. Perto da rodoviária saíram correndo e o policial que viu a cena abordou somente o pai, solicitando que o mesmo retirasse todos os pertences de sua mochila, muito embora ele justificasse sua pressa, mencionando diversas vezes que era trabalhador.

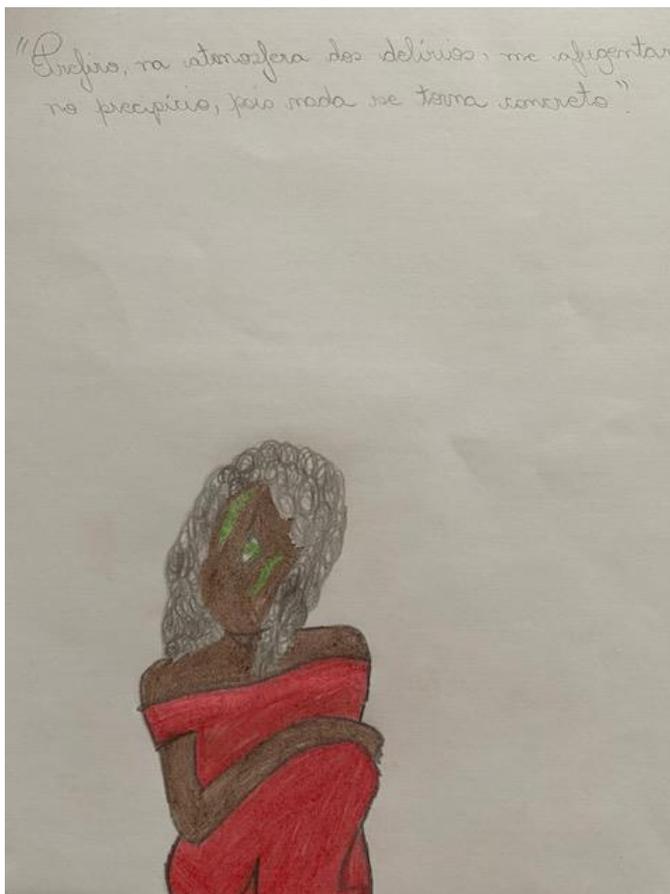
P13 não presenciou essa cena. Soube deste acontecimento pelo próprio pai, mas critica a postura paterna quando o mesmo diz que não é necessário dar tanta importância a esses eventos, pois há muito exagero acerca do racismo. P13 acredita que o pai sente a discriminação e o preconceito, mas o mascara.

Assim como o pai, a tia também sofreu preconceito, só que em outro país, um país em que há muita intolerância a imigrantes negros; por isso, a tia estava sendo vigiada a maior parte do tempo quando viajava e teve que ir à delegacia apenas por ser negra. Esse episódio aconteceu quando ela estava em uma viagem de turismo, organizada por sua igreja. “É constrangedor!” – afirma P13 (Anexo VI, p. 234). E se lembrou de ter enviado a foto da mulher negra para a tia no dia da visita técnica, mencionando que se tratava de uma imagem muito forte.

Recorda que assim como ela, a tia também se encanta por raízes e lhe dissera que todos os problemas têm uma raiz por trás deles. P13 associa a palavra raiz com o sinônimo de profundidade, e as árvores do museu pareciam muito antigas. O ambiente em que as árvores se encontravam testemunharam muitas histórias e vivências; assim como a arte, a natureza tinha muito o que contar.

Em um conjunto de associações, que traziam a cor da pele como tema principal, P13 não pôde deixar de se impressionar com o fato de as obras de arte não serem muito escuras. Havia muitas cores, a despeito da situação em que os internos se encontrassem. “[...] tem muita obra colorida e na situação em que eles estavam, eles usarem cores, sabe, não sei, é porque eu imagino que lá era um lugar obscuro e conseguir utilizar cores assim, mexe muito com a gente.” (P13, Anexo VI, p. 235).

Figura 37 – Afugentar-se no precipício



Fonte: Fotografia realizada pela autora dos desenhos elaborados pelos participantes da pesquisa, 2023.

A imagem que P15 representou era a mesma dos participantes acima mencionados. A imagem lhe chamou a atenção, porque era de uma mulher meio deformada, com um olho só. Havia beleza também na obra. Ao desenhar, P15 acrescentou uma frase que viu exposta em um conjunto de panos grandes distribuídos na sala. A frase dizia: Prefiro, na atmosfera dos delírios, me afugentar no precipício, pois nada se torna concreto.

Para P15, a sensação que lhe advém é a de que as pessoas que saem de uma experiência como essa têm um movimento em comum, que é o de muita liberdade em todas as suas ações. Usam a arte, a fala e as mais diversas formas de expressão como um meio para buscá-la. Contudo, não se deve ter uma liberdade total, porque é tão prejudicial quanto estar preso.

Várias associações se seguiram a esta: uma jovem bêbada que sai pela rua; o tipo de roupa, curta ou decotada, que veste; ser tratada como uma pessoa folgada, que não faz nada ou não se empenha, por gostar de ir a festas. Ou seja, uma sociedade que julga a liberdade feminina,

ditando o que é certo ou errado. A imagem que a tocou mostrava uma pessoa que passou por um aborto e foi julgada porque não servisse para ser mãe.

A condenação de uma pessoa em vida ou seu julgamento no céu são ideologias que P15 combate. Para a participante, não há céu e inferno. O céu é apenas aquele espaço azul, com nuvens e o sol. “Mas a liberdade também tem seu preço, não é?” – inquiri P15 (Anexo VI, p. 246), ao que ela mesma responde: “Talvez o preço da liberdade seja o julgamento que vem de fora.” (P15, Anexo VI, p. 246).

Aqueles que olham as obras de arte e depois conhecem os seus autores, se julgassem pela aparência, diriam que estes jamais conseguiriam criá-la. Entretanto, a aparência que foi tão fortemente demarcada em sua fala – aparentemente o que se veste, aparentemente o que se fala, a aparência de quem pinta – era justamente uma tentativa em P15 de reafirmar o contrário. Um olhar sobre exclusão, julgamento e estigmas sociais que vai deixando marcas, determinando os espaços e a territorialidade de cada um, naquilo que podem ou não ser.

#### 4.6. ARQUÉTIPO DO CRISTO OU ARQUÉTIPO DO BISPO

Na perspectiva junguiana, Cristo encarna o arquétipo do si-mesmo. Em vários momentos de sua obra, Jung faz referência a esta relação. Para o autor: “Cristo é para nós a analogia mais próxima do si-mesmo e de seu significado. Não se trata aqui, bem entendido, de um valor atribuído artificial ou arbitrariamente, mas de um valor coletivo, quer o sujeito tome ou não conhecimento dele” (Jung, 2011*b*, p. 60).

Assim, para Jung (2011*b*), o Cristo é o homem interior ao qual conduz, o caminho do autoconhecimento; é o “Reino dos Céus dentro do homem” e corresponde, empiricamente, ao arquétipo mais importante. Como juiz dos vivos e dos mortos representa o verdadeiro princípio ordenador do inconsciente.

Arthur Bispo do Rosário se apresentou como Cristo à Igreja de São Bento; mas, conforme mencionado anteriormente, não foi reconhecido como tal. A situação de Bispo não foi, de forma alguma, isolada. Muitos são os exemplos à história da humanidade, de pessoas que ao se proclamarem como Cristo, são classificados como loucos ou endemoninhados.

Alguns participantes vão indagar se Bispo é de fato louco, ou tão-somente um ser iluminado. Outros se referirão à realidade do “ouvidor de vozes” ou destacarão aspectos como a igreja e fenômenos de levitação. Há ainda os que ressaltarão o manto e seu caráter divino. O

que estes relatos apresentam em comum? A dubiedade que se manifesta no louco-Cristo, e que será contemplada na série de imagens desta seção.

Figura 38 – Os três elementos



Fonte: Fotografia realizada pela autora dos desenhos elaborados pelos participantes da pesquisa, 2023.

A sensação de que o ambiente do museu era “pesado”, apareceu em diversos depoimentos. Em P5 não foi diferente. A partir do momento em que foi entrando em contato com as falas, os quadros em exposição, foi sentindo como se uma energia muito forte adentrasse todo o espaço. A imagem que mais lhe tocou foi a dos aparelhos de choque, utilizados no tratamento dos pacientes.

Essa imagem lhe trouxe a lembrança de um filme que assistira recentemente, *Três Cristos*. No filme, havia um paciente anão que passa a confiar no psicólogo daquela instituição. Com o tempo, o psicólogo promete ao paciente que ele não iria mais receber choque elétrico. Porém, em um dado momento, o diretor do hospital é contra o psicólogo e leva o paciente ao tratamento de choque. Essa cena lhe trouxe uma associação direta aos conteúdos vivenciados durante o dia em que esteve no museu.

Em sua imagem, P5 buscou agrupar o que vira em alguns quadros, formando uma configuração única. Lembrou de uma vizinha de sua mãe que havia enlouquecido e descreveu o período de sua internação em Barbacena/MG. A filha da vizinha tinha a mesma idade dela,

eram próximas e conviviam nesse período. Se colocar no lugar da amiga era inevitável. “[...] quantas outras pessoas também, que talvez nem seja pela própria doença, mas a própria família a rejeita?” (P5, Anexo VI, p. 200) – indagou.

Em seguida, novos questionamentos surgem. “Falei, gente, como que era o tratamento dessa pessoa que estava em sofrimento, e a família traz para cá achando que está sendo bem cuidada? E é o caminho que ela se torna.” (P5, Anexo VI, p. 201).

Outros lugares lhe vieram à memória. Por exemplo, o período em que esteve em Ouro Preto/MG, uma cidade que também lhe trazia uma sensação de peso. Mas o que P5 queria mesmo era ver o local onde Arthur Bispo do Rosário viveu, a cela dele. O desejo vivo e latente de encontrar esse lugar foi repetido diversas vezes em sua fala. Mas, porque a cela? – “Parece que se eu visse a cela, eu ia chegar mais perto do sentimento do outro, daquela pessoa, eu imaginei. Pensei por esse lado”. (P5, Anexo VI, p. 201). Foi assim que P5 respondeu.

Esse desejo ainda reverberou por mais um tempo em sua fala: “Eu pensei, qual o significado? Ele não está ali. Só um local que ele viveu, que ele dormiu, que ele ficou ali. Eu me perguntei: o que isso quer dizer? Por que essa decepção de não ter visto a cela? (P5, Anexo VI, p. 202). Se conseguisse ver o caminho que ele percorreu para sair dessa cela, talvez se libertasse também, como a via sacra da Paixão de Cristo repetida entre os cristãos.

E embora uma conversa se estabelecesse sobre esse tema, P5, não se sentia aprisionada. Revelou que tinha uma alma de cigano e concluiu dizendo que ansiava pela liberdade, queria viajar pelo mundo. Mas, não é igualmente verdade que só tem ânsia por liberdade quem não a tem? Assim se estabeleceu um paradoxo: não se sentir presa e ansiar por sua libertação.

Um outro filme lhe ocorreu: *Comer, rezar, amar*. É interessante como os filmes apresentam uma temática religiosa. Neste, especialmente, o enredo acontece em um mosteiro. P5 se vê naquela busca. De quê? Não sabe! Uma eterna busca por si mesma.

A morte também aparece em suas associações. Se imagina em uma viagem de Cruzeiro, e menciona à sua família, essa intenção de fazê-la. O esposo, em tom de brincadeira, lhe diz que se ela morresse por lá, que eles deveriam jogar seu corpo ao mar. A resposta que ela lhe deu foi que se alguém igualmente morresse aqui, que ninguém deveria tentar comunicá-la, deveriam esperar seu retorno. Com tristeza, a imagem da cela retorna. “Vou ficar um bom tempo pensando e refletindo nessa cela, para onde ela vai me levar?” (P5, Anexo VI, p. 204). Na alcova só há uma porta, um único caminho.

A saúde mental é um tema que a comove. P5 realizou estágio em Psicologia, durante um curto intervalo de tempo, no Hospital Cristiano Varella. Esse hospital é dedicado

exclusivamente ao tratamento de pacientes oncológicos, na cidade mineira de Muriaé. Foram sete dias consecutivos, na UTI oncológica. Durante o período em que esteve lá, conseguiu realizar suas atividades práticas sem se comprazer demasiadamente com o sofrimento daqueles que ali estavam. Conseguiu voltar para casa sem trazer consigo as reminiscências de sua experiência diária. Mas a estadia no Museu Bispo do Rosário de Arte Contemporânea a tocou profundamente.

A última lembrança que traz, é a de seu irmão esquizofrênico. Em uma família ampla, com 11 irmãos, um deles se suicidou. P5 era uma menina na época, não sabendo precisar ao certo sua idade. Talvez uns 10, 11 anos. O irmão que presenciou a cena do suicídio nunca mais foi o mesmo, tornando-se esquizofrênico. Os dois estavam indo trabalhar juntos e não foi possível socorrê-lo: “Eu nunca tinha parado pra pensar nisso que estou refletindo agora. Por que que eu separo tanta dor lá do hospital e não separo essa dor? Agora que eu fui me tocar nisso, porque realmente a minha ligação é com essa dor emocional”. (P5, Anexo VI, p. 205).

Ao finalizar a entrevista, P5 descreveu uma vivência que havia tido durante uma aula no curso de Psicologia. O professor colocou uma música e fez um exercício de meditação. A imaginação guiada começava com um convite para que os alunos imaginassem um portal. P5 não conseguia encontrar o portão; por isso lhe ocorreu a porta do filme *Nosso Lar*. Toda a narrativa que se segue está descrita a seguir, nas palavras da própria participante.

Eu vi a cena toda do portal e entrei. Quando eu entrei, ele fala pra gente olhar como se fosse um teatro. Eu não consegui enxergar o *Nosso Lar* num teatro, então fui lá em Roma, quando eles colocavam os cristãos para os leões comerem. Cheguei lá, olhava também, não via onde poderia ter um teatro ali. Então voltei pro teatro aqui da UFV.

Quando chegou na UFV, no Centro de Vivência, eu entrei, sentei na cadeira. E assim, parecia que era eu que estava ali, real. Eu sentei e nisso as cortinas se abriram e veio um palhaço. O palhaço sorriu e eu não sorri para ele. Quando eu pisco o olho, que eu volto, o palhaço tinha ido embora.

E entra em cena o Charlie Chaplin. Ele traz uma mesa... e nisso não tinha ninguém, só eu estava lá. Ele coloca uma mesa e começa a fazer um monte de mágica tentando fazer com que eu sorrisse e eu também não conseguia achar graça, eu acho que eu tenho dificuldade de piada. Eu não conseguia achar graça.

Ele desce do palco, me dá a mão e eu subo para o palco. Ele começa a tentar me fazer sorrir e começa a dançar. Quando eu comecei a dançar, eu comecei a sorrir com ele e a gente dançou aquela música inteira. Nesse momento ele me dá um abraço e eu comecei a chorar. Chorei a aula inteira [...].

A sensação que eu tinha no momento em que chorei parecia final de período. [...] Eu acho que eu nunca vivi aquela experiência tão assim, verdadeira. Mas foi sensacional. Foi emocionante! (P5, Anexo VI, p. 207).

Para Jung (2011k), a figura de um Arlequim se reveste de uma dualidade trágica: por um lado, suas vestes ostentam os símbolos de um próximo estágio de desenvolvimento. Por outro lado, ele representa o herói que atravessará os perigos do Hades, mas conseguirá? Para essa pergunta, não há uma resposta. Jung se recorda do Arlequim como aquele personagem do Zaratustra de Nietzsche, todo colorido, bastante parecido com um palhaço, que se lança por cima do saltimbanco, e que, justamente por não suspeitar, causa-lhe a morte. Neste instante, Zaratustra pronuncia os seguintes dizeres: “Bem antes do teu corpo, tua alma morrerá; agora, nada mais temas!” Jung esclarece que quem de fato é o palhaço torna-se claro quando o mesmo anuncia para o saltimbanco, seu *alter-ego* mais fraco: “Estás obstruindo o caminho para alguém melhor do que tu!”. Jung (2011k, p. 144).

Figura 39 – Levitação



Fonte: Fotografia realizada pela autora dos desenhos elaborados pelos participantes da pesquisa, 2023.

P17 frequentava a Igreja Católica desde muito pequena. Carrega consigo vários momentos em que a presença de Deus se fez sentir em sua existência, principalmente durante a Eucaristia. As três experiências mais fortes que viveu têm relação com a adoração do Santíssimo. A primeira ainda bem nova, P17 orava pela saúde de sua avó. Era uma criança e tinha muito medo de perdê-la, então notou a presença de Deus ao seu lado abraçando-a. A presença foi tão real, que P17 se sentiu consolada e tranquilizada.

A segunda experiência não foi tão agradável como a primeira, uma vez que estava também em uma adoração no momento em que o celebrante iniciou um sermão, ressaltando que os fiéis deveriam pedir perdão a Deus por sua homossexualidade. P17 sentiu um grande desconforto, porque era ainda muito jovem e estava começando a se descobrir. “É muito ruim quando você começa a se descobrir e tem que pedir perdão por isso, sabe! – um pedido de perdão por ser quem se é.” (P17, Anexo VI, p. 254).

Segundo Jung (2011*n*), quando o indivíduo questiona a igreja e seus representantes, normalmente recebe como resposta que pertencer a uma igreja é uma condição praticamente determinada. Escuta também, que os fatos de fé que estão sendo questionados são acontecimentos históricos reais e que certos rituais possuem efeitos miraculosos, como por exemplo, a Paixão de Cristo, que redimiu os pecados do mundo, e de suas consequências, como a condenação eterna.

Se o indivíduo meditar sobre tais coisas, com as poucas informações que tem à sua disposição, ele certamente admitirá que não tem meios para indagar, haja visto que excedam sua compreensão. Restam-lhe, assim, duas possibilidades: ou acreditar indubitavelmente nessas afirmações, ou então rejeitá-las por completo.

Após o ocorrido, P17 teve uma sensação de tranquilidade, em que sentiu novamente a presença de Deus, falando em sua alma de que não era isso que Ele estava lhe dizendo, afinal “Deus, Ele é só amor e quer a felicidade dos seus filhos”. (P17, Anexo VI, p. 256). Ele não a puniria porque estava decidindo ser quem ela é. Então compreendeu que não era Deus quem estava dizendo aquelas palavras.

Quem estava falando isso é esse ser humano, que é um homem, um sujeito branco inclusive, de classe média alta, que está falando essas coisas. Não é Deus quem está falando, porque o que eu sinto é que Deus vai me amar do jeito que eu sou, e quanto mais eu também me amar como sou, Ele também vai estar acompanhando isso. (P17, Anexo VI, p. 256).

A partir desse momento, houve em P17, uma quebra de paradigmas, no sentido de questionar um pouco mais essas doutrinas, e examinar de modo consciencioso tudo o que era dito. Percebeu que poderia discordar, porquanto o que se pregava não era uma verdade absoluta, só porque seja doutrinada em uma determinada religião.

E a experiência mais significativa, de todas que teve, ocorreu em um momento delicado de sua vida, em que não sabia se iria continuar morando, ou não, na mesma cidade. Foi embora e ao retornar, logo na primeira noite em sua casa, ligou a televisão às três horas da manhã. Estava com insônia. No canal escolhido estava sendo transmitida uma adoração do Santíssimo,

e P17 orou com muita fé para que Deus abençoasse sua trajetória diante de um retorno incerto. Havia um diploma e um sonho, mas nenhum trabalho ou recurso financeiro. Com os olhos fechados em prece, atenta à sua respiração, sentiu-se levitar da cama.

Jung descreve que a levitação, como uma disposição interior, é normalmente descrita como “sublime, solene, lindo, celestial, relaxante, feliz, despreocupado, excitante” ou, até mesmo, “uma experiência de ascensão aos céus” (Jung, 2011*q*, p. 97). Curiosamente, Bispo também traz uma frase que representa esse estado; para ele “Os doentes mentais são como beija-flores. Nunca pousam. Vivem a dois metros do chão”. (Campos, 2016, s.p.).

Para P17 foi uma experiência tão forte, que se justificou dizendo que poderia parecer loucura, mas não era. “[...] foi real mesmo, para mim Deus falou comigo ali naquele momento. Não foi só uma presença que eu senti, mas um diálogo mesmo. Foi uma orientação, ele me deu uma orientação e eu ouvi”. (P17, Anexo VI, p. 255).

Com relação a ser uma pessoa religiosa, P17 afirma que foi criada na Igreja Católica Apostólica Romana, batizada e crismada, mas não segue mais essa doutrina, apesar de fazer todas as orações que aprendeu na igreja: Pai Nosso, Ave Maria, Salve Rainha, Credo, Anjo da Guarda, acende velas e tem devoção por Nossa Senhora Aparecida. Atualmente tem suas próprias convicções de fé, se fortalece naquilo em que acredita, e realiza seus próprios rituais. Não faz nenhum movimento para frequentar a missa, mas gosta de acompanhar a mãe ou a avó quando elas vão. Tem gostado de assistir algumas palestras no Centro Espírita.

E como se sentiu em casa estando naquele local! Sentiu-se compreendida através das artes que via. Não soube explicar realmente do que se tratavam essas identificações, sabia tão-só que estava tudo bem; que essa loucura que às vezes a sociedade mostra, que ela também apresenta cores. Se encontrava imersa em um inconsciente e estava conectada a ele.

P17 compartilhou ainda, que durante a visita ao museu chegou a visualizar a aura de uma pessoa, verbalizando para seus colegas que era de cor amarela. Apenas dessa pessoa conseguiu visualizar, embora reafirmasse em sequência que não sabe dizer ao certo se é mesmo uma aura que conseguiu ver, já que lhe parecera um contorno que circundava aquele sujeito, cuja luminosidade apresentava essa cor.

Enfim, a experiência no Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea foi bastante significativa. P17 agiu de uma forma que considerou congruente consigo mesma, por fazer o que era importante para si, além de sentir esse “ar de arte” que lhe fazia tão bem! Identificou-se com as telas e os escritos. Sentiu-se conectada com o ambiente, com o clima. Em suas palavras: “Algo me disse assim: Tá tudo bem ser como você é, tá tudo bem o jeito que você é,

ou tá tudo bem ser assim. E eu nem sei dizer que jeito é esse como se é, só estava parecendo mesmo que estava tudo bem, eu tô em casa e é isso mesmo!”. (P17, Anexo VI, p. 253).

Figura 40 – Ouvidor de vozes



Fonte: Fotografia realizada pela autora dos desenhos elaborados pelos participantes da pesquisa, 2023.

Ao ser indagada sobre o que mais a tocou, o que mais a impactou durante a visita ao Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea, P28 não hesitou; foram as pessoas.

Assim que adentrou o Museu, um homem havia chamado sua atenção. Então ele a convidou para ver algumas de suas obras de arte – tratava-se de Arlindo Oliveira. P28 não o via como uma pessoa que fazia parte daquele processo manicomial. Simplesmente ficaram conversando, falas soltas, nada a ver com aquele espaço específico. Visitaram a lojinha no interior da antiga Colônia, no qual o anfitrião lhe dizia o valor de cada peça. O artista mostrava cada quadro a partir de uma referência pessoal, com muito orgulho do que havia realizado.

Um pouco mais tarde, quando todos se reuniram no interior de uma das galerias, P28 demorou a associar que aquele homem que estava falando de um certo amigo, um certo conhecido, se referia a Bispo do Rosário. Não havia percebido nele nenhuma referência a qualquer transtorno mental, e se surpreendeu com o depoimento: “Mas como assim?”. (P28, Anexo VI, p. 309).

Quando aceitou o convite para a excursão, pensou logo que por se tratar de um museu seria algo muito antigo, muito distante temporalmente. Imaginou a história de um passado, mas não a história de um passado recente, com testemunhas vivas do que viveriam. Então na hora em que o Arlindo Oliveira deu o seu depoimento, P28 custou a acreditar que aquela pessoa que estava conversando no primeiro andar era a mesma que estava contando a história daquele espaço.

Durante a fala de Arlindo sobre Arthur Bispo do Rosário, P28 se surpreendeu com a “tranca”, ou seja, o cadeado. Ficou procurando nas obras de arte, se havia alguma menção a cadeados. Não encontrou, mas percebeu nesse elemento algo extremamente simbólico. A permanência na cela com o cadeado nas mãos, por mais de oito anos consecutivos, lhe indicava que Bispo do Rosário não queria sair de lá.

Tornou-se reflexiva quanto aos aprisionamentos que todos nós temos com o cadeado nas mãos. Estar preso, ter o cadeado, ter a chave, mas não sair porque se tornou “confortável”. Então se questionou: “o que está confortável? Que sofrimento foi aquele que Bispo do Rosário sentiu que ficou confortável para ele? Ele naturalizou aquilo ali”. (P28, Anexo VI, p. 309). É importante ressaltar, contudo, que Bispo do Rosário em nenhum momento se sentiu confortável com sua missão. Em suas próprias palavras, Bispo dizia: “Eu faço porque sou obrigado. Se eu pudesse não fazia nada disso” (Hugo Denizart: O Prisioneiro da Passagem, 2012).

Entretanto, P28 nos contava que independente do sujeito ter ou não um sofrimento mental, mesmo aquele que não tem diagnóstico nenhum, todos estamos aprisionados em espaços físicos ou em questões pessoais. A partir dessa constatação, saiu à procura do lugar onde o Bispo ficava, rodava e rodava, mas não conseguiu encontrar. “Qual era o portão que ele tinha a chave? Onde era a cela dele? Porque antes era a cela, né? Depois era a moradia. Então, como que se escolhe a sua moradia sendo a sua cela? Foi essa a minha pergunta o tempo todo: como alguém escolhe morar em sua cela?” (P28, Anexo VI, p. 310).

Qual era o portão que ele tinha a chave? Onde era a cela dele? Porque antes era a cela, né? Depois era a moradia. Então, como que se escolhe a sua moradia sendo a sua cela? Foi essa a minha pergunta o tempo todo. Como que alguém escolhe morar em sua cela?

Deslocando no espaço, à medida em que circulava, P28 viu várias imagens. Viu o manto, as obras de arte de uma artesã do Ateliê Gaia (onde ela mesma pintava e falava sobre sua arte), todas lindas, mas a imagem do quadro confeccionado pelo Arlindo foi o que mais lhe prendeu a atenção. “É tipo um Cristo. [...] um Jesus Cristo diferenciado”. (P28, Anexo VI, p. 310). A expressão no rosto do Cristo, caracterizando um semblante alegre, de cor negra, confeccionado

em linha e madeira, tinta e bambu – P28 gostou tanto deste quadro que o comprou, guardando-o em sua residência. Às vezes se depara olhando para ele.

É curioso, todavia, que ao ser convidada a fazer um desenho, não foi essa imagem que representou. Fez um palhaço. Porém, logo em seguida, mencionou que a sua arte não era tanto sobre o que gostaria de mostrar, o que de fato mais a impressionara foi a curadoria do Museu ter conseguido reproduzir (não sabe se de modo intencional) a realidade de um “ouvidor de vozes”. (P28, Anexo VI, p. 315).

Toda a narrativa do Arlindo, o debate em grupo, as considerações do mediador, aconteceram na mesma sala em que havia a exposição “O falatório de Stella do Patrocínio”. As vozes se sobrepujavam umas às outras, nem sempre sendo possível compreender o que estava sendo falado.

[...] aquela voz o tempo todo, aquele som no fundo, as pessoas se incomodando. Alguém ainda falou assim: [...] “Nossa senhora, devia desligar esse som. Porque não está dando para ouvir”. Aí eu fiquei o tempo todo pensando, mas é isso que o ouvidor de vozes fica, com essa voz o tempo todo ali e as outras vozes tentando sobressair. Por alguns minutos eu sentei no cantinho e fiquei tentando ouvir o que o guia estava falando, mas tentando, mas ouvindo a voz, bem aguçando a voz na minha cabeça. É isso que eles sentiam! Que eles sentiam não, que eles vivem. A gente com essa poluição de informação e aquela voz, aquele ruído o tempo todo. (P28, Anexo VI, p. 312).

Assim, a vivência mais importante no Museu não foram os quadros, nem as imagens expostas, mas vivenciar o que um ouvidor de vozes vivencia em seu cotidiano. Para P28, foi uma experiência muito forte, muito sofrida! A participante disse que conhece algumas pessoas com essa característica, mencionou que eles não entendem o que seu interlocutor está falando, e que não é para entender mesmo, porque precisam escutar a voz que está vindo do mundo interno. Aquele barulho é o dia-a-dia deles. Na hora que não tem ninguém dizendo nada, ninguém externo falando, esses sujeitos escutam “o outro”, incessantemente, sem descanso.

Na entrevista que Bispo deu a Hugo Denizart, lhe perguntaram se ele dormia. O diálogo se estabeleceu assim:

Bispo: Até a noite mesmo eu trabalho aqui, sabe!

Entrevistador: À noite? Você dorme?

B: Ah, pouco, pouco, pouco.

E: Você dorme muito pouco? Que horas você...

B: Pouco, porque eu vou me deitar e fico escutando as vozes: “Você já fez isso? Já fez aquilo? Amanhã eu quero que você faça isso, faça aquilo, tal” E assim eu passo a noite, né?

E: Quanto tempo você acha que você dorme por dia?

B: Ah, eu pego uma mutrecazinha. Eu, na Praia Vermelha, eu só dormia aos sábados, aos sábados eu descansava (Hugo Denizart: O Prisioneiro da Passagem, 2012).

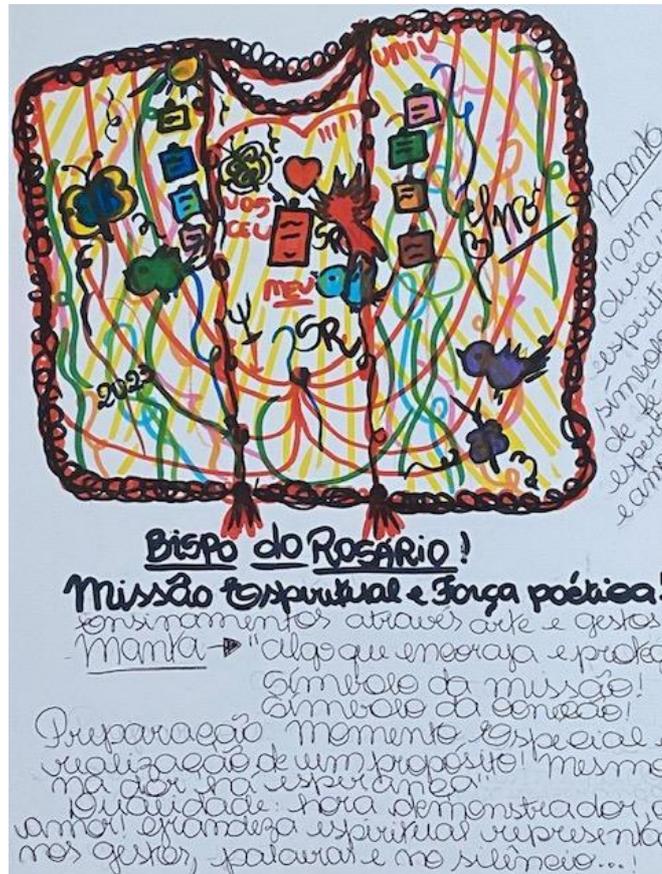
P28 sentiu-se agoniada imaginando como uma pessoa fica ali ouvindo sem cessar. “Tem alguém ordenando o tempo todo. Quem é que está ordenando? De onde vem essas vozes?” (P28, Anexo VI, p. 313). Sentiu-se mal, muito angustiada só de imaginar. Lembrou-se de várias pessoas que conhece, e que vivenciam o mesmo incômodo que ela experimentara apenas por alguns minutos. Antes, quando se aproximava de um “ouvidor de vozes” falava rápido; mas hoje compreende que tem que pausar a fala, escutar mais.

P28 lecionou durante um grande período de sua vida. Trouxe a lembrança de um aluno, cujo nome é bastante simbólico, “Messias”. O Messias era um estudante de muito enfrentamento, sobretudo um enfrentamento dessa realidade psíquica. Assim como sua mãe e seu irmão mais novo, todos eram “ouvidores de vozes”. Certo dia, em uma conversa despreziosa, Messias contava sobre sua vida, mesclando aspectos da realidade com delírios e fantasias. Conciliar um diálogo em que vozes internas e externas se mesclavam, era fonte de muita angústia.

Por isso, seja Messias, Bispo, Arlindo e tantos outros, com ou sem um diagnóstico específico, para todos há de se ter paciência. P28 imagina, então, uma criança ouvindo “essas vozes”, e se compadece. O adulto cria os seus mecanismos de defesa, mas uma criança ainda está em formação. Lembrou-se que conheceu Messias ainda bebê e pode acompanhar seu crescimento, desde o maternal até o nono ano.

Enfim, o *fatalório de Stella do Patrocínio*, todos querendo falar junto, os depoimentos e a mediação, todo esse conjunto conseguiu reproduzir a realidade psíquica, tumultuada e confusa, de quem escuta o que ninguém mais ouve. Não era sobre ter ou não um diagnóstico, mas de uma realidade cotidiana, familiar para P28. Ao término da entrevista, a participante comentou que tem um *defeito*: conversar demais com todo mundo. Do alto de seu vozerio, almejava desacelerar, pausar, ou quem sabe abrir espaço, para aqueles que já ouviam demais.

Figura 41 – Manto-Armadura



Fonte: Fotografia realizada pela autora dos desenhos elaborados pelos participantes da pesquisa, 2023.

O Manto da Apresentação é, sem dúvida alguma, a obra mais significativa de Arthur Bispo do Rosário. Durante a visita ao museu, ele não estava exposto. Havia retornado de exposição internacional, e estava sob os cuidados técnicos necessários à limpeza e conservação. Entretanto, no hall de entrada do primeiro piso, havia uma réplica do manto em papelão, e essa imagem foi a que mais prendeu a atenção de P30. Para a participante, era uma imagem significativa, que trazia a essência de Arthur Bispo do Rosário.

Olhou para cada elemento bordado, “eram cores diferentes, desenhos muito diferentes também!” (P30, Anexo VI, p, 321). Se questionou porque Bispo relacionou aquela confecção a um manto ou, de outro modo, porque escolheu cada um daqueles objetos para bordar. A impressão que teve foi a de que era um manto de proteção. Todo aquele cenário era muito sofrido, e Bispo do Rosário se diferenciou usando algo para lhe trouxesse segurança. E como queria ter conversado com ele sobre isso.

Cada elemento tinha um sentido, um significado. Em seu desenho, foi tentando reproduzir cada um deles e a imagem foi ficando “lotada”. Era muita informação: muitas fitas, muitas cores, muitas figuras. Acreditava que era usado em ocasiões especiais ou em momentos considerados muito importantes. Acreditava, também, que o manto por cima de uma roupa a remeta àquelas pessoas que saíam com capuzes, capa ou túnicas de proteção.

P30 confessou que sempre teve vontade de usar algo desse tipo, e é como se a blindasse do exterior, uma forma de você se resguardar de alguma forma. Uma proteção, talvez, até mesmo da própria pessoa. Em um ambiente que o sujeito se sinta mais vulnerável, a indumentária seria uma forma de respeito e, ao mesmo tempo, de proteção, ou quem sabe ainda, uma forma de preparação para algo desconhecido, uma outra dimensão.

Imaginava a vida em ciclos, em um primeiro momento, o sofrimento; em seguida, a aceitação; e depois, uma “virada”, de alguma forma. O manto-armadura seria um símbolo que pudesse utilizar nessa tarefa, fortalecendo o indivíduo quando este se sentisse ameaçado.

P30 não viu sofrimento naquele ambiente; ao contrário, viu muita criatividade, um ser humano lindo demonstrando sua arte. O Bispo lhe fulgurava como um ser iluminado, uma figura “de muita luz que estava ali.” (P30, Anexo VI, p. 324). Questionava se ele era mesmo louco. “Uma pessoa alienada, louca, não tem essa... Eu acho que não teria essa criatividade. Tanto nos quadros, quanto no vestuário. E no ajudar o outro, né? Que ele preocupava com o outro. Acho que quem tá na escuridão não tem essa percepção.” (P30, Anexo VI, p. 324).

A participante dizia que talvez a escuridão esteja no ambiente, e não, nas pessoas. Lembrou-se de sua própria história, quando passou por determinadas situações de sofrimento, que poderiam machucá-la, mas que não atingiram sua alma. Contou que quando tinha 4 ou 5 anos de idade, o seu tio tinha muito ciúmes dela por causa do seu avô. O tio passava e falava assim: “Você devia morrer”. Mas para ela era como se ele dissesse: “Bom dia!”. Via a agressão, mas não a sentia em seu corpo, em sua alma.

Mais tarde, ao compreender essa situação como uma forma de violência, infelizmente nada mudou. Percebeu que o tio não a havia ferido, porque não trazia essa experiência como um trauma. Pensava, à época, que estava com seus brinquedos e se resguardava de algum modo, em sua própria criatividade.

P30 se considera uma pessoa muito religiosa. Diz que a sensação que tem é como se algo a protegesse o tempo todo. Nos momentos de dificuldade, olhando para trás, foi conduzida por uma força maior. Não tinha condições de ter uma atitude como essa com cinco anos, por

exemplo, mas se agia assim, era graças à sua espiritualidade. Sentia uma proteção muito grande que, na hora certa, surgia e lhe resgatava.

Após o falecimento de seu avô, que foi uma perda recente, se recolheu. Disse que tirou uma “semana sabática”. E se perguntou: “Por que eu me perdi? Onde eu me perdi?” (P30, Anexo VI, p. 326). Considera que quando alguém perde sua essência ou deixa de ser você mesmo, começa a deixar o meio te influenciar, com pensamentos como: “Ah, você não pode fazer isso porque você é mãe; você não pode fazer isso porque você é casada ou você não pode ser assim porque não está adequado de alguma forma”. (P30, Anexo VI, p. 326). E essa adequação está indo contra a sua essência pura.

Mas quando a pessoa segue na direção contrária à sua essência, o meio a atinge, e o sujeito começa a não ser quem ele é. Quando isso acontece, a pessoa começa a agir de forma estranha. E quando o indivíduo respeita a sua essência, tudo volta ao normal, porque há um retorno a sua forma natural. “Você se liga a essa força maior – uns falam Deus, outros falam Espírito, outros falam Céu, outros falam Jesus, enfim. Mas é até uma coisa só. É uma força superior que a gente encontra. A gente encontra essa força e vai equilibrando, sabe! (P30, Anexo VI, p. 326).

A participante não se sente bem quando vai a Ouro Preto ou Barbacena. Descreve que essas cidades têm uma energia muito forte, que a incomoda, por representar períodos de sofrimento e dor. Mas no Museu Arthur Bispo do Rosário não se sentiu assim, porque se identificou com o “outro lado”. Aquele lado que tem algo maior para sustentação, propósito, missão, que, quando é entendido, auxilia o sujeito em sua reconstrução. Sentiu-se assim, porque é assim que vê sua própria vida.

Durante as trocas com Arlindo Oliveira pôde identificar que ele havia sofrido muito, mas não estava “quebrado”. De algum modo, Arlindo compreendera o seu propósito, se preservou de alguma forma e estava inteiro, ajudando outras pessoas. Para P30, quando algo terrível acontece com uma pessoa, o normal seria a desintegração. Ou então, o atingiria de modo superficial e o sujeito retornaria, porque não alcançara a alma.

Em Arlindo, não escutou o artista dizendo que queria estar longe de tudo aquilo ali, e sim, que podendo ter saído, o mesmo permaneceu. Para P30 isso acontece porque a pessoa encontra subterfúgios, como essa capa. Outros usam o teatro, a encenação. “Você encenaria um sofrimento se aquilo te atingisse na alma. Você ia reviver aquilo? É uma forma de falar assim: não, foi difícil, mas eu sobrevivi. Eu tô aqui, gente. É possível!” (P30, Anexo VI, p. 327). Foi

essa experiência que ficou para P30, que conclui dizendo que levou esse ensinamento para a vida.

## CONCLUSÃO

Esta tese trouxe como pauta da psicologia da religião, o estudo da recepção da imagem no Museu Arthur Bispo do Rosário Arte Contemporânea. Quando utilizamos o aporte da psicologia complexa de Carl Gustav Jung, nos deparamos com o desafio de compreender qual o conceito de religião empregado por este autor. Jung compreende a religião como forças ou potências que assolam o indivíduo e, por isso mesmo, merecem sua consideração. E mais: “como uma atitude que considera cuidadosamente e conscienciosamente certos sentimentos, ideias e eventos e reflete sobre eles” (Jung, 2003, p. 193).

Outro aspecto relevante para se compreender a religião em Jung se refere ao caráter numinoso da experiência religiosa, uma clara referência ao conceito de Rudolf Otto. Otto cunha o termo numinoso para representar uma categoria do sagrado que abrange tanto aspectos racionais quanto irracionais. Por se tratar de uma categoria *sui generis*, enquanto dado primordial e fundamental, o numinoso não pode ser definido em sentido rigoroso. Só é possível seu entendimento mediante à exposição do indivíduo àquele ponto da psique no qual ela surgirá e se tornará consciente. Revelando-se, desse modo, como uma categoria estritamente *a priori* (Otto, 2017).

A *exposição do indivíduo àquele ponto da psique no qual ela surgirá* é de total relevância para este estudo. Em Jung, o numinoso pode ser o influxo de uma presença invisível, ou as características de um objeto observado, que produza uma mudança significativa na consciência. Esta condição, contudo, deve estar ligada a uma causa externa ao indivíduo.

Se nos ativermos a estes conceitos, foi para elucidar que a relação com uma causalidade externa nos levou a percorrer o caminho do inconsciente coletivo, em uma pesquisa experimental de campo sobre a recepção da imagem.

Poderíamos afirmar que Arthur Bispo do Rosário era a fonte primordial deste objeto de estudo, visto que propomos investigar de que modo a recepção da imagem presente em sua obra poderia ser compreendida através da psicologia da religião de Jung. Mas estaríamos cometendo um equívoco, pois não era o homem, a personalidade criativa, que este estudo abarcou. Ao contrário, almejávamos destacar como o sagrado ou, em linguagem junguiana, a própria fonte criativa, o Si-mesmo, poderia ser representado.

Por isso, não nos preocupamos quando, no dia da visita técnica, a maior parte da produção de Arthur Bispo do Rosário não se encontrasse em exposição. Era a criação, o processo criativo que nos interessava mais de perto. Do mesmo modo, não nos propusemos a analisar as possíveis neuroses ou psicopatologias dos participantes. Nos atemos à função do que essa produção artística revelava, sob o ponto de vista da psicologia analítica, de camadas do inconsciente pessoal e, principalmente, do coletivo.

Uma dificuldade parcial se estabeleceu na categorização das imagens. Em seus escritos, a Dr<sup>a</sup> Nise da Silveira recomendava que as produções artísticas dos esquizofrênicos fossem analisadas em série. Contudo, neste experimento, não tínhamos a seriação. Tratava-se de uma única produção artística, articulada ao relato ou depoimento de cada participante. A análise foi estabelecida por um estudo comparativo das próprias imagens, algumas mais fáceis de agrupar do que outras.

Desenhos como a imagem central do olho no meio da face poderia ser prontamente agrupado sob uma categoria temática, mas e as outras? Ou até mesmo estes poderiam igualmente ser alocados sob outros agrupamentos interpretativos. A observância de uma característica não suprimiria outras. Muitos questionamentos se fizeram: uma imagem, cuja descrição fala sobre *Fuga e Integração* não caberia também na categoria de *Condenação e Redenção*? Essa figura representa *impotência* ou seria uma representação do *feminino contemporâneo*? No fundo, o que estava em jogo era: como agrupá-las? Qual é o padrão? E de que modo interpretá-las?

Ora, “leia mitologia” – diria Jung, na mesma resposta fornecida à Dr<sup>a</sup> Nise da Silveira, quando esta o indagasse. Este seria, sem dúvida, um trabalho para uma outra pesquisa. A compreensão mitológica requer um aprofundamento que não nos seria viável aqui, por tratar-se de um único experimento. Mas conseguimos, ainda que de forma incipiente, traçar caminhos de orientação e análise.

Nós somos o resultado de milhares de anos de evolução, e nosso psiquismo é o somatório dessas experiências. O conteúdo vai sendo preenchido de acordo com as experiências individuais. À medida em que se consegue integrá-las, adquire-se domínio, e elas não se tornam fonte de medo ou angústia. Assim, Jung nos convida à vivência da fantasia, das visões interiores, da entrega ao inconsciente, conforme ele mesmo o fez em relação à sua própria vida: “Minha vida é a história de um inconsciente que se realizou”. (Jung, 2006).

Eventualmente, em relação ao Bispo do Rosário, poder-se-ia dizer o mesmo: “Eis aí um inconsciente que se revelou”. Sua obra e seu legado perpassam os anos, e nos alcança na

atualidade. Mas, em relação aos participantes deste estudo, talvez o processo de criação artística tenha sido uma das primeiras investidas nesse sentido; ou talvez, nem tenham sido ainda confrontados, mesmo em se tratando, em sua maioria, de estudantes de psicologia, e muitos destes ainda sob supervisão. Se afirmamos tratar-se de uma primeira investida, esse fato se dá pela própria amostra desta pesquisa experimental empírica, que fora basicamente constituída de adolescentes e jovens adultos. Não poderia partir-se da hipótese de que esses, tal qual Jung ou Bispo, já tivessem realizado o seu inconsciente.

Ao longo da pesquisa, outro questionamento também se fez necessário: de que modo o ego, sujeito da consciência, poderia integrar todo esse material, se abrir à experiência religiosa, sem que incorresse o risco da desintegração? Pois o próprio Jung temeu, a princípio, que seu encontro tão-poderoso com o inconsciente pudesse desencadear uma psicose (Jung, 2006). Em decorrência disso, permaneceu muitos anos em silêncio a respeito de suas imagens interiores. Temia contá-las aos outros, não encontrando eco de suas experiências nos demais. O entendimento de sua realidade interna, porém, era uma tarefa, das mais importantes. Tratava-se de aceitar o que ocorre na psique e no mundo, como forma de expressão, que demanda da consciência, sua integração.

Sem dúvida alguma, era nítido o quanto as imagens se tornaram potentes ao reavivamento de memórias de eventos significativos para cada sujeito que participou do experimento. A emoção e o afeto, desencadeados por elas, foram a força motriz desta pesquisa. Teoricamente, imagens tão potentes poderiam induzir ao surto psicótico; ou seja, ao mesmo evento traumático que originara a criação no psiquismo de Bispo. Ainda que não houvesse uma manifestação cabal desses acontecimentos, de um modo muito rudimentar, evidenciou-se quão possível seja evocar imagens interiores.

Conforme mencionado acima, a criação artística dos participantes provavelmente tenha sido sua primeira tentativa de organização, de união dos opostos, ou daqueles aspectos que integram consciente e inconsciente. Neste experimento, as imagens não se deram de forma totalmente *livre*, como acontece nos sonhos, ou nos processos imagéticos. Acreditamos que o cuidado ético com os participantes favoreceu as condições necessárias para que as experiências fossem sentidas como integradoras, promovendo ampliação da consciência, e não uma cisão.

Todos os objetivos específicos desta tese foram cumpridos: a) produziu-se plasticamente uma imagem, com os estudantes da graduação em Psicologia do Centro Universitário de Viçosa-MG e os alunos do Ensino Médio do Colégio Anglo, de Viçosa-MG; b) descrevemos as livres-associações que surgiram através das imagens produzidas; c)

compreendemos, à luz da psicologia analítica, os elementos evidenciados na criação artística e; d) explicitamos as possíveis relações entre a imagem e a psicologia da religião.

A linha de problematização desta pesquisa fundamentou-se na questão, se o participante poderia, ao observar uma obra de arte, de algum modo, evidenciar o numinoso presente nesta contemplação. Sendo a numinosidade o que confere sentido às experiências psíquicas, pudemos averiguar uma mudança significativa na consciência, produzida pelas características do objeto observado e sua posterior criação.

Indagamos o que a obra de arte de Arthur Bispo do Rosário, e de outros artistas em exposição no Museu suscitaria em quem as visse? Se evocariam lembranças, aflorariam sentimentos, sonhos, recordações, analogias e metáforas, arquétipos. Este estudo é rico em imagens e exemplos desta natureza.

A hipótese inicial igualmente se confirmou. Nossa hipótese era a de que as condições que se configuram sob uma obra de arte se devem justamente à sua capacidade de elevar-se para além dos aspectos pessoais do artista, tornando-a acessível por todos. Ora, se Jung diz que a base inconsciente é comum a todos, então a mesma base que deu origem à obra de Bispo se encontra dentro daqueles que a contemplam, e produzem, a partir dela, uma criação artística. Mas o experimento foi muito além disso!

Verificou-se outros motivos universais, coletivos, mais amplos, inerentes às configurações artísticas apresentadas. Não foram somente os mesmos motivos inconscientes presentes na obra, que evocaram os correlatos na psique de quem a contemplara. Apareceram outros, como por exemplo, o vestido feminino com seu manto repleto de casinhas. Ou ainda, a imagem do Cristo-Bispo, de braços abertos, tal qual Ícaro à mitologia grega, na produção artística em grupo.

É claro que pelo próprio contexto poder-se-ia identificar padrões similares que evocam o mesmo *Leitmotiv*. Todavia, o alcance que se estabelece entre essa cadeia associativa é o que confere riqueza a este estudo experimental, pois ‘a mágica’ poderia ter acontecido, ou não; mas eis que se realizou!

Logramos percorrer o caminho da interlocução entre as imagens irrefletidas produzidas pelos artistas e a criação artística de quem a observara. Esse percurso criativo se apresentou como um campo fértil à investigação científica. Esta pesquisa não buscou uma resposta definitiva e inquestionável para esta temática, pois são muitas e amplas, as veredas a serem percorridas.

Por fim, ao término da escrita desta tese, é possível considerar que muitos foram, os benefícios deste estudo experimental, não somente a nível de uma ampliação teórico-prática, mas também para todos aqueles que participaram. Foi possível ouvir, ao término das entrevistas, o quanto a visita técnica fora gratificante, o sentimento de realização nas produções artísticas criadas, e o acolhimento durante a escuta das experiências vividas.

A Ciência da Religião é um campo multidisciplinar, cujo interesse pela psicologia e fenomenologia da religião se fundamenta, dentre outros, no estudo da espiritualidade e de suas formas de expressão. Desejamos que novas pesquisas sejam feitas, e que essas possam promover importantes contribuições à compreensão acadêmica das imagens e do fenômeno religioso.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mariana Nayara Bonilha de. **Delírios místicos e religiosos no contexto das psicoses**: uma pesquisa de revisão de literatura. 2019. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia). Lavras: Unilavras, 2019.

APA (American Psychiatric Association). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**: DSM-5. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARAÚJO, João Henrique Queiroz de. **Entre preservar e reformar**: práticas e saberes psis no Museu da Colônia Juliano Moreira. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro**. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 2.ed. São Paulo: Unesp; Hucitec, 1990.

BÊTA, Janaína Laport. **Madras**: arte e sagrado em Arthur Bispo do Rosário. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2012.

CAMPOS, Marcelo. (org.). **Um canto dois sertões**: Bispo do Rosário e os 90 anos da Colônia Juliano Moreira. Rio de Janeiro, 2016.

CATTA-PRETA, Marisa V. Diálogos entre Nise e Jung: a obra expressiva de Nise da Silveira e suas contribuições para a psicologia analítica. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**. v. 39-1, p. 111-126, 2021.

CIEDS. **“Minha loucura é ser artista”**. Disponível em: <https://www.cieds.org.br/noticia/minha-loucura-e-ser-artista> (2019). Acesso: 12 de dezembro de 2023.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

DANTAS, Marta. **Arthur Bispo do Rosário**: a poética do delírio. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

DOMINGUES, Maria Eduarda dos S. *et al.* Religião, religiosidade e sua relação com a saúde mental em contexto de adoecimento: uma revisão integrativa de 2010 a 2020. In: **Caderno PAIC**. FAE, v. 21, n. 1, 2020.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. (1900) In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 4. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

FREUD, Sigmund. **Cinco lições de psicanálise**. (1910). In. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 11. Rio de Janeiro: Imago, 1996*b*.

FREUD, Sigmund. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreiber”), artigos sobre técnicas e outros textos**. (1911-1913) In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 10. Rio de Janeiro: Imago, 1996*a*.

FREUD, Sigmund. **Observações sobre um caso de neurose obsessiva, uma recordação de infância de Leonardo da Vinci**. (1909-1910). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 9. Rio de Janeiro: Imago, 1996*a*.

HANNAH, Barbara. **Jung: vida e obra: uma memória biográfica**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2003.

HIDALGO, Luciana. **Arthur Bispo do Rosário: o senhor do labirinto**. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2012.

HOPCKE, Robert H. **Guia para a Obra Completa de C. G. Jung**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

**HUGO DENIZART: O PRISIONEIRO DA PASSAGEM**. Documentário. Direção e fotografia de Hugo Denizart. YouTube, 2012. Disponível em: [https://youtu.be/PjgP1LYLZOU?si=CMMZtSe\\_K\\_UqG-i](https://youtu.be/PjgP1LYLZOU?si=CMMZtSe_K_UqG-i). Acesso em 20 dez. 2024

JOÃO PAULO II. Rosarium Virginis Mariae. In: **Cartas Apostólicas**, 2002. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_letters/2002/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_20021016\\_rosarium-virginis-mariae.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2002/documents/hf_jp-ii_apl_20021016_rosarium-virginis-mariae.html) Acesso em 05/10/2024.

JUNG, Carl Gustav. **Ab-reação, análise dos sonhos e transferência**. Obras Completas de C. G. Jung. v. XVI/2. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011*a*.

JUNG, Carl Gustav. **Aion: estudo sobre o simbolismo do si-mesmo**. Obras Completas de C. G. Jung. v. IX/2. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011*b*.

JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique**. Obras Completas de C. G. Jung. v. VIII/2. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011*c*.

JUNG, Carl Gustav. **A Prática da Psicoterapia: contribuições ao problema da Psicoterapia e à psicologia da transferência**. Obras Completas de C. G. Jung. v. XVI/1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011*d*.

JUNG, Carl Gustav. **A vida simbólica**. Obras Completas de C. G. Jung. v. XVIII/2. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011*e*.

JUNG, Carl Gustav. **Estudos alquímicos**. Obras Completas de C. G. Jung. v. XIII. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011*f*.

JUNG, Carl Gustav. **Freud e a psicanálise**. Obras Completas de C. G. Jung. v. IV. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011g.

JUNG, Carl Gustav. **Memórias, sonhos, reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

JUNG, Carl Gustav. **Mysterium Coniunctionis**: pesquisa sobre a separação e a composição dos opostos psíquicos na alquimia. Obras Completas de C. G. Jung. v. XIV/1 Petrópolis, RJ: Vozes, 2011h.

JUNG, Carl Gustav. **Mysterium Coniunctionis**: pesquisa sobre a separação e a composição dos opostos psíquicos na alquimia. Obras Completas de C. G. Jung. v. XIV/2 Petrópolis, RJ: Vozes, 2011i.

JUNG, Carl Gustav. **O desenvolvimento da personalidade**. Obras Completas de C. G. Jung. v. XVII. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011j.

JUNG, Carl Gustav. **O espírito na arte e na ciência**. Obras Completas de C. G. Jung. v. XV. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011k.

JUNG, Carl Gustav. **O eu e o inconsciente**. Obras Completas de C. G. Jung. v. VII/2. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011l.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2016.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Obras Completas de C. G. Jung. v. IX/1. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011m.

JUNG, Carl Gustav. **Presente e Futuro**. Obras Completas de C. G. Jung. v. X/1. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011n.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e alquimia**. Obras Completas de C. G. Jung. v. XII. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011o.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e religião**. Obras Completas de C. G. Jung. v. XI/1. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011p.

JUNG, Carl Gustav. **Sincronicidade**. Obras Completas de C. G. Jung. v. VIII/3. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011q.

JUNG, Carl Gustav. **Tipos Psicológicos**. Obras Completas de C. G. Jung. v. VI. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011r.

KOENIG, Harold G. Religião, espiritualidade e transtornos psicóticos. In: **Revista de Psiquiatria Clínica**. 24, supl. 1, p. 95-104, 2007.

LABRA, Daniela (org.). **Das virgens em cardume e da cor das auras**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.

LEAL, Cássia Duarte; DILELLI, Rosa Maria. O valor e os frutos da oração do Rosário. In: **Revista Ave Maria**. p. 54-55, outubro de 2022.

LIMA, Elizabeth Araújo. **Arte, clínica e loucura: território em mutação**. São Paulo: Summus: FAPESP, 1ª ed. 2009.

MARTINS, Leonardo Breno; ZANGARI, Wellington. Relações entre experiências anômalas tipicamente contemporâneas, transtornos mentais e experiências espirituais. **Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)**, v. 39, n. 6, p. 198–202, 2012.

MBRAC, Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea. **Acervo**. Disponível in: <https://museubispodorosario.com/acervo> Acesso: 05 de setembro de 2024a.

MBRAC, Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea. **Ateliê Gaia**. Disponível in: <https://museubispodorosario.com/atelie-gaia-2> Acesso: 05 de setembro de 2024b.

MBRAC, Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea. **Stella do Patrocínio**. Disponível in: <https://museubispodorosario.com/stela-do-patrocinio> Acesso: 05 de setembro de 2024c.

MBRAC, Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea. **Sobre o mBrac**. Disponível in: <https://museubispodorosario.com/museu> Acesso: 05 de setembro de 2024d.

MOREIRA-ALMEIDA, Alexander; CARDEÑA, Etzel. Diagnóstico diferencial entre experiências espirituais e psicóticas não patológicas e transtornos mentais: uma contribuição de estudos latino-americanos para o CID-11. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 33, p. s21–s28, maio 2011.

MELLO, Luiz Carlos. **Nise da Silveira: caminhos de uma psiquiatra rebelde**. Rio de Janeiro: Hólus. 2014.

MENEZES JÚNIOR, Adair de; MOREIRA-ALMEIDA, Alexander. O diagnóstico diferencial entre experiências espirituais e transtornos mentais de conteúdo religioso. **Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)**, v. 36, n. 2, p. 75–82, 2009.

OLIVEIRA, Fabrício Henrique Alves de Oliveira; PINTO, Alexandre Rezende. Psiquiatria e espiritualidade: em busca da formulação bio-psico-socio-espiritual do caso. **HU Revista**, Juiz de Fora, v. 44, n. 4, p. 447-454, nov. 2018.

OTTO, Rudolf. **O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional**. São Leopoldo: Sinoda/EST; Petrópolis: Vozes, 2017.

OXFORD LANGUAGES. **Dicionário**. Disponível em: Oxford Languages and Google - Portuguese | Oxford Languages (oup.com) Acesso em: 05/10/2024.

PEREIRA, Mário Eduardo Costa. Bleuler e a invenção da esquizofrenia. **Revista latino-americana de psicopatologia fundamental**. 3 (1), p. 158-163, jan-abr. 2000.

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do inconsciente**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SILVEIRA, Nise da. **O mundo das imagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2024.

STEIN, Murray. **Jung: o mapa da alma**: uma introdução. São Paulo: Cultrix, 2006.

VAN OS, Jim. Os diagnósticos psiquiátricos de psicose são científicos e úteis? O caso da esquizofrenia. **Journal of Mental Health**. 19 (4), p. 305-317, 2010.

WIKIPEDIA. **Tropa de Elite** (filme). Disponível em: Tropa de Elite (filme) – Wikipédia, a enciclopédia livre. Acesso em: 05 de novembro de 2023.

WHO, World Health Organization. International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems. **ICD-11**. 2020. Disponível em: ContentModelGuide.pdf (who.int) Acesso em: 05 de outubro de 2024.

ZONIN, Carina Dartora. Polifonia e discurso literário: outras vozes que habitam a voz do narrador na obra *\_Ensaio sobre a lucidez\_* de José Saramago. **Revista Eletrônica de Crítica e Teoria de Literaturas**. Dossiê: Saramago. PPG - LET- UFRGS. Porto Alegre: vol. 02, n. 02, jul/dez 2006.

## ANEXO I- Parecer Consubstanciado do CEP- UNIVIÇOSA

SYLVIO MIGUEL / UNIVIÇOSA



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Elaborado pela Instituição Coparticipante

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Um estudo da recepção da imagem em Arthur Bispo do Rosário a partir da Psicologia da Religião de Carl Gustav Jung

**Pesquisador:** ANDREA OLIMPIO DE OLIVEIRA

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 69486323.6.3001.8090

**Instituição Proponente:** UNIVICOSA - UNIAO DE ENSINO SUPERIOR DE VICOSA LTDA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 6.152.668

#### Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos: "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos riscos e benefícios" foram retiradas do(s) arquivo(s) "PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_2154721" de 12/06/2023  
**Título:** Um estudo da recepção da imagem em Arthur Bispo do Rosário a partir da Psicologia da Religião de Carl Gustav Jung

**Resumo:** Esta pesquisa aborda um estudo da recepção da imagem em Arthur Bispo do Rosário, a partir da Psicologia da Religião de Carl Gustav Jung. A temática central deste estudo assenta-se sobre a relação entre imagem, a produção criativa de Bispo e a psicologia da religião, ressaltando o seu aspecto numinoso, tal qual compreendia Jung. O objetivo é estudar a recepção da imagem na obra de Arthur Bispo do Rosário, através de uma experiência de criação artística espontânea, visando a interlocução dessas imagens com a psicologia da religião. A linha de problematização fundamenta-se, então, na seguinte questão: Se o numinoso pode ser "as características de um objeto observado, que produza uma mudança significativa na consciência", pode-se, ao observar uma obra de arte, de algum modo, evidenciar o numinoso presente nesta contemplação? E, ainda, ao recriar-se uma obra de arte, de modo espontâneo, de que modo apareceriam representações primordiais coletivas? A hipótese inicial aponta que as condições que se configuram uma obra de arte se deve justamente à sua capacidade de se elevar para além dos aspectos pessoais do artista, podendo ser acessado a todos. O estudo é de caráter exploratório qualitativo, baseando numa

**Endereço:** Bloco E, subsolo, Avendida Maria de Paula Santana nº 3815

**Bairro:** Silvestre **CEP:** 36.570-000

**UF:** MG **Município:** VICOSA

**Telefone:** (31)3899-8033

**E-mail:** cep@univicosa.com.br

pesquisa experimental. A metodologia de trabalho é também descritiva, no sentido de descrever as possíveis associações que possam surgir através dessas incursões no mundo das imagens; e fenomenológica, posto que a pesquisa acontece na manifestação de descobertas sobre imagem, arte e religião, que se chega neste transcurso. Os resultados esperados apontam que a obra, fruto dos processos inconscientes, podem ser expressos tanto pela arte, como pela experiência religiosa, posto que, conforme a definição de religião proposta por Jung, é a numinosidade que proporciona o sentido sagrado às experiências simbólicas da psique..

Hipótese: Há uma dificuldade por parte de muitos teóricos em se compreender Jung, visto que sua narrativa não parte de uma ciência cartesiana, de causalidade, mas se aproxima muito mais de uma fenomenologia empírica. Em várias de suas obras, sua preocupação consistia em descrever as diversas imagens, fantasias e visões que o invadiam soturnamente. Neste confronto com o inconsciente, buscava-se compreender o significado de tais imagens e a que elas poderiam servir. Soma-se a isso a ideia de que grande parte de sua teoria psicológica fora desenvolvida com o intuito de proporcionar uma compreensão religiosa dos fenômenos psíquicos, lançando mão, para isso, de uma concepção específica de religião, que se aproxima da descrição de religio em Cícero. Jung não compartilha da ideia de uma divindade exterior e distinta do homem. Em sua teoria, reduz a experiência religiosa a um “fenômeno psíquico”. A religião é uma experiência significativa do numinoso, que coloca o homem em relação com a dimensão mais profunda de sua realidade, a saber, com o inconsciente coletivo. O inconsciente coletivo contém o manancial histórico-cultural de toda a humanidade. Esses conteúdos podem ser vivenciados e assimilados a partir das experiências individuais de cada um. O caráter numinoso da religião, conforme descrito por Rudolf Otto, apresenta grande importância para a compreensão da psicologia da religião em Jung. A linha de problematização fundamenta-se desta pesquisa, fundamenta-se, então, na seguinte questão: se, no pensamento junguiano, o numinoso pode ser as características de um objeto observado, que produza uma mudança significativa na consciência, devendo esta condição estar necessariamente ligada a uma causa exterior ao indivíduo (JUNG, 2011b), pode-se, ao observar uma obra de arte, de algum modo, evidenciar o numinoso presente nesta contemplação? Que mudanças significativas na consciência do indivíduo acarretariam? Quais livres associações a arte diretamente evoca em seu observador? Pensando na obra de Arthur Bispo do Rosário, ao contemplá-la, o que a mesma suscita em que vê? Evoca lembranças, afloram sentimentos, sonhos, recordações, analogias, metáforas? Se o caráter numinoso deve estar ligado a uma causalidade externa ao indivíduo, ao recriar-se uma obra de arte, de modo espontâneo, de que modo apareceriam representações primordiais coletivas? Quais arquétipos são suscitados? Buscando-se

**Endereço:** Bloco E, subsolo. Avendida Maria de Paula Santana nº 3815

**Bairro:** Silvestre

**CEP:** 36.570-000

**UF:** MG

**Município:** VICOSA

**Telefone:** (31)3899-8033

**E-mail:** cep@univicoso.com.br

Continuação do Parecer: 6.152.668

evidenciar (se é que é possível!), o que é da dimensão individual, que Jung denominou de complexos, do que eventualmente possa ser do inconsciente coletivo. A hipótese inicial aponta que as condições que se configuram uma obra de arte se deve justamente à sua capacidade de elevar-se para além dos aspectos pessoais do artista, podendo ser acessado a todos. As imagens primitivas e/ou mitológicas pertencem ao domínio comum da humanidade, ou seja, a um inconsciente que é também coletivo. Nesta perspectiva, não há diferenças entre o ato criativo e as manifestações religiosas.

**Metodologia:** Trata-se de um estudo experimental, com estudantes de Psicologia do Centro Universitário de Viçosa (UNIVIÇOSA) – MG, e alunos do Ensino Médio do Colégio Anglo de Viçosa – MG. Os respectivos alunos farão uma visita técnica ao Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea, na cidade do Rio de Janeiro, promovido pela Instituição de Ensino no qual lecionam. A intenção da excursão é que, num primeiro momento, os estudantes conheçam a obra de Bispo. Após a visita, será feito um convite para que os alunos possam recriar uma obra de arte que lhe tenha impactado, ou realizar uma nova criação artística, a partir daquilo que a imagem lhe sensibilizou, enfim, da forma mais livre e espontânea possível. Em seguida à criação das imagens, será realizada uma entrevista com cada participante sobre sua obra e o processo de criação. Neste mister, a metodologia de trabalho é também descritiva, no sentido de descrever as possíveis associações que possam surgir através dessas incursões no mundo das imagens, e fenomenológica, posto que a pesquisa acontece na manifestação de descobertas sobre imagem, arte e religião, que se chega neste transcurso. Eventualmente, o Centro Universitário de Viçosa – MG, realiza visitas técnicas visando aprimorar o conhecimento dos estudantes sobre conceitos trabalhados em aula, durante a formação em Psicologia. No ano de 2023, está programada uma visita técnica ao Museu Bispo do Rosário – Arte Contemporânea, para o dia 12 de maio do corrente ano. Além dos estudantes de graduação, a visita fora estendida aos alunos do ensino médio do Colégio Anglo de Viçosa. Esta pesquisa inclui a participação destes alunos na visita ao Museu Bispo do Rosário. Além disso, serão utilizadas a sala de grupo da Clínica Escola de Psicologia (UNIVIÇOSA), para as produções artísticas dos estudantes universitários, e os laboratórios de arte do Colégio Anglo, para as produções artísticas dos alunos do Ensino Médio. A entrevista se seguirá ao processo de criação, nas dependências de cada instituição. O agendamento ocorrerá em data e horário previamente combinados, com tempo médio de 30 minutos cada. Ressalta-se que não haverá custos de deslocamento para os participantes, visto que cada estudante realizará as atividades nos locais onde estudam. O deslocamento se dará pela própria pesquisadora, que arcará com os custos

**Endereço:** Bloco E, subsolo. Avendida Maria de Paula Santana nº 3815**Bairro:** Silvestre**CEP:** 36.570-000**UF:** MG**Município:** VICOSA**Telefone:** (31)3899-8033**E-mail:** cep@univicoso.com.br

Continuação do Parecer: 6.152.668

necessários ao traslado. Para a visita técnica ao Museu Bispo do Rosário de Arte Contemporânea, será fretado um ônibus com capacidade máxima de 44 pessoas. Neste projeto, a população será constituída por uma amostragem não-probabilística, levando em consideração o número de participantes que irão nesta viagem e que, posteriormente, aceitem participar deste experimento. A amostra é composta por estudantes do ensino médio do Colégio Anglo e alunos de psicologia do Centro Universitário de Viçosa – MG. O convite para participar da visita técnica é feito diretamente aos alunos, através dos professores e coordenadores dos respectivos cursos. Após realizada a excursão ao museu, os estudantes serão convidados a produzir uma atividade artística sobre a obra que mais lhe tenha chamado a atenção. O convite será feito no Colégio Anglo de Viçosa, pela professora de Artes, e no Centro de Ensino Superior de Viçosa, pela autora desta pesquisa, ficando os estudantes livres para participar ou não. O material artístico é de livre escolha dos participantes, podendo advir daí esculturas, desenhos, pinturas, modelagens, dentre outros. A livre escolha dos materiais se justifica, pelo fato de não ser a técnica o que necessariamente está no centro deste estudo, mas o processo criativo, a imagem livre e espontânea produzida pela observação da imagem. Em dia e horário combinado

**Critério de Inclusão:** Estudantes de graduação em Psicologia e estudantes do Ensino Médio do Colégio Anglo que participarão da visita técnica ao Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea.

**Critério de Exclusão:** Os motivos que impediriam a participação neste estudo são: todos aqueles participantes que porventura não puderem comparecer à visita técnica ao Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea, bem como aqueles que não se sentirem à vontade em participar da coleta de dados (criação artística e entrevista), por motivos pessoais ou de força maior.

**Objetivo da Pesquisa:**

**Objetivo geral:** O objetivo geral é estudar a recepção da imagem na obra de Arthur Bispo do Rosário, através de uma experiência de criação artística espontânea, visando a interlocução dessas imagens com a psicologia da religião de Carl Gustav Jung.

**Objetivo Secundário:** Como objetivos específicos, pretende-se: a) Produzir plasticamente uma imagem, com estudantes da graduação em psicologia do Centro Universitário de Viçosa-MG e alunos do Ensino Médio do Colégio Anglo, a partir da obra de Arthur Bispo do Rosário; b) Descrever as livres associações que possam surgir através das imagens produzidas; c) Compreender, à luz da Psicologia Analítica, os elementos evidenciados na criação artística; d) Explicitar possíveis relações entre a imagem e a psicologia da religião.

**Endereço:** Bloco E, subsolo, Avendida Maria de Paula Santana nº 3815**Bairro:** Silvestre**CEP:** 36.570-000**UF:** MG**Município:** VICOSA**Telefone:** (31)3899-8033**E-mail:** cep@univicoso.com.br

Continuação do Parecer: 6.152.668

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:****Riscos:**

Este estudo possui os seguintes riscos para os participantes: a obra de Arthur Bispo do Rosário pode evocar não apenas o lado positivo que é do símbolo, o manifesto, a sublimação, mas pode também apresentar o lado sombrio, psicopatológico, na expressão artística de um paciente esquizofrênico, gerando nos participantes mal-estar. Pode, ainda, durante as entrevistas ou durante as produções artísticas, acarretar lembranças e situações que remetam a períodos difíceis da história do sujeito, podendo trazer à tona sofrimentos e sentimentos de angústia gerando incômodo e desagrado. Para amenizar os riscos, caso seja necessário, será realizado o acolhimento do participante por meio do diálogo sobre a pesquisa e sobre como ela afetou os seus sentimentos. Será ressaltado também o quanto a arte é curativa e o quanto rico pode ser a expressão e o diálogo a partir dessas imagens, tranquilizando-os, se necessário.

**Benefícios:**

Os benefícios da pesquisa constituem-se em produzir conhecimento científico sobre a arte e a saúde mental. Os participantes estarão contribuindo na aquisição de relatos acerca de suas criações artísticas e terão uma maior compreensão dos conteúdos inconscientes que possam emergir, resultando em maior conhecimento sobre si próprio. Ademais, a arte traz inúmeros benefícios, promovendo bem-estar, tanto naquele que cria quanto naqueles que desfrutam daquilo que se produz.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Trata-se da segunda avaliação deste projeto. Estudo nacional e uni cêntrico, prospectivo, não randomizado, de caráter acadêmico realizado para obtenção do título de Doutor do curso Psicologia. Patrocinador: Não há. País de Origem: Brasil. Número de participantes incluídos no Brasil e no mundo: 44. Previsão de início e encerramento do estudo: início Agosto de 2023 e término, Novembro de 2023

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Vide campo Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações

**Recomendações:**

Vide campo Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não foram observados óbices éticos.

**Endereço:** Bloco E, subsolo. Avendida Maria de Paula Santana nº 3815

**Bairro:** Silvestre

**CEP:** 36.570-000

**UF:** MG

**Município:** VICOSA

**Telefone:** (31)3899-8033

**E-mail:** cep@univicoso.com.br

Continuação do Parecer: 6.152.668

#### Considerações Finais a critério do CEP:

Orientações para todos os protocolos de pesquisa aprovados:

- O pesquisador responsável deverá encaminhar um relatório no prazo final da pesquisa, tendo sido este executado ou não, por meio da Plataforma Brasil, via notificação do tipo relatório para que seja devidamente apreciado no CEP, conforme Norma Operacional CNS n.º 001/13, item XI.2.d.
- A pesquisa deverá ser desenvolvida conforme delineada no protocolo aprovado. Caso haja necessidade de alterações, o pesquisador principal deverá enviar uma EMENDA ao CEP, apontando quais partes do protocolo foram modificadas, bem como a justificativa para tal conforme Resolução CNS n.º 466/2012, Item III.2.u. O novo protocolo só poderá ser executado após aprovação das mudanças pelo CEP.
- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS n.º 466/12 – Item V.5).

#### Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2154721.pdf	12/06/2023 16:06:44		Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_assinada.pdf	12/06/2023 16:05:41	ANDREA OLIMPIO DE OLIVEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DETALHADO.docx	31/05/2023 11:08:17	ANDREA OLIMPIO DE OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Assentimento.doc	31/05/2023 11:07:00	ANDREA OLIMPIO DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	cv_0666538236260016.pdf	08/05/2023 22:31:34	ANDREA OLIMPIO DE OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_responsaveis.doc	08/05/2023 21:47:23	ANDREA OLIMPIO DE OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	08/05/2023 21:45:36	ANDREA OLIMPIO DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	Roteiro_para_entrevista.docx	03/05/2023 09:21:56	ANDREA OLIMPIO DE OLIVEIRA	Aceito

**Endereço:** Bloco E, subsolo. Avendida Maria de Paula Santana n.º 3815

**Bairro:** Silvestre

**CEP:** 36.570-000

**UF:** MG

**Município:** VICOSA

**Telefone:** (31)3899-8033

**E-mail:** cep@univicoso.com.br

SYLVIO MIGUEL / UNIVIÇOSA



Continuação do Parecer: 6.152.668

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

VICOSA, 29 de Junho de 2023

---

**Assinado por:**  
**Flávia Xavier Valente**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Bloco E, subsolo, Avendida Maria de Paula Santana nº 3815

**Bairro:** Silvestre

**CEP:** 36.570-000

**UF:** MG

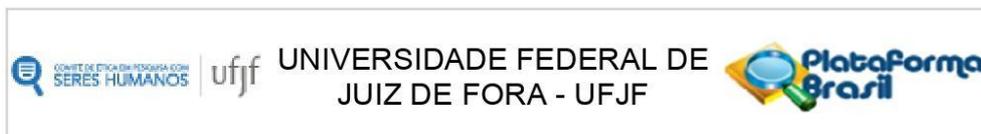
**Município:** VICOSA

**Telefone:** (31)3899-8033

**E-mail:** cep@univicoso.com.br

Página 07 de 07

## ANEXO II- Parecer Consubstanciado do CEP- UFJF



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Um estudo da recepção da imagem em Arthur Bispo do Rosário a partir da Psicologia da Religião de Carl Gustav Jung

**Pesquisador:** ANDREA OLIMPIO DE OLIVEIRA

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 69486323.6.0000.5147

**Instituição Proponente:** Universidade Federal de Juiz de Fora UFJF

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 6.098.197

#### Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa.

"Trata-se de um estudo experimental, com estudantes de Psicologia do Centro Universitário de Viçosa (UNIVIÇOSA) - MG, e alunos do Ensino Médio do Colégio Anglo de Viçosa - MG. Os respectivos alunos farão uma visita técnica ao Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea, na cidade do Rio de Janeiro, promovido pela Instituição de Ensino no qual lecionam. A intenção da excursão é que, num primeiro momento, os estudantes conheçam a obra de Bispo.

Este estudo experimental se inicia após a visita, onde será feito um convite para que os alunos possam recriar uma obra de arte que lhe tenha impactado, ou realizar uma nova criação artística, a partir daquilo que a imagem lhe sensibilizou, enfim, da forma mais livre e espontânea possível. Em seguida à criação das imagens, será realizada uma entrevista com cada participante sobre sua obra e o processo de criação. Neste mister, a metodologia de trabalho é também descritiva, no sentido de descrever as possíveis associações que possam surgir através dessas incursões no mundo das imagens, e fenomenológica, posto que a pesquisa acontece na manifestação de descobertas sobre imagem, arte e religião, que se chega neste transcurso."

#### Objetivo da Pesquisa:

"Objetivo Primário: O objetivo geral é estudar a recepção da imagem na obra de Arthur Bispo do

**Endereço:** JOSE LOURENCO KELMER S/N

**Bairro:** SAO PEDRO

**CEP:** 36.036-900

**UF:** MG

**Município:** JUIZ DE FORA

**Telefone:** (32)2102-3788

**E-mail:** cep.propp@ufjf.br

Continuação do Parecer: 6.098.197

Rosário, através de uma experiência de criação artística espontânea, visando a interlocução dessas imagens com a psicologia da religião de Carl Gustav Jung."

"Objetivo Secundário: Como objetivos específicos, pretende-se: a) Produzir plasticamente uma imagem, com estudantes da graduação em psicologia do Centro Universitário de Viçosa-MG e alunos do Ensino Médio do Colégio Anglo, a partir da obra de Arthur Bispo do Rosário; b) Descrever as livres associações que possam surgir através das imagens produzidas; c) Compreender, à luz da Psicologia Analítica, os elementos evidenciados na criação artística;d) Explicitar possíveis relações entre a imagem e a psicologia da religião."

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

"Este estudo possui os seguintes riscos para os participantes: a obra de Arthur Bispo do Rosário pode evocar não apenas o lado positivo que é do símbolo, o manifesto, a sublimação, mas pode também apresentar o lado sombrio, psicopatológico, na expressão artística de um paciente esquizofrênico, gerando nos participantes mal-estar. Pode, ainda, durante as entrevistas ou durante as produções artísticas, acarretar lembranças e

situações que remetam a períodos difíceis da história do sujeito, podendo trazer à tona sofrimentos e sentimentos de angústia gerando incômodo e desagrado. Para amenizar os riscos, caso seja necessário, será realizado o acolhimento do participante por meio do diálogo sobre a pesquisa e sobre como ela afetou os seus sentimentos. Será ressaltado também o quanto a arte é curativa e o quão rico pode ser a expressão e o diálogo a

partir dessas imagens, tranquilizando-os, se necessário. Benefícios: Os benefícios da pesquisa constituem-se em produzir conhecimento científico sobre a arte e a saúde mental. Os participantes estarão contribuindo na aquisição de relatos acerca de suas criações artísticas e terão uma maior compreensão dos conteúdos inconscientes que possam emergir,

resultando em maior conhecimento sobre si próprio. Ademais, a arte traz inúmeros benefícios, promovendo bem-estar, tanto naquele que cria quanto naqueles que desfrutam daquilo que se produz."

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

O projeto está bem estruturado, delineado e fundamentado, sustenta os objetivos do estudo em sua metodologia de forma clara e objetiva, e se apresenta em consonância com os princípios éticos norteadores da ética na pesquisa científica envolvendo seres humanos elencados na resolução 466/12 do CNS e com a Norma Operacional N° 001/2013 CNS.

**Endereço:** JOSE LOURENCO KELMER S/N

**Bairro:** SAO PEDRO

**CEP:** 36.036-900

**UF:** MG

**Município:** JUIZ DE FORA

**Telefone:** (32)2102-3788

**E-mail:** cep.propp@ufjf.br

Continuação do Parecer: 6.098.197

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

O protocolo de pesquisa está em configuração adequada, apresenta FOLHA DE ROSTO devidamente preenchida, com o título em português, identifica o patrocinador pela pesquisa, estando de acordo com as atribuições definidas na Norma Operacional CNS 001 de 2013 item 3.3 letra a; e 3.4.1 item 16. Apresenta o TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO em linguagem clara para compreensão dos participantes, apresenta justificativa e objetivo, campo para identificação do participante, descreve de forma suficiente os procedimentos, informa que uma das vias do TCLE será entregue aos participantes, assegura a liberdade do participante recusar ou retirar o consentimento sem penalidades, garante sigilo e anonimato, explicita riscos e desconfortos esperados, indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa, contato do pesquisador e do CEP e informa que os dados da pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador pelo período de cinco anos, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466 de 2012, itens: IV letra b; IV.3 letras a, b, d, e, f, g e h; IV. 5 letra d e XI.2 letra f. Apresenta o INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS de forma pertinente aos objetivos delineados e preserva os participantes da pesquisa. O Pesquisador apresenta titulação e experiência compatível com o projeto de pesquisa, estando de acordo com as atribuições definidas no Manual Operacional para CEPs. Apresenta DECLARAÇÃO de infraestrutura e de concordância com a realização da pesquisa de acordo com as atribuições definidas na Norma Operacional CNS 001 de 2013 item 3.3 letra h.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Diante do exposto, o projeto está aprovado, pois está de acordo com os princípios éticos norteadores da ética em pesquisa estabelecido na Res. 466/12 CNS e com a Norma Operacional Nº 001/2013 CNS. Data prevista para o término da pesquisa: dezembro de 2024.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa CEP/UFJF, de acordo com as atribuições definidas na Res. CNS 466/12 e com a Norma Operacional Nº001/2013 CNS, manifesta-se pela APROVAÇÃO do protocolo de pesquisa proposto. Vale lembrar ao pesquisador responsável pelo projeto, o compromisso de envio ao CEP de relatórios parciais e/ou total de sua pesquisa informando o andamento da mesma, comunicando também eventos adversos e eventuais modificações no protocolo.

**Endereço:** JOSE LOURENCO KELMER S/N**Bairro:** SAO PEDRO**CEP:** 36.036-900**UF:** MG**Município:** JUIZ DE FORA**Telefone:** (32)2102-3788**E-mail:** cep.propp@ufjf.br

Continuação do Parecer: 6.098.197

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2084495.pdf	31/05/2023 11:09:21		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DETALHADO.docx	31/05/2023 11:08:17	ANDREA OLIMPIO DE OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Assentimento.doc	31/05/2023 11:07:00	ANDREA OLIMPIO DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	cv_0666538236260016.pdf	08/05/2023 22:31:34	ANDREA OLIMPIO DE OLIVEIRA	Aceito
Cronograma	Cronograma.docx	08/05/2023 21:50:04	ANDREA OLIMPIO DE OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_responsaveis.doc	08/05/2023 21:47:23	ANDREA OLIMPIO DE OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	08/05/2023 21:45:36	ANDREA OLIMPIO DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	Roteiro_para_entrevista.docx	03/05/2023 09:21:56	ANDREA OLIMPIO DE OLIVEIRA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Autorizacao_univicoso.jpg	03/05/2023 09:09:22	ANDREA OLIMPIO DE OLIVEIRA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Autorizacao_pesquisa_museu.jpg	03/05/2023 09:07:32	ANDREA OLIMPIO DE OLIVEIRA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Autorizacao_anglo.jpg	03/05/2023 09:04:28	ANDREA OLIMPIO DE OLIVEIRA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_assinada.pdf	03/05/2023 08:57:26	ANDREA OLIMPIO DE OLIVEIRA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

<b>Endereço:</b> JOSE LOURENCO KELMER S/N <b>Bairro:</b> SAO PEDRO <b>UF:</b> MG <b>Município:</b> JUIZ DE FORA <b>Telefone:</b> (32)2102-3788	<b>CEP:</b> 36.036-900  <b>E-mail:</b> cep.propp@ufjf.br
---	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
JUIZ DE FORA - UFJF



Continuação do Parecer: 6.098.197

JUIZ DE FORA, 02 de Junho de 2023

---

**Assinado por:**  
**Jubel Barreto**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** JOSE LOURENCO KELMER S/N

**Bairro:** SAO PEDRO

**UF:** MG

**Município:** JUIZ DE FORA

**CEP:** 36.036-900

**Telefone:** (32)2102-3788

**E-mail:** cep.proppa@ufjf.br

Página 05 de 05

## ANEXO III- TCLE



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário (a) da pesquisa "Um estudo da recepção da imagem em Arthur Bispo do Rosário, a partir da psicologia da religião de Carl Gustav Jung". O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é promover uma importante contribuição para a compreensão do fenômeno religioso atrelado à arte, cujo interesse se fundamenta, no estudo da espiritualidade e suas formas de expressão. Nesta pesquisa pretendemos estudar a recepção da imagem na obra de Arthur Bispo do Rosário, através de uma experiência de criação artística espontânea, visando a interlocução dessas imagens com a psicologia da religião de Carl Gustav Jung.

Caso você concorde em participar, vamos fazer as seguintes atividades com você: após a visita técnica ao Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea, recriar uma obra de arte que lhe tenha impactado, ou realizar uma nova criação artística, a partir daquilo que a imagem lhe tenha sensibilizado, de forma mais livre e espontânea possível. Em seguida à criação das imagens, será realizada uma entrevista com cada participante sobre sua obra e o processo de criação. A criação artística acontecerá na Clínica Escola de Psicologia, do Centro de Ensino Superior de Viçosa – MG, instituição no qual o(a) participante estuda. A entrevista se seguirá ao processo de criação, também nas dependências da Clínica Escola de Psicologia, em data e hora previamente combinados, com tempo médio de 30 minutos cada. A entrevista será gravada e transcrita para fins de análise deste estudo, e as imagens fotografadas.

Esta pesquisa tem alguns riscos, que são: a obra de Arthur Bispo do Rosário pode evocar não apenas o lado positivo que é do símbolo, o manifesto, a sublimação, mas pode também apresentar o lado sombrio, psicopatológico, na expressão artística de um paciente esquizofrênico, gerando nos participantes mal-estar. Pode, ainda, durante as entrevistas ou durante as produções artísticas, acarretar lembranças e situações que remetam a períodos difíceis da história do sujeito, podendo trazer à tona sofrimentos e sentimentos de angústia gerando incômodo e desgosto. Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem, caso seja necessário, será realizado o acolhimento do participante por meio do diálogo sobre a pesquisa e sobre como ela afetou os seus sentimentos. Será ressaltado também o quanto a arte é curativa e o quanto rico pode ser a expressão e o diálogo a partir dessas imagens, tranquilizando-os, se necessário. A pesquisa pode ajudar contribuindo na aquisição de relatos acerca da criação artística dos participantes e estes terão uma maior compreensão dos conteúdos que possam emergir, resultando em maior conhecimento sobre si próprio. Ademais, a arte traz inúmeros benefícios, promovendo bem-estar, tanto naquele que cria quanto naqueles que desfrutam daquilo que se produz.

Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causadas atividades que fizermos com você nesta pesquisa, você tem direito a buscar indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido (a). O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20 \_\_\_\_ .

O CEP avalia protocolos de pesquisa que envolve seres humanos, realizando um trabalho cooperativo que visa, especialmente, à proteção dos participantes de pesquisa do

Brasil. **Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:**

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - UFJF

Campus Universitário da UFJF

Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa

CEP: 36036-900

Fone: (32) 2102- 3788 / E-mail: cep.propp@ufjf.br



Assinatura do Participante

Assinatura do (a) Pesquisador (a)

**Andréa Olímpio de Oliveira**  
Campus Universitário da UFJF  
Faculdade de Ciência da Religião/Departamento de Ciência da Religião/ Instituto de Ciências Humanas  
CEP: 36036-900  
Fone: (31) 99719-9393  
E-mail: [andrea.olimpiodeoliveira@gmail.com](mailto:andrea.olimpiodeoliveira@gmail.com)

Rubrica do Participante de pesquisa ou responsável: \_\_\_\_\_  
Rubrica do pesquisador: \_\_\_\_\_

O CEP avalia protocolos de pesquisa que envolve seres humanos, realizando um trabalho cooperativo que visa, especialmente, à proteção dos participantes de pesquisa do

Brasil. **Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:**

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - UFJF

Campus Universitário da UFJF

Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa

CEP: 36036-900

Fone: (32) 2102- 3788 / E-mail: [cep.propp@uff.br](mailto:cep.propp@uff.br)

## ANEXO IV- TCLE Responsáveis



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO/RESPONSÁVEIS

O menor \_\_\_\_\_, sob sua responsabilidade, está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa "Um estudo da recepção da imagem em Arthur Bispo do Rosário, a partir da psicologia da religião de Carl Gustav Jung". O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é promover uma importante contribuição para a compreensão do fenômeno religioso atrelado à arte, cujo interesse se fundamenta, no estudo da espiritualidade e suas formas de expressão. Nesta pesquisa pretendemos estudar a recepção da imagem na obra de Arthur Bispo do Rosário, através de uma experiência de criação artística espontânea, visando a interlocução dessas imagens com a psicologia da religião de Carl Gustav Jung.

Caso você concorde na participação do menor vamos fazer as seguintes atividades com ele: após a visita técnica ao Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea, recriar uma obra de arte que lhe tenha impactado, ou realizar uma nova criação artística, a partir daquilo que a imagem lhe tenha sensibilizado, de forma mais livre e espontânea possível. Em seguida à criação das imagens, será realizada uma entrevista com cada participante sobre sua obra e o processo de criação. A criação artística acontecerá no no Colégio Anglo de Viçosa-MG, instituição no qual o(a) participante estuda. A entrevista se seguirá ao processo de criação, também nas dependências da escola, em data e hora previamente combinados, com tempo médio de 30 minutos cada. A entrevista será gravada e transcrita para fins de análise deste estudo, e as imagens fotografadas.

Esta pesquisa tem alguns riscos, que são: a obra de Arthur Bispo do Rosário pode evocar não apenas o lado positivo que é do símbolo, o manifesto, a sublimação, mas pode também apresentar o lado sombrio, psicopatológico, na expressão artística de um paciente esquizofrênico, gerando nos participantes mal-estar. Pode, ainda, durante as entrevistas ou durante as produções artísticas, acarretar lembranças e situações que remetam a períodos difíceis da história do sujeito, podendo trazer à tona sofrimentos e sentimentos de angústia gerando incômodo e desagrado. Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem, caso seja necessário, será realizado o acolhimento do participante por meio do diálogo sobre a pesquisa e sobre como ela afetou os seus sentimentos. Será ressaltado também o quanto a arte é curativa e o quanto rico pode ser a expressão e o diálogo a partir dessas imagens, tranquilizando-os, se necessário. A pesquisa pode ajudar, contribuindo na aquisição de relatos acerca da criação artística dos participantes e estes terão uma maior compreensão dos conteúdos que possam emergir, resultando em maior conhecimento sobre si próprio. Ademais, a arte traz inúmeros benefícios, promovendo bem-estar, tanto naquele que cria quanto naqueles que desfrutam daquilo que se produz.

Para participar desta pesquisa, o menor sob sua responsabilidade e você não irão ter nenhum custo, nem receberão qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se o menor tiver algum dano por causa das atividades que fizermos com ele nesta pesquisa, ele tem direito a buscar indenização.

Ele terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Você como responsável pelo menor poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação dele a qualquer momento. Mesmo que você queira deixá-lo participar agora, você pode voltar atrás e parar a participação a qualquer momento. A participação dele é voluntária e o fato em não deixá-lo participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que ele é atendido. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. O nome ou o material que indique a participação do menor não será liberado sem a sua permissão. O menor não será identificado em nenhuma publicação.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos com para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Declaro que concordo em deixá-lo participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

O CEP avalia protocolos de pesquisa que envolve seres humanos, realizando um trabalho cooperativo que visa, especialmente, à proteção dos participantes de pesquisa do

**Brasil. Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:**

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - UFJF

Campus Universitário da UFJF

Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa

CEP: 36036-900

Fone: (32) 2102- 3788 / E-mail: cep.propp@ufjf.br



Juiz de Fora, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do (a) Responsável

\_\_\_\_\_  
Assinatura do (a) Pesquisador (a)

**Andréa Olímpio de Oliveira**  
Campus Universitário da UFJF  
Faculdade de Ciência da Religião/Departamento de Ciência da Religião/ Instituto de Ciências Humanas  
CEP: 36036-900  
Fone: (31) 99719-9393  
E-mail: andrea.olimpiodeoliveira@gmail.com

O CEP avalia protocolos de pesquisa que envolve seres humanos, realizando um trabalho cooperativo que visa, especialmente, à proteção dos participantes de pesquisa do Brasil. **Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:**  
CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - UFJF  
Campus Universitário da UFJF  
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa  
CEP: 36036-900  
Fone: (32) 2102- 3788 / E-mail: cep.propp@ufjf.br

## **ANEXO V- ROTEIRO PARA A ENTREVISTA**

### 1. Dados Pessoais:

Nome:

Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino

Idade:

Escolaridade:

Raça:

### 2. Sobre a Visita ao Museu Bispo do Rosário

Como você ficou sabendo da visita técnica?

Você já ouviu falar do Arthur Bispo do Rosário antes da excursão?

Conhecia alguma de suas obras?

Qual foi a imagem que mais lhe tocou? Por quê?

### 3. Sobre o Processo de Criação Artística

Qual imagem você representou?

Como foi para você o processo de criação?

Que sentimentos, lembranças, recordações você teve ao recriar a obra?

### 4. Considerações Finais

Você deseja fazer algum comentário ou pergunta que porventura eu não tenha contemplado?

## ANEXO VI – TRANSCRIÇÕES

### Participante 1 (P1)

(Pesquisadora): Vamos iniciar com alguns dados pessoais. Qual é o seu nome?

(P1): P1<sup>21</sup>

(Pesquisadora): Sexo?

(P1) Feminino.

(Pesquisadora): Qual é a sua data de nascimento?

(P1): 27/04/1976

(Pesquisadora): Qual é a sua escolaridade?

(P1): Eu tenho o curso técnico de enfermagem e curso técnico de instrumentação cirúrgica e hoje acadêmico em Psicologia, nono período.

(Pesquisadora): Como você se declara com relação à cor?

(P2): Negra.

(Pesquisadora): Você já fez ou faz algum tratamento psicológico ou psiquiátrico?

(P2): Não.

(Pesquisadora): Como é que você ficou sabendo da visita?

(P1): Através da aula, da minha professora. Tinha um grande desejo de conhecer o Museu, pelo que já foi relatado na sala de aula e eu me interessei rapidamente.

(Pesquisadora): Você já tinha ouvido falar do Arthur Bispo do Rosário antes?

(P1): Não, nunca tinha ouvido falar.

(Pesquisadora): Conhecia alguma das obras dele?

(P1): Não conhecia não.

(Pesquisadora): Lá no museu, qual foi a imagem que mais lhe tocou?

(P1): Primeiramente, a imagem dele.

(Pesquisadora): Do Bispo?

(P1) É. Na hora em que cheguei tem uma imagem dele enorme ali no salão, no meio do salão, então me chamou muita a atenção, mas não sabia nada da história dele ainda... Não sabia nada da história dele.

(Pesquisadora): Mas o que te chamou a atenção?

---

<sup>21</sup> Todos os nomes dos participantes foram substituídos por siglas P1, P2, P3... etc. visando preservar a identidade dos mesmos.

(P1): Eu não sei se é as vestes, sabe. Eu não achava que ele era Bispo não, mas vinculada a alguma coisa... não diria coisa. Vamos dizer, é que é muito vinculada à religião, à espiritualidade comigo. Então aquela veste me chamou muito a atenção.

(Pesquisadora): Mas quando você fala: “É muito vinculada a espiritualidade comigo”, é o quê?

(P1): De Deus. Igual, eu sou católica, o padre veste essas vestes, entendeu? E eu vejo essa imagem como uma imagem divina. É, exatamente essa palavra, eu vejo como uma imagem divina. Exatamente! Mesmo sem conhecer toda a história dele, mas vendo como uma história divina.

(Pesquisadora): Interessante! Qual foi a imagem que você representou?

(P1): Sim, eu representei a porta, uma porta de uma prisão, uma solitária, que parece que era de verdade e que me causou assim, eu não sei se isso vem ao caso, me causou assim uma grande angústia, uma grande dor. É porque lá tem direitinho a porta, e aquela porta em si era aquela porta de antes. Pelo que eu entendi não foi uma porta construída para colocar ali, era uma porta do próprio museu. Então aquilo ali me impactou um tanto, na hora que eu vi aquela porta. E ela retrata praticamente, tudo o que ocorreu ali de dor, de vontade de falar, de não ser ouvido, de estar escondido, de estar preso. E de ninguém ouvir... e de ter aquela... até coloquei na minha imagem aquela portinha, aquela porta com aquelas gradinhas só em cima, aí eu penso que aquela pessoa gritava, segurava ali e gritava para ser ouvido de alguma forma. Mas não era ouvido, não era...

(Pesquisadora): Mas porque você fala que não era?

(P1): Ah, é porque não era ouvido sabe, é como se a boca fosse fechada, aquelas falas, aqueles gritos, não tivesse importância para ninguém. Quem passava por aquela porta ali, ficava ali e pronto, como se fosse algo definitivo. Não sei se algo reflete em mim de alguma forma, sabe! Mas...

(Pesquisadora): É isso que eu ia te perguntar agora. Quando você fala assim: “Gritava e não era ouvido”, fico pensando assim, que correspondência isso tem com a tua história?

(P1): É porque assim, muitas vezes eu dei muita coisa por definitivo através de uma porta, simbólica na minha vida, representando através desta porta, que eu achava, pronto, acabou, isso aqui é o meu destino. Através desta porta não tem jeito mais, ninguém liga pra mim. Acho que foi na hora que minha mãe morreu, que eu fiquei sem minha mãe. Aí eu pensei... desculpa, eu vou me emocionar... eu pensei, quem eu vou recorrer, na minha situação na época? Quem eu vou recorrer?

(Pesquisadora): É um grito silenciado?

(P1): Um grito silenciado. E na hora de entrar ali, vi essa porta, vi aquela... eu vou dizer como um manguito, como um drill, uma furadeira que estava ali e que apagava as lembranças de muitas pessoas ali. Então essa porta... e eu fiz questão de fazer isso aqui, alguém podia abrir para mim, mas ninguém abria.

(Pesquisadora): Mas o Bispo tinha a chave.

(P1): É.

(Pesquisadora): E então?

(P1): Mas chegou um ponto em que eu percebi que ninguém vai abrir, se ninguém vai abrir, quem pode abrir? Era só eu. Mas isso foi um trabalho muito grande, muito intenso, que a espiritualidade, a... hoje eu vejo como espiritualidade, mesmo eu tendo a minha religião, que teve alguém de certa forma que me ouviu. Me ouviu! Eu não sei te dizer! Me ouviu de alguma forma.

A minha avó era muito religiosa e naquele museu, por exemplo, a minha avó tinha uma representatividade de religiosidade para mim muito grande. A minha avó tinha um altar em casa e não importava quem. A minha avó tinha coisas, no saber dela, a religiosidade vinha através de... tipo assim, para quem vê o Preto Velho como um demônio, minha avó tinha um. Minha avó tinha Iemanjá, era bem metafórico, mas era católica, de ir na igreja, de rezar o terço. Ela tinha montado, até o padre que tinha contato com ela falava: “Ah, dona A<sup>22</sup>. Isso não é da nossa Igreja”. Ela ficou tão chateada, quebrou as imagens. Mas assim, era essa a lembrança quando eu era criança que ela me levava para esse... E era tão bacana que ela falava comigo: “tudo que você pedir a Deus ele vai te conceder se for bom para você, se não for vai embora. E se for embora e for bom, vai voltar. Pode passar anos que for...” Então... Só que depois que eu tive essa vivência com a minha avó biológica, uma vivência muito rica sabe, minha avó era um exemplo pra mim.

Eu engravidei muito cedo e essa avó era para quem eu falava do meu relacionamento com o pai dos meus filhos. É muito difícil! Então eu vivi por vezes que eu era muito criança, porque eu gostava muito de estudar, de conversar, de sair, de desenhar... Então assim, muita coisa passou. Eu tirei o meu terceiro ano, mesmo depois de ter os meus dois filhos, eu queria estudar, fazer faculdade, e eu não achava, não achava e eu não fiz. E sempre na esperança de que um dia fosse melhor, mas como que seria melhor? Então essa porta me causou muita dor, muito impacto sabe? De ver essa porta pesada.

---

<sup>22</sup> Nos relatos, os nomes das pessoas foram substituídos por abreviações, para preservar a identidade dos mesmos.

Até que um dia assim, eu gosto muito de ouvir música... tenho que voltar a ouvir, eu ouvia mais... ouvia muito mais. Ouvia, assistia muita televisão, assistia com minhas filhas desenho e aquilo falava muita coisa para mim. Desenho, por mais que os outros falem que aquilo era banal, assistir filme, e hoje eu tenho um encontro com isso, quando os professores falam de assistir filme, isso que eles falam de mitos, de contos de fadas. Então eu me identificava muito com isso.

Às vezes minhas duas filhas, não o J. tanto, mas elas: “Mãe, você lembra quando a gente assistia...”. O quarto das minhas meninas, eu não tinha habilidade tanto de desenhar, mas eu enfeitava o quarto das minhas meninas com desenhos, e eu coloria os desenhos e colava para enfeitar os quartos. Então assim, eu tentava nesse meio, nesse meio tão difícil e fechado, que essa porta representa para mim, através dessa porta – vamos dizer – eu não sei de que forma através da minha espiritualidade, eu criava recursos: Isso vai melhorar, isso vai passar. Hoje vai passar, agora está ruim, mas daqui a pouco vai melhorar, vai melhorar. Então eu vivi assim por muitos e muitos anos.

(Pesquisadora): O quê que abriu a porta?

(P1): O quê que abriu a porta? São duas pessoas que eu tenho grande apreço, que é longe e perto de mim ao mesmo tempo... fisicamente longe. Duas meninas que eu conheci nessa época, mas que representa demais para mim. Um dia eu estava cantando uma música na minha casa, o lugar que eu morava era um lugarejo, lugarejo mesmo sabe? Elas vindo para a igreja, vindo da casa delas, morava distante de onde eu morava, vinha a pé, e a mãe... a mãe já era idosa, ela faleceu tem pouco tempo, me doeu muito, e elas passavam na porta e falavam assim: “Nossa, que voz bonita você cantando. Vem cantar com a gente na igreja”. Aí eu fui. Eu fui... porque eu nem ia na igreja. Eu ia na igreja, mas quando eu arranjei o pai dos meus filhos, eu não ia mais. Aí eu fui, levei minhas meninas e minhas meninas começou a participar do teatro, de coroação, minhas filhas cantavam na igreja, cresceu cantando, vestia de anjo, elas participavam de teatro... E tudo porque as meninas pediram, porque tinha hora para chegar em casa, não podia ficar. Eu vinha embora e elas chegavam na porta: “deixa as meninas participar”.

Tinha vigília na igreja, vigília mesmo na igreja, que ficava a noite inteira, aí eu ia... Às vezes quando dava para ir, tinha que pedir, implorar, etc. Então, elas olhavam para mim com tanto carinho e me apresentou um Deus tão bom, possível assim. Elas falavam: “Deus não nos fez para ser infeliz. Jamais Deus nos fez para ser infeliz. Então você tem que ver o que está de fora desta porta, entendeu?”

Um dia elas me chamaram para ir na casa delas, e para ir tinha que pedir também, pedir licença... e fui. E vi um mundo diferente de família, de aconchego, de que é possível, de alegria... E nessa família a mãe criou os filhos sozinha, era muitos filhos. Criou sozinha, perdeu o marido cedo, era uma rocinha e construiu a vida assim. Não que isso seja o errado ou o correto, mas as meninas se casaram virgem, sendo por livre e espontânea vontade.

E eu comecei, fui dar continuidade aos meus estudos de segundo grau e elas estudavam comigo o segundo grau. Só que depois disso eu parei e elas continuaram. E a sabedoria delas, por morar na roça, no interior, tinha uma visão tão ampla... Uma delas mora aqui, a outra em Belo Horizonte. Fez faculdade de Educação Física, mas não quis exercer. Sabe, tirou carteira.

E um dia... Ponte Nova hoje eu moro, mas eu nem conhecia Ponte Nova. Elas falaram assim: “Vamos em Ponte Nova comigo, para você ir, ver lá.” Eu falei: “Ai meu Deus, coisa mais difícil”. Aí eu fui. Ela falou: “Tá vendo isso aqui? Isso é outro mundo!” Porque o meu era fechado demais. Eu não ia no supermercado, fazer coisas normais e vi nessa possibilidade que eu só que poderia fazer, porque na dele a situação era só eu e ele.

Então eu criei um vínculo tão afetivo com elas, mas tão afetivo, que quando a gente estudava, igual hoje era a época de frio, tinha uma senhora que era a diretora da nossa escola, por exemplo, que a gente tinha que ser deslocado para estudar. O que ela podia fazer para os alunos estudar ela fazia, principalmente aluno que não tinha como, e queria, ela ajudava mesmo. E ela trazia a gente de carro até essas localidades, só que ainda assim essas meninas teriam que andar um tanto, eram meninas, entendeu? E elas ficavam na rua, esperando outro ônibus, quando vinha! Imagina isso com chuva, com frio! Eu queria levar elas para minha casa para esperar o ônibus. Em vezes ele deixava e em vezes ele não deixava. Em vezes ele falava: “Vem rápido para casa” e muitas vezes se eu atrasasse um minuto, ele não abria a porta para mim entrar na minha casa. Eu ficava ali no frio, de madrugada...

(Pesquisadora): Não abrir a porta é significativo, né! com essa porta?

(P1). É, eu podia ir embora, na hora que ele fechava a porta, eu podia ir embora, mas meus filhos estavam lá dentro. Entende? É tipo como se ele falasse: “Vai!”, abrisse a porta e falasse assim: “Vai”; “Pode ir!” Mas como que você vai? Também não tinha forças.

Quando elas falavam comigo assim, minha mãe falava: “Separa! Você tem que decidir para a sua vida.” E eu falava: “Eu não consigo. Eu gosto dele demais. Eu não consigo”. Então foi um trabalho de uma oração tão intensa, mas intensa, intensa de pedir a Deus que o levasse de verdade. Eu pedia, porque eu não conseguia e depois eu me arrependia, é evidente que sim. E

pedia muito a Deus a decisão certa e a coragem para poder fazer isso, enquanto mulher, porque não é fácil.

Já tinha o J., com três filhos, o J. veio de uma forma que não era o momento, nem é de financeiro, claro! É de não vir mesmo. Uma pessoa na época falou que o J. veio para ser seu companheiro. E depois eu vi que o J. veio para ser um sopro de vida para mim, sabe!

Eu pedia... nesse lugar que eu morava eu pedia a Deus todos os dias: “Eu preciso sair dessa situação, eu preciso sair.” E dentro da minha espiritualidade, todos os dias... Nesse lugar eu tinha a chave da igreja, a moça me emprestava, eu ia todos os dias as três horas da tarde rezar o terço da misericórdia e rezava pedindo a Deus todos os dias.

Que a história diz, da Igreja diz... eu não sei se você já ouviu falar de Santa Faustina, da visão de Jesus Misericordioso, que aquilo que você pedir as três horas da tarde, Jesus tem uma história... tem uma história de considerar... porque as três horas da tarde é que a lança transpassou no coração de Jesus e jorrou água e sangue. E há muito tempo eu tinha ganhado o quadro dele, de Jesus Misericordioso, que essa amiga tinha me dado. Eu tenho ele até hoje, tem anos... E fui pedindo todos os dias, três horas da tarde e três horas da manhã, até certo dia que eu tomei coragem.

(Pesquisadora): Tem hora que eu te escuto e penso: a gente está falando dessa porta ou dessa porta aqui desenhada? A gente está falando de qual porta? De qual chave?

(P1): É que quando eu entro no Museu e vejo aquelas falas também, daquelas pessoas que viveram tantos anos aprisionadas, e que estão ali cheias de marcas, de feridas, mas elas estão ali! Testemunhando tudo o que aconteceu e de alguma forma elas conseguiram superar. Igual eu vi a senhora pintando mesmo. Ela não pintava, ela não sabia nem pintar e vi ela fazendo aquela arte. A pessoa que viveu aquela tortura toda, aquela coisa toda e não se perdeu. Eu tinha medo de me perder mentalmente, muito, porque todas as probabilidades voltavam para isso. Eu digo que essa fala dessa porta, dessa história, é pequena perto de muita coisa.

(Pesquisadora): E quando você fala da vestimenta, de conectar com algo divino, também passa um pouco com essa relação que você faz com a igreja, a igreja que te liberta?

(P1): Sim, da igreja que me liberta, porque quando eu cheguei e vi as pessoas falando, e depois a fala do jeito que ele se comportava, por mais que parecesse uma doença mental etc., mas que sabedoria!

(Pesquisadora): Do Arlindo?

(P1) Não, do Bispo, na hora que conta a história dele. Do Arlindo também, mas quando fala do Bispo, dele não querer sair dali, dele tecer as suas vestes...

(Pesquisadora): Quando fala da história dele?

(P1): Dele... entendeu! Existe a doença mental ali, mas nossa, e a sabedoria? E a espiritualidade?

Isso me atravessa tanto que às vezes eu não vou conseguir expressar em palavras.

Hoje, por exemplo, no hospital... Vou falar, pode? Uma senhora foi retirar um tumor na cabeça.

Ela não é, vou dizer assim... a gente não convive, não conheço, não conversei..., mas dizem que ela é uma pessoa não desequilibrada, mas aos olhos das pessoas, ela tem alguma coisa. E o marido estava lá fora esperando e toda hora ele vinha perguntar por ela. A enfermeira chegou na sala e falou com o médico: “Aqui, eu acho que ele não entendeu o quê que eu falei com ele, o quê que a gente pode fazer? Porque ele pode ir embora para casa, porque ela vai para o CTI, mas toda hora ele vem me perguntar. E eu acho que ela tem problema de cabeça”, a mulher falando, a enfermeira falando.

Aí foram chamar alguém para conversar com ele, uma conhecida da cidade dele, parecia que ela trabalhava no hospital. Falou: “Se você quiser ir embora, você pode ir”. E ele tem um sotaque diferente de falar... E ele falou: “Eu não vou embora, eu vou esperar ela sair, porque eu quero ver ela na hora que ela sair da cirurgia.” Mesmo diante, que as pessoas julgam que ele tem ou às vezes tem, tem uma consciência ali e uma sabedoria ali. “Não, eu vou esperar ela sair que eu quero vê-la”. Isso foi respeitado, mas isso tem que ser respeitado. Então dentro de uma loucura, de uma doença mental, existe uma lucidez, uma sabedoria tremenda, sabe!

Então assim, na hora que chega no Museu é algo totalmente diferente. Você sente sensações ali que atravessam a gente um tanto! Na fala do Arlindo então! O Arlindo viveu atrás desta porta, entende! E você vê aquela fala ali e eu senti que eu vivi atrás desta porta.

(Pesquisadora): Como é que foi a criação da imagem, dessa imagem aí?

(P1) Olha, eu rodei... Eu juro para você que eu rodei tudo, vi cada imagem mais lindas cá embaixo, artes maravilhosas, história das pessoas, vi o Bispo assim. Mas na hora em que eu entrei e vi a sala, a porta em que estava isso aqui e atrás dessa porta aqueles instrumentos de dar choque, atrás desta porta estavam isto. Ali me impactou... não que os outros instrumentos não fossem usados naquela época, mas essa porta, ela me impactou um tanto! E aquilo, é como se eu vivesse, é como se eu voltasse naquele tempo, como se eu estivesse no museu... Na hora que passa a imagem do Arlindo lá, não o que ele fala, tem a imagem dele mesmo vivenciando...

(Pesquisadora): Ele faz uma representação.

(P1): Uma representação. Aí na hora em que eu vejo, atrás desta porta concreta, eu falei: Meu Deus, como isso é sofrido. Quanto dói, isso dói aqui dentro e o quanto isso pode nos destruir. E de alguma forma, o quê que nos tira por detrás desta porta? Sabe porque Andréa, é por isso

que eu vejo muito espiritual quando eu vejo o Bispo, muito espiritual, porque assim, humanamente falando eu vou te dizer a verdade, é muito difícil a gente sobreviver a certas coisas que acontece com a gente, é muito difícil! E aquelas pessoas, o Arlindo, estava ali. Aquela senhora estava ali desenhando.

(Pesquisadora): Elas sobreviveram...

(P1): Sobreviveram né. Então assim, aí a porta abriu, de certa forma né.

(Pesquisadora): Quantas portas não se abriram ao abrir essa porta!

(P1): É, é outra vida... Então assim, quantas portas abriram. E eu toquei na porta, vê aquele peso. E tipo assim, você pode fechar a porta, mas é uma sensação horrível.

(Pesquisadora): Deve ser mesmo!

(P1): É uma sensação horrível. Essa porta, porque... a porta, ela é assim, tudo o que estava ali foi usado naquela época, mas a porta é um significado muito grande!

(Pesquisadora): Por isso que ela está lá!

(P1): É, assim, nossa!

(Pesquisadora): Que sentimentos, lembranças, o que isso te remete, acho que você foi falando à medida em que você foi falando...

(P1): É.

(Pesquisadora): ...da tua própria história.

(P1): É.

(Pesquisadora): Você gostou de ter ido lá no Museu?

(P1): Nossa amei! Voltaria. Voltaria para aproveitar mais, para vivenciar mais aquela história. Não sei se a gente estudou um período, não sei quem passou para a gente o holocausto, aqui pertinho sabe... de um documentário que fala...

(Pesquisadora): De Barbacena?

(P1): Barbacena! Tem outros documentários, eu não lembro mais. Mas assim, aquilo me impactou tanto! Porque tem pessoas que sobreviveram, mas assim... Nesse grito que eu te falo, que às vezes você grita e ninguém escuta, na época que eu lembro que as mulheres engravidavam, os pais não queriam, principalmente, colocavam lá. E pronto! Quem escutava? Ninguém!

(Pesquisadora): É um pouco a tua história né?

(P1) É!

(Pesquisadora): Quantos anos você tinha?

(P1): Eu engravidei com 13 anos.

(Pesquisadora): 13?

(P1): É! Só que quando eu fui morar com o pai dos meus filhos, eu tinha 15. Com 17 eu engravidei da minha outra filha. Então com 17 anos eu tinha dois filhos.

(Pesquisadora): Na adolescência.

(P1): Na adolescência! A diferença de idade minha e da minha filha é de 15 anos, da N. Então assim, foi uma superação que deixa marcas, claro né. Tem situações que é um gatilho, que vem... Eu digo que eu renasço toda manhã, sabe! De manhã eu tenho que amanhecer e criar uma expectativa para cada dia, porque senão eu não ia aguentar, ou dentro de casa, ou para trabalhar, é assim que eu faço. Então, assim, eu posso abrir a porta hoje.

(Pesquisadora): É libertador isso!

(P1) Muito! Então eu voltaria num Museu desses, se você for, mesmo a gente não estando na faculdade... você divulga que a gente vai.

(Pesquisadora): A última pergunta é se você quer fazer mais algum comentário de alguma coisa que te chamou a atenção lá no Museu? Tem? Quando você pensa lá, alguma coisa te ocorre de comentário, reflexão?

(P1): Sim, de respiro, de respirar mesmo a liberdade quando chega lá.

(Pesquisadora): Você usa umas metáforas que eu acho fantástica!

(P1): De respiro, de liberdade, quando a gente chega e vê aquele ambiente daquela forma. Embora tenha rastros daquele ambiente ali, de gritos, de horrores, é um lugar que você chega, assim, modificado. Tem modificações, pode-se mudar, pode ser modificado. As pessoas podem ser ouvidas hoje. E que a gente possa ouvir as pessoas assim... também né! ...dar voz para elas.

(Pesquisadora): Obrigada!

## **Participante 2 (P2)**

(Pesquisadora): Bom dia! Nós vamos iniciar a entrevista coletando alguns dados pessoais, ok? Qual é o seu nome?

(P2): P2

(Pesquisadora): Sexo?

(P2): Masculino.

(Pesquisadora): Qual é a sua data de nascimento?

(P2): 11/03/2007

(Pesquisadora): Qual é a sua escolaridade?

(P2): Estou cursando o Ensino Médio.

(Pesquisadora): Como você se declara com relação à cor?

(P2): Branca.

(Pesquisadora): Você já fez ou faz algum tratamento psicológico ou psiquiátrico?

(P2): Não.

(Pesquisadora): Como é que você ficou sabendo da visita técnica?

(P2): Através da minha professora.

(Pesquisadora): Você já tinha ouvido falar do Arthur Bispo do Rosário antes da excursão?

(P2): Não.

(Pesquisadora): Conhecia alguma das obras dele?

(P2): Também não.

(Pesquisadora): Lá no Museu, qual foi a imagem que mais lhe tocou? Por quê?

(P2): Ah, apesar do fato de que eu gostaria sim de rever de novo algum dia, tem alguns detalhes que eu não lembro, mas eu lembro de quase tudo – eu imagino. Era uma mulher, eu acho, vestida com um vestido que tinha tipo casas desenhadas dentro, como se fosse uma cidade. Era um céu que se estendia assim e ele se dissolvia em hexágonos senão me engano, para cima, coloridos ou algo do tipo, com umas cores de fundo ou algo do tipo.

Então, o que eu representei no desenho, que eu lembro... Ah, também tem a questão de que a mulher ela tinha só um olho no meio do rosto. Isso daí foi tudo inspirado em obras que eu vi lá no dia. Eu vi um monte desses negócios aí que era uns hexágonos coloridos com cada camada de linha de uma cor diferente, que eles colocavam no teto. Às vezes empilhavam um monte deles para baixo ao redor dos outros. Eu achei muito interessante, parecia um monte de galáxias que ficava no ar desse jeito. Mas enfim...

A mulher também, tinha uma obra lá que era a exata construção do olho no meio do rosto, e eu acho que na mesma sala senão me engano, ou numa sala bem pertinho tem esse vestido, feito de verdade, não é uma tela, é o vestido mesmo costurado, que tem esse padrão aí de um monte de casas de um modelo bem simples, de telhado vermelho e paredes amarelas, mas que se misturava muito bem. Eu tentei, com o tempo que eu tinha pelo menos, fazer uma coisa parecida, mas eu não sou bom de desenhar né, coloquei tudo em grafite e ficou assim. Então essa seria a resposta para essa pergunta.

Ah, só mais uma coisinha que eu me lembro também, nos hexágonos em si, eu coloquei cores mais bonitas, assim digamos né. E no plano de fundo eu coloquei umas cores que eram menos consideradas bonitas, eu acho que verde escuro, azul, marrom, eu não sei. Mas foi justamente... essa questão da dualidade né, que enquanto tinha artes muito bonitas por lá, também era uma

coisa que expressava, muitas das artes lá que eram bem feitas ou então que, para os padrões normais não seriam consideradas bem feitas, mas que ainda tinham muitos significados, significados que muitas vezes não eram bonitos.

É um tipo de arte que é difícil de encontrar para falar a verdade, porque num museu normal, por exemplo, você só veria as obras bonitas, tradicionalmente consideradas bonitas, que expressam coisas assim que evocam sentimentos confortáveis, digamos. Mesmo que não sentimentos bons, talvez sentimentos familiares. Mas os sentimentos evocados por muitas daquelas obras, aquelas misturas de cor, aqueles traços agressivos, uma coisa assim que é até diferente da arte abstrata na minha opinião, pelo menos de muito da arte abstrata que eu já vi na minha vida, e eu acho que fala muito dessa questão da experiência das pessoas que viviam lá tinham, justamente que tiveram ao longo de suas vidas.

Muitas vezes tratadas sob esse estigma da insanidade ou então dos tratamentos que elas tiveram ou lá, ou antes de chegar ao próprio... é, como é que se chama? Não é hospício, é manicômio. Antes de chegar ao manicômio que tinha lá. E eu acho que isso sangra muito em muitas das obras.

Inclusive, por exemplo, eu acho que o que mais evidencia dessa daí que eu estou mencionando é essa obra que eu falei que tem o olho no meio do rosto da mulher, que fica lá numa das telas, que foi o que eu escolhi foi botar no centro assim da imagem, porque é uma obra que é bem feita assim digamos, no sentido de que traz... tradicionalmente consideraria que a forma foi bem colocada e tudo o mais. Então está abstrata né, mas representa uma coisa muito ruim no caso, coloca lá um monte do lado né. Eu não sei exatamente o que a artista queria representar, o artista né, mas eu vi muitas palavras lá justamente, eu lembro, quer dizer, eu não lembro exatamente quais eram, é que mostravam o que a obra estava realmente tentando expressar em relação a mostrar essa figura desumanizada. Então esse daí seria o sentido mais elaborado da pergunta, além dos aspectos físicos da obra.

(Pesquisadora): Como foi para você o processo de criação?

(P2): Ah, então, isso eu acabei meio que respondendo na primeira pergunta. Mas é, eu já falei basicamente, mas eu me inspirei em três obras basicamente que é a questão do vestido com as casas, que mostra a cidade no geral, a mulher e também tinham os hexágonos coloridos que tinha para todo lado, que eu imagino que era de autorias diversas. Era uma obra de artesanato que eu imagino que eles recomendavam para se fazer. E as cores de fundo eu me inspirei na temática de muitas das obras que eram menos assim, compreensíveis digamos. Tinha uma ala lá, uma sessão e ela era também a sessão que continha equipamentos que antigamente eram

usados no manicômio, eu acho que tinha também uma porta de uma das celas que tinha por lá, e nessa sala tem umas obras que são parecidos com esse sentido que eu tentei descrever também na primeira pergunta.

Que são obras que são naturalmente assim, não seriam consideradas uma coisa confortável de se observar, de se tentar compreender. Quanto mais você olha, conhecendo o contexto daquilo e ajuda que também tem um documentário tocando na sala né, que te dá a noção de qual é o contexto no qual aquela obra foi criada. Uma coisa assim que é feia de se olhar, mas que precisa ser vista, e eu acho que é por isso também que eu botei no plano de fundo da imagem, apesar de ter querido meio que replicar... é, deu ter desejado replicar as obras que eram mais concretas na minha memória, eu também queria fazer uma certa... é, incluir de uma certa forma as obras que também deixaram um grande... impacto assim em mim, mas que para falar a verdade eu nem consegui memorizar, porque a pessoa tem até dificuldade, digamos, de memorizar obras assim que são mais caóticas como essas que eu vi lá também né.

(Pesquisadora): Que sentimentos, lembranças, recordações você teve ao recriar a obra?

(P2): Ah, essa é uma pergunta mais surpreendente assim né, eu não tinha imaginado que ia perguntar algo assim. É interessante, porque agora eu já discuti o desenho inteiro, mas eu nunca pensei ele sob essa perspectiva né, de onde eu estava tirando digamos as preferencias que eu usei para montar o cenário em si.

Bom, tem alguns aspectos sim que eu imagino que possam ter influenciado nisso. O primeiro que vem a mente, eu imagino que ocupou a maior parte, pelo menos assim na minha cabeça, do desenho que eu fiz que foi as casas né. Pelo menos foi o que deu mais trabalho de formar e ir colorindo. Eu acho que tem a ver de onde eu nasci, eu vim lá do Nordeste, então por lá uma grande parte assim principalmente dessa época que a gente está do ano, é a festa junina. E aí essas cores né, amarelo, vermelho e laranja, são... é, você vê em todo o canto assim. É uma coisa que lembra muito de casa e é engraçado porque eu estava representando literalmente casas. Então a casinha amarela com o telhado vermelho, eu não sei, eu gosto muito assim dessa imagem, digamos.

Mas também tem a questão de que a mulher em si, eu não sei se eu coloquei a pupila dela com o olho vermelho assim, e eu acho que tem a ver com diversas imagens que eu já vi ao longo da minha vida, mas essa coisa assim... Eu acho que na verdade talvez não seja uma coisa assim que seja só minha, eu nunca perguntei muito bem, mas essa questão dos olhos com essa pupila encarando bem no meio, ou tipo olhando para quem está vendo o desenho, é uma coisa extremamente perturbadora para mim, sabe. Mas é uma coisa que eu gosto muito de representar,

justamente por causa disso, causa um certo impacto assim, atrai a atenção da pessoa que está vendo, como se a própria... a coisa em si que você está representando conseguisse te ver também né.

E colocar a figura de um humano no meio da tela, distante de tudo, de qualquer coisa sólida pelo menos, no meio de tantos conceitos mais abstratos, como o vestido e o efeito que tem no céu atrás dela, é... da muita a sensação também de isolamento... isolamento, né. E eu não sei, talvez tem algo a ver também comigo, mas eu não sei necessariamente como não, porque eu não sou uma pessoa muito solitária também, nem o tipo de pessoa que eu acho que é tão julgada pelos outros quanto o pessoal do manicômio né. Mas é fácil assim sentir como isso deve ter sido para eles. E eu tentei representar isso, como de certa forma eu tive empatia por eles, digamos eu tentei me colocar no lugar que eles sentiam, é fácil de sentir isso também, apesar de não ser tão prevalente na minha vida, eu diria. É, em questão de memória digamos, eu não tenho nenhuma específica que levou àquela formação não. Foi muito principalmente o que eu vi no dia.

A questão do céu se dissolvendo também é uma coisa que eu vejo muito nessa questão de arte abstrata, na representação do mergulho na irrealidade né. E eu sei que foram muitas das pessoas que estavam no manicômio, elas sofreram digamos essa disassociação da realidade, tanto a partir dos problemas que elas possuíam né, as formas como as mentes delas acabavam funcionando dependendo do grau de problemas que elas sofriam, mas também sem ter, como é que se chama? Contra a vontade delas, muitas foram também mandadas nesse sentido por causa da lobotomia, que era a prática lá na época né.

Eu não consigo imaginar, para falar a verdade, como seria você olhar para uma parede, digamos por exemplo, com quadros e você não conseguir reconhecer nenhum dos objetos que está sendo representado, tipo você ver o mundo e não reconhecer padrões, isso que acontece com muitas pessoas que sofrem lobotomia. E dá para perceber que elas sabem de si, e, de certa forma, o que elas lembram de ter visto, de ter reconhecido numa época, mas com aquele pedaço do cérebro faltando, não conseguem enxergar direito. Isso também é algo que me perturba muito, digamos, imaginar como seria isso.

Lá tinha uma estátua senão me engano de alguém que era um ótimo escultor, eu não sei se era lá ou se foi em outro lugar que eu vi isso, mas eu lembro que existe a estátua de alguém que era um ótimo escultor e sofreu lobotomia né, e quando foi representar digamos um autorretrato senão me engano, a forma é bem esquisita né agora, mas ainda lembra o rosto de um homem. Dá para ver que tem uma mente brilhante ali que foi mutilada, porque acharam que ele era louco, ou até porque ele não era louco, às vezes era só um mendigo ou uma pessoa indesejável

na sociedade que mandaram para o manicômio. Então foi questões assim... nas questões das minhas emoções sobre a obra, eu diria que é isso são as coisas que eu consigo pensar.

(Pesquisadora): Você deseja fazer algum comentário ou pergunta que porventura eu não tenha contemplado?

(P2). Não. É só isso mesmo.

(Pesquisadora): Muito obrigada.

### **Participante 3 (P3)**

(Pesquisadora): Qual é o seu nome?

(P3): P3

(Pesquisadora): Sexo?

(P3): Feminino.

(Pesquisadora): Data de Nascimento?

(P3): 08/03/1999.

(Pesquisadora): Escolaridade?

(P3): Graduação em Psicologia.

(Pesquisadora): Como você se declara com relação à cor?

(P3): Parda.

(Pesquisadora): Você já fez ou faz algum tratamento psicológico ou psiquiátrico?

(P3): Sim, já fiz tratamento psicológico.

(Pesquisadora): Como é que você ficou sabendo da visita técnica?

(P3): Fiquei sabendo através de L., que informou no grupo da nossa turma sobre essa viagem e nisso eu já apresentei interesse, porque eu já realizei a viagem em 2019 que a gente também foi no Museu do Amanhã, que inclusive foi eu, L., V. e a outra moça que eu esqueci o nome dela que ela saiu do curso. Eu até falei com L., vai ser bom a gente relembrar os velhos tempos. Por mais que seria em outro local, a viagem que a gente presenciou foi muito bacana e muito enriquecedora. Então eu falei: agora a gente também não pode perder a oportunidade.

(Pesquisadora): E foi diferente os lugares? O que você sentiu?

(P3): Dessa vez foi mais de cultura né! Artístico... da outra vez não.

(Pesquisadora): Me explica isso, o que é 'da outra vez não'?

(P3): Da outra vez foi muito questão de tecnologia. E dessa vez foi mais questão de cultura.

(Pesquisadora): O quê que você chama de cultura?

(P3): É as artes, as vivências.

(Pesquisadora): Você gostou mais de qual, da tecnologia ou da cultura?

(P3): Da cultura. (Risos).

(Pesquisadora): Você já tinha ouvido falar do Arthur Bispo do Rosário antes da excursão?

(P3): Não.

(Pesquisadora): Conhecia alguma das obras dele?

(P3): Também não.

(Pesquisadora): Lá no Museu, qual foi a imagem que mais lhe tocou? Por quê?

(P3): Foi na parte da... foi no primeiro andar e aí no último corredor que estava uma senhora, que era também artista e ela que realizou as pinturas que estavam lá presentes. Ela tinha até comentado também... a N. tinha até entrado com o celular, ela até falou com a N. assim: “Não tira foto, porque as outras artes que estão aqui são de outros artistas que não estão aqui no momento, então não pode tirar foto. Mas esses aqui são os meus e pode tirar.” Nisso eu comentei com ela: “Nossa, são os seus?” E ela disse: “Sim!” Eu falei: “Que lindo!” Aí ela falou assim: “Ah, obrigada!”. Ela falou um: “obrigada” que no momento... porque a gente está acostumada de falar assim: “Ah, obrigada!”. Ela falou assim: “Não, obrigada.”

Eu fui ver nas artes dela, eu não lembro o quê que ela foi falar, porque nisso eu fui perguntar para ela assim: “Então as suas artes envolve muito a questão de sentimento?” E ela falou: “Sim, aqui eu consigo expressar meus sentimentos, as minhas emoções naquilo que eu estou vivendo, que eu já vivi”. Aí eu: “Nossa, que bacana!”. E depois eu fiquei pensativa e até comentei com as meninas: “ô gente, aconteceu um trem estranho que eu não soube explicar”, que foi na hora lá, porque as artes estava tudo numa parte. Tem uma outra parte que é virando assim, que é como se fosse uma descida, aonde que tem umas colunas. Eu virei, na mesma forma quando eu virei, eu vi ali umas imagens, eu não consegui ver assim só aquela descida e ali as colunas. É como se eu vesse ali como que era a realidade deles antes?

Eu falei assim, essa parte... dessa parte que estava muito escuro né, eu até falei com as meninas, eu senti essa parte ali, tipo assim uma questão ali de tristeza. Aqui estava... parecia que estava até separado. Aqui tem um momento de expressar os sentimentos e aqui do outro lado já mostra, já vê ali um sentimento em questão de dor, de tristeza. Eu até falei assim: “Será que eu estou vendo coisas demais? O quê que é isso?” Mas depois eu sai para lá e nem pensei. Mas depois eu fiquei bem pensativa nisso!

(Pesquisadora): Você descreve como se fosse dois momentos: um momento em que eles estão ali se expressando e um outro momento da realidade como ela era, quando eles moravam ali, quando eles viviam ali. É isso?

(P3). Sim.

(Pesquisadora): Que forte isso!

(P3): Sim.

(Pesquisadora): Você ficou bem?

(P3): Fiquei! Eu até quando... que o meu desenho foi muito baseado no Arlindo. É Arlindo né, que ele chama?

(Pesquisadora): Arlindo foi o primeiro que falou durante os depoimentos.

(P3): Isso. Meu desenho foi muito baseado na fala dele. Eu fiquei muito mexida na fala dele, que eu senti ali uma conexão, do que ele estava falando, é como se eu estivesse sentindo ali a dor que ele passou, por todo aquele momento e ele ali, por ter conseguido falar tudo ali naquele momento. Então assim, não tem nem como explicar a dor que ele sentiu. Aí o meu desenho até foi sobre isso, pela força que ele teve desses anos todos.

(Pesquisadora): O quê que na fala dele te chamou a atenção?

(P3): Ah, agora eu lembro, eu não vou lembrar de muita coisa.

(Pesquisadora): Mas assim, eu sei que você não vai reproduzir, mas o quê que ficou para você, do que ele falou?

(P3): Foi na questão do momento dele ter sobrevivido. Por ele estar ali presente naquele momento, estar contando pra gente o que ele viveu e pela fala dele a gente vê que realmente foi um momento assim difícil, com muita dor. O que ficou bem claro para mim que teve mais questão de dor e que nesse momento de dor ele não era ouvido.

Nisso eu até relembrei da questão ali da minha bisavó, que a minha bisavó foi... participou da escravidão né. Já tem um bom tempo que ela faleceu, eu acho que eu tinha uns 5, 7 anos, quando ela faleceu eu tinha isso. E eu até lembrei disso, que a minha avó, como ela viveu o momento da escravidão... depois, eu até fui relacionando, imagina a questão da dor que ele sentiu, o sofrimento, era um sofrimento de silêncio que não podia ser expressado, e ao mesmo tempo ele queria falar mas também não era ouvido. Então o que ficou marcado para mim foi isso, dessa questão.

(Pesquisadora): O que você desenhou? Qual que foi a sua imagem?

(P3): Foi uma mão, agora a escrita que eu coloquei eu não lembro a escrita. Mas eu lembro que eu coloquei o nome dele né, e falei pela força desse momento todo que ele teve e ele por estar presente ali contando isso para a gente.

(Pesquisadora): E porque uma mão?

(P3): Ah, eu coloquei uma mão que seria uma força. E questão de luta né.

(Pesquisadora): E tem a ver com sua mão pintada, né. Você chega aqui mostrando a sua mão também, colorida, bonita...<sup>23</sup> A mão tem uma força simbólica forte para você.

(P3): Uhum.

(Pesquisadora): Eu fiquei pensando aqui, tem algum... na sua vida, na sua história pessoal, você também já sofreu isso, de ser silenciada ou de ter de passar por um momento de muita dor, não ser ouvida. Você já viveu algo parecido?

(P3). Já, foi na separação dos meus pais.

(Pesquisadora): Como é que foi isso?

(P3): Foi... A separação do meu pai é até meio complicada, que eu lembro que foi a primeira vez, quando eles separaram, eu tinha na faixa etária de 10 anos, então a gente morava aqui em Ponte Nova. E nisso a família da minha mãe mora em outra cidade, e meus pais ficaram separados por um período. Aí eu fui morar com minha mãe. Eu acho que eu fiquei uns 5 anos morando lá, porque eu lembro que eu cheguei na quarta ou quinta série e eu saí de lá quando eu vim pro Primeiro Ano. Eu vim para cá, porque a gente voltou para cá novamente e a gente veio morar com meu pai quando eu já estava no Primeiro Ano, mas antes desse meio termo a gente vinha às vezes de 15 em 15 dias.

Agora eles separaram oficialmente, que foi antes da pandemia, acho que foi em 2017 ou 18, que eles separaram também agora e dessa vez foi mesmo de... até realizar advogado né e os papéis do divórcio. Só que como entrou a pandemia, aí atrasou, que o Fórum fechou e tudo o mais e nesse meio termo para mim, foi muito uma questão de sofrimento porque a minha mãe e o meu pai hora nenhuma eles perguntaram o que eu estava sentindo, como que eu estava diante daquela situação, porque eu sou a única filha. Então ali sempre eles estavam presentes comigo, né, nunca deixou de faltar nada para mim. Então eles não me perguntavam nada.

E nisso a família da minha mãe me colocava contra o meu pai. Então toda vez que eu ia lá para visitar a minha mãe, que minha mãe mora com a mãe dela e com a irmã, e com o irmão, então toda vez que eu ia lá minha avó, os meus tios, sempre falam mal do meu pai. Mas falavam mal mesmo e eu me sentia mal com isso. E nisso eu ficava só calada, só remoendo, remoendo, remoendo.

E chegou um período em que minha mãe surtou. Minha mãe foi parar no hospital, aí minha avó começou a falar que isso daí era culpa do meu pai. E nesse dia até eu estava chegando da faculdade, aí minha avó falou: “Ah, você não está presente aqui, cadê você? Você é filha, você

---

<sup>23</sup> A participante havia feito as unhas e chegou para a entrevista mostrando as mãos, admirando as unhas que a manicure havia acabado de fazer.

tem que ter atitude!” E eu estava na faculdade! Então eu cheguei aqui em Ponte Nova e eu fui ver, porque na estrada não tem sinal, que aí eu fui ver o que tinha acontecido. Eu cheguei no hospital eles descarregando as coisas ne mim, como se fosse eu que fosse a culpada e que meu pai também era o culpado. E nesse dia eu estourei.

Nesse dia até M. estava comigo. M. que, Nossa Senhora, M. até que me ajudou bastante nesse dia, porque Nossa Senhora! E tava ali toda a família da minha mãe e eles só descarregando as coisas em mim, só descarregando, aí eu descarreguei, eu falei muita coisa, gritei com eles, fiquei chateada. Depois eles até falaram assim: “Ah, você tem que sair da casa do seu pai, que seu pai é isso, seu pai é aquilo, que não sei o quê”. Difamando o meu pai mesmo.

Foi aí que eu fui conhecer meu esposo, que eu conheci ele lá no hospital, que a gente foi conversando sobre isso. Nisso eu comecei também a fazer terapia e isso foi me ajudando, que eu conversava muito com a minha terapeuta e conversava muito com ele. E isso foi me ajudando a esclarecer muitas coisas. Eu falava assim: não, eu tenho que opinar. Eles também têm que me ouvir, da mesma forma que eu estou ouvindo eles, eles também têm que me ouvir.

Aí eu fui falar. Eu falei: Olha, eu não aceito vocês falarem mal do meu pai, da mesma forma que eu também não aceito ninguém falar mal da minha mãe, porque eles são meus pais. Então o que aconteceu ali na relação deles, é a relação deles. Não é eu! Não vai ser eu! Eu sei o que aconteceu, mas também não quero entrar em detalhes, mas isso é deles. Eu falei assim: Nem vocês têm que entrar no meio, é eles que têm que resolver. É eles que são casados, então não é eu também. Então eu vou continuar sendo filha deles independente do que eles fizerem e vou continuar amando eles também do mesmo jeito. Só que eu não quero que vocês falam mal do meu pai. Se meu pai é isso vai ficar pra vocês, pra mim não. Pra mim ele é um pai perfeito e da mesma forma da minha mãe. E eu fui falando, eles não gostaram.

Eu até falei: a família na verdade ajuda um ao outro, acolhe um a outro, vocês não. Vocês estão só criticando e fazendo com que a minha mãe se sinta desconfortável nessa situação, ela não sabe nem o quê que ela faz, que vocês encham muita coisa, fala muita coisa negativa, ao invés dela viver a vida dela, ela nem está vivendo por causa disso.

Nisso minha mãe já estava fazendo tratamento com psiquiatra, porque ela estava com depressão, toma remédio, e o psiquiatra dela ainda foi aumentar os remédios dela. E a família só falava: “Ah, isso aí é culpa de seu pai, isso é culpa de seu pai”. Só foi falando isso. Hoje, hoje assim, eu não converso muito com eles, que depois disso eu fui cortando a relação com eles, eu fui sendo verdadeira com eles, mostrando não, que eu tenho ali um posicionamento. Então hoje eu não tenho muito contato com eles, é “oi, tudo bem, tchau” e quando eu vou lá

visitar a minha mãe, eu deixo bem claro que eu estou indo visitar a minha mãe, não tô indo visitar eles.

Quando eu quero conversar com a minha mãe, eu converso com ela fora também da casa porque eu sinto que eles, às vezes, querem escutar as coisas sabe, que eu falo! Hoje o divórcio já também, já foi declarado. E é até estranho, porque por mais que antes do divórcio, antes não estava concreto né, eles ainda pontuavam alguma coisa, jogavam até indireta. Às vezes até pontuava com o meu esposo, jogavam uma indireta para ele, querendo saber algumas coisas. Mas agora que foi decidido o divórcio, eles já não falam mais nada. Mas eu sinto que lá minha mãe não é bem-vinda, então isso me chateia, então eu vejo essa relação toda ali de família. Então isso me chateou demais, que foi um período em que eu tive que ficar calada, escutar calada, e hora nenhuma, nem minha própria família, da minha mãe, que eu vivi muito tempo com eles e hora nenhuma: “Ah, P3, está tudo bem? Como que você está?” Não, só queria difamar meu pai e me culpar também.

(Pesquisadora): Seu pai mora sozinho hoje?

(P3): Não, hoje eu moro com o meu pai. Mora eu, ele e o meu esposo. Ele mora com nós, mas eu estou pretendendo da gente separar sabe!

(Pesquisadora): Da gente separar?

(P3): É, por questões de privacidade. Talvez o meu pai quer ter uma vida dele e tudo o mais. Mas meus pais são novos, entendeu. Meu pai tinha 51, minha mãe 47.

(Pesquisadora): Voltou a casar de novo?

(P3): Não, nenhum dos dois.

(Pesquisadora): Você falou que são novos, achei que era pra isso... casar de novo.

(P3): Nenhum dos dois estão num relacionamento, eles não me falaram nada, mas não estão.

(Pesquisadora): E o que fica para você de tudo isso?

(P3): Eu falo da questão que eu fui forte, que eu fui guerreira e que foi o momento em que eu pude ver ali quem que é A. de verdade<sup>24</sup>. Que no momento ali eu estava sendo a A dos olhos deles, da forma que tinha que ser a A., da forma deles. É como se no momento eu estava vivendo ali para eles, não estava vivendo ali pra mim. Então ali depois que eu me posicionei, é como se eu tivesse sentindo um alívio. Eu falei: Não, vou viver a minha vida agora. Vou ser eu, eu ser eu mesma.

(Pesquisadora): E é lindo ser você, né! Você gostou da visita no Museu?

(P3): Sim, gostei muito.

---

<sup>24</sup> A participante fez uma referência a si mesma.

(Pesquisadora): Você iria de novo?

(P3): Sim, com certeza.

(Pesquisadora): Você deseja fazer algum comentário ou pergunta que porventura eu não tenha contemplado?

(P3): Não, era isso aí mesmo.

(Pesquisadora): Obrigada, viu!

#### **Participante 4 (P4)**

(Pesquisadora): Nós vamos iniciar a entrevista coletando alguns dados pessoais. Qual é o seu nome?

(P4): P4

(Pesquisadora): Sexo?

(P4): Masculino.

(Pesquisadora): Qual é a sua data de nascimento?

(P4): 02/09/1998

(Pesquisadora): Qual é a sua escolaridade?

(P4): Graduação em Biologia e agora Mestrado em Biologia Celular, estou fazendo.

(Pesquisadora): Como você se declara com relação à cor?

(P4): Branca.

(Pesquisadora): Você já fez ou faz algum tratamento psicológico ou psiquiátrico?

(P4): Não.

(Pesquisadora): Como é que você ficou sabendo da visita técnica?

(P4): Fiquei sabendo da viagem através do L.

(Pesquisadora): Você já tinha ouvido falar do Arthur Bispo do Rosário antes da excursão?

(P4): Eu não conhecia.

(Pesquisadora): Conhecia alguma das obras dele?

(P4): Não sabia da obra.

(Pesquisadora): Lá no Museu, qual foi a imagem que mais lhe tocou? Por quê?

(P4): Eu diria que a entrada com a escada e o piano. Me soou bem... sei lá, uma coisa meio clássica, se não chocante. (risos). É em relação à obra?

(Pesquisadora): Em relação a tudo o que você viu.

(P4): Assim, eu não sei exatamente associar, porque eu sei que tinha uma moça lá que também fazia umas pinturas, eu esqueci o nome dela. Aí eu não sei de quem é quem, mas eu acho que

naquela parte descendo, ali onde tinha as pinturas, tinha uma montagem, tipo um caminhão do Bope ou coisa assim, foi o que mais me chamou a atenção. Era escuro, preto. Era tipo, meio que... eu não sei como é que fala, tipo um caminhãozinho escrito Bope.

(Pesquisadora): E porque essa imagem te chama a atenção? Você associa com o quê?

(P4): Eu acho que é porque eu estava no Rio de Janeiro, aí eu pensei assim... Na minha cabeça, eu não cheguei a assistir aquele filme *Tropa de Elite*, sabe? Eu sei de algumas cenas porque acaba aparecendo algumas cenas no Instagram, essas coisas assim, mas eu nunca assisti, e... Ah, sei lá! É justamente pelo fato de não ter significado para mim que me chamou a atenção, porque não é algo que está na minha convivência.

(Pesquisadora): Porque você acha que tinha essa imagem lá?

(P4): Provavelmente por causa de uma certa associação entre certas... de certos indivíduos que não são assim muito bem vistos com a ideia de criminalidade, por exemplo, pessoas que estão, sei lá... insanas, consideradas insanas, ou pessoas que estão vadiando em determinados lugares ou em horários que não deveriam estar, segundo a visão social das pessoas. Tipo isso!

(Pesquisadora): E é uma obra artística, foi uma criação, não é?

(P4): Isso.

(Pesquisadora): Quando você vai para o desenho, você vai desenhar, pega uma imagem e representa, essa imagem que você escolheu é essa que você está falando ou mudou?

(P4): Mudou.

(Pesquisadora): E qual foi a imagem que você reproduziu? Como foi o processo de criação dela?

(P4): Eu, entre as pinturas que estava lá, tinha uma de um... eu não lembro se realmente era de um girassol, ou se era de outra flor. Eu não lembro se era também só uma pintura ou tinha mais de uma pintura, mas foi por isso que eu pinte o girassol.

(Pesquisadora): Um quadro com um girassol, ou vários girassóis?

(P4): Vários, de certa forma, partindo do mesmo vaso.

(Pesquisadora): Que sentimentos, lembranças, recordações você teve ao recriar a obra?

(P4): Vou falar do girassol primeiro que é mais fácil. O girassol, eu escolhi aquela pintura específica para fazer algo baseado né, por causa que me remete ao girassol de Van Gogh, já ouvi falar isso, que possivelmente ele tinha algum transtorno, era bipolar, ou... ou... ele tinha delírios ou coisas assim, e ele também era alcoólatra assim, ele lidava com problema de alcoolismo.

E o girassol me remete a ideia na verdade de bem-estar mesmo, de gratidão também, mas sei

lá, de tranquilidade. Tranquilidade não, tem um termo melhor para isso, ah não sei, acho que calma, tipo contemplação. Por causa também da coisa do sol, da coisa da natureza.

E na imagem em si eu também desenho o vaso e o vaso no desenho ele está meio quebrado, então está tipo assim uma coisa meio caótica, meio destruição e na imagem o que está ocupando a maior parte da imagem é o girassol e os outros girassoizinhos. Por isso, quer dizer, que eu desenhei.

(Pesquisadora): E as outras imagens, que você pára olhando, e até mesmo fala da primeira impressão que tem quando chega no Museu e se depara com o piano ali na entrada...

(P4): É, o do piano também me remete a uma coisa positiva, que nem eu tinha falado da tranquilidade, da contemplação. O piano na escada, na escadaria, ah, não sei ao certo. Tem o que eu falei do requinte, mas eu acho que também dá uma ideia de espaço claro e sem muitas coisas, sem muita...

(Pesquisadora): Sem muito estímulo?

(P4): É, sem muito estímulo. Tipo uma coisa mais simples e mais... não queria falar minimalista porque está na moda (risos), mas é tipo isto, que é uma escadaria e o piano. E o do Bope eu diria que é o mais negativo dos dois, porque me remete à violência e também à desigualdade. Tem uma série de terror que eu assisti, que nela... É a *American Horror Story*, que é um filme famoso, que uma das temporadas... Ela é antológica, cada temporada é uma coisa diferente. E uma das temporadas é a *Asylum*, que é... ela se passa nos anos 60 e tem lobotomia, essas coisas assim. Uma pessoa, ela é internada, tipo assim, meio que... Era uma investigadora e ela foi internada na série por ser homossexual. E, se não me engano, tinha um piano naquela parte central do asilo. Só que o asilo em si era bem escuro, não tinha claridade e era bem mais caótico, tinha muita gente num espaço bem menor e a pessoa ficava tocando.

(Pesquisadora): Olha, que interessante!

(P4): Tem uma cena bem legal que é divertida, que é uma atriz, que eu gosto dela, ela canta uma música lá e está todo mundo cantando, dançando, assim, os loucos. Se você quiser ver, eu acho que essa temporada, você não precisa assistir toda a temporada em sequência, quer dizer, tem umas duas temporadas que ela acaba pegando coisas de outras temporadas, mas essa temporada dá para você ver só ela, dos oito episódios, só essa temporada já dá para assistir.

(Pesquisadora): Você deseja fazer algum comentário ou pergunta que porventura eu não tenha contemplado?

(P4). Não.

(Pesquisadora): Muito obrigada.

### **Participante 5 (P5)**

(Pesquisadora): Bom, a pesquisa começa com os dados pessoais, ok? Seu nome?

(P5): P5

(Pesquisadora): Sexo?

(P5): Feminino.

(Pesquisadora): Qual é a sua data de nascimento?

(P5): 17/11/1977

(Pesquisadora): Qual é a sua escolaridade?

(P5): Eu fiz administração antes e agora faço psicologia.

(Pesquisadora): Como você se declara com relação à cor?

(P5): Amarela;

(Pesquisadora): Você já fez ou faz algum tratamento psicológico ou psiquiátrico?

(P5): Tratamento psicológico.

(Pesquisadora): Como é que você ficou sabendo da visita técnica?

(P5): Foi na sala, na sala de aula. Assim, quando a gente entrou na faculdade, eu já fiquei sabendo que poderia... que teria, mas não foi. Foi passando, passando, e assim, no grupo da sala é que ficou mais afirmativo.

(Pesquisadora): Você já tinha ouvido falar do Arthur Bispo do Rosário antes da excursão?

(P5): Nunca tinha ouvido falar.

(Pesquisadora): Conhecia alguma das obras dele?

(P5): Não.

(Pesquisadora): E na hora que você chega no Museu, o que mais te chama a atenção, o que mais te mobiliza?

(P5): Eu acho o seguinte, eu, sinceramente, eu senti uma energia muito forte, assim. Sei lá, o ambiente, eu achei o ambiente muito pesado. E a partir do momento que eu ia tendo acesso àqueles vídeos, aquelas falas, mais impactante a gente fica, né? Eu fiquei bem impactada com... vendo as fotos, as imagens, imaginando o sofrimento daquelas pessoas, né?

(Pesquisadora): Das imagens que você viu, teve alguma que mais te chamou a atenção, que mais te tocou?

(P5): Aquela do elétrico lá na cabeça, foi a que mais me ficou assim, bem marcada.

(Pesquisadora): Você fala dos aparelhos?

(P5): Foi dos aparelhos, também dos aparelhos. Mas essa imagem assim, porque né, do choque elétrico. Um filme que eu vi recentemente... me veio muita imagem do filme que eu assisti, do...

qual que é o nome? Tava em cartaz na Netflix, *Os Três Cristos*. Então, nos *Três Cristos*, o paciente era um anão, e ele pegou toda a confiança do psicólogo. O psicólogo prometeu a ele que não iria mais tomar choque elétrico e num dado momento, o diretor do hospital é contra esse psicólogo e leva ele forçado pra levar o choque elétrico. Então aquilo me marcou profundamente. Acho que fez um *link*, né, ligou, quando eu vi o aparelho.

(Pesquisadora): O aparelho?

(P5): Sim, da lobotomia. Porque isso, como eu te falei com você, como eu vi o filme recente pela segunda vez, me arremeteu de imediato a sensação do filme, porque eu achei muito parecido com o filme.

(Pesquisadora): Quando foi pedido a vocês para fazer alguma representação, você chegou a fazer algum desenho, alguma produção?

(P5): Eu fiz um desenho, mas eu não me recordo qual desenho que eu fiz. E não guardei, entreguei lá mesmo.

(Pesquisadora): Você não sabe se foi desses aparelhos que você fez, não?

(P5): Não, não foi dos aparelhos. Não foi. Eu tenho muita dificuldade. Eu tentei encenar alguma coisa que eu vi lá no momento. Mas eu tenho dificuldade pra poder colocar no papel o desenho.

(Pesquisadora): E pode não ter sido um desenho, podia ter sido palavras...

(P5): Exatamente. Mas eu fiz um desenho, mas eu não lembro qual que foi. Acho que eu juntei uns três quadros e tentei botar em um.

(Pesquisadora): Como foi para você o processo de criação?

(P5): Eu tenho, assim, muitas dificuldades.

(Pesquisadora): Qual é a dificuldade?

(P5): Parece que eu não tenho coordenação motora, eu não sinto que eu não tenho coordenação.

(Pesquisadora): Mas você fica irritada?

(P5): Eu fico incomodada. Não chego a ficar irritada, mas eu fico muito incomodada. Eu não sei te falar, que eu não sei te falar assim que eu não goste. Não é! Não é uma coisa que eu não goste. Eu acho que eu não gosto do que eu faço, do que eu vejo ali.

(Pesquisadora): Que sentimentos, lembranças, recordações você tem ao recriar a obra?

(P5): Eu lembrei muito de uma vizinha da minha mãe que ficou enlouquecida, ficou um pouco... Na realidade, acho que ela tinha esquizofrenia, né? Ela ainda é viva. E quando eles falaram na internação, ela me veio, era uma vizinha próxima da gente, né? A filha dela era da minha idade, a gente convivia sempre. E eu fiquei me colocando no lugar dela e vendo quantas outras pessoas também, que talvez nem seja pela própria doença, mas a própria família a rejeita?

(Pesquisadora). É, com certeza.

(P5): Me veio muito isso, ficou muito, isso ficou muito marcado, essa vizinha da minha mãe ficou muito marcada. Falei, gente, como que era o tratamento dessa pessoa que estava em sofrimento, e a família traz pra cá achando que está sendo bem cuidada? E é o caminho que ela se torna.

(Pesquisadora): Ela foi internada aonde?

(P5): Em Barbacena.

(Pesquisadora): Você já foi lá em Barbacena?

(P5): Não fui. Estava esperando uma excursão. É mais bacana lá? Mas eu quero muito ir. Independente de eu estar formada ou não, eu quero muito ir. Em Ouro Preto eu me sinto incomodada. Não é uma cidade, assim, eu vejo as pessoas falando... A minha amiga mesmo fez aniversário dia 30 de julho e foi pra lá. Falou assim: “Nossa C., é um lugar que você tem que ir mais vezes”, mas não é um local que eu me sinta bem. Eu fui duas vezes, as duas vezes, sabe aquela coisa pesada, aquela coisa assim, não é a cidade dos meus encantos que eu falo assim. Domingo, sábado, final de semana eu fui lá em Lavras Novas com umas amigas. Na volta ela, vamos lá em Ouro Preto, eu falei: gente, pra quê? Vamos almoçar em casa com a nossa família. Pra quê Ouro Preto? Outra cidade, caçar Ouro Preto? Assim, não me alegra visitar Ouro Preto. Engraçado, né?

(Pesquisadora): É, pode ser alguma reminiscência, às vezes até do período histórico mesmo.

(P5). É. A gente não sabe as nossas encarnações passadas, onde a gente viveu.

(Entrevistadora). A gente viu muito pouco em exposição do Bispo lá no Museu.

(P5). Pois é, eu tinha mais expectativa, por exemplo, da gente ir, de ver o local realmente onde ele viveu, a cela dele, achei que a gente ia poder ir ver. Não sei, a gente cria muita expectativa, eu botei muita expectativa, achando que a gente ia, que ia ver mais coisa, ver a cela, sabe? Sentir mais. Mas assim, eu gostei muito. Voltaria novamente, mas acho que eu botei mais expectativa achando que realmente a gente ia ver, ia ver a cela. Acho que, sei lá, não sei.

(Pesquisadora): A cela era uma coisa que você queria muito ver?

(P5) Queria. Engraçado, parece que a gente gosta de ver o sofrimento alheio, né?

(Pesquisadora): Não sei, é você que tá dizendo.

(P5): É, eu tô dizendo isso. Por que a cela? Por... É, realmente fica meio isso. Por quê? Parece que se eu visse a cela, eu ia chegar mais perto do sentimento do outro, daquela pessoa, eu imaginei. Pensei por esse lado.

Eu queria ter visto a cela, onde ele ficava. Engraçado. Eu pensei, qual o significado? Ele não está ali. Só um local que ele viveu, que ele dormiu, que ele ficou ali. Eu me perguntei: o que isso quer dizer? Por que essa decepção de não ter visto a cela?

(Pesquisadora): Você colocou cela no seu desenho?

(P5): A cela nós colocamos no desenho em grupo. No coletivo tinha uma cela, a gente fez bonitinho, toda a cela, o grupo foi a cela, agora o individual não sei o que eu coloquei, não me lembro o que eu coloquei, só sei que eu tentei, enfim, fazer eu fiz, mas eu não me recordo bem o que eu fiz.

(Pesquisadora): Você falou sobre cela e o Bispo tem uma temática que envolve juízo, julgamento, você já se sentiu julgada alguma vez?

(P5): Eu sempre, eu me sinto julgada sempre.

(Pesquisadora): Em qual circunstância?

(P5): Pela minha família, pelos meus irmãos, eu sinto o tempo todo que eu sou julgada pela minha vida que eu tenho, pelo meu casamento que as pessoas acham que meu casamento não é bom, que é isso, que eu tô sempre sozinha, que eu tenho casamento aberto, eu me sinto julgada. Mas em certos momentos eu acho que eu aprendi a lidar com isso, mas em certos momentos, não. Nesse final de semana mesmo que eu viajei, aí eu voltei, meu marido, contando pra ele, falou assim, ó, que eu acho que talvez por isso que eu nem posto foto, né?

Que eu falei com ele assim, da próxima vez que eu for, eu vou tirar uma foto antes pra quando eu chegar lá, eu postar pra fazer de conta que você tá comigo, pra ninguém imaginar que eu tô sozinha. Então, assim, não é uma coisa que me incomoda, mas, sério, não é sempre, mas em alguns momentos me incomoda esse julgamento das pessoas, mas a maioria está sempre com o casal, e eu tô sempre sozinha. Embora eu não sinta, assim, eu vou de boa. Eu fui, ele não gosta, até que eu falei com ele, poxa, se você não gosta, mas você podia ter ido ficar no hotel comigo, não tem problema, eu vou sozinha.

Mas, sim, é uma maneira dele, a gente tem que aprender a respeitar. Da mesma maneira que eu gosto, quero ir, ele não quer, a gente tem que entrar num consenso e a gente consegue entrar nesse consenso. Mas lá fora não tem esse consenso, né? É sempre mais difícil esse julgamento. Embora, igual eu tô te falando, não me incomoda, não. Hoje eu acho que não me incomoda mais, já me incomoda menos. Hoje tem horas e momentos que me incomodam mais, mas assim, consigo conviver bem com ele com isso.

(Pesquisadora): E o contrário disso, se isso é julgamento, se isso é prisão, o que seria esse sentido de liberdade?

(P5): Eu não sinto que eu sou uma pessoa presa, eu não sinto uma pessoa presa, eu me sinto uma pessoa liberta. Mas assim, eu tenho, parece que eu tenho uma alma de cigano. Tenho uma ânsia por liberdade. Eu tenho essa liberdade, mas eu tenho uma ânsia de... Eu sempre falo, quando eu completar 60 anos, eu vou fazer um mochilão. Meu filho fica aí e me diz, mãe, você não fica 30 dias? Falei que vou fazer um mochilão. Eu com 60 anos vou andar pelo mundo, aonde o vento me mandar, eu vou. Então eu não me sinto presa, mas eu tenho essa ânsia por liberdade.

(Pesquisadora): Mas só tem ânsia por liberdade quem não tem a liberdade.

(P5): Engraçado, né? Eu não me sinto presa. Ontem, o que a gente tava vendo na televisão? Ah, a gente tava vendo um jogo, vôlei, na televisão, no jogo, na TV, tá passando vôlei. Aí começou a passar lá onde é que era o jogo. Eu falei, gente, onde fica essa cidade? Acho que é na Áustria, alguma coisa assim. Eu já comecei, entrei na internet, no Google, e eu comecei a olhar. Falei: gente, quantas cidades dá pra eu conhecer em 30 dias? Aí meu marido, assim, “você nem acabou de chegar, C., você tá vendo outra coisa pra fazer?” Eu falei, não adianta, que eu não falo inglês. Mas a minha ânsia de ir lá e de ver? Não. Aí eu já olhei lá, dá pra fazer dez países em 30 dias. É aquelas coisas assim, sem mais, sem menos. Eu falo gente, eu nem falo inglês, nem tenho pretensão de falar. Como que eu vou fazer uma viagem dessa sozinha?

Tem aquele filme que eu me encontro muito com ela, aquele filme... Ai gente, como é o nome dela? Que ela vai pro mosteiro? *Conhecer, amar e rezar*. Você já assistiu?

(Pesquisadora): Sim, há muitos anos, tem muito tempo que vi.

(P5): Eu já assisti umas três vezes, eu me identifico muito daquele filme.

(Pesquisadora): Por quê?

(P5): Me vejo naquela busca. De quê? Eu não sei, mas eu me vejo numa eterna busca. E será que um dia eu vou encontrar?

(Pesquisadora): O quê?

(P5): Essa busca. Outro dia eu falei assim, vou fazer um cruzeiro. Aí a minha enteada falou... eu falei assim: gente, mas se acontece alguma coisa comigo no cruzeiro, são sete dias num cruzeiro. Aí o marido brincou: “se você morrer lá, eles vão te enrolar, vai jogar pros peixes. Nem corpo seu eu vou ver.” Aí eu falei assim: e se morrer alguém aqui também? Acontece, ninguém me conte, espera eu chegar para contar.

Depois eu falei: não gente, eu não tenho coragem. Eu tenho minha mãe, tem P., e se acontecer alguma coisa. Aí minha enteada está assim: “C., se o papai demorar 95 anos pra morrer, você

vai ficar 95 esperando pra viver? Você vai antes dele.” Aí eu falei: Se tiver que ser, vai ser. São as escolhas que a gente faz na vida e que... são escolhas né.

(Pesquisadora): Você gostou da viagem?

(P5): Eu gostei, gostei, adorei. Gostei muito. Será que numa próxima oportunidade a cela vai ter o mesmo significado? Vou ficar um bom tempo pensando e refletindo nessa cela, para onde que ela vai me levar?

(Pesquisadora): Tem alguma coisa do que você viu, que você ainda queira falar?

(P5): Não, é, realmente, eu acho que é isso que eu te falei mesmo, o sentimento que eu tive assim... de aquele aperto por dentro. Em certos momentos, eu olhava aquelas imagens e aquilo me trouxe um incômodo, eu senti um incômodo. Detalhar pra você o incômodo? Não, porque eu nunca passei por aquilo, mas me foi bem incomodando olhar para aquelas imagens, para aquelas pessoas, para aquele sofrimento realmente ali. Se colocar no lugar daquelas pessoas.

Há pessoas que passaram ali, olhou e nada, mas eu fiquei muito mexida. Eu fiquei muito mexida. Eu acho muito engraçado, que, por exemplo, assim, hoje eu tava tentando fazer o estágio no hospital aqui também, tô tentando. Eu fiz lá em Muriaé. As pessoas falam assim: “C...” Às vezes algumas pessoas me julgam como fria, mas eu consegui ir no hospital em Muriaé 7 dias seguidos, ficar todos os dias na UTI oncológica e eu conseguia não trazer nada pra casa. A menina que trabalha comigo, I., ela falou “C., não é possível. Você não chorou nada.” Não é meu! Não sei como seria eu ali naquilo momento. Não sei, não é meu. Mas eu conseguia separar. Agora, igual lá no Museu, não sei por que eu fiquei tão mexida daquele jeito. Então, e as situações aqui é muito pior, né, no hospital?

Mas pra mim lá foi... Nos dois casos são sofrimentos. Eu voltei bem... mas assim, passou. Talvez porque eu tenho a minha família, né? Eu não tenho, nunca passei por esse processo de adoecimento físico, mas esse outro adoecimento eu já estive muito lá.

(Pesquisadora): É?

(P5): Eu acho que pode ser, uma coisa levar a outra, né? Meu irmão é esquizofrênico, então assim, meu outro suicidou, então eu acho que essa realidade impacta, esse sofrimento mental que impacta bastante.

(Pesquisadora): Vocês são quantos irmãos?

(P5): Nós éramos 17, hoje somos 16. Esse meu irmão que morreu e se suicidou, eu era menina na época. Eu lembro? Não. Tinha o quê? 10, 11 anos eu acho que eu tinha, mas por exemplo, o meu irmão que pegou a cena do suicídio, ele nunca mais foi o mesmo e virou esquizofrênico. Então ele era normal, virou esquizofrênico.

(Pesquisadora): Foi muito forte, né?

(P5): Forte. Ele corta o pescoço fora, com uma faca. Quando meu irmão... Meu irmão chegou na hora e gritou ele, porque os dois estavam indo trabalhar junto. Gritou e ele falou assim, “um momento, eu já vou”. Aí ele não aparece. Meu irmão grita novamente e ele já não responde. Aí meu irmão arrebenta a porta e entra na casa. Quando ele entra na casa ele já estava sangrando. Já não consegui socorrer.

(Pesquisadora): Você tinha a idade próxima a dele?

(P5): Não, ele tinha 33 e eu tinha onze. Era bem novinha, assim. Eu tenho relatos, né, da situação, do que a minha mãe viveu, mas eu não tinha uma ligação, assim, com ele. Mas, assim, a cena, eu falo que ela se perpassa, né? Para a eternidade, até, eu acho.

Eu nunca tinha parado pra pensar nisso que você me fez refletir agora. Por que que eu separo tanta dor lá do hospital e não separo essa dor? Agora que eu fui me tocar nisso, porque realmente a minha ligação é com essa dor emocional.

(Pesquisadora): É, essa dor é sua também.

(P5). É, também. É engraçado que eu tava lá, às vezes eu falo né, as minhas falas às vezes parecem até endurecidas. Então, uma amiga minha que ela tava lá comigo, ela falou assim... ela adora postar foto. “Hoje eu não vou poder postar foto aqui em Lavras Novas.” - Por quê? “Nossa, C., que a fulana lá, minha amiga, o câncer dela voltou de novo. E antes da quimioterapia acabar, já começou o outro.” Eu virei e falei: mas você não pode. Você tem que saber separar a dor sua e a dor dela. Você vai sentir, mas você não vai deixar de viver porque a outra tá lá numa situação que tá... Você tem que fazer o seguinte, mas há quanto tempo você não vai lá fazer uma visita pra ela? É você estar presente. Não você se esconder. Depois eu pensei, será que eu... ah falei demais? Foi o que eu achei. Mas depois ela postou a foto.

Mas eu falei: a dor é dela, não é sua. Você vai ajudar ela no que você pode. Você sabe que ela tá nas últimas agora, você é mais presente na vida dela. Então assim... Às vezes eu falo, gente, eu achei tão fácil pra mim, mas será que se eu estivesse no lugar do outro, como que seria?

Hoje eu tava na terapia, né? Aí eu falando do meu relacionamento como que é, falei dessa minha viagem, do meu marido como que ele me recebeu, que eu mandei foto pra ele, ele falou que eu tava linda e elogiando, e que eu cheguei e ele estava feliz da vida comigo. Hoje eu levantei para ir pra academia às sete horas e ele tá assim. “Você tem que trocar esse horário da academia e agora que eu não tô indo trabalhar cedo, você pode ficar comigo você não fica?” Ela falou assim: “C., porque que você acha que ele tá nessa situação? Você acha que é uma despedida?” Eu falei: não sei. Não sei o quê que ele quer. Mas eu acho que hoje eu tô pronta pra isso.

(Pesquisadora): Por que despedida?

(P5): Porque ele vem tendo problemas de coração sempre agora, ultimamente. Ano passado ele passou por duas angioplastias. Aí o médico fala assim: “C. não tenho garantia de tempo. Vive hoje. E assim, é isso, procure estar nos melhores momentos”, e a gente tá num ótimo momento agora, mas por quanto tempo, não sei. Mas quem que tem também? Aí eu volto pra pensar, quem que tem? Posso ir primeiro do que ele, né? Nem queria chorar. Tô chorando.

(Pesquisadora). Está tudo bem?

(P5): Tranquilo. Eu já falei, eu choro, choro assim mesmo. Choro e não tenho vergonha de chorar. Eu gosto de chorar. As aulas mais inusitadas tava eu lá chorando. Eu falei: Gente, o que Andréa. tá fazendo com esse livrinho hoje aqui? “Contando história.” O que ela quer dizer com isso? Aí quando termina o segundo livro tá eu lá debulhada na lágrima, eu falei: não é possível. Nada a ver e tudo a ver. Quando você olha tem tudo a ver.

(Pesquisadora): É, tá lindo o seu processo! Então, C. obrigada!

(P5). Tem um filme que o B., assim, não lembro o nome do filme não, mas foi um filme belíssimo que B. passou pra gente no segundo período. Foi a primeira aula que a gente teve com o B., não sei o nome dele não, mas foi assim um filme belíssimo. E ele fala justamente isso, o importante não é o final, é o caminho, a trajetória que a gente faz. Às vezes você põe tanta expectativa numa viagem, que a viagem em si não é aquilo que você espera, mas o trajeto que você levou para chegar lá. Eu tenho tentado botar isso em prática no meu dia-a-dia. Às vezes a gente faz um plano, a gente faz um trajeto, vem outra vida, te sacode tudo, te muda totalmente do rumo. Tá tudo certo, né?

(Pesquisadora): É isso mesmo. Deixa eu terminar a entrevista. Muito obrigada!

(P5): Eu que agradeço, tá! Outro dia o A. fez uma... rapidinho... o A. fez uma... Eu sou muito difícil de desligar, né? Eu sou muito ligada, ligada. Na última aula de A. de Psicologia da Infância, A. botou uma musiquinha e botou a gente pra meditar. Menina, e eu fui, fui, fui. E eu nunca incorporei um personagem como fui naquela. Eu falei, vou te contar e eu achei uma oportunidade de contar. Ele começa falando pra gente, pra gente ver um portal. Você pode me dar cinco minutinhos, posso falar?

(Pesquisadora): Claro, pode falar. Eu tô ouvindo.

(P5): Ele fala pra gente se imaginar num portal. Eu comecei pra imaginar um portão. Eu não conseguia achar esse portão. Aí eu cheguei na porta do filme *Nosso Lar*, você já assistiu?

(Pesquisadora): Não, já li o livro.

(P5): Pois é, eu vi o filme. Eu vi a cena toda do portal e entrei. Quando eu entrei, ele fala pra gente olhar como se fosse um teatro. Eu não consegui enxergar o Nosso Lar num teatro, então fui lá em Roma, quando eles colocavam os cristãos para os leões comerem. Cheguei lá, olhava também, não via onde poderia ter um teatro ali. Eu voltei pro teatro aqui da UFV.

Quando chegou na UFV, no Centro de Vivência, eu entrei, sentei na cadeira. E assim, parecia que era eu que estava ali, real. Eu sentei e nisso as cortinas se abriram e veio um palhaço. O palhaço sorriu e eu não sorri pra ele. Quando eu pisco o olho, que eu volto, o palhaço tinha ido embora.

E entra em cena o Charlie Chaplin. Ele traz uma mesa... e nisso não tinha ninguém, só eu estava lá. Ele coloca uma mesa e começa a fazer um monte de mágica tentando fazer com que eu sorrisse e eu também não conseguia achar graça, eu acho que eu tenho dificuldade de piada. Eu não conseguia achar graça.

Ele desce do palco, me dá a mão e eu subo para o palco. Ele começa a tentar me fazer sorrir e começa a dançar. Quando eu comecei a dançar, eu comecei a sorrir com ele e a gente dançou aquela música inteira. Nisso ele me dá um abraço e eu comecei a chorar. Chorei a aula inteira, chorando, chorando no final da aula.

Ele me abraçou e eu voltei para a cadeira. Quando eu voltei para a cadeira, o A. voltou com a meditação e eu estava ali chorando. A sensação que eu tinha no momento em que eu chorei parecia final de período. A separação do grupo, a sensação que eu tinha, mas assim, foi uma coisa fora do normal. Eu acho que eu nunca vivi aquela experiência tão assim, verdadeira. Mas foi sensacional. Foi emocionante. Chorei, depois ele pediu para quem queria contar. Eu contei, eu chorei de novo. Foi assim, fantástico.

(Pesquisadora): Obrigada por compartilhar comigo.

(P5): Eu que agradeço, tá.

### **Participante 6 (P6)**

(Pesquisadora): Bom dia! Nós vamos iniciar a entrevista coletando alguns dados pessoais, ok? Qual é o seu nome completo?

(P6): P6

(Pesquisadora): Sexo?

(P6): Feminino.

(Pesquisadora): Qual é a sua data de nascimento?

(P6): 22/09/2001,

(Pesquisadora): Qual é a sua escolaridade?

(P6): Graduação em Psicologia.

(Pesquisadora): Como você se declara com relação à cor?

(P6): Branca.

(Pesquisadora): Você já fez ou faz algum tratamento psicológico ou psiquiátrico?

(P6): Sim, psicológico e psiquiátrico.

(Pesquisadora): Como é que você ficou sabendo da visita técnica?

(P6): Em sala de aula.

(Pesquisadora): Você já tinha ouvido falar do Arthur Bispo do Rosário antes da excursão?

(P6): Não, nunca.

(Pesquisadora): Conhecia alguma das obras dele?

(P6): Não.

(Pesquisadora): Lá no Museu, quando você foi, você chegou e passou pelas galerias, tivemos também os depoimentos. Desde a o início até o momento em que fomos embora, teve alguma imagem ou alguma obra que mais te impactou, que mais te tocou? E porquê?

(P6): Então, eu acho que aquele que era tipo uma furadeira, sabe?

(Pesquisadora): Não sei, porque eu não vi. Eu praticamente não vi nenhuma obra.

(P6): Você não viu, não? Era... tinha aqueles negócios de choque, né? Tinha um que era tipo uma furadeira assim. Aquilo me chocou bastante, porque eu não sei se furavam as pessoas com aquilo. Era alguma coisa assim. Me tocou bastante.

(Pesquisadora): Furava? Quando você fala me dá uma ideia de britadeira!

(P6): É, é tipo uma furadeira mesmo.

(Pesquisadora): Era na parte de instrumentação?

(P6): É. É muito forte!

(Pesquisadora): Você já tinha visto antes algum instrumento utilizado em tratamentos manicomialis?

(P6): Não. Assim, por foto, né, às vezes. Mas na hora que a gente vê ali, parece que, sei lá...

(Pesquisadora): Qual foi a imagem que você representou?

(P6): Então, eu representei uma imagem que estava do lado de fora, no muro, que era um homem, e também tinha umas árvores, sabe, desenhadas, e aí me chamou muito a atenção, eu fui e desenhei elas também.

(Pesquisadora): Porque essa imagem te chamou a atenção?

(P6): Não sei, eu achei bonita. Era uma árvore, se eu não me engano, com muitos galhos, e eu gostei, aí eu representei.

(Pesquisadora): Estava do lado de fora do Museu?

(P6): Não, essa estava do lado de dentro. Estava onde estavam todas as obras, vários quadros. Estava até uma senhora lá, ela nem deixou tirar foto... porque a senhora falou que não podia.

(Pesquisadora): Era uma pessoa com uma árvore?

(P6): Não, eu não lembro direito. Eu só lembro da árvore. Não lembro o desenho direito, mas eu lembro que tinha uma árvore bastante florida, com muitos galhos. Não lembro se tinha alguém. Mas eu desenhei um cara que estava do lado de fora, desenhado no muro. E desenhei a árvore também. Eu acho que eu até desenhei mais coisas, mas eu não vou lembrar não.

(Pesquisadora): Como é que foi o processo de criação da imagem que você fez.

(P6): Então, eu fiquei observando a imagem e fui desenhando. Eu fiquei ali parada, olhando...

(Pesquisadora): Em frente à imagem?

(P6): Foi, na frente da imagem.

(Pesquisadora): Você fez a árvore e você fez a pessoa do lado de fora do muro:

(P6): A pessoa, quando eu desenhei do lado de fora, eu estava do lado de fora, foi a hora que eu recebi o papel e o lápis. E eu estava no banco sentada do lado de fora, eu olhei e gostei. Eu desenhei ali mesmo do lado de fora no banco. Depois eu entrei e fui olhando mais coisas e fui gostando e fui desenhando.

(Pesquisadora): Você acha que essa pessoa que você desenhou era alguém lá do Museu?

(P6): Não lembro.

(Pesquisadora): Mas assim, na sua imaginação, você acha que era algum artista ou alguém que morou no Museu?

(P6): Eu acho que sim. Parece que era alguém que morou lá mesmo.

(Pesquisadora): E a imagem era como: um homem feliz? Um homem pensativo?

(P6): Eu não lembro.

(Pesquisadora): Sério? Sorrindo?

(P6): É, eu acho que estava mais sério, é, eu acho.

(Pesquisadora): Não tem problema algum, é porque eu não vi e como eu não vi, eu estou tentando entender a imagem que você está descrevendo. E quando você pensa no Museu, em tudo o que você viu lá, isso te traz alguma memória, alguma recordação?

(P6): Não.

(Pesquisadora): E quando você recria o desenho? Você consegue fazer alguma relação...

(P6): ...comigo? Eu acho que não. Mas assim, foram imagens, sabe, que me tocou muito. Com certeza deve ter alguma relação, mas assim, que eu não consigo pensar agora. Mas foram imagens muito fortes pra mim. Na hora que eu vi a árvore, eu falei, nossa! Foi, sabe, impactante; eu falei: vou desenhar ela. E eu já tinha desenhado, mas aí eu falei: não, vou desenhar ela também.

(Pesquisadora): A árvore te impacta por quê? Você associa árvore com o quê?

(P6): Eu não sei, mas eu sempre desenho árvore.

(Pesquisadora): Então, mas de onde vem isso?

(P6): Eu não sei,

(Pesquisadora): Você nunca parou para pensar?

(P6). Nunca. E eu sempre desenho árvore.

(Pesquisadora): Tem alguma árvore no mundo, na natureza, que você tenha contato ou relação?

(P6): Não. E sempre, sempre nos meus desenhos, tipo, às vezes não tem nada a ver e eu desenho a árvore lá.

(Pesquisadora): E coloca a árvore no meio?

(P6): Sim.

(Pesquisadora): Interessante. Você disse que também representou um homem. Você já conviveu ou conheceu alguém com saúde mental prejudicada antes?

(P6): Sim.

(Pesquisadora). Como é a pessoa que você conhece?

(P6): Então, ela é muito rebelde, sabe! E, às vezes, ela está bem, ao mesmo tempo que ela está bem, ela está nervosa, ela fica muito nervosa, e aí explode, fala muita coisa. E eu acho bem complicado, sabe?

(Pesquisadora): Ela é criança?

(P6): Ela tem 14 anos. É adolescente. Mas ela sempre foi assim. Quando ela ficava nervosa, se alguém falava alguma coisa com ela, era assim desde pequena.

(Pesquisadora): Se fosse em outra época, você acredita que ela poderia estar internada lá?

(P6): Sim.

(Pesquisadora): Nesse lugar, que dita o que é padrão estabelecido e o que não é.

(P6). Sim, sim, com certeza.

(Pesquisadora): Lá no Museu eu sei que vocês viram bem pouco das obras do Bispo, vocês viram obras de outros autores, mas é um Museu que tem uma temática religiosa, o Bispo fala sobre Juízo Final. Eu queria te perguntar o que é o Juízo Final para você?

(P6): Nossa! O que é o Juízo Final? Não sei. Acho que... Ai, meu Deus, não sei.

(Pesquisadora): Não tem problema não saber.

(P6): Eu ouvi falar lá assim, né, e às vezes na igreja também tem falado algumas coisas assim, mas pra mim não sei o que significa isso.

(Pesquisadora): Mas você acha que tem a ver com o que? Consegue fazer alguma associação?

(P6): Talvez com, vou falar assim, com perdão ou com condenação.

(Pesquisadora): E que relação você pode trazer desse perdão ou condenação com o que você viu lá no Museu?

(P6): Eu acho que ali todo mundo já sofreu a condenação. Só faltava o perdão no Juízo Final, porque a condenação ali, todo mundo sofreu.

(Pesquisadora): E como é que eles seriam perdoados?

(P6): Eu acho que, assim, sei lá, em outra vida...

(Pesquisadora): Não ali?

(P6): Não ali.

(Pesquisadora): Se fosse perdoado, seria numa outra vida?

(P6): Eu acho que morreu e ali eles vão ter, sei lá, vão descansar, poder viver o que eles não viveram, sabe? Ter a liberdade. É, acho que é isso, ter liberdade assim.

Às vezes eu fico pensando assim, às vezes eles estão tão prejudicados, isso prejudicou tanto eles que talvez eles não consigam ter essa liberdade fora, sabe? É como se eles estivessem fora, mas ao mesmo tempo tudo isso está dentro deles, então eles não conseguem se libertar. Não sei.

(Pesquisadora): Quando você fala que “eles foram condenados” e que, por outro lado, ‘tudo isso está dentro deles’, você acredita que pode haver também uma salvação? No sentido de que: “eu vou viver aqui, mas dentro de mim estou salvo, estou liberto?” Ou naquele lugar não é possível?

(P6): Eu acho que, por exemplo, que a arte igual estava lá pode ser uma forma de libertação, de expressão, de eles conseguirem expressar mesmo o que está reprimido ali dentro. Então, talvez, eu acho que isso possa ser uma forma de libertação de que eles encontraram, sabe?

É porque eu acho difícil ter essa libertação num lugar que é tão prejudicial, que é tão preso. Aí eu acho que talvez seja a maneira que eles encontraram de colocar, de expressar.

Eu não sei, eu gosto muito, sabe? Muito, muito, muito. Igual eu fico fazendo os desenhos. E eu gosto muito, eu me sinto muito bem fazendo isso. Eu acho que eu fico aliviada. É como se eu colocasse o que tá dentro pra fora.

(Pesquisadora): Você gostou de ter ido no Museu?

(P6): Gostei. Foi tudo muito bom.

(Pesquisadora): Se você fosse contar para alguém que não foi no Museu como foi a sua experiência, o que você ressaltaria?

(P6): Ah, eu acho que lá tinha muita coisa assim... que mexe mesmo com a gente, de ver aquela realidade. Quando eu subi na sala aonde tinha essas coisas, foi uma das últimas que eu fui. E quando eu vi aquilo, parecia... Nossa, eu fiquei muito... Me deu até vontade de chorar vendo tudo aquilo, sabe? Eu acho que é muito impactante, acho que é muito desumano o que acontecia. Aí, há hora que eu vi, eu fiquei bem, assim... Eu acho que eu falaria isso e também falaria de como é bonito as artes. Nossa, lindo, linda as artes. E ver alguns deles lá, é muito interessante. Ver os próprios autores das artes lá.

(Pesquisadora): E a última pergunta é se você quer comentar mais alguma coisa, se você quer trazer algo que eu não tenha falado. Você quer fazer mais algum comentário?

(P6): Não, acho que não.

(Pesquisadora): Obrigada então, viu! Obrigada pela disponibilidade.

### **Participante 7 (P7)**

(Pesquisadora): Nós vamos iniciar a entrevista coletando alguns dados pessoais, ok? Qual é o seu nome?

(P7): P7

(Pesquisadora): Sexo?

(P7): Feminino.

(Pesquisadora): Qual é a sua data de nascimento?

(P7): 12/07/2002

(Pesquisadora): Qual é a sua escolaridade?

(P7): Graduanda em Nutrição.

(Pesquisadora): Como você se declara com relação à cor?

(P7): Branca.

(Pesquisadora): Você já fez ou faz algum tratamento psicológico ou psiquiátrico?

(P7): Já fiz tratamento neurológico, para epilepsia.

(Pesquisadora): Como é que você ficou sabendo da visita técnica?

(P7): Através do L. e do A.

(Pesquisadora): Você já tinha ouvido falar do Arthur Bispo do Rosário antes da excursão?

(P7): Eu não conhecia o autor.

(Pesquisadora): Conhecía alguma das obras dele?

(P7): A obra talvez, mas não tenho certeza.

(Pesquisadora): Lá no museu, qual foi a imagem que mais lhe tocou? Pode ser alguma imagem ou o próprio território, ou alguma fala? O quê que ficou pra você da viagem?

(P7): Para mim, o que mais me chamou a atenção foi a parte de dentro. Quanto à obra, foi aquela... como que eu posso falar, aquela parte com os microfones.

(Pesquisadora): A primeira exposição, da Stella do Patrocínio?

(P7): Sim. Mesmo com essa voz tinha uma parede bem vermelha lá dentro, meio alaranjado.

(Pesquisadora): Cores vivas, né?

(P7): É.

(Pesquisadora): Quando você vai para o desenho, vai desenhar a obra, essa imagem que você escolhe representar é essa que você está falando ou mudou?

(P7): Mudou.

(Pesquisadora): Qual foi a sua imagem?

(P7): Foi essa: sereia, os coqueiros, o pôr-do-sol, o Cristo e esse daqui fui eu que desenhei mesmo.

(Pesquisadora): Uma bonequinha?

(P7): Não estava na imagem.

(Pesquisadora): Essa imagem era de um quadro?

(P7): Era, tirando as sereias.

(Pesquisadora): Lá na viagem a gente ouviu: 'Ah, a sereia quer ir para o mar'. Interessante você ter representado uma sereia, por causa da aluna que foi para a praia.

(P7): Acho que foi por causa disso, como tem o mar, eu associei e fui desenhar a sereia também.

(Pesquisadora): Mas tinha um quadro de uma paisagem então?

(P7): Mas não tinha a sereia.

(Pesquisadora): Tinha um mar nesse quadro?

(P7): Tinha, tinha o mar, tinha o peixe, tinha esse coqueiro, o sol e o Cristo Redentor.

(Pesquisadora): E por que a sereia, porque você põe? Você disse que associa com o mar porquê?

(P7): Não sei, eu gosto de sereias. Ela é metade peixe, metade humana.

(Pesquisadora): E tem um canto que atrai.

(P7): Ouvi nos contos, mas também ouvi outros contos.

(Pesquisadora): Na verdade, estou ressaltando apenas um aspecto dela, que é esse da atração. Mas ela, é Ariel? O conto de fadas, metade humana, metade... figura mítica.

(P7): Para mim a parte mais legal dela, o conto que eu mais gosto da sereia não é essa parte da Ariel, mas é a parte em que ela voltou para o mar, como bolha, depois de ter uma mágoa com um humano. A parte da Pequena Sereia, do conto original.

(Pesquisadora): Me conta, porque essa parte eu não conheço.

(P7): Eu também não conheço, mas essa parte é a que eu mais gosto.

(Pesquisadora): Você fala que ela teve um sofrimento?

(P7): Não sei, mas é essa parte que ela volta para casa, mas é ainda um pouco triste aquela... Na verdade ela fez um acordo com a bruxa do mar, alguma coisa assim, e se ela não conseguisse o beijo, se não se apaixonasse...ou que ele se apaixonasse por ela, sem ela ter a voz, porque ela deu a voz para a bruxa, se ela não conseguisse isso ela se transformaria em espuma do mar, alguma coisa assim. E ela acaba não conseguindo fazer ele se apaixonar por ela e aí ela se atira no mar, e ela se transforma em espuma do mar. E aí o autor que criou, acho que era dinamarquês, fala que o amor é insensato. Alguma coisa assim...

(Pesquisadora): Eu não conhecia essa versão.

(P7): Então, é por isso que eu gosto de muitos contos, de história ou qualquer outra coisa, mas gosto de ver outras versões dele assim, outras opiniões, outras perspectivas.

Tem aquela história da Branca de Neve, como a Branca de Neve é tratada, mas tem a história original, que ela não é tão boazinha como ela é no conto de fadas.

(Pesquisadora): E você associa essas imagens com alguma experiência sua? Alguma lembrança, recordação?

(P7): Não sei não, eu acho que não. Mas eu acho que é mais no sentido de mudança mesmo, de você voltar para o lugar em que você se sente mais confortável depois de conhecer o mundo. Talvez isso.

(Pesquisadora): Então não é nem a questão amorosa em si que te chama a atenção?

(P7): Não.

(Pesquisadora): É uma perspectiva de conhecer o mundo e poder voltar para a casa.

(P7): É. Eu acho que é dentro disso.

(Pesquisadora): Como foi para você o processo de criação?

(P7): A minha experiência foi positiva. Primeiro porque eu não era muito participativa nas minhas aulas, então eu gostei muito de participar das conversas. Tanto que eu observei que tinha alguns adolescentes que não estavam participando das conversas, interagindo, dando suas opiniões ou suas vivências. Então, para mim, foi muito positivo. Tanto que agora, se eu tiver novas oportunidades, eu gostaria de participar.

E a parte da imagem que eu desenhei aqui, eu sempre gostei muito de desenhar, mais coisas sobre a natureza. Eu gostava de desenhar os coqueiros, eu desenhava o sol, as nuvens, as estrelas, o arco-íris desde a minha infância e é uma coisa que eu continuo desenhando até hoje. E a parte daquela sucata, eu achei mais interessante na parte dela como uma arquiteta. Porque tanto que tem em algumas cidades grandes ou pequenas, tem pessoas feitas de ferro ou até mesmo o Cristo Redentor, então deve ter sido muito elaborado, muito difícil de criar, até ela durar até hoje, né.

(Pesquisadora): Você deseja fazer algum comentário ou pergunta que porventura eu não tenha contemplado?

(P7). Não.

(Pesquisadora): Muito obrigada.

### **Participante 8 (P8)**

(Pesquisadora): Eu vou começar a entrevista com os dados pessoais, ok? Seu nome?

(P8): P8

(Pesquisadora): Sexo?

(P8): Feminino.

(Pesquisadora): Qual é a sua data de nascimento?

(P8): 23/01/1998.

(Pesquisadora): Qual é a sua escolaridade?

(P8): Graduação em Psicologia.

(Pesquisadora): Como você se declara com relação à cor?

(P8): Branca.

(Pesquisadora): Você já fez ou faz algum tratamento psicológico ou psiquiátrico?

(P8): Não.

(Pesquisadora): Como é que você ficou sabendo da visita técnica?

(P8): Em sala de aula, pela professora.

(Pesquisadora): Você já tinha ouvido falar do Arthur Bispo do Rosário antes da excursão?

(P8): Não.

(Pesquisadora): E você conhecia alguma obra dele?

(P8): Também não.

(Pesquisadora): Às vezes uma pessoa vê um quadro, uma obra, e não sabe quem é o autor. No seu caso, você não sabia nem da obra, nem sobre o autor. Certo?

(P8): Não, não sabia. Se eu já vi também, eu não lembro.

(Pesquisadora): Lá no Museu, durante a viagem, qual foi a imagem que você viu que mais te impressionou?

(P8): Que mais me impressionou?

(Pesquisadora): Sim, a que mais te tocou, que mais te sensibilizou?

(P8): Eu acho que foi naquela primeira parte, tinha uma pintura assim, que tinha um desenho de um cérebro. Dentro do cérebro tinha um outro desenho e também tinha os instrumentos que eram utilizados para fazer lobotomia, né? Então, assim, aquilo me impactou muito, porque eu fiquei pensando como que pode, sabe? Como aquilo podia acontecer.

(Pesquisadora): Tem médicos que são a favor da volta. Recentemente um psiquiatra foi convidado a falar no Centro Universitário e ele defendia o uso do eletrochoque, porque segundo ele, era melhor do que alguns medicamentos. Só que ele defendia o uso dentro de um hospital. A pessoa deveria estar sedada, porque o médico afirmava que o hospital psiquiátrico é que era desumano, mas se fossem garantidas todas as condições de tratamento, não seria.

(P8): Mas o resultado vai ser o mesmo, não é?

(Pesquisadora): Essa imagem do cérebro que você falou, é um cérebro dentro do quê?

(P8): É, tinha uma cabeça e desenhado um cérebro. Dentro do cérebro tinha um outro desenho, que eu não lembro qual que era, mas eu lembro que eu fiquei um tempão olhando, mas agora me escapou.

(Pesquisadora): Eu não vi toda a exposição. Enquanto o pessoal estava assistindo, eu estava em um reserva técnica, coletando umas referências para a pesquisa. Quando eu saí, a gente se encontrou para ir embora. Então, às vezes, as pessoas me descrevem umas imagens como se eu tivesse visto, mas eu não sei qual que é não. E na hora que você fez seu desenho, você representou essa imagem?

(P8): Era de uma mulher, ela estava meio virada assim, e ela é uma imagem muito colorida, mas o que me chocou, me pegou mais foi o olho. Que ela tinha tipo, sabe em desenho animado quando vão hipnotizar e fica com aquele olho... preto e branco, assim?

(Pesquisadora): Em espiral?

(P8): Isso! Ela tinha o olho desta maneira, aí me pegou.

(Pesquisadora): Quando você fez o seu desenho, você coloriu?

(P8): Não, não colori.

(Pesquisadora): Eu vou te dar a folha de novo, se você quiser colorir, acrescentar alguma coisa ou fazer alguma intervenção no desenho, você fique à vontade. Como foi o seu processo de criação lá no Museu?

(P8): Foi bem tranquilo.

(Pesquisadora): Você desenha bem, então? (Risos).

(P8): É.

(Pesquisadora): Que sentimentos, lembranças, recordações você teve ao recriar a obra? Quais são seus pensamentos?

(P8): Eu acho que eu penso em viver muito aquela experiência, porque não é algo comum que eu costumo fazer né, de estar ali num lugar daquele. Então absorver o máximo do que está ali e do que representa também.

(Pesquisadora): E ser um Museu que aborda a temática da saúde mental, porque ali teve o depoimento do Arlindo, depois teve... muitas coisas, foram muitos recortes. Teve a fala, teve as obras, pessoas que conviveram naquela época que estavam ali falando. E quando você olha para isso, para as imagens, o que você acha disso tudo? O que você pensa sobre isso?

(P8): Quando ele estava contando a história, até me emocionei um pouquinho, porque... de pensar que foi tanto sofrimento, mas aí ele encontrou um jeito de expressar aquilo em forma de arte. Eu acho isso uma coisa muito bacana, eu acho isso um talento muito legal. Então, se expressar desse jeito, eu acho incrível.

(Pesquisadora): Você desenha? Normalmente?

(P8): Normalmente não. Era uma coisa que eu fazia muito quando eu era adolescente, que foi se perdendo sabe!

(Pesquisadora): E você também se expressava por causa de alguma dor ou sofrimento?

(P8): É porque quando eu era criança, eu era meio sozinha, porque eu sou mais nova, meu irmão já é mais velho e tal. Minha mãe não me deixava muito ir pra casa das amigas, assim para brincar e tal. Então, eu ficava em casa e aí eu tinha que arrumar alguma coisa para fazer, geralmente era isso.

(Pesquisadora): Você é filha de um segundo casamento?

(P8): Não.

(Pesquisadora): Então seu irmão é do mesmo pai e mesma mãe que você?

(P8): Sim.

(Pesquisadora): Ela te teve quanto tempo depois?

(P8): Dez anos.

(Pesquisadora): Por isso você ficava sozinha? Eu estou tentando entender essa dinâmica que você está me contando... E tem alguma dor ou algum sofrimento que você pense assim: “Nossa, se fosse naquela época, eu também estaria ali”?

(P8): Sim. O fato de eu ser bissexual. Geralmente não é uma coisa que eu falo assim...

(Pesquisadora): Você acha que isso também te geraria aquela dor de estar lá?

(P8): Com certeza.

(Pesquisadora): Você já contou isso pra alguém? Eu falo em casa, sua família ou não?

(P8): Não. Tenho certeza que se eu contar vai ser um alvoroço, então prefiro evitar, prefiro esperar até sair de casa.

(Pesquisadora): Entendi. A gente está falando sobre se expressar, né? De se expressar através da arte, ou de outro modo, ficar ali trancafiada. Deixa eu te fazer uma última pergunta. Na verdade, últimas, a gente já está terminando... Você tem alguma religião?

(P8): Eu fui criada no catolicismo, mas eu não sigo nenhuma religião não.

(Pesquisadora): E o que te levou a sair da religião? Eu não me identificava mesmo, não sei, eu sempre me achei, sei lá, eu sempre fiquei desconfortável e era uma coisa que minha mãe me obrigava a fazer, então...

(Pesquisadora): Você não ia por vontade própria, pela fé, mas por uma questão social, familiar?

(P8): Exatamente.

(Pesquisadora): Se aproximando um pouco da temática do Arthur Bispo do Rosário... Vou pegar como exemplo isso que você trouxe, de uma bissexualidade. Você acha que tem juízo, tem julgamento nisso? Tem Juízo Final nisso também, uma sanção?

(P8): Socialmente sim, né!

(Pesquisadora): Você já foi julgada?

(P8): Não, porque é igual eu te falei, não é uma coisa que eu conte para todo mundo, geralmente quando eu falo é porque eu me sinto confortável com aquela pessoa.

(Pesquisadora): Geralmente você fala para quem você já se relaciona?

(P8): Sim.

(Pesquisadora): Você tem medo de ser julgada?

(P8): Tenho, muito medo. Não pelos outros, mas dentro da família mesmo, acho que é por isso que até hoje eu nunca falei nada.

(Pesquisadora): Para o Bispo, o julgamento aconteceria após sua morte, mas você fala de um julgamento em vida. Ao mesmo tempo, sobre poder ser quem você é. Quando alguém te pergunta como foi a viagem, o que você fala?

(P8): Eu falo que foi incrível.

(Pesquisadora): Você gostou mesmo, F.?

(P8): Gostei muito! Eu me diverti demais, tanto por estar com o pessoal da turma em outro ambiente, quanto com a exposição em si. E fiz até umas gracinhas lá, tocando piano sem saber tocar. (risos).

(Pesquisadora): Eu fiquei preocupada porque nossa programação foi alterada, e você está aí falando que gostou.

(P8): Foi ótimo, de qualquer jeito foi ótimo.

(Pesquisadora): Que bom! Essa menina que você representou, você falou que era de um olho só, meio zumbi, meio hipnotizada. Por que que você acha que ela te chama a atenção?

(P8): Eu acho que porque, justamente porque eu acho que durante muito tempo eu estava nessa questão de estar meio hipnotizada. Até por tipo assim, eu passei muito tempo seguindo tudo, principalmente o que minha mãe queria. E não fazia geralmente o que eu queria. E aí de uns tempos para cá que eu comecei a quebrar um pouco essa relação.

(Pesquisadora): É muito no sentido de ser conduzida?

(P8): Isso!

(Pesquisadora): E é um feminino forte?

(P8): É!

(Pesquisadora): É interessante você dizer sobre 'quebrar um pouco essa relação'. Me parece romper com isso que se é tão educado para ser!

(P8): Sim. Eu me sinto muito melhor agora também, Acho que a questão das cores também, da imagem, traz muito isso, sabe? Os olhos, tá, é questão de hipnotizar, mas as cores é uma coisa que está trazendo vida, sabe?

(Pesquisadora): É o contrário dos olhos?

(P8): Isso.

(Pesquisadora): Tem alguma coisa sobre a viagem que você queira falar e que eu não falei, não te perguntei, mas que você queira partilhar?

(P8): Não, acho que não.

(Pesquisadora): Algum comentário ou pergunta que eu não tenha contemplado...

(P8): Ah, não, teve sim, teve uma imagem do lado de fora, que é grandona assim, que é pintada no próprio prédio, que a gente não tinha visto, só que eu e a M., a gente simplesmente saiu andando lá e a gente acabou vendo, eu achei incrível.

(Pesquisadora): Era uma pessoa?

(P8): Era, eu acho que era. Era enorme. Tipo assim, eu tô falando, mas porque foi muito do acaso assim, porque como a gente chegou lá e foi vendo tudo de frente, estava do lado e a gente não tinha visto, a gente só saiu andando lá e acabou vendo.

(Pesquisadora): É bom ver aquilo que a gente não via, né?

(P8): Realmente!

(Pesquisadora): Muito legal ver! É como se questionasse: “Nossa, como é que eu não estava vendo aquilo e agora está aqui na minha frente!”. E isso é tão grande, enorme! (risos).

(P8): Exatamente! (risos).

(Pesquisadora): Muito obrigada, viu!

(P8): Por nada!

(Pesquisadora): Obrigada por ter tirado esse tempo para falar comigo.

(P8): Eu adorei!

### **Participante 9 (P9)**

(Pesquisadora): Nós vamos iniciar a entrevista coletando alguns dados pessoais, ok? Qual é o seu nome?

(P9): P9

(Pesquisadora): Sexo?

(P9): Masculino.

(Pesquisadora): Qual é a sua data de nascimento?

(P9): 13/10/2005

(Pesquisadora): Qual é a sua escolaridade?

(P9): Estou cursando o Ensino Médio.

(Pesquisadora): Como você se declara com relação à cor?

(P9): Branca.

(Pesquisadora): Você já fez ou faz algum tratamento psicológico ou psiquiátrico?

(P9): Sim, psicológico.

(Pesquisadora): Como é que você ficou sabendo da visita técnica?

(P9): Através da minha professora.

(Pesquisadora): Você já tinha ouvido falar do Arthur Bispo do Rosário antes da excursão?

(P9): Não.

(Pesquisadora): Conhecia alguma das obras dele?

(P9): Não.

(Pesquisadora): Lá no Museu, qual foi a imagem que mais lhe tocou?

(P9): Então, se eu me inspirei em alguma arte do Museu para fazer o desenho? Eu lembro que no primeiro piso, no primeiro andar, tinha grudado na parede vários objetos e eles não dialogavam muito entre si, não tinham uma certa lógica. Tinha uma colher, botões, tinha também um espelho e um ursinho de pelúcia. Eu lembro de olhar isso e falar: ‘Olha, isso é legal!’. Então eu acho que eu me inspirei um pouquinho nisso, sabe! Era como se fosse um fluxo de pensamento, quando você pensa em várias coisas e você só vai fazendo.

E eu lembro de olhar para essa arte e me perguntar: ‘Nossa, o que será que passa na cabeça dessa pessoa para colar esses objetos randômicos na parede? Parece que não tem uma ordem, não tem uma sincronização.’ Aí eu pensei que sempre na arte a gente nunca sabe o real motivo do artista ter feito aquilo, o que passou na mente dele para ele fazer aquilo e fazer aquilo também. Então eu lembro de olhar e pensar que talvez fossem objetos que ele tinha à disposição lá, coisas para ele pregar na parede.

Eu... tipo, eu acho que essa é a graça da arte, a gente olha e a gente nunca sabe o que ela realmente significa para o artista, porque sempre vai ter um... a gente sempre vai puxar, relacionar a arte para alguma coisa que aconteceu com a gente, a gente tende a relacionar ela com alguma coisa da nossa vida. Tende a relacionar a alguma coisa que a gente já passou ou ainda passa.

(Pesquisadora): Como foi para você o processo de criação?

(P9): Então, no meu desenho eu escrevi algumas frases que poderiam passar pela cabeça de alguém que está preso: fome, existir, eu ainda existo, fugir, tempo, passado, presente e uma das... a lateral do papel está queimada como se ele ainda não tivesse terminado de falar tudo o que ele tinha pra falar, ou se ele tivesse sido interrompido. Aí eu acho que eu me inspirei um pouco nisso para fazer o meu desenho. Eu escrevi coisas que talvez passariam na cabeça de alguém que estaria naquela situação, igual os objetos pregados na parede.

(Pesquisadora): Que sentimentos, lembranças, recordações você teve ao recriar a obra?

(P9): Então, sobre o que eu relaciono a minha arte? Para mim ela fala sobre liberdade. O que é estar livre, o que é estar preso? Porque ninguém realmente é livre. E se a pessoa é livre, qual foi o preço desta liberdade? Para mim todo mundo está preso a alguma coisa, todo mundo está numa prisão, mas nem sempre é uma prisão, nem sempre é com celas e barras. Às vezes a gente está preso a pessoas ou a nossa própria mente. Ninguém realmente é livre. E foi isso que eu quis expressar um pouco na minha arte.

Eu lembro que quando eu fui no Museu, eu sinto que eles jogaram muito para o lado da arte

que o pessoal de lá fazia, as pinturas e tal, mas eles não mostraram realmente também como era lá dentro. Eu lembro que tinha umas pinturas que elas eram muito coloridas e eu lembro que a minha professora, a M., depois no ônibus, quando a gente estava indo embora, ela falou sobre aquelas pinturas. Ela falou que eram das mulheres que eram violadas e tal e elas faziam essas pinturas que beiravam o surrealismo. E eu lembro de olhar isso e falar: ‘Nossa, eu ia olhar com uma visão completamente diferente se eu tivesse lá no Museu na hora em que falassem isso. E eu lembro também que teve lá na lateral do Museu, lá fora, tinha uma, tipo uma cela. E a gente até subiu na árvore pra poder... minha amiga até subiu na árvore pra poder olhar melhor lá dentro. E porque não falaram isso no Museu, sabe? Eu acho que assim, adicionaria muita coisa a arte lá.

(Pesquisadora): Você deseja fazer algum comentário ou pergunta que porventura eu não tenha contemplado?

(P9). Não.

(Pesquisadora): Ok! Muito obrigada!

### **Participante 10 (P10)**

(Pesquisadora): Nós vamos iniciar a entrevista coletando alguns dados pessoais. A primeira pergunta é o seu nome completo.

(P10): P10

(Pesquisadora): Seu sobrenome é Alemão?

(P10): É.

(Pesquisadora): Sexo?

(P10): Feminino.

(Pesquisadora): Qual é a sua data de nascimento?

(P10): 31/10/2006.

(Pesquisadora): Qual é a sua escolaridade?

(P10): Estou cursando o Ensino Médio do Anglo.

(Pesquisadora): Como você ficou sabendo da viagem?

(P10): A R. passou na sala avisando e M. também, a professora de teatro. Ela conversou com a gente, ela tinha falado que ia ter uma excursão com o teatro. Depois, como muita gente não ia poder porque a R. falou da idade, ela chamou as pessoas que a M... A M. é a professora que conversa com todo mundo, ela é amiga. Ela foi falando com as pessoas que ela sabia que gostava dessas coisas e foi juntando a turma.

(Pesquisadora): E porque que você quis ir?

(P10): Porque eu falo parte do teatro e eu acho que é uma coisa que me interessa muito, esse tipo de arte.

(Pesquisadora): Você não fica com vergonha não, no teatro?

(P10): Não. Assim, eu tenho muita vergonha com pessoas que eu não conheço, mas quando eu estou em cima do palco, eu esqueço que tem outras pessoas ali e aí só vai.

(Pesquisadora): Que legal! Você já conhecia o Arthur Bispo do Rosário antes da excursão?

(P10): Não.

(Pesquisadora): Você já tinha ouvido falar de alguma obra dele?

(P10): Não.

(Pesquisadora): E do Museu?

(P10): Não.

(Pesquisadora): Já tinha ido em algum museu?

(P10): No museu sim, dele não.

(Pesquisadora): Então foi uma surpresa?

(P10): Foi!

(Pesquisadora): Como você se sentiu lá? Bem? Mal?

(P10): Eu me senti bem. Tipo assim, tinha muita coisa que dava uma tristeza. Aquela sala com sons, ai, sei lá! Eu acho que até a voz que a gente escuta dá pra sentir uma certa angústia lá na hora.

(Pesquisadora): Foi na primeira parte, em grupo, não é?

(P10): É.

(Pesquisadora): Lá no Museu, o quê que mais te chama a atenção? Qual foi a parte que mais te tocou?

(P10): O quê que mais me chama a atenção?

(Pesquisadora): Ou foi isso mesmo que você falou... a voz...

(P10): É, eu acho que... foi isso.

(Pesquisadora): Porque às vezes não é uma arte, às vezes é o que você viu ou o que você escuta. Você já sabe o que você quer fazer profissionalmente?

(P10): Ah, eu tenho muita coisa em mente, porque assim, ano que vem eu vou ir para o Rio sem os meus pais, porque eu vou para tentar fazer Teatro lá. Eu penso mesmo em Teatro, só que eu não sei se iria... se vou fazer uma faculdade de Teatro, ou de Artes Cênicas. Mas se não for nenhuma dessas coisas, eu penso muito em Pedagogia.

(Pesquisadora): Mas tomara que seja! Vai dar tudo certo! Você vai embora sozinha?

(P10) Sim.

(Pesquisadora): Você é corajosa assim? Vai morar lá com alguém?

(P10): Ah, é com uma moça que entrou em contato com minha mãe e disse que ia tentar me colocar assim, ela ia me levar para fazer teste, essas coisas.

(Pesquisadora): E você vai tranquila? Não fica com medo não?

(P10): Eu fiquei um pouco nervosa, porque eu vou deixar de viver muita coisa. Eu estou na escola desde pequenininha, eu ia fazer o Terceiro Ano aqui, que era uma coisa que estava me prendendo muito. Eu conversei muito com minha amiga que é de outra escola e falei pra ela que eu vou perder muita coisa, de sair com o pessoal né... Enfim, de viver o resto desta adolescência antes de entrar na fase adulta. Aí minha amiga virou pra mim e falou: “Nossa, você não vai perder nada, você só vai estar ganhando.” Aí eu falei: “É verdade!”

(Pesquisadora): É verdade mesmo!

(P10): Eu preciso ir.

(Pesquisadora): E você conhece essa moça que está te chamando?

(P10): Não. A gente vai esse ano lá pra conhecer ela. Ela é famosa, ela já fez alguns trabalhos. Aí a gente vai esse ano lá conhecer o lugar, a casa, tudo.

(Pesquisadora): O que é esse desenho que você fez?

(P10): Eu vi esse desenho numa arte que tinha lá, que era um corredor, aí tinha várias artes assim, eu achei legal!

(Pesquisadora): Isso aqui era um quadro pintado?

(P10): É.

(Pesquisadora): Eu achei que eram portas mesmo, que no corredor tinha várias portas, você sentou lá e começou a...

(P10): Não. Era um quadro que tinha lá.

(Pesquisadora): E você sabe o quê que isso representa?

(P10): Não.

(Pesquisadora): O que você imagina que seja?

(P10): Ah, eu pensei muita coisa. Eu pensei primeiro que era um túnel, mas dá para levar várias interpretações, porque tem três portas, mas a gente não sabe se é porta, se são túneis, se são três túneis... Aí né!

(Pesquisadora): Mas porque essa ideia de túnel te chama a atenção?

(P10): Ah, não sei, mas quando eu olhei, a primeira coisa que eu pensei foi em túnel. Mas eu não sei por que!

(Pesquisadora): E quando você pensa em túnel, que sentimento, sensação, lembrança, você tem?

(P10): Acho que está fugindo.

(Pesquisadora): Fugindo?

(P10): É!

(Pesquisadora): Como numa prisão?

(P10): Não. Fugindo eu acho que para dentro do túnel.

(Pesquisadora): Mas porque que alguém ia querer fugir para dentro do túnel?

(P10): Não sei. Tá correndo, tá fugindo, encontrou o túnel.

(Pesquisadora): Fugir para dentro?

(P10): É.

(Pesquisadora): Você já teve isso como sensação? De você querer entrar para dentro de um túnel e se esconder lá dentro?

(P10): Acho que já.

(Pesquisadora): Em que momento da sua vida?

(P10): Ah, quando está mal. Sabe?

(Pesquisadora): Em que contexto? Claro, você não precisa responder se você não quiser.

(P10): Como assim?

(Pesquisadora): Algum contexto que te deixa mal ou por que que você ficaria mal?

(P10): Questões familiares e acho que a escola. Não a escola, mas conteúdo de prova, de sair mal na nota.

(Pesquisadora): A parte acadêmica?

(P10): É, isso aí.

(Pesquisadora): Você gostou de ir para o Rio?

(P10): Sim.

(Pesquisadora): Você iria de novo?

(P10): Sim.

(Pesquisadora): Tem algum comentário ou pergunta que você queira fazer?

(P10): Acho que não estou lembrando de nada.

(A participante fez uma pausa curta e em seguida fez o seguinte comentário sobre seu relacionamento amoroso): Meus pais sabem de mim, só que a minha mãe não aceita, ela tem muita dificuldade de aceitar. Meu pai é mais de boa, ele ia dar apoio para minha mãe né! Uma

peessoa contou para minha mãe, e minha mãe falou algumas coisas. Eu achei melhor terminar, porque J. é bem resolvida com a mãe dela. Então, como o que aconteceu, ela é bem resolvida, ela pode encontrar alguém que é resolvida, eu ia estar prendendo ela, sabe. Aí eu achei melhor terminar.

(Pesquisadora): Você já teve outras namoradas?

(P10): Não. Porque eu sempre fugia antes de chegar a isso. Eu sempre falava: “Não, querendo ou não, isso vai dar problema depois”. Aí eu sempre deixava pra lá. Enfim, acabava não escutando a outra pessoa.

(Pesquisadora): Mas você e sua mãe hoje estão bem?

(P10): Ah, eu não toco muito nesse assunto. A gente tem uma boa relação, mas sobre isso não é bom nem falar, porque... para não ouvir o que eu não quero.

(Pesquisadora): Quando você diz que quer ir para o Rio, esse é um dos motivos? Viver o que você quer viver, sem ter pai e mãe perto?

(P10): É. Eu conversei muito com M. também nesse sentido. A M. também falou isso, porque lá eu vou ter um espaço a mais.

(Pesquisadora): Um espaço a mais para você ser você. Obrigada viu!

### **Participante 11 (P11)**

(Pesquisadora): Nós vamos iniciar a entrevista coletando alguns dados pessoais, ok? Qual é o seu nome?

(P11): P11

(Pesquisadora): Sexo?

(P11): Feminino.

(Pesquisadora): Qual é a sua data de nascimento?

(P11): 04/03/2006

(Pesquisadora): Qual é a sua escolaridade?

(P11): Estou fazendo o Ensino Médio.

(Pesquisadora): Como você se declara com relação à cor?

(P11): Branca.

(Pesquisadora): Você já fez ou faz algum tratamento psicológico ou psiquiátrico?

(P11): Sim, psicológico.

(Pesquisadora): Como é que você ficou sabendo da visita técnica?

(P11): Pela professora M.

(Pesquisadora): Você já tinha ouvido falar do Arthur Bispo do Rosário antes?

(P11): Não.

(Pesquisadora): E você conhecia alguma obra dele?

(P11): Não.

(Pesquisadora): O que você representou?

(P11): Então, esse desenho que eu fiz de uma pessoa tampando a boca com as mãos, foi uma interpretação que eu tive, depois de ouvir as histórias do lugar e de saber de tudo o que aconteceu ali e de como que as coisas aconteciam naquela época. Não só naquele lugar, mas como em outros manicômios, que foi a minha forma de entender de que tudo o que as pessoas passavam era uma censura né. Elas não podiam se expressar, não podiam ser quem elas eram, elas tinham que talvez esconder, os sentimentos, as coisas que eles estavam passando não podiam exteriorizar isso, porque era visto, como foi falado lá, como histeria, ou essas coisas né. Então, eles tinham que parecer serem outras pessoas, parecerem estarem melhores do que eles realmente estavam, talvez para receber um tratamento um pouco melhor. Então eu pensei muito nisso, eu fiquei reflexiva sobre essas coisas que você... que eles tinham que... tipo... se calarem sobre o que eles sentiam, sobre o que eles queriam expressar, para poder se encaixar no sistema que aqueles funcionários do manicômio impunham para eles. Então foi essa a minha interpretação para fazer esse desenho. É o silêncio e a censura, que essas pessoas passaram.

(Pesquisadora): E quando você fez esse desenho dessa pessoa, com a boca silenciada, você se inspirou em alguma imagem que você viu lá no Museu?

(P11): Ah, eu não vi nada não. Eu só pensei mesmo, por causa das histórias, né. E do relato daquele moço lá, que eu esqueci o nome. Essas coisas que me fizeram interpretar dessa forma e aí eu fiz. Se tinha algo parecido lá, eu não vi.

(Pesquisadora): Com o que você consegue associar o seu desenho? Que sentimentos, lembranças, recordações você teve ao recriar a obra?

(P11): Olha, eu pensei bastante sobre isso e acho que eu nunca passei por uma situação dessas na minha vida que me fez interpretar esse desenho. Mas... é uma situação atual também né, querendo ou não. Tipo, várias pessoas tem que passar por... pelo silêncio, pela censura, e a gente vê isso muito em várias situações. Tipo de, por exemplo, que passam em ditaduras, ou em... também em outros lugares, por exemplo, como tem clínicas psiquiátricas até hoje que fazem um tipo de tortura com pessoas, com os pacientes.

Esses pacientes também... provavelmente também passam por um processo de censura, e várias outras situações. Situações familiares também envolvem muita censura quando não é uma relação familiar boa e talvez com pais conservadores ou coisas assim.

Eu tenho a sorte de não passar isso na minha casa, mas é a realidade de muitos. Inclusive de amigos meus. Então eu acho que eu vejo isso de perto, sabe? A censura talvez da sexualidade, de pessoas que tem que se trancarem em “armários” e não podem sair disso, porque às vezes a família não aceita ou porque o mundo é perigoso demais. E essas... várias pessoas, em vários contextos que sofrem uma censura e não podem ser quem elas são, e não podem se expressar da forma que querem por causa de um contexto social que elas têm que se encaixar e que não podem fugir daquilo.

Eu acho que essa é uma interpretação do que eu vejo na minha vida, não comigo, mas com o ambiente ao meu redor.

(Pesquisadora): Você deseja fazer algum comentário ou pergunta que eu não tenha contemplado?

(P11): Não.

(Pesquisadora): Muito obrigada!

### **Participante 12 (P12)**

(Pesquisadora): Nós vamos iniciar a entrevista, o meu roteiro começa com alguns dados pessoais. O seu nome?

(P12): P12

(Pesquisadora): Sexo?

(P12): Feminino.

(Pesquisadora): Qual é a sua data de nascimento?

(P12): 05/06/2000.

(Pesquisadora): Qual é a sua escolaridade?

(P12): Superior incompleto. Graduanda em Psicologia.

(Pesquisadora): Como você se declara com relação à cor?

(P12): Branca.

(Pesquisadora): Você já fez ou faz algum tratamento psicológico ou psiquiátrico?

(P12): Não.

(Pesquisadora): Como é que você ficou sabendo da visita técnica?

(P12): Pela minha professora, em sala de aula.

(Pesquisadora): Você já tinha ouvido falar do Arthur Bispo do Rosário antes?

(P12): Antes da visita? Não.

(Pesquisadora): Conhecia alguma das obras dele?

(P12): Não. Só depois que foi falado mesmo da oportunidade da excursão, que antes de ir, o L. divulgou umas coisas lá no grupo, eu dei uma olhada, mas assim antes, conhecimento não tinha nenhum.

(Pesquisadora): Lá no Museu, qual foi a imagem ou o que você viu lá que mais te tocou, que mais te impactou?

(P12): O que mais me marcou foi o depoimento do Arlindo? É Arlindo? Naquela hora que a gente estava sentada naquela sala da Stella lá do Patrocínio, eu acho, né? Das vozes, a fala dele me tocou muito, achei muito emocionante, fiquei muito curiosa pra ver a performance que ele falou que faz, né?

(Pesquisadora): Estava em exposição.

(P12): Estava exposta, mas assim, no projetor, né? Na parede. Eu vi. (Risos).

(Pesquisadora): Ele dentro de uma cela, ora ele é o Bispo do Rosário, ora é ele mesmo.

(P12): Exatamente.

(Pesquisadora): Isso foi o que mais te impressionou?

(P12): E também o objeto da lobotomia, que estava lá exposto, parecendo uma furadeira mesmo, gigante o trem, coisa horrível, nossa! E os aparelhos dos eletrochoques também.

(Pesquisadora): Na fala do Arlindo, o quê que ficou mais para você?

(P12): Ah, eu acho que ele contando que conviveu com o Bispo, essa coisa que aconteceu lá antes de ser o museu. Como a situação crítica que eles passaram, sei lá. Não sei, assim, não lembro especificamente muita coisa que ele falou assim detalhado. Mas eu lembro que foi uma fala bem, bem forte, assim. Apesar de que ele não teve muito tempo também, né?

(Pesquisadora): Ele podia ter falado mais?

(P12): É. Sim. Ele foi interrompido, então não teve como.

(Pesquisadora): Você chegou a fazer alguma imagem no Museu? O desenho de alguma obra?

(P12): Então, mas era de alguma obra? Eu nem sabia.

(Pesquisadora): Perdão, não era. Quero saber se você chegou a fazer algum desenho, alguma representação?

(P12): Eu fiz. (Risos).

(Pesquisadora): E o que era o seu desenho?

(P12): Era essa parede da lobotomia e o desenhinho do eletrochoque. Só que eu fiz no final, eu nem sabia. O L. entregou a folha com o lápis, eu fiz sentada no colo mesmo, não fiz nem na mesa.

(Pesquisadora): Se você quiser refazer seu desenho, acrescentar ou modificar alguma coisa, fique à vontade.

(P12): Tá bom!

(Pesquisadora): Isso foi o que mais te marcou, né?

(P12): Foi.

(Pesquisadora): Quando você pensa nesses aparelhos, o que é que vem na tua mente?

(P12): Ai, muita dor, eu acho. Vem um sofrimento, uma coisa muito ruim assim, eu acho. E essa sensação de um morto-vivo... a pessoa tem vida, mas está ali sem reagir. Eu acho muito pesado isso.

(Pesquisadora): Você conhece pessoas assim?

(P12): Não. Que já passaram por isso?

(Pesquisadora): Não que passaram, mas que levam a vida assim, meio morto vivo...

(P12): Ah, sim.

(Pesquisadora): Você conhece?

(P12): Conheço.

(Pesquisadora): Quem que te vem na memória? Parece que você está falando de alguém.

(P12): Assim, seria por exemplo, eu tenho duas tias, irmãs da minha mãe, que elas têm demência. Não é Alzheimer, é um outro tipo de demência. Só que uma delas, a mais nova, está muito avançada no estágio, tipo bem acamada mesmo. Totalmente acamada na cama. Alimenta por sonda, só. Não quer mais comer, só fica deitada, usa fralda, totalmente dependente. Seria uma situação assim, né, de uma pessoa que tá viva, mas...

(Pesquisadora): Não vive.

(P12): Não vive, é. E ela repete muito isso, sabe? Ela repete muito: 'Ai, não aguento mais'. Coisas desse tipo assim, sabe?

(Pesquisadora): Ela é nova?

(P12): Ah, eu considero nova para ser uma demência tão avançada. Ela tem 59 anos.

(Pesquisadora): E tem algum evento que aconteceu na vida dela que levou à demência? Na história de vida?

(P12): Não. Ah, sim. Nenhuma delas duas são casadas, não tem filho, não tem ninguém, sabe? Elas são as duas irmãs da minha mãe que não tem ninguém. Só minha mãe mesmo, na verdade,

e os outros irmãos. Mas assim, não sei. Não sei se já aconteceu algo marcante assim na vida dela, sabe?

(Pesquisadora): Se fosse naquele tempo, elas estariam lá?

(P12): Com certeza. A minha outra tia, que também tem demência, mas ela... O comportamento dela é diferente. Ela não vegeta nem nada na cama, não. Mas ela tem um comportamento mais infantil, sabe? Ela não tem muita noção das coisas, faz umas coisas meio sem noção, e ela já ficou internada, já teve depressão profunda, já ficou internada lá em BH, em hospital psiquiátrico, sabe? Um mês, eu acho, que ela ficou lá recebendo tratamento.

Eu acho que ela não ficaria naquela época, nesse lugar, porque tem a família, sabe? Eu acho que a minha mãe, pega, assim, como se fosse uma coisa que ela tinha que resolver mesmo e não abandona, sabe? Nem tem coragem.

(Pesquisadora): Mas é impactante quando a gente vê...

(P12): Que outras pessoas passaram por isso? Nossa, muito impactante.

(Pesquisadora): Quando você fez essa criação, esse desenho, foi tranquilo? Como foi para você o processo de criação?

(P12): Foi bem tranquilo, porque a gente estava sentada na área lá fora, com as meninas todas, aí fez eu e S. juntas no banco. A gente estava conversando, todo mundo rindo junto, foi uma viagem bem gostosa.

(Pesquisadora): Que bom!

(P12): Fazer o desenho, não me deu nenhum sentimento ruim, não.

(Pesquisadora): Você tem alguma religião?

(P12): Então, assim, eu não sigo nenhuma religião, não. Mas fui batizada em Igreja Católica, minha mãe é muito católica, frequentei Primeira Eucaristia, fiz Crisma, mas hoje em dia...

(Pesquisadora): Você teve uma educação religiosa?

(P12): É, isso, mas hoje em dia eu não frequento.

(Pesquisadora): Sobre o Arthur Bispo do Rosário, ele falava sobre Juízo Final, o que é o Juízo Final para você?

(P12): Juízo Final? Nossa, que difícil.

(Pesquisadora): Mas se não for nada também, está tudo bem. Se quiser não precisa responder.

(P12): Não, é, eu não sei se seria um juízo final, porque às vezes eu acho que quando as pessoas falam de juízo final, é como se chegasse lá no fim e teria uma balança, tipo, de coisas boas e coisas ruins. Isso ia pesar ali pra ver, né? Qual seria o seu juízo final, se seria? Se é o inferno, não sei.

Não sei se eu penso assim, eu penso que lógico, as coisas boas que a gente faz, acredito sim, que tem. Que a gente não ganha com isso, mas... A gente fazer algo bom pro mundo, do mesmo jeito, quando a gente faz algo ruim também, isso volta pra gente de alguma forma.

(Pesquisadora): Entendi. Então, as ações teriam consequências?

(P12): É.

(Pesquisadora): E dentro deste raciocínio, dessa balança, de ser julgada. Eu fico pensando assim, na sua opinião, lá no Museu, aquelas pessoas, elas foram julgadas?

(P12): Totalmente.

(Pesquisadora): E você fala da sua tia e que talvez também seja julgada nesse comportamento infantil.

(P12): Nossa, com certeza, isso é um... rola um bafafá, assim, na vizinhança mesmo, comentários, várias coisas. É bem triste, é ruim ouvir.

(Pesquisadora): Então talvez o Juízo Final não seja tão no final assim?

(P12): Exatamente. A gente passa por ele todos os dias, né, talvez.

(Pesquisadora): Você gostou da viagem?

(P12): Gostei, gostei muito. Acho que a gente podia marcar outra no semestre que vem, inclusive.

(Pesquisadora): Tem algum comentário ou pergunta que você deseja fazer e que eu não tenha contemplado?

(P12): Ah, eu acho que foi mais isso mesmo.

(Pesquisadora): É só isso mesmo. Eu queria te agradecer.

(P12): Eu que agradeço.

### **Participante 13 (P13)**

(Pesquisadora): Nós vamos iniciar a entrevista coletando alguns dados pessoais? Qual é o seu nome completo?

(P13): P13

(Pesquisadora): Sexo?

(P13): Feminino.

(Pesquisadora): Qual é a sua data de nascimento?

(P13): 22/10/1998.

(Pesquisadora): Qual é a sua escolaridade?

(P13): Superior Incompleto. Estou cursando Psicologia.

(Pesquisadora): Como você se declara com relação à cor?

(P13): Parda.

(Pesquisadora): Você já fez ou faz algum tratamento psicológico ou psiquiátrico?

(P13): Sim, psiquiátrico.

(Pesquisadora): Como é que você ficou sabendo da visita técnica?

(P13): Na aula. A professora falou em aula.

(Pesquisadora): Você já tinha ouvido falar do Arthur Bispo do Rosário antes da excursão?

(P13): Não.

(Pesquisadora): Conhecia alguma das obras dele?

(P13): Não.

(Pesquisadora): Lá no Museu, de tudo o que você viu lá, qual foi a imagem que mais te chamou a atenção, o que mais te tocou?

(P13): Então, na verdade, foram duas coisas. Foi a obra que eu até desenhei no papel, que era uma moça morena, né? Negra mesmo. E várias palavras, escrita racismo. Era ela e tinha uma parte bem colorida assim embaixo.

Achei muito interessante e o que me encantou muito foi as árvores, as raízes das árvores. Eu sou apaixonada com árvores, tanto que eu tirei muitas fotos, gravei muitos vídeos e as raízes delas eram muito diferentes.

(Pesquisadora): Me fala um pouco sobre essas imagens.

(P13): No caso da árvore, era a árvore mesmo, tá? Não era uma obra não.

(Pesquisadora): Não tem problema nenhum. Mas vamos falar sobre elas. No caso da primeira imagem que você falou, era uma mulher negra?

(P13): Isso.

(Pesquisadora): Por que ela te chamou a atenção?

(P13): Eu acho que eram as palavras que estavam escritas e o olho diferente que ela tinha no rosto. Nossa, eu achei muito interessante.

(Pesquisadora): Que memórias, lembranças, essa imagem te traz? Tem algum caso de racismo ou de negritude na sua família?

(P13): Tenho. Na minha família, por parte de pai é negra.

(Pesquisadora): Você já experienciou uma situação de racismo?

(P13): Então, assim, não diretamente, mas meu pai já sofreu, e já me contou e isso ficou gravado na minha memória.

(Pesquisadora): E como que é o episódio que ele conta?

(P13): Ele falou que estava indo uma vez pra... Ele morava no Rio, né? A gente tem uma casa lá, então... Então, teve uma situação que ele foi pra lá, que ele estava indo trabalhar, ele e um amigo dele, um servente dele.

E ele negro e o amigo branco. Aí ele falou que estava com pressa, porque ia perder o ônibus, ali perto da rodoviária de Viçosa e saiu correndo e tal, e o policial meio que abordou: “para, para, para, não sei o quê”, só que abordou só ele.

Ele falou: “não cara, eu vou perder meu ônibus, eu sou trabalhador”. Aí mandou ele tirar tudo da mochila, sabe, tipo assim, o amigo ficou ali perto, mandou tirar tudo, e eu lembro que ele contou isso há muitos anos atrás e isso ficou gravado na minha memória assim...

E ele não gosta que... como é que eu vou explicar... ele fala que também é muita coisa, não precisa, que é muito exagero essa coisa do racismo, mas eu acho que ele sente isso, mas às vezes mascara sabe!

(Pesquisadora): Entendi.

(P13): Porque passa muito no jornal, situação assim e ele: “Mas ah, gente, também exagera muito”, mas no fundo ele sente sim, sabe?

(Pesquisadora): Porque é constrangedor e uma forma de violência.

(P13): Sim, sim. E assim, em relação a... Acho que... A minha tia também sofreu, só que é em outro país, é um país que eles não aceitam negros. Eu esqueci o nome agora. Aí eles ficavam meio que vigiando ela o tempo todo, ela teve que ir para a delegacia por conta de ser negra. Depois eu vou lembrar o nome do país, ela foi com a igreja dela e tal, aí... É constrangedor!

(Pesquisadora): E o fato de ser uma mulher negra na imagem, você acha que tem alguma representatividade, não ser um homem?

(P13): Provavelmente. E eu lembro que eu mandei essa imagem pra minha tia.

(Pesquisadora): É mesmo? Você mandou pra ela?

(P13): Eu falei: ‘nossa, olha essa imagem’, ela: ‘é nossa, muito forte’. Ela ainda falou assim: ‘muito forte’. Mandei lá no dia mesmo, assim que eu tirei a foto, eu mandei pra ela. Não sei, veio na mente assim e eu fiz, nossa, vou mandar pra ela.

(Pesquisadora): E a raiz da árvore, por que que chama sua atenção?

(P13): Não sei, talvez algo familiar, eu tenho muito essa questão de raízes. Minha tia também fala muito essa questão de raízes, que todos os problemas da gente têm uma raiz por trás e tal. Eu gosto de natureza, e as árvores de lá eram muito diferentes. Eu achei muito bacana.

(Pesquisadora): Você é muito apegada a sua família?

(P13): Ah, sou e não, né!

(Pesquisadora): Não sei, é porque você está falando da sua família.

(P13): Não, é porque tem relação, não sei.

(Pesquisadora): Mas com a árvore especificamente, com as raízes que você viu, te remete a?

(P13): Minha família, sim.

(Pesquisadora): As raízes eram para fora?

(P13): Eram.

(Pesquisadora): Quando você pensa em raiz, o que te lembra?

(P13): A raiz é, sei lá, profundidade, não sei.

(Pesquisadora): Você já pensou quantas pessoas sentaram embaixo daqueles pés?

(P13): Sim, eu fiquei imaginando. E igual eu te falei, parece que são árvores muito antigas.

(Pesquisadora): E quando você fez o seu desenho, como é que foi o processo de criação?

(P13): Foi tranquilo. Eu sentei sozinha num banquinho que tinha lá. Assim que subia a escada tinha um banquinho. Eu sentei ali e fiquei lá desenhando.

(Pesquisadora): Mas você ficou pertinho do quadro?

(P13): Não. Eu estava com a imagem no celular. Lá dentro, a moça não queria que ficasse apoiando nas coisas não. Aí eu falei: 'eu vou pintar lá fora então'.

(Pesquisadora): E você gosta de arte?

(P13): Sim.

(Pesquisadora): O quê que você acha da arte sendo um processo criativo ali dentro do Museu?

(P13): Ah, eu acho que a arte ali dentro do Museu traz muitas histórias, né, muitas histórias e vivências. Tem um... era uma forma deles falarem, querendo ou não. Falaram o que estavam sentindo ali e é interessante porque tem, não é só obras, como eu vou dizer, escuras, tem muita obra colorida e na situação em que eles estavam, eles usarem cores, sabe, não sei, é porque eu imagino que lá era um lugar obscuro e conseguir utilizar cores assim, mexe muito com a gente. Enfim, eu acho, né?

(Pesquisadora): As cores da imagem te chamaram a atenção, então?

(P13): Sim. É, por ser um lugar, assim, que teve tanta tristeza e tal, eu achei que realmente ia ter só obras mais escuras.

(Pesquisadora): Você gostou da viagem?

(P13): Demais. Até porque eu amo Rio de Janeiro, meu pai mora lá.

(Pesquisadora): E mesmo com sua família morando no Rio, você nunca tinha ouvido falar do Bispo, nunca tinha ido lá no Museu?

(P13): Não, e tem até uma prima minha que mora na frente desse Museu. E quando eu falei... quando eu comentei com a minha tia e falei: ‘ah, o museu é lá em tal lugar...’

(Pesquisadora): Em Jacarepaguá.

(P13): Isso! Eu perguntei o pessoal lá e ela falou assim: ‘Ué, lá na frente da sua prima não sei quem lá’. E eu falei: ‘Olha!’, mas eu nunca tinha ouvido falar não. Já tinha ouvido falar do Museu do Amanhã, esses mais, que divulgam mais.

(Pesquisadora): Mas ninguém tem interesse em divulgar o sofrimento humano, né? Como é que foi para você ter ido ao Museu? Caso alguém te perguntasse sobre a viagem, o que você diria sobre a sua experiência?

(P13): Eu vou falar que foi muito bom, que o museu era muito interessante, que muita gente não conhecia e não conhece e não sabe que tinha esse manicômio, que existiu isso.

E é isso que eu falo com as pessoas, que eu fiquei impressionada e que todo mundo deveria conhecer para, às vezes, até mudar um pouco a visão das coisas, como que foram as coisas.

Antigamente, não funcionava. Aí, muitas das vezes, eu já me peguei pensando também, como que seria isso hoje, sabe?

Eu ficava, meu Deus, se, nossa, acontecesse isso hoje... Enfim...

(Pesquisadora): E como que seria, no seu pensamento?

(P13): Nossa, eu acho que eles estariam colocando todo mundo no manicômio.

(Pesquisadora): Não ia salvar ninguém?

(P13): Não ia salvar ninguém, né? Mas, de repente, tem uma revolução, aí eu fico imaginando uma bagunça danada, sabe!

(Pesquisadora): Obrigada, viu?

(P13): De nada!

#### **Participante 14 (P14)**

(Pesquisadora): Nós vamos iniciar a entrevista coletando alguns dados pessoais, ok? Qual é o seu nome?

(P14): P14

(Pesquisadora): Sexo?

(P14): Feminino

(Pesquisadora): Qual é a sua data de nascimento?

(P14): 15/02/2008

(Pesquisadora): Qual é a sua escolaridade?

(P14): cursando o Ensino Médio do Colégio Anglo.

(Pesquisadora): Como é que você ficou sabendo da viagem?

(P14): Eu tinha acabado de entrar no teatro, foi o primeiro ano que eu entrei para o teatro. Eu estava lá na roda e M., nossa professora de teatro, ela falou que tinha chance de levar na nossa escola, quem se interessa por esse lado da arte, psicologia, o povo do grupo do teatro mesmo... que a gente teria oportunidade de visitar esse Museu. Uns meses depois confirmou mesmo essa viagem. Foi assim.

(Pesquisadora): E você já tinha ouvido falar do Museu?

(P14): Nunca.

(Pesquisadora): E do Arthur Bispo do Rosário?

(P14): Não tinha nem ideia.

(Pesquisadora): Você já tinha visto alguma obra dele?

(P14): Não. (Risos).

(Pesquisadora): É porque às vezes a gente viu uma obra de arte, mas não sabe quem a fez.

(P14): Nada!

(Pesquisadora): Lá no Museu, qual foi a imagem que mais lhe tocou? O que te chama mais a atenção?

(P14): É o piano.

(Pesquisadora): Você tem vontade de tocar?

(P14): Sim.

(Pesquisadora): Mas você toca piano?

(P14): Tocar para valer não. O primeiro contato que eu tive com o piano foi lá e tocar eu toco violão. Eu estou aprendendo a tocar.

(Pesquisadora): Durante a viagem foi pedido para que vocês representassem alguma coisa que tinha te chamado a atenção. Esse desenho que você faz, você vê lá?

(P14): Eu não prestei atenção no que ele falou, mas eu lembro que esse carro estava lá, isso aqui era uma placa que estava escrito, acho que do lado de fora, que era bem grande, o povo estava tirando foto lá e tudo mais. Isso aqui eu acho que também era de lá. Isso aqui é algo aleatório que eu fiz, porque eu acho que ele falou, desenha qualquer coisa aí...

(Pesquisadora): ... que você quiser?

(P14): É! Isso aqui eu desenhei minha cidade, é minha cidade sim, C. Isso aqui é a roça. Eu desenhei a roça com o cavalo. Isso aqui eu não lembro porque eu desenhei não, mas tem alguma coisa a ver com arte.

(Pesquisadora): Esse carro aqui é o quê, uma ambulância?

(P14): É o táxi que estava lá. Realmente é a escultura de um táxi mesmo que tem lá.

(Pesquisadora): Mas era uma obra de arte?

(P14): É.

(Pesquisadora): Ah, eu achei que era um táxi mesmo, de verdade.

(P14): Não, é uma obra de arte mesmo.

(Pesquisadora): É como se tivesse uma escultura de um carrinho?

(P14): Sim.

(Pesquisadora): E os outros foram criações?

(P14): É.

(Pesquisadora): E esse aqui? Era de lá também?

(P14): Eu não lembro, eu acho que deve ser, porque eu não sei porque eu ia fazer um bichinho desses.

(Pesquisadora): E essa menina pendurada?

(P14): Eu não tenho ideia.

(Pesquisadora): Alguém tentando suicídio?

(P14): Talvez.

(Pesquisadora): Ela está pendurada pela perna?

(P14): Eu não tinha nem percebido isso.

(Pesquisadora): É, mas ela não está pendurada pelo pescoço, ela está amarrada pela perna. Como se estivesse capturada?

(P14): É. Eu não entendi porque eu desenhei, eu não tô lembrando, faz tempo já.

(Pesquisadora): Você costuma fazer desenhos assim?

(P14): Faço.

(Pesquisadora): Da mesma forma que aqui está representado?

(P14): É! Aqui tem o apelido.

(Pesquisadora): O seu?

(P14): É. Aqui de C., Cajhu. Isso aqui é coisa que eu devia ter apagado, porque quando eu fui, a menina que foi comigo, a gente namorava. Ela é do Anglo, a gente terminou, então...

(Pesquisadora): Era uma menina?

(P14): É!

(Pesquisadora): Então tem o desenho dela aqui também?

(P14): Tá aí! Daqui a pouco a diretora pediu para eu chamar ela para conversar com você.

(Pesquisadora): Como é para você, vocês estarem na mesma sala?

(P14): Então, a gente terminou não foi por briga, nem por nada. É porque a mãe dela realmente não aceitava. Aí ela falou para não machucar mais eu, que era melhor a gente terminar. Nossa relação, a gente não conversa, mas gente se dá bem assim. A gente conversa de vez em quando, quando eu vejo que ela está mal, quando eu também estou mal, a gente conversa sim.

(Pesquisadora): Então vocês ainda se gostam?

(P14): É! Minha mãe aceitou bem de boa assim, ela realmente gostava da G., mas a mãe dela...

(Pesquisadora): Não é a mesma coisa?

(P14): É.

(Pesquisadora): Isso te magoa?

(P14): (Silêncio, choro).

(Pesquisadora): Vocês ficaram juntas quanto tempo?

(P14): Quatro, seis... meses.

(Pesquisadora): E ela é da sua cidade também?

(P14): Não.

(Pesquisadora): Então como vocês se encontravam?

(P14): Ah, porque assim, eu venho todo dia para cá. Vou para C. só de tarde.

(Pesquisadora): Você acha que ela ainda gosta de você?

(P14): Acho que sim.

(Pesquisadora): Não fica emocionada não! É difícil esse enfrentamento, nem todo mundo aceita mesmo. Na família dela tinha alguém que aceitava?

(P14): O tio, tem o pai dela, que ele é de boa, só que ele escuta mais a mãe. Tem a filha e tem a mãe. A mãe estava triste por ela ser minha namorada, aí o pai fica do lado mãe, não dela.

(Pesquisadora): Entendi. Isso que a gente viu lá no Museu, tem a ver um pouco assim... Eu não sei se você prestou atenção naquela parte em grupo, que eles falavam que antigamente quando as pessoas eram negras, ou quando elas eram pobres, moradores de rua, ou até quando elas tinham uma relação homoafetiva, elas iam parar tudo lá.

(P14): Eu vi o homem falando isso.

(Pesquisadora): Isso te impactou de alguma forma? Você chegou a pensar sobre isso?

(P14): Pensei, qual é o problema? Você acha que você é doida pela cor que ela é, pela condição que ela tem, pela sexualidade dela? O quê que isso impacta na sua vida? No caso, você não tem nada a ver com a vida dela. Não muda nada na sua.

(Pesquisadora): Sim. E hoje em dia tem muito preconceito ainda. É triste quando o preconceito está dentro da família.

(P14): Então, a minha mãe, a minha família assim realmente apoia, a minha família é bem... e por mais que não seja a minha família toda, eu tive apoio. Na minha família não tem preconceito nem nada não. No começo foi meio que um choque entre aspas para a minha mãe, ela entendeu.

(Pesquisadora): Você gostou da viagem?

(P14): Muito.

(Pesquisadora): É mesmo?

(P14): Eu nunca tinha ido no museu, nada desse tipo, então foi muito choque, quando eu cheguei lá... (Espanto!) Eu estou num museu!

(Pesquisadora): É desse jeito mesmo! (risos).

(P14): E como eu estava com a pessoa que eu gostava, que eu estava namorando, foi melhor ainda. A G., eu vejo a M. como uma mãe para mim, com o povo do teatro que eu tenho amizade assim, então, lá foi tudo muito bom. O povo lá é muito atencioso, bem gente boa. O povo que estava no ônibus da Univiçosa também foram uns queridos. Eles estavam cantando na viagem assim, eles são muito de boa.

(Pesquisadora): Das partes que você desenhou, qual que você mais gosta?

(P14): Essa.

(Pesquisadora): Porquê?

(P14): É porque é um bonequinho, ele é todo esquisitinho, mas eu gosto dele. Ele é um pouco estranho, mas ele me chama um pouco a atenção.

(Pesquisadora): O que está escrito?

(P14): Arte... É, eu só entendo arte! Acho que nem eu entendo o que eu escrevi.

(Pesquisadora): Mas isso você acha que estava em alguma obra de arte? A escrita também ou foi você quem criou?

(P14): Isso aqui estava no... você abria, você saía do museu, aí tinha ali um bagulho bem grande, e aí estava escrito isso aí. Arte... É porque assim, eu tentei.

(Pesquisadora): E porque o táxi te chama a atenção? Era de brinquedo?

(P14): Era.

(Pesquisadora): E esse aqui você fala que é por causa da arte. Sua família é de agricultor?

(P14): É.

(Pesquisadora): Só esse aqui, esse aqui foi o que mais me chamou a atenção.

(P14): Eu realmente não lembro porque que eu fiz, mas eu tenho mania de fazer esse desenho.

(Pesquisadora): E esse aqui, é um caldeirão? Um diabinho?

(P14): É.

(Pesquisadora): Tem alguma coisa sobre a viagem que você ainda queira falar?

(P14): Tipo?

(Pesquisadora): O que você achou? Algum comentário ou pergunta que eu não tenha falado.

(P14): É tipo isso! Eu gostei bastante da viagem mesmo. Achei interessante a criação do que tinha lá mesmo, porque o Museu era considerado de gente doida né, então a arte era assim meio que a forma com que eles se expressavam.

(Pesquisadora): Sim.

(P14): Então no desenho deles, tinha alguma coisa que talvez para a gente não faça sentido, mas para eles... igual esse desenho, tem um sentido para mim. Nem eu sei explicar, mas esse desenho tem um sentido, eu não sei explicar, mas todos eles têm.

Eu fico desenhando na apostila uns trens assim nada a ver, sabe! Tem alguma coisa de mim nesse desenho.

(Pesquisadora): Tem sim! Você inteira.

(P14): As vezes a pessoa não consegue se expressar, ela silencia e a arte mostra. Esse desenho pode não fazer sentido para os outros, mas faz muito sentido para mim.

(Pesquisadora): Muito obrigada!

### **Participante 15 (P15)**

(Pesquisadora): Nós vamos iniciar a entrevista com seus dados pessoais. O seu nome?

(P15): P15

(Pesquisadora): Sexo?

(P15): Feminino.

(Pesquisadora): Qual é a sua data de nascimento?

(P15): 29/01/2000.

(Pesquisadora): Qual é a sua escolaridade?

(P15): Ensino Superior Incompleto. Estou cursando Psicologia.

(Pesquisadora): Como você se declara com relação à cor?

(P15): Branca.

(Pesquisadora): Você já fez ou faz algum tratamento psicológico ou psiquiátrico?

(P15): Não.

(Pesquisadora): Como é que você ficou sabendo da visita técnica?

(P15): Eu fiquei sabendo durante as aulas.

(Pesquisadora): Você já tinha ouvido falar do Arthur Bispo do Rosário antes da excursão?

(P15): Não conheci. Quando a professora falou do Bispo do Rosário eu estava até achando que era alguma coisa religiosa e eu estava até me perguntando assim, porque que a Andréa tá levando para um lugar religioso que tem arte? Eu fiquei muito curiosa, quis saber o que era isso, né? Até que chegou lá e descobri que não era nada de religião.

(Pesquisadora): Você foi enganada, então. Você esperava ver a arte... religiosa, arte sacra?

(P15): Mas eu nem gosto. Eu nem sou muito ligada a essas coisas de religiosidade, não, só que eu fiquei muito curiosa pra saber como que isso ia funcionar. É um cara que é esquizofrênico, que é religioso, que é Bispo.

(Pesquisadora): Ele é esquizofrênico, tinha uma temática religiosa, mas ele não é Bispo.

(P15): Pois é!

(Pesquisadora): Você conhecia alguma obra dele, do Bispo?

(P15): Não. Dele mesmo eu não vi quase nada lá, eu vi mais das pessoas que pintam, que eram... que moravam lá né. E a gente conheceu algumas das pessoas que pintaram algumas telas, foi muito legal.

(Pesquisadora): Você conheceu?

(P15): A gente conheceu todo mundo, eles estavam lá na sala, assim. Tinha uma moça que estava até pintando algumas coisas lá na hora também, foi muito legal.

(Pesquisadora): Ah, que bacana. E dentro de tudo que você viu assim da hora que você chegou até a hora que você foi embora, o que mais te chamou a atenção, o que mais te tocou?

(P15): Lá na lojinha, sabe aquela lojinha do lado do restaurante? Tem uma parede toda de quadros e pinturas e dentro dessa mesma lojinha tinha um livro que falava sobre algumas das telas que estavam lá e que a pessoa que pintou também escreveu livros, eu fiquei fascinada com isso. Eu fiquei procurando todas as obras que tinham lá no livro para poder ler.

(Pesquisadora): E era de um único artista, esse livro?

(P15): Era, eu esqueci o nome dela, mas era de uma mulher.

(Pesquisadora): Vai ver era essa que estava lá pintando e você nem sabia.

(P15): Não, eu perguntei.

(Pesquisadora): Não era ela não?

(P15): Não. rsrs

(Pesquisadora): E por que esse livro te chama a atenção?

(P15): É porque eu achei interessante ver a história do que eu estava vendo lá, o que a mulher pensou. Porque começou assim, na verdade. Estava eu, a V., a N. e a L. A gente achou um quadro dessa mulher e a gente ficou tentando decifrar o que tinha naquele quadro, porque estava uma coisa muito bizarra, que tinha muita coisa e a gente ficou tentando ver o que era aquilo. Aí a gente, de repente, viu que tinha um livro com o mesmo nome que estava no quadro. A gente procurou se tinha ele lá e descobriu. A gente viu que a gente estava certo no que a gente estava pensando, mais ou menos, né? E, a gente fez isso com todos.

(Pesquisadora): O que que era?

(P15): Era alguma coisa sobre gestação, aborto. Eu não lembro muito bem, não, mas era alguma coisa sobre isso. Eu tenho a foto do quadro aqui, se você quiser eu te mando depois.

(Pesquisadora): Ah, sim. Obrigada. Eu não sei qual dos dois foi mais importante para você, se foi o quadro ou se foi o livro.

(P15): Foi junto.

(Pesquisadora): O quadro foi importante, o livro foi importante. Depois você começou a pesquisar sobre todos.

(P15): Sim. Tava lá e o quê que tinha no livro.

(Pesquisadora): Quando você foi representar sozinha sua arte, o que você desenhou?

(P15): Eu desenhei uma... Eu esqueci qual que... Eu lembro que estava lá no lugar onde ficam as artes, num lugar todo branco. Eu lembro que me chamou a atenção porque era uma mulher meio deformada assim, com o olho só. Mas eu esqueci.

(Pesquisadora): Engraçado que os dois que você faz referência é de uma mulher, né?

(P15): Pois é.

(Pesquisadora): O primeiro você falou que é alguma coisa relacionada ao feminino, ao aborto, e esse segundo uma mulher deformada.

(P15): Se eu não me engano, eu acho que é da mesma pessoa que pintou, porque eu acho que eu estava querendo procurar alguma coisa dela, mas eu não tenho certeza.

(Pesquisadora): O que é que você fez no seu desenho?

(P15): Eu desenhei a mulher e escrevi uma frase lá que estava... Tinha tipo uns panos grandes, assim, com uns escritos super impactantes. Aí eu vi uma frase lá que me chamou a atenção e eu coloquei isso no desenho.

(Pesquisadora): A frase tinha a ver com o quê?

(P15): Com a experiência deles. Era alguma coisa sobre a loucura. Eu não lembro o quê que era.

(Pesquisadora): Mas você copiou a frase do quadro ou você ficou colocando palavras suas?

(P15): Não, eu copiei uma frase que me chamou a atenção que estava lá nesses panos.

(Pesquisadora): Você ficou sentadinha embaixo do quadro desenhando?

(Pesquisadora): Fiquei.

(Pesquisadora): Seu jeito de descrever... Me passou essa ideia.

(P15): Estou aqui olhando. Essa mulher aqui... Está no quadro do lado, escrito na frente. E aí eu fui só olhando assim e fazendo.

(Pesquisadora): Mas por que uma mulher num contexto manicomial te chama a atenção?

(P15): Ah, eu não... pra te falar a verdade, eu não sei por que que ela me chamou a atenção, mas eu sei que eu fiquei muito assim, na hora que eu vi aquele quadro, que eu estava procurando, 'meu Deus, que quadro que eu vou fazer aqui, o que que eu vou fazer?'. Aí na hora que eu vi esse quadro, eu falei, 'ah, é isso aqui que eu vou fazer', eu gostei. É bonito também esteticamente.

(Pesquisadora): Você pode recriar sua imagem se você quiser, não tem problema não, se você quiser colorir, ou fazer alguma interferência, complementar com alguma coisa.

(P15): É, e vai ser até bom, porque eu fiquei com vontade de colorir, porque era um quadro bem colorido.

(Pesquisadora): A gente teve duas exposições, e depois teve esse lugar de circular e de ver, algo que chama a atenção, como é que isso fica pra você? Você já tinha ido num lugar parecido?

(P15): Não. A única coisa que eu já tinha visto de parecido era aquele documentário, o livro e tudo mais do Hospital de Barbacena.

(Pesquisadora): Mas nem em Barbacena você foi, não?

(P15): Não. Sou doida para ir lá e é tão pertinho. Mas ficou muito assim, que parece que as pessoas que saem desse lugar têm um movimento em comum, que é um movimento de muita liberdade, né? Porque tudo que eles fazem tem a ver com liberdade, não sei o quê.

Mas faz muito sentido, né? Porque eles viviam presos lá. Mas foi o sentimento que ficou assim pra mim, que eles querem se sentir muito livres agora, e eles usam a arte, a fala e tudo como um meio de buscar essa liberdade também, né? Acho muito bom.

(Pesquisadora): E você também busca a liberdade?

(P15): Ah, todo mundo, né? Não uma liberdade total, porque também é ruim. Você ser totalmente livre, mas ser preso também é ruim. Então é um meio termo aí.

(Pesquisadora): Na sua história de vida, você já se sentiu assim, aprisionada?

(P15): Não.

(Pesquisadora): E tem alguma coisa na tua história, de memória, lembrança, que você consegue associar com o que está me trazendo?

(P15): Que até eu, uma jovem de 23 anos que bebe e às vezes sai bêbada pela rua, podia estar lá.

(Pesquisadora): Sair bêbada pela rua?

(P15): Quando você sai de uma festa depois de ter tomado umas, assim, seria um motivo pra eu estar presa num lugar desses naquela época.

(Pesquisadora): Você já foi julgada por ser mulher?

(P15): Ah, com certeza.

(Pesquisadora): Me fala um exemplo.

(P15): É o tipo de roupa que eu visto, por exemplo, é que eu às vezes gosto de vestir umas roupas curtas e tal. E eu já tive familiares que falaram que eu não ia ser ninguém na minha vida porque eu gosto de usar uma saia curta.

(Pesquisadora): Sério? O julgamento é maior dentro de casa?

(P15): Dentro de casa não, porque meus pais nunca falaram nada comigo, é por isso que quando falam não me afeta, sabe? Porque quem tem que se importar mesmo nunca falou nada. Veio mais de tias que moram próximas, mas não são próximas.

(Pesquisadora): Mas te colocando num lugar de vulgaridade, é assim?

(P15): É, porque eu sou muito festeira, gosto muito de ir pra festa e tudo mais, aí elas acham que por causa disso eu sou uma folgada, que não faz nada, que não quer nada da vida. Mas eu vou porque eu gosto da diversão, né? Com os meus amigos, gosto de dançar. Não vou pra esse negócio de piriguete, de ter vários e tudo mais não. E roupa, eu gosto de umas roupas assim, mais bonitinhas.

(Pesquisadora): A gente viu muito pouco do Bispo, mas ele tem um tema central que é o Juízo Final na obra dele: julgar os vivos e os mortos, se você vai para o céu ou vai para o inferno. Você acha que quando você fala isso do feminino, de ser julgada, por exemplo por uma roupa, ali também tem uma espécie de Juízo?

(P15): Ah, sim, com certeza. De uma sociedade que gosta de ditar o que é certo e o que é errado, né?

(Pesquisadora): Sim, definir o que a pessoa é pelo que veste, por exemplo. Essa mulher que você representou, você acha que, de uma certa forma, também foi isso o que aconteceu com ela?

(P15): Ah, foi mesmo, que nesse quadro que ela estava contando, ela falou que passou por um aborto e a família julgou, alguma coisa assim, que ela não servia para ser mãe. Eu não lembro direito da história, mas era alguma coisa que ela passou por um juízo final também.

(Pesquisadora): Dentro dessa ideia de que se você é julgada, você vai para o céu ou para o inferno, por exemplo, você falou que você não é religiosa, né?

(P15): Sim, eu não tenho nenhuma religião, mas eu acredito em Deus.

(Pesquisadora): Eu ia te perguntar o que é o céu para você?

(P15): Para mim, de verdade, o céu é só aquela coisa que a gente vê, porque eu não acredito nesse negócio de céu, inferno não. Pra mim é algo muito mais além do que isso, tá?

(Pesquisadora): Me explica isso: aquilo que a gente vê é o azul do céu.

(P15): É o céu com as nuvens e o sol lá. Ou você está perguntando metaforicamente? Porque eu não acredito em céu e inferno. Eu acredito até em reencarnação, assim, que as pessoas podem voltar em algum momento. Então, não sei se para mim existe essa coisa de...

(Pesquisadora): Eu fico pensando nos exemplos que você trouxe, buscando fazer uma associação. Se ser julgado por uma roupa, julgado por um aborto poderia ser considerado um inferno, o céu talvez fosse a liberdade. Você falou muito de liberdade também.

(Pesquisadora): Você falou muito de liberdade também.

(P15): Mas a liberdade também tem seu preço, não é?

(Pesquisadora): Qual que é o preço da liberdade?

(P15): Nossa, é tão difícil falar disso. Eu não sei dizer qual é o preço da liberdade, mas eu sei que não é tão simples assim igual todo mundo fala. Talvez o preço da liberdade seja o julgamento que vem de fora.

(Pesquisadora): Você gostou da viagem?

(P15): Nossa, eu amei. Gostei muito. Eu achei incrível a gente poder ver lá e conhecer as pessoas que pintam aqueles quadros, que já moraram naquele lugar horrível. É meio que, tipo assim, isso aqui existiu mesmo, sabe? As pessoas ainda estão aqui pra contar a história.

(Pesquisadora): É, uma coisa escrever no livro, né? Que também é importante! Mas outra coisa é você ouvir a pessoa te contando.

(P15): É. E eram pessoas assim, que você olha para o quadro, se você olhar para a pessoa, se você for julgar pela aparência dela, você vai pensar, aquela pessoa nunca faria isso. Mais uma vez, olhando com o olhar de julgamento, né?

(Pesquisadora): Da aparência?

(P15): Pois é.

(Pesquisadora): A aparência está forte na sua fala.

(P15): Não, é porque eu e as meninas, a gente comentou sobre isso.

(Pesquisadora): Eu sei, mas assim, eu não estou falando num sentido negativo, não. É que é engraçado te escutar, porque toda a tua narrativa passa pela aparência: aparentemente não pode abortar; aparentemente o vestido; aparentemente aquela pessoa nunca faria isso. Sabe? E, na verdade, ao mesmo tempo, me parece que você está reafirmando e eu estou concordando com você, um lugar de que: eu não sou o que eu visto; a outra pessoa não deixou de ser quem ela era por causa do aborto; ou, o cara é genial porque ele pinta.

(P15): Não tinha reparado nisso.

(Pesquisadora): Mas é uma mesma cadência. Como se mudasse a imagem, mas continua reafirmando a mesma coisa. E eu acho isso incrível! Enfim, muito rico isso que você traz. Muito legal. Tem alguma coisa que eu não falei aqui que você queira falar?

(P15) Acho que não. Não me vem nada na cabeça agora, não.

(Pesquisadora): Obrigada, então, viu?

### **Participante 16 (P16)**

(Pesquisadora): Nós vamos iniciar a entrevista coletando alguns dados pessoais, ok? Qual é o seu nome?

(P16): P16

(Pesquisadora): Sexo?

(P16): Feminino.

(Pesquisadora): Qual é a sua data de nascimento?

(P16): 08/09/2000.

(Pesquisadora): Qual é a sua escolaridade?

(P16): Graduanda em Psicologia.

(Pesquisadora): Como você se declara com relação à cor?

(P16): Branca.

(Pesquisadora): Você já fez ou faz algum tratamento psicológico ou psiquiátrico?

(P16): Sim, psicológico.

(Pesquisadora): Como é que você ficou sabendo da visita técnica?

(P16): Acho que foi a divulgação na sala. Então, foi na sala de aula que eu fiquei sabendo.

(Pesquisadora): Você já tinha ouvido falar do Arthur Bispo do Rosário antes da excursão?

(P16): Não, não conhecia.

(Pesquisadora): Não?

(P16): Não. Fiquei sabendo da história um pouco mais sobre ele a partir da visita mesmo, mas não nesse tempo da graduação, não, não sabia. Eu estava achando até que ele era realmente um Bispo, assim, depois que eu fiquei sabendo da história dele, né? É realmente um desconhecimento mesmo.

(Pesquisadora): Você conhecia ou já tinha visto alguma das obras dele, mesmo sem saber que era dele?

(P16): Não.

(Pesquisadora): Lá no Museu, qual foi a imagem que mais te tocou? De tudo que você viu lá, o que mais chamou sua atenção?

(P16): Nossa, é difícil essa pergunta. Tem muitas imagens, então acaba que a gente entra em contato com muita coisa. Mas eu acho que, assim... É até engraçado, porque o que eu desenhei... é que... muita coisa impacta a gente, mas eu tenho a sensação de que aquilo que eu desenhei me trouxe uma certa familiaridade, sabe? Foram imagens que me pareciam familiar.

Eu lembro de uma imagem que tinha um balanço, e agora eu não consigo me recordar de tudo que tinha nela, mas eu lembro da sensação de tipo assim, o balanço específico foi o que eu consegui desenhar. Então, eu meio que passei por ele, porque era uma parte lá que tinha várias imagens. Depois, eu passei por ele de novo e olhei para aquela imagem e falei: “Nossa, eu preciso desenhar esse balanço”. E aí ficou o balanço específico.

E também uma imagem que era uma foto, tinha uma parede com várias fotos. Imagino que sejam retratos da época que era o manicômio mesmo, essa é a sensação que eu tinha. E eu desenhei uma mão, que era uma das fotos lá, que era uma mão desenhando uma casinha. Algo muito simples, assim.

Dentre a imensidão daquilo tudo, de imagens que de certa forma são complexas, aquilo era algo muito simples. Mas eu não sei explicar muito bem, mas aquelas fotos me chamaram muito a atenção.

A imagem da balança, do balanço, eu não tirei foto, então eu não me lembro muito bem do que estava para além do balanço, porque, de certa forma, a minha conversa foi com o balanço. Mas dessa eu tirei, eu tirei foto do mural de fotos e tirei foto dessa parte que eu desenhei também.

(Pesquisadora): A sua imagem tem os dois?

(P16): Tem os dois.

(Pesquisadora): Na sua imagem tem o balanço e tem a mão?

(P16): Exato, tá dividido assim. E tem uma frase também, mas eu não lembro qual que é a frase, mas eu lembro que foi uma lá que tinha uns escritos caídos e eu escrevi uma das frases que estava lá.

(Pesquisadora): Foram dois artistas diferentes então, pelo que você está dizendo.

(P16): Foi. Um eu acho que eu não vou lembrar o nome, mas foi um homem, eu acho, se eu não estou enganada, porque estava dividido e uma parte, entre as obras dele e as obras de uma mulher que a gente chegou a conversar. E esse balanço estava no meio termo, então eu não sei se é dele ou se é dela.

(Pesquisadora): Te escutando, essas imagens me lembram um conteúdo de infância, não é não? Um balanço, uma casinha?

(P16): Sim. E eu também tenho essa sensação, né? Eu tenho uma coisa com balanço porque vem da minha infância mesmo, na casa dos meus avós paternos tinha um balanço, que a gente brincava muito lá, então vem desse lugar.

E eu também comecei a trabalhar numa escola, né? Fazer estágio em uma escola. Quando eu entrei na escola, comecei a ter muito déjà vu no parquinho da escola, e lá tem duas gangorras. E eu falei, “nossa, que engraçado”, mas acho que, eu penso tipo assim, essa sensação de déjà vu, é como se eu tivesse já vivido aquela cena, acho que vem muito de um lugar de escola também, que acaba que na minha fase de escola... escolas de criança tem balanço também, mas eu não sei, acho que é um conteúdo mesmo de infância, desse lugar de familiaridade também.

(Pesquisadora): Como é que foi para você o seu processo de criação da imagem?

(P16): Como assim?

(Pesquisadora): Ah, se você gostou do desenho que você fez, se você não gostou, se foi fácil fazer, enfim, como é que foi para você criar uma imagem?

(P16): Foi tranquilo, assim, foi confortável, eu acho que pela escolha das imagens também, por essa familiaridade, sei lá, foi algo gostoso de se fazer, sabe?

E eu gostei do resultado final, não foi uma coisa que eu olhei e falei assim: “Ai, eu não gostei”, eu gostei do resultado.

(Pesquisadora): Eu vou te devolver e você pode colorir se quiser, ou modificar, acrescentar alguma coisa.

(P16): É bom que eu lembro da frase também porque eu não lembro da frase e eu gostei muito dela, mas passou.

(Pesquisadora): Que sentimentos, lembranças, recordações você tem quando você recria ou quando você entra em contato com a obra?

(P16): (Silêncio).

(Pesquisadora): Você escolhe uma imagem, seleciona essa imagem, faz um desenho. Você consegue fazer algum tipo de associação? O que isso te recorda? Que memória isso traz para você?

(P16): Nossa, que pergunta difícil.

(Pesquisadora): A gente pode dividir a pergunta. Então assim, que recordações, que lembranças ou memórias te ocorrem quando você tem... ao desenhar sua imagem? Então, você escolhe um balanço, você escolhe uma casinha. Vem alguma memória, recordação, lembrança, sentimento?

(P16): É isso que eu falei. Não tenho uma lembrança específica em relação ao balanço. Mas quando eu desenho esse balanço me traz a recordação dessa época da infância que eu ia brincar, por exemplo, na casa dos meus avós paternos. Então, me traz uma sensação de aconchego mesmo dessa fase da infância, uma memória boa, uma memória... que enfim, é gostosa de lembrar, mas não tem algo específico em relação ao balanço que eu me recordo, sabe? Uma lembrança específica.

(Pesquisadora): E da casinha também? A casinha também te dá essa mesma sensação?

(P16): Me dá. É porque é muito simples. Se eu te mostrar a imagem, você vai ver. Então me parece a casa que, tipo assim, um desenho de criança, sabe? Mas a mão é de um adulto.

(Pesquisadora): Entendi.

(P16): E eu fico... É até engraçado porque lá, são muitas imagens... que são complexas, né? Que nem eu falei. O que me chama a atenção é justamente essa mão de um adulto desenhando algo que me parece infantil, que é algo muito simples. Dá uma sensaçãozinha assim de aconchego, sabe?

(Pesquisadora): Você acha que ali é uma recordação? Se você fosse imaginar o processo de criação do autor, do artista lá da obra, você acha que é uma recordação dessa infância? Como é que isso te soa?

(P16): Ah, acho que sim. Acho que... Porque o balanço, falando do balanço, o balanço me parece uma coisa da infância, geralmente quem aproveita o balanço é a criança mesmo. E até o desenho, o outro desenho, que é o da foto, que é uma casinha, me parece algo mais infantil também. Então acho que pode ser, de fato, essa associação, né? com essa fase...

(Pesquisadora): Quando eu te escuto, me dá um pouco a impressão que a imagem era de uma época anterior ao manicômio, como se o artista fosse representar algo anterior àquela época.

(P16): Exatamente isso, não é aquele lugar, a representação daquele lugar, é algo de antes.

(Pesquisadora): Antes de um sistema asilar, havia uma infância.

(P16): Exato.

(Pesquisadora): Você gostou de ter ido no Museu?

(P16): Eu amei.

(Pesquisadora): É?

(P16): Ah, eu amei. Eu achei o máximo. Foi muito bom, muito bom. A troca com as meninas, né? Ver o que chamou atenção, a gente ficava conversando sobre as obras. Enfim... Ver aquele tanto de imagem, a gente também chegou a conversar com uma das mulheres lá.

Eu lembro que eu perguntei pra ela se ela já pintava, porque assim, um talento absurdo. Eu falei pra ela: ‘você pinta assim, desde pequena, isso surge desde nova?’ e ela falou... ela falou que não, que surgiu a partir desse passar pelo manicômio. Então, a arte surge desse momento, e ela começa a se expressar através das pinturas. Aí eu falei assim, ‘cara, que incrível’.

(Pesquisadora): Eu vejo como que está relacionada a arte com a saúde mental.

(P16): Lá fica muito explícito isso, muito!

(Pesquisadora): Você queria complementar, fazendo algum comentário, alguma observação, que eu porventura não tenha contemplado? Você quer falar mais alguma coisa?

(P16): Não, eu acho que não. Eu acho que essa última pergunta sua contemplou, se eu realmente gostei do passeio. E essa conversa com essa mulher ficou muito na minha cabeça! De pensar que... Às vezes eu olho uma imagem, um artista, imagino que aquilo vem desde pequeno, como se fosse um talento nato. Na verdade, não, né? A arte é um lugar de expressão mesmo. Então, quando eu vivenciar algo que tem esse silenciamento, de certa forma, eu não consigo nem falar sobre isso pensando nessa fala verbal, oral. A pessoa se expressa de outra forma. Então, isso me marcou muito.

(Pesquisadora): É bem legal! Obrigada, viu! Obrigada pela disponibilidade, por estar aqui fazendo essa troca comigo.

### **Participante 17 (P17)**

(Pesquisadora): Nós vamos iniciar a entrevista coletando alguns dados pessoais, ok? Qual é o seu nome?

(P17): P17

(Pesquisadora): Sexo?

(P17): Feminino.

(Pesquisadora): Qual é a sua data de nascimento?

(P17): 27/03/1998.

(Pesquisadora): Qual é a sua escolaridade?

(P17): Graduação em Psicologia.

(Pesquisadora): Como você se declara com relação à cor?

(P17): Parda.

(Pesquisadora): Você já fez ou faz algum tratamento psicológico ou psiquiátrico?

(P17): Psicológico e Psiquiátrico.

(Pesquisadora): Como é que você ficou sabendo da visita técnica?

(P17): Em sala de aula.

(Pesquisadora): Você já tinha ouvido falar do Arthur Bispo do Rosário antes da excursão?

(P17): Não.

(Pesquisadora): Conhecia alguma das obras dele?

(P17): Não.

(Pesquisadora): Lá no Museu, qual foi a imagem que mais lhe tocou?

(P17): Estar ali me impactou bastante. Meus colegas me chamaram para ir para a praia, depois da apresentação em grupo, mas eu optei por não ir. Sobre a questão de eu não ter ido com os meninos para a praia, eu até cheguei a fazer o movimento de incentivá-los: 'Não, quer ir vai né!' E tudo... E para a I. era muito importante a ida dela, mas acaba que... eu quase que eu fui, mas foi um movimento assim, eu estava indo pelo outro né, eu estava indo porque era importante para ela, então como um lugar de (abre aspas) amizade. Eu estava indo acompanhar, mas durou pouco tempo essa sensação de 'Ah, eu vou por causa do outro', sabe. 'Ah eu vou por causa dela, porque é importante para ela'.

Mas isso rapidamente veio: 'É importante para ela. O quê que é importante para você?' E aí estava pronta né. 'O importante para você é continuar aqui, foi para isso que você veio'. Não era nada importante para mim ir para a praia, sabe! O importante para mim era estar ali. Meu objetivo e tudo era estar ali.

E como eu estava me sentindo em casa! Nossa, essa era a sensação que eu tinha de estar ali, eu estava em casa. Eu me senti, parece que, compreendida através das artes que eu via. Não sei te dizer muito, mas realmente assim, o quê que eram essas identificações, mas eu realmente me senti em casa. Me senti de que estava tudo bem, que essa loucura que às vezes é colocada assim, de que ela é cores também, que ela pode se tornar cores. E assim sabe, é assim que eu me sentia. Eu me sentia que estava num inconsciente que eu estava conectada a ele ali.

Eu cheguei a compartilhar... agora eu estou lembrando aqui que eu visualizei a áurea de um rapaz lá e a áurea dele era amarela. Só dele que eu consegui ver isso. Estava muito assim, não

sei se é áurea também que eu consegui ver, mas eu consegui ver um contorno em volta da pessoa e era uma luz amarela. Enfim. Mas foi isso assim, ali eu agi de uma forma bem que eu fui congruente comigo mesma, de fazer o que era importante para mim, o que eu tinha andado quilômetros para fazer, sentir esse ar da arte.

Eu não tenho hábito de ir em museus por falta de oportunidade mesmo, então teve um acúmulo né, tanto da experiência de um museu, tanto a experiência da história do Bispo do Rosário que a gente aprendeu, conhecer um pouco mais sobre ele. E tanto essa identificação mesmo com a arte, com as telas, com as escritas. Então resumindo tudo, eu me senti em casa, eu me senti muito conectada ali e eu estava muito à vontade com tudo o que surgia. Eu estava... Algo me disse assim: Tá tudo bem ser como você é, tá tudo bem o jeito que você é, ou tá tudo bem ser assim. E eu nem sei dizer que jeito é esse como se é, só estava parecendo mesmo que estava tudo bem, eu tô em casa e é isso mesmo! E dei como uma afirmação no momento, para mim ali, que estava nesse processo de arte tudo... enfim, foi muito bom, foi uma conexão muito grande que eu tive ali.

Eu não elaborei muito bem o quê que foi tudo isso sabe, só fico mais com a experiência mesmo, talvez eu te dizendo agora sobre, posso estar me organizando mais, mas eu fiquei mais com a experiência de estar lá me sentindo tão conectada ali com o ambiente, o clima, o ar daquilo tudo, sabe!

(Pesquisadora): Como foi para você o processo de criação?

(P17): Eu fiz um desenho abstrato, inspirada nas artes que observei. E fui escrevendo umas frases também. Foi legal!

(Pesquisadora): Que sentimentos, lembranças, recordações você teve ao recriar a obra?

(P17): Eu me recordei de um episódio que eu vivi na Igreja Católica. Pelo fato de eu ter crescido na Igreja Católica eu tive então vários momentos né. Não foram muitos assim, mas não foi somente um. que tem algo relacionado à Eucaristia, que na verdade é a hóstia, o coração eucarístico.

A experiência que eu tive de uma adoração do santíssimo que estava acontecendo e... aí eu me conectei de alguma forma, eu senti a presença, eu acho que foi algo parecido com isso. Eu não sei se tem que ser alguma coisa a ver assim, alguma coisa no mesmo período do tempo que a arte foi feita, porque já se passou um tempo que a produzi.

Recentemente inclusive né, assim, eu achei que eu não ia voltar para Viçosa, e acabei voltando e aí meu primeiro momento aqui foi com Deus, eu tive uma sensação de levitação enquanto eu fazia orações e do mesmo jeito eu senti a adoração do Santíssimo. Então eu lembro que tem

algo relacionado com alguma adoração do Santíssimo que eu fui e que eu me senti conectada. Talvez se eu ver a arte que fiz eu consigo me conectar aí neste lugar. Mas se isso não fizer diferença eu posso compartilhar outras experiências também, que talvez possa te agregar.

(Pesquisadora): Eu vou adorar ouvir suas experiências.

(P17): Eu acredito que resumindo as três experiências mais fortes assim que ficaram para mim, é... as três tem relação com a adoração do Santíssimo, nesse momento de Adoração e Oração e que foi... a primeira que eu era bem nova, pode ter sido essa que eu compartilhei, em que eu orava muito forte pela minha avó, pela saúde da minha avó. Era uma criança, tinha muito medo de perde-la, e eu senti a presença ali de Deus do meu lado, me abraçando e eu senti de fato a presença dele, eu senti que foi real, muito real e eu senti que me deixou muito consolada e tranquila.

E teve uma segunda que eu relacionei mais diretamente com meu desenho, que eu me senti um pouco chateada, uma vez que eu estava também numa adoração porque o cara que estava falando as coisas assim que não é um padre, o celebrante assim que fica passeando enquanto o padre está passeando com o Cristo, aí ele falou uma coisa que me chateou, que era em relação à homossexualidade, que era pedir perdão da sua homossexualidade, então ali eu também senti um desconforto grande por aquilo, por que eu estava começando a me descobrir. É muito ruim quando você começa a se descobrir e tem que pedir perdão por isso, sabe! – um pedido de perdão por ser quem se é. E aí causou um conflito e eu tive uma sensação também ali, depois desse conflito, esse aperto, uma sensação de tranquilidade em que eu senti a presença de Deus, meio que falando para mim que não era isso que Ele estava me dizendo. Ele não falou, eu só senti que não era isso, não era Ele que estava falando aquilo, então que não era para eu escutar aquilo.

E a mais forte de todas, a primeira e a terceira eu acho que são as mais fortes, que é essa que eu compartilhei por último, que eu estava ainda numa fase bem complicada, não sabia se eu ia continuar aqui em Viçosa, eu cheguei a ir embora e voltei, e aí quando eu voltei na minha primeira noite, no meu primeiro momento aqui, nos primeiros minutos aqui em Viçosa, eu liguei a televisão às três horas da manhã, não sou de assistir televisão. Nesse dia eu liguei a televisão às três horas da manhã, porque eu estava com insônia é claro, e estava rolando uma adoração do Santíssimo e aí eu orei com muita fé, eu orei com muita fé para Deus abençoar minha trajetória aqui, esse retorno aqui estava tudo incerto, tudo incerto eu tinha perdido tudo, eu só tinha um diploma e um sonho, e o resto eu perdi tudo. Sabe, eu rezei com muita fé, e de olho fechado e tudo, com a respiração e eu me senti levantar da cama, então eu conseguir

visualizar eu me desprendendo da cama. Pode parecer loucura, eu estava sóbria, estava muito sóbria e não foi viagem, foi real mesmo, para mim Deus falou comigo ali naquele momento. Não foi só uma presença que eu senti, um diálogo mesmo. Foi uma orientação, ele me deu uma orientação ali, eu ouvi.

E é isso! Então assim, pouco tempo depois de tudo isso eu retornei pro Centro Espírita, que é o local onde eu estou mais me encontrando ultimamente, que estou frequentando e que está me fazendo muito bem.

(Pesquisadora): Você é Espírita: Qual é a sua religião?

(P17): Eu fiquei na dúvida como responder, porque eu não considero que eu tenha uma religião hoje, sabe! Eu recebi todos os sacramentos da Igreja Católica, só não recebi o sacramento do casamento, mas eu recebi até a Crisma e hoje eu não frequento, hoje eu não frequento a Igreja Católica e eu frequento o Centro Espírita. Mas eu também não me considero que eu sou espírita, o Espiritismo como uma religião. Então eu prefiro dizer que eu não tenho uma religião no momento, mas eu tenho algumas identificações com o Espiritismo.

A Igreja Católica mesmo eu vou quando eu estou na minha casa, lá na minha família que eu acompanho, mas o meu movimento de ir no templo católico não. Pode acontecer de dar uma passada fora do horário de missa. Eu estou dizendo que eu não vou à missa, assim, o meu movimento. Eu vou nas reuniões, palestras do Centro, recebo o Passe e tudo. Mas eu faço orações da Igreja Católica, acredito em Deus, claro! Em tudo! Mas, seguir a doutrina assim da Igreja Católica, eu já não me identifico mais.

Então eu não sei como responder essa pergunta da religião, mas o que mais se resume é isso. Fui criada na Igreja Católica, batizada e crismada, não sigo mais essa doutrina, mas eu faço orações da Igreja Católica: Pai Nosso, Ave Maria, Salve Rainha, Credo, Anjo da Guarda, acendo vela, tenho fé em Nossa Senhora Aparecida. Eu tenho as minhas convicções de fé, no que eu acredito e tudo, tenho os meus rituais, mas eu não sou praticante de me movimentar, de um movimento que vem de mim para eu ir à Missa, algo assim, somente na minha casa para acompanhar minha avó, minha mãe, essas coisas. O movimento que eu faço é para ir no Centro Espírita. Então eu não sei se respondi assim essa parte da religião, mas foi o que eu consegui elaborar aqui agora.

(Pesquisadora): Você deseja fazer algum comentário ou pergunta que porventura eu não tenha contemplado?

(P17): Então, só para complementar, da experiência que eu falei que foi a segunda então. Então foi exatamente isso, eu tive essa experiência de ter que pedir perdão por quem eu era. O que

pegou foi isso! Eu estava descobrindo quem eu era, eu tinha ali por uma faixa de treze, catorze anos e então eu tive que... estava ali me descobrindo e tudo, e compreendendo um pouco mais sobre mim. Não compreendendo, descobrindo mesmo e quando você está nesse momento é tudo muito turbulento e aí você vai procurar esse refúgio e tudo, você escuta a pessoa falando: “Peça perdão pela sua homossexualidade, pela...” colocando como um pecado. E eu falei: ‘Caraca, eu vou ter que pedir perdão por quem eu sou’. Sabe?

E aí causou um certo estranhamento, mas não foi algo que se tornou algo limitante para mim não prosseguir com esse descobrimento, sabe! Pelo contrário, eu senti assim esse desconforto de como assim eu tenho que pedir perdão por quem eu sou, sendo que é isso que eu estou descobrindo que me faz feliz. Então eu não acho que é Deus que está falando isso não, porque Deus, Ele só é amor e quer a felicidade dos seus filhos. Então Ele não vai me castigar porque eu estou decidindo ser quem eu sou. Ele vai ficar feliz por mim, porque eu vou estar feliz.

E aí que eu consegui compreender que não, não é Deus que está falando isso. Quem está falando isso é esse ser humano, que é um homem, um sujeito branco inclusive, de classe média alta, que está falando essas coisas. Não é Deus quem está falando, porque o que eu sinto é que Deus vai me amar do jeito que eu sou, e quanto mais eu também me amar como sou, Ele também vai estar acompanhando isso. Então, foi nesse lugar assim, que causou esse desconforto e ali houve um paradigma também dessa questão de questionar mais essas doutrinas, questionar mais tudo o que era dito ali sabe. Onde eu acho que eu tomei uma certa consciência de que eu poderia discordar, de que aquilo não era uma verdade absoluta, só porque eu fui alfabetizada naquela religião. Mas basicamente é isso.

Não sei se eu consegui responder tudo, e se não pode perguntar. Mas em relação a minha experiência com o Museu, eu consigo relacionar com a conexão que eu senti. Não sei se chamaria isso de inconsciente coletivo ou o quê que é, mas eu me senti em casa.

(Pesquisadora): Muito obrigada!

### **Participante 18 (P18)**

(Pesquisadora): Nós vamos iniciar a entrevista coletando alguns dados pessoais, ok? Qual é o seu nome?

(P18): P18

(Pesquisadora): Sexo?

(P18): Masculino.

(Pesquisadora): Qual é a sua data de nascimento?

(P18): 05/03/1977.

(Pesquisadora): Qual é a sua escolaridade?

(P18): Fiz faculdade de Comércio Exterior e agora Superior Incompleto em Psicologia.

(Pesquisadora): Como você se declara com relação à cor?

(P18): Branca.

(Pesquisadora): Você já fez ou faz algum tratamento psicológico ou psiquiátrico?

(P18): Sim, psicológico.

(Pesquisadora): Como é que você ficou sabendo da visita técnica?

(P18): Fiquei sabendo da viagem através da minha professora.

(Pesquisadora): Você já tinha ouvido falar do Arthur Bispo do Rosário antes de ir ao Museu?

(P18): Eu já sabia dele, conhecia ele, mas não com profundidade.

(Pesquisadora): Você conhecia alguma das obras dele?

(P18): Conhecia partes da obra. O Manto não me é estranho, eu acredito já ter visto em algum lugar, mas não me lembro ao certo aonde.

(Pesquisadora): Do que você conhecia da obra, era o quê?

(P18): Da obra: Sabia do Manto e algumas peças soltas assim que eu acho que eu já tinha visto, em documentários, seminários, das interferências que ele fazia em algumas peças, só. Mas eu não tinha muito conhecimento não.

(Pesquisadora): Lá no Museu, qual foi a imagem que mais lhe tocou?

(P18): Eu, quando eu cheguei lá, eu achei assim... tinha uma impressão de um lugar meio... aquela ideia antiga que a gente tem de hospício mesmo, daquela coisa institucional. Mas aí me chamou a atenção aquela escultura de ferro que tinha logo na entrada e uma arena, aí eu fiquei pensando como que aquilo ali encaixava, lógico que não estava ali antes. Achei interessante ter aquele espaço ali na frente. E lá dentro a percepção que tomei foi diferente, muita cor, muito vivo, muita vida lá dentro e por fora dá aquela ideia assim de instituição.

(Pesquisadora): Das obras de arte que você viu, das imagens, essas foram a que mais te impactou? Que mais chamou sua atenção?

(P18): Nossa, eu estou tentando lembrar agora. Tem uma, eu tenho a foto, depois eu posso mostrar. Que eu tirei foto da parte lá de cima e aí tem uma que eu fiquei um bom tempo assim olhando para ela. A memória... o registro que eu tenho é esse, eu não sei se a escultura era assim mesmo. Mas parecia, como se fosse um boneco e eu não sei se tinha várias bocas ou vários olhos, mas eu tenho a foto, eu posso lhe mostrar. Mas essa imagem eu fiquei um tempão olhando para ela assim.

(Pesquisadora): Que sentimentos, lembranças, memórias, esta imagem te traz? Você a associa com o quê?

(P18): Eu associei ela com alguma coisa assim de... relacionada a meu irmão, porque meu irmão fez Escola Aguiar e me lembrou várias coisas que ele fazia. E me deu uma coisa assim de trabalho com sucata, meu irmão adorava fazer isso sabe! Eu acho que essa peça tinha uma coisa assim, nesse sentido, de sucata... e aí lembra a minha infância, que a minha mãe dava aula de criatividade e a gente fazia as oficinas, e o meu irmão produzia muita coisa assim de sucata.

(Pesquisadora): Ele era o mais criativo?

(P18): E eu contava histórias (risos).

(Pesquisadora): Cada um com seu talento! (risos). Quando vocês vão para o desenho, escolhem uma imagem e a representa, essa imagem que você escolheu é essa que você está falando ou mudou?

(P18): Mudou.

(Pesquisadora): É outra? E qual foi a que você reproduziu?

(P18): Eu lembro que teve uma que me inspirou lá que eu fiz, mas eu não lembro qual que foi. Eu fiz junto com meus amigos, lá embaixo onde estava aquela senhora.

(Pesquisadora): Ela era a artista da exposição?

(P18): A gente estava lá embaixo. Esse desenho que eu fiz lá na cantina tinha chave? Agora eu não me lembro, mas eu acho que eu fiz alguma coisa com a chave lá também.

(Pesquisadora): A sua imagem é um rosto-chave? O corpo é a chave?

(P18): É a que eu fiz, mas na hora que você falou, é que a minha memória é muito ruim, mas na hora que você falou, eu acho que lá eu também fiz alguma coisa baseado em chave.

(Pesquisadora): No momento em grupo, quando mencionaram sobre chave?

(P18): Não, não foi nesse momento não.

(Pesquisadora): Mas porque você faria algo com chave?

(P18): Eu gosto de chaves. Abre portas, fecha portas.

(Pesquisadora): Você associa a chave com o quê?

(P18): Teve esse debate aí, essa conversa da... sobre essa questão da chave mesmo, de estar aprisionado, não estar aprisionado. Teve essa discussão lá com o nosso guia, se ali dentro você... Eu acho que ele até lançou essa pergunta, se ali dentro você se sente livre ou se sente aprisionado. E eu achei aquela conversa muito interessante, a maior parte do tempo que eu estava ali, eu estava com os ecos daquela conversa. Mas eu acho que tinha um lugar lá que tinha

alguma coisa que usava chave, que é perto das bonecas, eu acho. Aquela parte ali do canto da cabeça de boneco. Eu acho que eu fiz alguma coisa com a chave.

(Pesquisadora): Tem uma parte também onde eles colocam os aparelhos...

(P18): Sim, os aparelhos.

(Pesquisadora): Eu não consigo trazer outros espaços para você, porque eu também não vi a exposição.

(P18): Eu não sei. Então talvez eu que esteja na chave. Eu até queria ver esses desenhos. Você tem esses desenhos que a gente fez lá?

(Pesquisadora): Tenho sim. Você pode colorir o seu, modificar ou acrescentar alguma coisa se quiser. Pode ficar à vontade... Quando você pensa sobre chave, te dá uma ideia de aprisionamento ou de liberdade?

(P18): Depende, eu acho que tem os dois. Eu acho que eu tenho os momentos de aprisionamento e tem os momentos de liberdade, porque se você pensar que a pessoa que está ali naquele ambiente com todas as referências, no momento em que ela pisa lá fora, ela pode se sentir tão angustiada, tão encurralada, quanto lá dentro, ou mais né. Porque a liberdade, talvez esteja relacionado a... um lugar de bem-estar. De não se sentir que você pode estar ali, ou que você tem algum sentido de pertencimento.

E aí talvez ali criando aquela arte, talvez aquilo ali que seja o vínculo para permitir esse pertencimento. Se você sai dali você não tem mais aquilo. Você não tem essas delimitações.

Eu tinha uma professora que ela falava: “o limite, as vezes é bom, porque dentro de um limite...” era uma professora de Filosofia lá de São João Del Rey, ela falava assim, que quando você delimita você sabe o seu espaço e dentro daquele limite você tem toda a possibilidade de ser qualquer coisa, mas você consegue tatear o seu espaço e isso as vezes dá conforto, porque a gente pensa em limite só como algo que aprisiona. Não sei, me veio isso agora.

(Pesquisadora): E as outras imagens que você trouxe, que pensamentos, lembranças ou ideias te ocorrem?

(P18): Tem um carro, tem uma chave, tem uma direção. Ah, foi uma viagem mesmo, se a gente pensar assim, foi uma viagem. A viagem toda foi uma viagem, desde a organização, de ir para lá, foi bem bacana que a gente foi junto, eu, o A. e a C. Foi a primeira viagem que eu e A. fomos juntos... tirando Muriaé né. Então, eu acho assim, se eu for pensar num âmbito pessoal, pensando isso tudo aí, dessa experiência eu posso pensar nisso. De repente olhava uma certa situação de uma forma mais isolada, fechada e aí quando me aproximei, entrei lá dentro, vi

muita cor e muita beleza. E eu acho que foi uma viagem muito especial nesse sentido. Talvez essa chave abriu alguma porta.

(Pesquisadora): Você deseja fazer algum comentário ou pergunta que porventura eu não tenha contemplado?

(P18). Não.

(Pesquisadora): Muito obrigada, então!

### **Participante 19 (P19)**

(Pesquisadora): Nós vamos iniciar a entrevista coletando alguns dados pessoais, ok? Qual é o seu nome?

(P19): P19

(Pesquisadora): Sexo?

(P19): Feminino.

(Pesquisadora): Qual é a sua data de nascimento?

(P19): 25/05/1998.

(Pesquisadora): Qual é a sua escolaridade?

(P19): Graduação em Psicologia.

(Pesquisadora): Como você se declara com relação à cor?

(P19): Parda.

(Pesquisadora): Você já fez ou faz algum tratamento psicológico ou psiquiátrico?

P19): Não.

(Pesquisadora): Como é que você ficou sabendo da visita técnica?

(P19): Foi na supervisão, a professora comentou que faria uma visita com o turno da noite e com os alunos do Colégio Anglo, e foi a partir disso, desse comentário.

(Pesquisadora): Você já tinha ouvido falar do Arthur Bispo do Rosário antes da excursão?

(P19): Não.

(Pesquisadora): Você conhecia alguma obra dele?

(P19): Não.

(Pesquisadora): E lá na visita, qual foi a imagem que mais te tocou? O quê que chamou mais sua atenção e porquê?

(P19): A imagem que mais me tocou? Vou pensar um pouquinho tá! (Risos). Foram tantas assim... Tem que ser da... Pode ser do geral?

(Pesquisadora): De tudo o que você viu! Do Museu! Estando no Museu o quê que mais te tocou?

(P19): O que mais me tocou foi aquela arte que a mulher estava deitada com um aspecto não sei se de cansaço, ou algo assim mais intenso.

(Pesquisadora): Foi a que você representou né?

(P19): Foi.

(Pesquisadora): Eu não vi a exposição, mas no seu desenho, te uma mulher deitada.

(P19): Isso! E teve outra que eu também representei no desenho, que foi uma escrita no muro. Eu não lembro agora, mas eu representei no meu desenho também: “Que a Marlene xingou o presidente e foi expulsa da escola” e “Marlene...” – algo também relacionado ao cansaço que eu não estou lembrada agora.

(Pesquisadora): Essas duas frases, elas estavam em um muro dentro do museu?

(P19): Bateram uma foto desse muro e colocaram lá no Museu.

(Pesquisadora): Estava como uma obra de arte então? Como uma parte da exposição?

(P19): Como uma fotografia do muro no museu.

(Pesquisadora): Ah, que legal, eu achei que estava em um muro mesmo, que você viu um muro escrito.

(P19): Não, não!

(Pesquisadora): Mas que muro é esse que eu não passei por ele? (Risos) Mas é uma arte sobre o muro, né? Como se fosse uma fotografia de uma pichação.

(P19): Hum.

(Pesquisadora): A pergunta seguinte que queria fazer é exatamente essa: qual foi a imagem que você representou? E então no seu desenho tem duas imagens, de duas obras diferentes. Como é que foi para você o processo de criação do desenho?

(P19): De criação? Eu acho que eu entrei numa questão muito de reflexão, porque é muita informação, assim né, em pouco tempo. E eu tentei ver algo que me chamou mais atenção, que foi justamente essas duas artes. Mas foi difícil porque são tantas obras e tanta coisa assim, histórica mesmo, de algo real do que aconteceu, que foi um pouco difícil a escolha.

(Pesquisadora): E você ficou essas duas imagens. E a partir delas, que sentimentos, lembranças, recordações você teve ao recriar a obra? Por que Marlene pichou o muro lá do presidente? (risos); Porque essa moça deitada? Que memórias, sonhos, lembranças, recordações, isso te traz?

(P19): Aí há um pouco de algo pessoal né? Eu acho que esse lado feminino, essa opressão do feminino, eu acho que me ligou mais essa imagem a ideia também do cansaço, final do curso, gera um cansaço na gente por causa das tarefas que tem. E como era uma mulher, estava

representado, eu não fiz, mas tinha o seio dela lá – eu não representei o seio. E como Marlene também... tem outra frase relacionado...

(Pesquisadora): Marlene, tem um feminino representado na imagem né! Não é Ricardo que reclamou...

(P19): Isso! E nas duas obras que tem essa fotografia do muro, tem hashtag “Vida Marlene!”

(Pesquisadora): É mesmo?

(P19): Volta para Marlene também! Então assim, eu acho que esses dois pontos que me ligaram a essa arte. Algo que vem agora do meu cansaço, físico e mental, e sobre essa questão da *repressão* (opressão) do feminino.

(Pesquisadora): Mas assim, porque uma mulher oprimida?

(P19): Eu acho que é imposto tanto esse posicionamento sobre nós, de como nós deveríamos ser, do nosso cabelo, da nossa sobrancelha, o nosso falar, a nossa comunicação. É tão imposto algo sobre a gente que é muito difícil. E é cansativo se manter às vezes nesse posicionamento que a sociedade cobra da gente. Então assim, eu acho que é mais algo relacionado a isso, das imposições.

(Pesquisadora): Você acha que tem, dentro desse feminino que você está falando, de como é que tem que ser o cabelo, como é que tem que ser a sobrancelha, você acha que tem alguns que são, sei lá... você acha que tem os que são “escolhidos”? Escolhido dentro de um determinado padrão?

(P19): Tem.

(Pesquisadora): Existe um padrão que determina quem são os escolhidos e quem são os excluídos?

(P19): Ligado ao feminino também?

(Pesquisadora): Sim.

(P19): Não sei se eu entendi a pergunta, mas aquela que é escolhida é aquela que está sempre perfeitinha assim, de aparência, que está sempre com a unha em dia, com o cabelo, com o comportamento de não alterar o fundo de voz, de não fazer nada que saia dessa opressão. Não fazer questionamentos, sempre abaixar a cabeça.

(Pesquisadora): Essa tá... eu vou falar assim: adaptada, essa está adequada. Ela foi a ‘escolhida’. Quem é o excluído?

(P19): A excluída é a que gosta de fazer... acho que não seria uma liberdade, porque de nenhuma forma somos libertas. Acho que sempre tem um controle sobre nós, algo tem sempre um controle sobre nós. Mas eu penso que há aquelas que não ficam pensando muito sobre o que

vão pensar, e se vestem da sua forma, se comunica, questiona. Se precisar aumenta o tom de voz ou fala de uma forma que gera impacto na outra pessoa. E... acho que é voltado pra isso mesmo.

(Pesquisadora): Tem um certo empoderamento?

(P19): Isso!

(Pesquisadora): Essa primeira frase que você falou: “Marlene...”, como é?

(P19): Deixa eu procurar aqui rapidinho?

(Pesquisadora): Deixo.

(P19): Ah, achei! Eu vou ler tá? “Marlene cansou de sofrer. Hashtag vida de Marlene”. Esse é uma fotografia de um muro, e a parte do cansou, embaixo, ela tem até... alguém passou dois dedos embaixo da palavra cansou, como se fosse marcar aquela palavra. E o outro é um muro diferente, que está escrito: “Marlene xingou o presidente e foi expulsa da escola. Hashtag vida de Marlene”.

(Pesquisadora): O que fica pra você quando fala: ‘xingou o presidente e foi expulsa da escola?’

(P19): Eu acho que realmente tem relação com o que a gente está conversando aqui agora, mas eu não digo que é do ato de xingar o presidente, nem questão de ofensa, mas de um questionamento do quê que está acontecendo, eu quero saber, eu quero me posicionar frente a isso. Eu acho que não é só Marlene foi lá e... às vezes pode até ter xingado mesmo o presidente, mas eu falo que tem algo muito maior nessa frase assim, que é a parte de questionamento, que eu não vou abaixar a cabeça, eu vou questionar. Voltar a entender de todas as formas o que está acontecendo comigo e com coisas que estão a minha volta. Por exemplo, na educação, na saúde. Então eu acho que é mais voltado a isso.

(Pesquisadora): É legal isso!

(P19): Eu não mandei a minha paciente para o psiquiatra. E assim, eu acho que a gente tem que tomar esse posicionamento... acho não, a gente tem que tomar esse posicionamento. Sempre que se fala sobre a questão racial, sobre o SUS, sobre a escola pública, eu me arrepio. Sempre, sempre, sempre que se toca nesse assunto.

E ontem, eu não sei se você conhece a T., ela é da psicologia também. Eu falei com ela: ‘T., vamos fazer um projeto, vamos fazer um plantão psicológico no Colégio E.’ E. é uma escola Estadual daqui de Viçosa, que inclusive nós já estudamos lá. E ela falou: ‘L., a gente tem que fazer esse projeto’. Porque a gente tem que cuidar dessa parte também sabe! Por mais que a gente não esteja frequentando a escola, a gente tem que lutar por essa instituição. Do nosso modo, nosso também! Então eu acho que eu estou muito nesse movimento, como a Marlene.

(Pesquisadora): É isso mesmo, eu acho que você está certíssima! E aí vem a última pergunta, mas não é uma pergunta. É se você deseja fazer algum comentário, ou assim, alguma reflexão, ou pergunta que porventura eu não tenha contemplado. Tem alguma coisa da viagem em si ou do Museu que você queira falar?

(P19): Foi uma experiência incrível, realmente foi, ainda mais por depois, do *tour* pelo museu, eu, a L., a M. G., a gente ficou conversando com a Patrícia. Eu tive a experiência de conversar com a Patrícia Rute, que ela viveu a época do Hospital Psiquiátrico lá da internação. E assim, conversar com ela e ver as obras dela, foi muito importante pra mim, acho que vou levar esse momento pro resto da minha vida, porque foi ela, ela que viveu aquilo.

Então foi muito interessante pra mim ter o contato próximo com ela, e conhecer a história psiquiátrica do Brasil, porque por mais que a gente não é psiquiatra, mas psicólogos, a gente tem que estar por dentro dessa questão da reforma da psiquiatria. Porque... pra não cometer o mesmo erro. Se entrego o paciente direto pro psiquiatra, talvez eu esteja cometendo o mesmo erro, um erro parecido, que foi cometido lá atrás. Assim, de colocar estigma no paciente, de querer reprimir de alguma forma.

Meu paciente específico aqui, as vezes ele está num estado mais triste, de mais fechamento, se ele tomar alguma interação medicamentosa ali só porque veio pra cá, está se sentindo desta forma – ‘vem eu vou te encaminhar para o psiquiatra, você vai tomar esse medicamento.’ Eu acho que não é bem dessa forma que as coisas devam funcionar. Talvez ter uma interação medicamentosa pode ser necessário para o paciente, mas em alguns casos, a intenção da fala, desse questionamento que ele pode fazer com ele mesmo dentro do processo terapêutico, ou em outra... não sei, as vezes não tem um processo terapêutico, mas... Ah, essas questões, eu dei uma travada aqui agora.

Mas é essa a questão da gente não cometer os mesmos erros que cometemos no passado, que é esse de reprimir mais ainda o paciente, que está precisando de uma escuta, que está precisando se expressar de alguma forma, seja na arte, na dança, em qualquer outra forma de expressão. Eu acho que o que a gente precisa é mais isso, essa liberdade, que a gente não tem, e não cometer os mesmos erros.

(Pesquisadora): É, com certeza. Obrigada viu. É só isso mesmo que eu precisava.

(P19): Que isso, foi um prazer participar, contribuir de alguma forma para a sua pesquisa.

## **Participante 20 (P20)**

(Pesquisadora): Nós vamos iniciar a entrevista coletando alguns dados pessoais, ok? Qual é o seu nome?

(P20): P20

(Pesquisadora): Sexo?

(P20): Feminino.

(Pesquisadora): Qual é a sua data de nascimento?

(P20): 05/05/2007.

(Pesquisadora): Qual é a sua escolaridade?

(P20): Estou cursando o Ensino Médio

(Pesquisadora): Como você se declara com relação à cor?

(P20): Branca.

(Pesquisadora): Você já fez ou faz algum tratamento psicológico ou psiquiátrico?

(P20): Sim, psicológico e psiquiátrico.

(Pesquisadora): Como é que você ficou sabendo da visita técnica?

(P20): Através da minha professora.

(Pesquisadora): Você já tinha ouvido falar do Arthur Bispo do Rosário antes da excursão?

(P20): Não.

(Pesquisadora): Conhecia alguma das obras dele?

(P20): Não.

(Pesquisadora): Você chegou a fazer um desenho lá no Museu? O que você representou?

(P20): Eu tenho aqui a foto do quadro que me tocou, caso você queira. Acho que você deve ter aí, mas se você quiser eu posso te enviar também. Eu busquei representar a paz, muita paz, porque... em meio a tantas, tantas obras lindas que tinha lá no Museu Arthur Bispo do Rosário, muitas chocantes, muitas com cores vibrantes, chamando a atenção, umas até assim, como é que eu posso falar, bem expressionistas, bem expressivas, eu vi tudo muito diferente. E não é que nenhuma destas tenha me chamado a atenção, é que tudo pareceu um padrão para mim.

Ah, era tudo muito chamativo, tudo muito... bem ansiedade do mundo real que a gente tem hoje e eu busco fugir um pouco disso, pelo menos da minha. A minha ansiedade já fica me matando a cada dia né, então assim, eu acho que todo ser humano primitivo a gente busca voltar para isso né, um estado de natureza, um estado de paz e essa imagem me demonstrou muito isso. Muita paz, uma sensação segura de conforto. As outras eu me senti muito agitada olhando, muito desconfortável até, às vezes, dependendo. Não me provocava uma sensação de leveza.

Essa pintura aí que eu desenhei, no meu desenho eu fiz uma poesia, eu ficava aconchegante, foi assim.

(Pesquisadora): A segunda pergunta é: a imagem que você fez, ela foi baseada em algum quadro, alguma pintura, ou alguma fala que você tenha visto lá no Museu e que tenha te chamado a atenção? Você se inspirou em que para fazer a sua representação?

(P20): Ah, assim, acho que responde um pouco na primeira pergunta se era baseado em alguma coisa, foi baseado no quadro de uma casinha, parecendo uma fazenda, bem afastado assim, longe da cidade, dos pássaros. E aí eu me coloquei no desenho, coloquei a menininha como se fosse eu, foi inspirado lá sim. Eu acho que se não tivesse essa pintura lá, de qualquer forma eu iria procurar uma pintura que representasse algo parecido, algo como (entre aspas) paz interior.

(Pesquisadora): Que sentimentos, lembranças, recordações você teve ao recriar a obra?

(P20): O que me lembra, o que talvez tenha me chamado a atenção dentro das minhas vivências e eu quando era pequena. Porque assim, eu nasci aqui em Minas, Viçosa, mas aí eu morei 15 anos no Espírito Santo, e retornei para cá recente, e minha família toda é de T. Eu fiquei um bom tempo aqui quando eu era pequena, depois quando minha avó morreu eu fiquei mais um ano e meio, e lá é uma roça sabe, aqui em T.

Então é um lugar muito tranquilo, paz, bem no estilo assim dessa casinha. E eu gosto muito, muito, muito mesmo. É uma aspiração que eu tenho para minha vida é um dia eu conseguir poder morar num lugar parecido. Não assim uma roça cheia de animais, eu não tenho esse pique todo para cuidar não, mas eu e minhas plantinhas, ou só eu e a paz.

Porque essa correria aqui da cidade grande, porque por incrível que pareça Viçosa parece ser bem grande para mim tá (risos). T. é minúsculo, qualquer cidade maior já é grande, então assim, essa correria me sufoca um pouco, Nossa Senhora, não aguento não. Mas a gente fica por necessidade, igual ah eu tô fazendo cursinho, ah vou fazer o Enem, então a gente precisa desses resquícios da cidade grande, resquícios assim, dessas coisas que ela nos oferece. Mas eu acho que no nosso íntimo, pelo menos no meu, eu busco uma paz assim, um lugar tranquilo.

Nossa! Tem até uma música linda, se eu não me engano do Renato Ramos ou Renato Teixeira que é Casinha Branca que diz: “Fiz uma casinha branca lá no pé da Serra, pra nós dois morar...” Mais ou menos assim, eu não sei cantar. Nossa, essa música é linda, linda, linda. Eu até lembrei na hora que eu vi o quadro. Então assim, só me remetem esses pensamentos bons, positivos e tudo o mais.

(Pesquisadora): A menina no seu desenho está sozinha. Você vê solidão no seu desenho?

(P20): Em relação a solidão, talvez eu esteja numa linha tênue entre solidão e solidão né. Não sei, às vezes depende do momento da vida, por exemplo, esse ano que eu estou agora, ano de vestibular, essas coisas, é mais intenso do que eu estava no ano passado, de boa, segundo ano. Então as coisas mudam, mas não que eu me sinta uma pessoa sozinha ou uma pessoa que gosta da minha companhia, eu não sei.

Nossa, ultimamente é tanta coisa, igual ah, eu descobri que eu tenho hiperatividade, TDAH, nesse período agora de vestibular eu estou ficando meio maluca. Não tem muito a ver com o desenho não, mas de repente vieram outras visões ou mais acréscimos né.

E por mais que esses períodos turbulentos que estejam acontecendo na minha vida, de decisão, de muito estudo, eu quero só paz sabe. Eu só estudo tanto, eu só quero num futuro trabalhar bastante para eu ganhar o meu dinheiro e poder proporcionar isso para a minha vida. Não julgando quem tem uma vida luxuosa, aqueles trens, não que eu não queira. Mas uma vida luxuosa de prazeres ali mais simples. Tipo Arcadismo, sabe! Eu quero ter um dinheiro para viver bem e eu quero viver numa roça e viver numa roça não é barato, sabe! Eu não sei nem o que eu quero direito, mas roça me traz uma certa segurança, uma certa estabilidade, um conforto ali emocional, parece que eu posso alcançar esta paz de espírito estando de boa.

Não viver sozinha, eu quero ter uma família. Inclusive se dinheiro ali não for um problema, no futuro, que a gente sabe que criar filho é caro né, filho custa muito dinheiro, mas também traz muita alegria. “Nu!”, eu penso em ter um monte de filhos, se não for um fator limitante.

Ah, aí às vezes tem um monte de trem que eu fico pensando demais. Na ansiedade, eu fico pensando: “Ai meu Deus e o Brasil daqui a alguns anos. Será que vai valer a pena morar aqui? Ai meu Deus, mas o mundo? Será que vai valer a pena pôr um filho no mundo, se às vezes está tão caótico? Eu vou pôr um filho para sofrer?” Mas eu sei que eu não tenho que pensar nessas coisas. Então às vezes no meu desconforto, nos meus pensamentos caóticos, desordenados que eu tenho, eu busco uma paz em tudo, seja da vida moderna aqui da cidade, seja dos estudos, seja do ENEM ou seja de mim mesma. Parece que eu busco fugir.

Porque eu sei o que é certo, eu sei que o ideal é ser uma pessoa mais calma, menos ansiosa, mas a teoria é maravilhosa, né. Mas aí no meu desenho eu devo ter buscado transparecer isso. E espero que... faz sentido, sabe, para mim, acredito que para você também.

(Pesquisadora): Uma busca pela paz, né! Você deseja fazer algum comentário ou pergunta que eu não tenha contemplado? Quer falar mais alguma coisa?

(P20): Não, é isso aí!

(Pesquisadora): Muito obrigada, M.!

### **Participante 21 (P21)**

(Pesquisadora): Nós vamos iniciar a entrevista coletando alguns dados pessoais, ok? Qual é o seu nome?

(P21): P21

(Pesquisadora): Sexo?

(P21): Feminino.

(Pesquisadora): Qual é a sua data de nascimento?

(P21): 29/04/1997

(Pesquisadora): Qual é a sua escolaridade?

(P21): Ensino Superior Incompleto.

(Pesquisadora): Como é que você ficou sabendo da visita técnica?

(P21): Eu acho que foi... eu vi no grupo.

(Pesquisadora): No grupo da sala de aula?

(P21): É, o pessoal comentou aí eu fiquei interessada.

(Pesquisadora): Você já tinha ouvido falar do Arthur Bispo do Rosário antes do passeio?

(P21): Não, a primeira vez que eu ouvi falar foi na supervisão. A professora comentou sobre e eu já tinha vontade de ir em alguns museus, aí aproveitei a oportunidade.

(Pesquisadora): Você conhecia alguma obra dele?

(P21): Não.

(Pesquisadora): E quando você vai na viagem, qual foi a imagem que você viu lá que mais te tocou?

(P21): O que mais me tocou, sem dúvida, foi ter visto os objetos que utilizavam antes para fazer lobotomia, de...

(Pesquisadora): De tratamento?

(P21): É. Os instrumentos que estavam lá.

(Pesquisadora): Por que isso te toca?

(P21): É porque é um registro. É uma história que aconteceu ali. Não é uma história inventada. É uma coisa que realmente aconteceu. E pensar que se fosse eu ou qualquer pessoa assim que existisse naquela época, poderia ser a gente passando por isso, sabe?

(Pesquisadora): Já aconteceu alguma situação na sua vida ou na vida de alguém que você conhece, que você falaria isso?

(P21): Sim, eu acho que pelo fato de eu ser mulher, assim, já me colocaria ali, sabe?

(Pesquisadora): Por ser mulher.

(P21): É.

(Pesquisadora): Quando solicitaram para as pessoas fazerem um desenho de uma obra que lhe tenha impactado, você fez?

(P21): Fiz.

(Pesquisadora): Qual foi a sua representação?

(P21): O meu foi um coração de mosaico.

(Pesquisadora): É um coração?

(P21): Mosaico de coração.

(Pesquisadora): Um mosaico? Por quê?

(P21): Pois, é, depois eu entendi porquê.

(Pesquisadora): Ah, então me explica!

(P21): Foi até... Foi estranho, né? Porque até pouco tempo depois o meu relacionamento acabou. O meu relacionamento afetivo, então já estava aí.

(Pesquisadora): Partiu de você, o término?

(P21): Não.

(Pesquisadora): Então você sofreu muito.

(P21): Foi. O coração ficou daquele jeito lá.

(Pesquisadora): Eu imagino. Há alguma chance de reconciliação?

(P21): Não, mas eu não quero.

(Pesquisadora): O mosaico é um lugar de reconstrução também.

(P21): Sim. O coração do mosaico estava inteiro, né? Então...

(Pesquisadora): Você estava nesse relacionamento há quanto tempo?

(P21): Há quase dois anos.

(Pesquisadora): Bastante tempo.

(P21): Sim.

(Pesquisadora): Mas você imaginava que poderia terminar? Porque disse que o seu inconsciente sabia?

(P21): Sim, tinha muitos sinais. Só que uma parte estava insistindo naquilo de... Ah, acho que dá pra mudar algumas coisas com o tempo. Mas não dá, né?

(Pesquisadora): É, ainda mais mudar o outro. E quanto ao fato de ser mulher, você já sofreu bullying ou violência por ser mulher?

(P21): Não exatamente, mas... por ser... como é que eu posso dizer? Quando você não é escolhida por ser mulher, um tratamento diferenciado, por exemplo, só porque é mulher eu não vou dar crédito para quando ela estiver fazendo autoescola por exemplo. Alguma coisa boba assim.

(Pesquisadora): Você já passou por situações assim?

(P21): É, mas desse tipo só.

(Pesquisadora): Esse “só” agora... que “só” é esse?

(P21): É, também aquela coisa de... as pessoas acharem que podem te desrespeitar, só por ser mulher. Falar alguma coisa, te passar uma cantada, encostar em você só porque é mulher. E eu não gosto disso, já fizeram isso comigo.

(Pesquisadora): Isso tudo é violência e é muito ruim! Você falou que os tratamentos lá, os instrumentos, te chamaram a atenção e ao mesmo tempo você diz que se fosse você ou qualquer pessoa que vivesse naquela época também poderia estar lá. Estou tentando ver porque você falou do tratamento e te chamou a atenção os instrumentos também. Essa imagem do coração com mosaico, você viu em algum quadro?

(P21): Eu vi nos quadros de uma outra artista, que agora eu não me lembro o nome, e depois eu encontrei com a Patrícia Rute, ela também ficou lá um tempo. E aí, conversando com ela, eu vi algumas pessoas desenhando lá, eu sentei e comecei a desenhar também, enquanto ela falava.

(Pesquisadora): Ela era uma interna?

(P21): Uma artista né? Sim. Mas eu acho que tem um naquela lojinha que tinha lá embaixo, que eu tirei uma foto, e talvez ele tenha me inspirado também, porque era um mosaico também. Eu queria comprar ele.

(Pesquisadora): Esse da lojinha?

(P21): Sim. Eu queria comprar ele.

(Pesquisadora): Que legal! Era um quadro?

(P21): Era um quadrinho, pequenininho. Ah, e ele estava com uns lascadinhos, aí eu não quis comprar não.

(Pesquisadora): Mas talvez seja essa ideia, ali... com essas lascas...

(P21): É.

(Pesquisadora): E você ia comprar falando: “É, realmente, estou comprando esse quadro quebrado intencionalmente...” (risos).

(P21): Nó, eu não pensei nisso não.

(Pesquisadora): Eu não acho que foi essa a intenção também. Acredito que a intenção era fazer uma coisa esteticamente bonita, mas simbolicamente tem muito a ver, né? Isso do “vai inacabado mesmo”, porque fala de alguma coisa que está “lascada” em nós também.

(P21): Sim (risos).

(Pesquisadora): As perguntas que vêm a seguir é sobre a imagem que você representou e como foi para você o processo de criação. Acredito que você já foi falando. Sua criação foi junto com o grupo, né?

(P21): Sim.

(Pesquisadora): A próxima pergunta é que sentimentos, lembranças, recordações você teve ao recriar a obra? Você traz um pouco a relação do desenho com esse término que vem depois. O mosaico tem muito essa ideia daquilo que se reconstrói do caco.

(P21): Sim.

(Pesquisadora): Você gostou do passeio?

(P21): Ai, eu adorei. Eu achei muito bonito. Eu fiquei um pouco assustada naquelas... naquelas instrumentos, mas nas outras obras quando eu fui passando, eu gostei bastante. Eu gostei daquele... do vestido, que foi a Patrícia que fez, das casinhas. Tinha também... aqueles... uns carrinhos, que o Arlindo fez, achei bem legal também.

(Pesquisadora): Tem alguma coisa sobre a visita que você queira trazer, algum comentário ou reflexão, que eu não tenha mencionado?

(P21): Ah, eu acho que não. Assim, não, é... nesse sentido realmente, porque eu lembro do Holocausto Brasileiro, que a gente já tinha visto na faculdade. E eu cheguei a ler o livro e eu não consegui terminar de ler por causa disso, porque era muito pesado, muito triste. Então quando eu estive lá...

Ah, no final, a gente viu a parte de trás de onde eles ficavam presos, ali no museu. E aquilo foi horrível sabe, deu uma sensação horrorosa. De pensar: ‘Gente, pessoas ficavam aqui jogadas’. Então, assim, no início eu fiquei um pouco incomodada quando o Arlindo estava contando a experiência dele, porque eu fico me colocando no lugar da pessoa tentando imaginar como seria se fosse comigo, e eu fico: Como que eles conseguiram, sabe? Eles conseguiram sair dessa e estão hoje contando a história. Por quanta coisa eles tiveram que passar? Isso me deixou meio que incomodada, mas ao mesmo tempo feliz de eles não estarem mais vivendo dessa forma.

(Pesquisadora): Eu fico pensando no que você traz como relato pessoal também, sobre o seu relacionamento que foi interrompido e o que precisou passar para chegar aonde está agora. A gente aprende muito com a nossa dor. Às vezes a gente acha que a dor está lá do outro lado... e

claro, é horrível, eles estavam presos, não é uma comparação. Mas o que quero dizer é que essa ideia de ser resiliente, de superar e poder estar expondo um pouco da sua realidade depois de anos e anos, naquele espaço, me lembra esse percurso que você também fez.

(P21): Sim, com certeza! Uma parte de identificação também, essa coisa da empatia, pode ser por isso.

(Pesquisadora): Obrigada, tá? Não quero tomar mais seu tempo.

(P21): A gente ficou pensando naquela imagem, viu.

(Pesquisadora): É? Que bom! Obrigada!

(P21): Eu que agradeço, obrigada!

### **Participante 22 (P22)**

(Pesquisadora): Bom dia! Nós vamos iniciar a entrevista coletando alguns dados pessoais, ok? Qual é o seu nome?

(P22): P22

(Pesquisadora): Sexo?

(P22): Feminino.

(Pesquisadora): Qual é a sua data de nascimento?

(P22): 27/05/2005.

(Pesquisadora): Qual é a sua escolaridade?

(P22): Cursando o Ensino Médio.

(Pesquisadora): Como você se declara com relação à cor?

(P22): Branca.

(Pesquisadora): Você já fez ou faz algum tratamento psicológico ou psiquiátrico?

(P22): Sim, psicológico.

(Pesquisadora): Como é que você ficou sabendo da visita técnica?

(P22): Pela professora de teatro.

(Pesquisadora): Você já tinha ouvido falar do Arthur Bispo do Rosário antes da excursão?

(P22): Não.

(Pesquisadora): Conhecia alguma das obras dele?

(P22): Não.

(Pesquisadora): Lá no museu, qual foi a imagem que mais lhe tocou? Por quê?

(P22): Eu ainda não tinha explorado o museu, né, eu fui direto para a parte dos fundos aonde não tinha reformado. E aí, de lá eu tive um sentimento muito ruim, vendo toda a situação ali,

que eu vi só uma parte né, mas ainda assim veio um sentimento muito ruim de... o lugar era muito insalubre e todas as janelas tinha barra, igual prisão. Então veio um sentimento muito ruim e eu queria trazer isso no desenho, da forma que... a pessoa no meio, a questão da solidão, acho que devia ter bastante lá. E essa questão degradante que eu tentei trazer para o meu desenho.

(Pesquisadora): Como foi para você o processo de criação?

(P22): Eu me inspirei mais no sentimento mesmo que eu senti quando eu vi a situação ali, não na parte do museu, mas sim na parte ali atrás. E foi esse sentimento que eu senti quando eu vi aquela situação que me fez fazer esse desenho.

(Pesquisadora): Que sentimentos, lembranças, recordações você teve ao recriar a obra?

(P22): Eu acho que eu associo comigo um pouco da parte do isolamento e da solidão que eu trouxe no desenho, que eu acho que em parte é necessário você ficar um pouco sozinha e tudo, só que um tempo em excesso, uma questão muito... muito tempo sem contato com alguém, eu acho que acaba afetando a saúde mental e é uma situação bem desgastante. Aí é uma situação que eu consigo associar comigo.

(Pesquisadora): Você deseja fazer algum comentário ou pergunta que porventura eu não tenha contemplado?

(P22). Não.

(Pesquisadora): Muito obrigada.

### **Participante 23 (P23)**

(Pesquisadora): Nós vamos iniciar a entrevista coletando alguns dados pessoais. Qual é o seu nome?

(P23): P23

(Pesquisadora): Sexo?

(P23): Feminino.

(Pesquisadora): Qual é a sua data de nascimento?

(P23): 20/12/1980.

(Pesquisadora): Qual é a sua escolaridade?

(P23): Curso Superior Incompleto.

(Pesquisadora): Como você se declara com relação à cor?

(P23): Parda.

(Pesquisadora): Você já fez ou faz algum tratamento psicológico ou psiquiátrico?

(P23): Sim, os dois.

(Pesquisadora): Como é que você ficou sabendo da visita técnica?

(P23): Foi pela turma da sala, que colocou o comunicado, e aí na hora que eu vi, as meninas falou que já estava aberta a inscrição e eu fui fazer.

(Pesquisadora): Você já tinha ouvido falar do Arthur Bispo do Rosário antes da excursão?

(P23): Não, não conhecia.

(Pesquisadora): Conhecia alguma das obras dele?

(P23): Não.

(Pesquisadora): Lá no Museu, qual foi a imagem que mais te tocou?

(P23): Então, foi essa imagem que eu desenhei aqui. Para mim o que foi mais chocante foi a parte que estava lá o eletrochoque, que tinha lá as maletas de médico no cantinho e aí quando eu passei daquela porta e vi aqueles eletrochoques, eu lembrei de uma cena que eu vi no documentário lá de Barbacena, da lobotomia. E aquilo eu fiquei imaginando, vendo aquelas fotos e pensando no sofrimento daquele pessoal passando por eletrochoque, por aquele tratamento todo. Então para mim isso foi bem marcante, porque eu lembrei da lobotomia, que é um tratamento muito invasivo, que fazia né.

(Pesquisadora): Você nunca tinha visto um aparelho de eletrochoque?

(P23): Não, só no documentário. Assim de pertinho eu nunca tinha visto não.

(Pesquisadora): Você gostou do passeio?

(P23): Adorei! Vou de novo se tiver. O que tiver eu quero ir, porque assim, é muito gostoso e eu não consegui ir em todos os lugares assim porque é muito grande. Então eu acho que eu consegui ir nos principais ali, pegar bastante coisa.

(Pesquisadora): Qual foi a imagem que você representou?

(P23): Foi uma pessoa chorando, com um eletrochoque, e aqui ela perdendo a humanidade.

(Pesquisadora): Por isso que a lágrima é...

(P23): colorida! Ela vai perdendo a humanidade.

(Pesquisadora): Você já perdeu a sua humanidade alguma vez?

(P23): Já. Foi quando eu tive um problema no meu casamento né. Acho que é por isso que eu também vou fazer o TCC sobre Sombra, que aí eu descobri uma outra pessoa que eu não conhecia.

(Pesquisadora): No casamento que você fala?

(P23): Eu me desfiz toda ali. Eu fiquei doente, eu entrei em depressão e foi um processo muito difícil, porque eu me perdi. Eu não me via mais, eu era uma outra pessoa. Eu não era a que eu

me cultivei para estar até ali. Por causa desse problema que eu tive, eu ali eu me perdi toda, aí ali já não era eu mais.

(Pesquisadora): Quando você fala: “Eu não era eu mais”, o quê que isso significa?

(P23): Eu perdi, eu perdi a minha essência, eu perdi a minha alegria, eu perdi a vontade de viver... Eu perdi essa sensibilidade, eu não tinha sensibilidade. Para mim matar ou morrer era a mesma coisa assim, sabe! E aos poucos eu venho cultivando isso de novo. Até hoje eu sofro com isso! Quando eu falo, quando eu penso assim, é muito dolorido. E colho frutos disso até hoje também. Então assim, nessa época eu me vi totalmente perdida, sem saber aonde eu tava. Eu não tinha... Tinha vezes em que minha mãe chegava, tinha dias que eu estava sem banho. “Marta, você já comeu?” “Não sei!”

(Pesquisadora): Uma depressão profunda?

(P23): Sim, eu perdi esse senso, sabe! Então foi um tempo muito difícil na verdade.

(Pesquisadora): E como é que você saiu disso?

(P23): Então, aí é que tá! Quando isso aconteceu minha mãe falou comigo o seguinte. Ela chegou lá e já tinha uma semana que eu estava sem banho. Por que foi assim, o meu marido... a gente tinha, tem uma sorveteria até hoje e aí eu trabalhava lá, junto com ele. Eu, era eu e minha filha, minha filha era menor. E a gente trabalhava, eu ajudava pra caramba, eu não recebia nada...

(Pesquisadora): Por que era da família?

(P23): É. Eu tinha o meu serviço que era os meus bolos, que eu sempre fiz. E aí a gente colocou uma pessoa dentro da sorveteria e ele começou a andar com essa pessoa. E ela era minha amiga! Amiga, amiga mesmo! Então a gente conversava várias coisas, ela era casada. E a gente conversava... Ela me pedia opinião para o casamento dela e eu dava opinião e tudo. E aí eu fui descobrir um ano depois. Mesmo assim porque eles tinham combinado de ir morar junto, os dois, e aí no fim ele deu pra trás. Ele falou que não ia deixar os filhos dele, que ele não conseguiria sair de casa e deixar os meninos para trás. E foi onde ela armou para mim descobrir. Entendeu?

E quando eu descobri, Andréa, eu sempre fui muito pacífica. Eu fico brava, eu esbravejo e tudo, mas eu sou pacífica. E eu, quando... ela falou comigo isso, ele não estava em casa, ele estava pra roça, aí ele chegou, eu já tinha armado tudo. Eu ia matar ele naquele dia. Eu já estava com a faca, tanto que eu dei nele uma facada. E eu falei com ele: “Você tirou tudo de mim!” Porque? Porque todo mundo sabia, aonde a gente trabalhava sabia, porque via ela saindo com ele de

carro. Via eles chegando de carro. Via os dois entrando no motel. E eu não sabia e aquilo me causou extrema vergonha. Entendeu?

E aí esse lado eu não conhecia. E eu fui pra cima dele para matar ele. Eu falei eu não tenho nada a perder! Eu tenho dois meninos, eu tenho mãe, mãe cuida dos meus meninos, eu pago lá minha pena e depois eu saio. E aí quando eu fui fazer isso, como ele é bem maior que eu, ele me segurou. Eu cheguei a dar nele uma facada, mas aí ele saiu fora, pegou no colchão. E aí ele entrou em luta comigo, e ele armou pra me bater. E na hora que ele armou pra me bater, eu já parti pra cima dele, porque eu fazia luta. Então eu bati muito nele, ranquei sangue nele, bati muito nele e aí ele... parece que na hora, o *time* dele... “não vou bater porque ela vai chamar a polícia pra mim”.

E nesse período eu frequentava uma igreja, aí eu coloquei... chamaram o pastor e tal. Eu cuidava de casais na minha casa, tinha 20 casais que a gente reunia, a gente lia a Bíblia.

Eu tinha prazer de ficar o domingo todo no fogão fazendo bolo pro pessoal, fazendo pão. E aí o pastor foi, eu estava transtornada Andréa, eu estava transtornada. E aí na hora em que ele chegou, ele falou comigo que era para me acalmar.

“- Você tem que se acalmar! Você não pode fazer isso!”

E eu tipo assim, quem sofreu o dano foi eu! Como que eu não posso ter essa reação? Sabe! E aí ele falou comigo: “- O seu papel é perdoar!”

(Pesquisadora): O pastor?

(P23): Isso! Pegou... Ele falou comigo: “Errei, fiquei mesmo e não tem como voltar atrás”. E aquilo pra mim foi o fim. Aí eu perdi... Eu falei: “Não, eu tô no lugar errado! Não é possível! Como assim eu tenho que perdoar? Se fosse eu ele não ia perdoar!”

E a Igreja sempre me martelando, me martelando, me martelando. Como eu te falei, eu perdi essa minha sensibilidade. Então assim, eu fiquei apática. Às vezes uma pessoa conversava comigo, eu estava em outro lugar. E aí falavam comigo: “Você é muito dura! Você não perdoa, você não sabe perdoar, você não tem o coração grato. Olha para os seus filhos”. E aquilo começou a me fazer mal, porque eu pensei assim: “Poxa a vida, eu estou passando por tudo isso e ainda a culpada de tudo sou eu?” Meus filhos entraram em depressão e tal...

E quando foi um dia, a minha mãe chegou lá em casa né, já tinha uma semana que eu estava sem banho. A igreja não quis saber de mim, me jogou de lado, de escanteio, né? Porque falaram que eu estava muito dura e que eu tinha que aprender apanhando.

E aí mãe chegou e falou comigo assim: “M. você está fedendo!”. Eu falei com ela: “Mãe, eu não tenho vontade de fazer nada! Me deixe aqui quietinha no escuro, eu não quero ver ninguém,

eu não quero falar com...” Aí ela falou: “Não!”. Ela já chegou, já abriu a janela. “Vamos tomar banho agora!”. “Não mãe, não quero!”. Me pegou, me levou pro banheiro, me deu um banho, lavou meu cabelo que estava todo ensebado, sentou comigo e falou comigo assim: “Olha, você tem duas opções: ou você sai disso fortalecida ou você se enterra de vez. O que eu tenho pra te falar é que eu quero que você saia dessa, mas a opção é sua. Levanta, vai estudar, faz o que você quiser fazer da sua vida”. Ele nunca me deixou trabalhar, ela falou comigo: “Vai trabalhar... porque você não tem bem nenhum, você não tem nada. Você mora na casa do seu sogro” – porque o meu sogro mora em cima eu moro embaixo. “Você não tem casa, você não tem nada. Você já parou pra pensar o quê que você vai deixar pros seus filhos?”. Foi aí que o meu *time* ligou. Eu falei: “Poxa a vida, mãe tem razão!”.

E aí eu sacudi a poeira... depois de 20 anos que eu tinha saído da escola, fiz minha inscrição do ENEM, passei com uma nota boa, ganhei 82% de desconto. Fiz, ganhei o FIES e eu vim pra faculdade. Entendeu? Então foi o *up* que eu precisava pra acordar.

Isso tem 6 anos mais ou menos que aconteceu e foi isso que ela fez comigo. Ela falou: “Você tem duas opções: ou você levanta e sacode, ou você se afunda de vez e vai morrer”.

(Pesquisadora): Isso é tão recente!

(P23): Recente. E quando eu entrei na faculdade, eu fiz a prova. Eu falei com ela: “fiz a prova”. Aí ela adoeceu em março e morreu em junho.

(Pesquisadora): Gente!

(P23): Ela não chegou a ver. (Choro).

(Pesquisadora): Tão importante para você estar na faculdade agora? Nossa, imagino a importância dela na sua escolha de estar aqui.

(P23): Porque se não fosse ela eu acho que eu já tinha morrido. Porque foi ela que foi esse carro que me empurrou, sabe! E eu achava que assim, né, a gente é sempre... hoje eu não quero nem ver Andréa, porque eles me fizeram muito mal. Muito mal. Acho que... se... claro que não foi tudo isso deles, mas se eles tivessem me dado um apoio, talvez pudesse ser diferente.

(Pesquisadora): Que Igreja que você...

(P23): Eu ia numa igreja chamada “Igreja de Jesus”.

(Pesquisadora): É uma Igreja Pentecostal?

(P23): Não, ela é... não vou falar pra você que é Neoliberal, mas ela segue a linha da Lagoinha.

(Pesquisadora): O quê que é isso, Lagoinha?

(P23): A Igreja Batista, da Lagoinha. Ela segue essa linha. Então assim, me fez muito mal. E aí essa falta que ela me faz é dela não poder ver, né. Não vê, fisicamente. Mas...

(Pesquisadora): Mas ela ficou encantada quando você se matriculou?

(P23): Nossa! E assim, quando ela adoeceu, eu levei ela pra morar comigo, porque a gente morava um pouco distante.

(Pesquisadora): Vocês se aproximaram muito?

(P23): Muito, muito! Porque a gente... eu não fui criada com ela. Eu tenho uma história também bem complicada. Ela era casada e o marido dela, quando ela casou, ele tinha uma amante e ela não sabia. E ela casou e foi embora pra Belo Horizonte. E aí, namorando com ele, ela descobriu que ele tinha uma amante. E ele ficava 15 dias com a amante, uma semana na casa dela. Aí ela enjoou e falou com ele: “Não quero mais”. O meu avô bateu nela, botou ela pra rua, porque era vergonha naquela época. E ela ficou com o melhor amigo dele, foi onde ela engravidou de mim. E ele quis voltar pra casa, ele largou a mulher, quis voltar e ela falou: “Estou grávida, de tantos meses, de fulano”. E ele falou: “Não, tudo bem! Não tem problema não”. E ela era negra e ele era negro, e meu pai muito branco. E quando eu nasci ele revoltou, porque ele achou que eu ia nascer negra, e foi a vergonha pra ele, porque todo mundo ia saber que eu não era filha dele. Então quando eu tinha um mês, um mês e meio, mais ou menos, ele chegou em casa muito bêbado pegou o revólver, colocou na minha cabeça e começou a puxar ‘tski, tski’. Eu no berço... e quando ela viu, ela correu, me pegou. Falou com ele: “Você está ficando doido?” “Essa menina branca, desse jeito! É minha vergonha, vai ver que não é minha filha! e tal”. Aí ela me pegou, me trouxe e me deixou com a minha tia. E eu fiquei com a minha tia até uns 12 anos, depois eu fui morar com ela. Eu já tinha meus dois irmãos, que são filhos do mesmo pai.

(Pesquisadora): Do mesmo pai?

(P23): Ela não morava com ele mais quando eu fui morar com ela.

(Pesquisadora): Mas assim, quando você fala: “eu tive os meus dois irmãos”, é desse padrasto?

(P23): Não, de uma outra pessoa. Ela largou ele, assim que ele tentou me matar. Ela largou ele... e quando ela estava grávida ela falou com o meu pai: “Ó, tô grávida e tal”. Ele tirou um dinheiro e falou: “Vai lá e aborta. A clínica é em tal rua, tal, tal”. Aí ela pegou e comprou fralda, mamadeira... “Não vou abortar não!”.

(Pesquisadora): Que mulher forte!

(P23): É. E aí ela falou “De jeito nenhum”. Pegou e eu fiquei morando com minha tia, eu peguei vínculo com ela. E eu fiquei morando com ela até os 12 anos, depois de 12 anos eu decidi ficar com minha mãe. Mas mesmo assim a gente tinha... É... Ah, não era próximo. Eu não tinha com ela uma afeição de mãe assim, sabe! Eu tinha mais com minha tia do que com ela. Apesar de saber que ela era minha mãe e tal, desde... quando eu me entendi por gente.

E aí quando ela adoeceu é que a gente teve esse vínculo. Eu pude cuidar dela, dá banho nela, dá a ela comida, porque ela morreu nova, ela morreu com 65 anos. Foi nesse período... eu tive muito pouco tempo com ela, de relação de mãe e de filho.

(Pesquisadora): Mas de qualidade de tempo...

(P23): Sim. Do que ter vivido 20 anos, 30 anos...

(Pesquisadora): Ela morre do quê?

(P23): Ela deu trombose. A gente... Não foi por falta de tratar, a gente estava fazendo o tratamento, mas o médico falou que era Flebite.

(Pesquisadora): O quê que é isso, Flebite?

(P23): Flebite é quando as veias inflamam e dá uma febre interna. Só que ela não era isso, era trombose. Era trombose mesmo, tanto que pouco tempo antes dela morrer, o médico fez um ultrassom e você via os pedaços de sangue coagulado já duro. Você pegava assim, você sentia, como se fosse pedra já.

(Pesquisadora): E o que aconteceu na sua relação? Como é que você está com seu marido?

(P23): Ô Andréa, então, quando eu tomei a postura de mudar, eu não cobre nada dele. A gente vivia na mesma casa, como dois irmãos, por causa dos meus filhos. Eu falei pra ele: “Ó, fica decidido assim, a gente vai ficar aqui por causa dos meninos e se você quiser ir, por mim pode ir”, mas eu acho que a gente tinha que preservar os dois. Porque eu sempre tive um tratamento com ele, a gente nunca discutiu na frente dos meninos, a gente sempre teve esse cuidado e foi um baque muito grande para eles ver aquilo tudo, sabe? Eu as vezes me culpo de não ter preservado eles nesse tempo. Mas eu não preservei nem eu, como é que eu vou preservar alguém? Então assim...

Quando eu entrei na faculdade, ele mudou totalmente. Ele falou comigo assim: “Vamos fazer o seguinte: eu quero te pedir perdão, não quero mais viver da forma que eu vivia e a gente recomeça”. E eu falei pra ele: “Pra mim, tanto faz!” Porque... e eu falo isso pra ele até hoje. Ontem mesmo ele brincou comigo: “Você me ama?” Eu falei: “Não!”. A gente mora... a gente está bem, a gente vive bem. Aparentemente ele não faz nada, porque tudo o que ele vai fazer, ele me comunica. Sabe, antigamente não tinha isso. Hoje não, hoje ele fala: “Eu vou em tal lugar, eu vou fazer tal coisa. Você pode ir comigo”; ou se eu não posso ir um dos meninos vão. Mas igual eu falei pra ele: “O amor que eu tinha por você antes, eu não sei se eu consigo ter agora. Eu te respeito.” Às vezes a gente vive por comodismo, costume. Não é comodismo, é costume. Mas amar eu não amo mais não.

Ele foi o meu primeiro, eu estou com ele tem 25 anos. Nós ficamos noivos eu tinha 17. Eu não conhecia outro homem, eu não conheci outra pessoa. E as vezes eu me perco... as vezes eu estou conversando com as meninas, a gente está conversando e elas ficam contando: “Eu fiquei com o fulano, fico com o beltrano, fico com o ciclano. E você M.?” “Eu não fiquei com ninguém”. (risos). Eu beijo a mesma boca desde os meus 17 anos. Eu não tive isto, sabe! E as vezes eu me pergunto porquê que eu não vivi. Porquê que eu não tenho história pra contar? Eu não tenho história pra contar.

Eu casei muito cedo, eu tive a minha filha com 22, mas assim, eu comecei a namorar com ele aos 17, depois a gente casou. Então eu não tive vida assim, eu não tenho história. E as vezes eu me culpo por isso, sabe? E aí veio isso e eu falei: “Nossa, eu abri mão da minha vida pra acontecer isso, pra viver isso?” Então hoje assim, é tudo tranquilo, não tem nada acontecendo. A gente vive até em paz, muito bem, mas foi um tempo muito difícil.

(Pesquisadora): O seu desenho, quando você conecta os fios nos cabelos, fica parecendo cabelos de mulher, né?

(P23): Não tinha reparado não, Andréa. Para mim ela estava careca! (risos).

(Pesquisadora): Pode ser! Eu é que estou colocando a minha percepção no seu desenho.

(P23): Parece, mas parece. Parece sim! Até pelo...

(Pesquisadora): Semblante?

(P23): Parece sim, Andréa.

(Pesquisadora): Te ouvindo e olhando o seu desenho, me dá essa idéia do quando que esse choque também está aí, esse “choque de realidade” foi importante?

(P23): Foi. É daí que eu assimilo a sombra, de algo bom. Eu acho que se isso não tivesse acontecido eu estava na mesmice que eu estava antes. Sendo a mãe né, eu não arrumava cabelo, eu não fazia a unha. Eu era toda baranga, Andréa, sabe? Eu não fazia a sobrancelha, porque a Igreja falava que isso não era importante. A aparência não era importante, tanto que quando isso aconteceu, a mulher do pastor falou comigo: “Ele te traiu porque você é gorda”.

Então foi muitas coisas assim que... eu falei gente, mas a Igreja não incentiva a gente a cuidar da gente. Elas cuidavam delas, elas eram magrinhas, bonitinhas, fazia Lipo. Mas elas falavam: “Pra quê? Pra quê que você vai fazer isso? Faz isso nada bobo! Corre o risco de morrer”. Pra gente não tinha esse tipo de incentivo. E ouvir isso pra mim foi muito difícil.

(Pesquisadora): Eu imagino!

(P23): Sabe?! E eu falei: “Eu vou continuar da forma que eu sou, eu não mudo por ninguém. Se eu tiver que emagrecer eu vou emagrecer por mim, porque eu quero, para me sentir bem,

não para agradar ninguém”. E foram coisas que foram acontecendo que eu parei e pensei: “Não, não me faz bem”.

(Pesquisadora): Sim, não faz mesmo. Eu acho que a maioria das perguntas aqui você já respondeu. Quando eu lhe perguntei qual foi a imagem que mais lhe tocou, você falou que foi a do eletrochoque. Qual imagem você representou? Sua resposta foi a mesma! O que vem agora é: como foi esse processo de criação. Como é que foi criar essa imagem?

(P23): Então, quando eu vi lá o equipamento, foi que eu lembrei da lobotomia. E nesse documentário tinha uma menina que ela foi lobotomizada. Mas foi uma lobotomia pelo nariz né! Eu lembrei dela e fiz o desenho com o eletrochoque.

(Pesquisadora): E você dizendo: “nem é uma menina”; “alguém careca”; “lembrei dela”. “Lembrei dela, mas não é uma menina não, eu tô fazendo uma pessoa careca aqui”. (risos).

(P23): Não, não é! (risos). Realmente tem sentido, Andréa.

(Pesquisadora): O quê que está escrito na maletinha?

(P23): Medicina.

(Pesquisadora): A próxima pergunta é: que sentimentos, lembranças, recordações você tem ao recriar a obra? Que é um pouco do que você está descrevendo, né? E quando você vivenciou isso tudo que você descreveu, você falou assim: A M. que veio fazer psicologia é uma outra M.

(P23): Sim. Eu fui julgada, sentenciada, morta e eu vivi. Porque é isso que o Apocalipse fala. Vai ter a morte, um julgamento e uma outra vida, para onde você vai: pro céu ou pro inferno. Não é assim? Então eu acho que foi isso que aconteceu: eu fui julgada... morri, fui julgada e estabeleci aonde que eu queria estar.

(Pesquisadora): Nessa outra vida!

(P23): Nessa outra vida.

(Pesquisadora): Quando alguém te pergunta sobre a viagem, o que você fala?

(P23): Eu amei! Amei!

(Pesquisadora): E quando você conta, tem alguma coisa que te chamou a atenção, alguma lembrança?

(P23): Então, eu tirei foto de tudo, até do que não podia, para mim mostrar para os meus meninos.

(Pesquisadora): Como é que é “até do que não podia?” Tem alguma coisa que não podia?

(P23): Sim, tinha as obras, não podia tirar foto. A mulher falou com a gente: “Não pode tirar foto”.

(Pesquisadora): Na exposição?

(P23): É, naquela outra parte que fica no primeiro corredor, no primeiro andar. Aí eu falei: “Tá bom”. Aí eu vi que ela foi conversar com alguém e eu falei: “Olha V, que lindo!” Porque tinha uma pintura de um cérebro com duas pessoas dentro, aquilo pra mim foi chocante! Como que existem duas pessoas... eu lembrei da Sombra, duas pessoas lá dentro? Como que cabe duas pessoas distintas, porque elas têm uma separação.

(Pesquisadora): Duas pessoas dentro de um cérebro?

(P23): De um cérebro! Eu achei aquilo maravilhoso.

(Pesquisadora): O quê que a imagem te traz, dessas duas pessoas?

(P23): Ah, Andréa, eu não pensei nisso.

(Pesquisadora): E porque te chamou a atenção então?

(P23): Eu não sei. Eu não sei te falar. Eu achei chocante, sabe! Eu achei fenomenal aquilo assim, para mim foi surreal ver duas pessoas dentro de um cérebro. E eu ficar olhando aquilo ali, eu falei: “Gente, que legal!”.

(Pesquisadora): A imagem te trouxe algum sentimento?

(P23): Ô Andréa, eu não localizei assim, eu não... eu só fiquei muito surpresa, muito impactada.

(Pesquisadora): Foi a obra de arte que mais te chamou a atenção?

(P23): Foi, foi. Essas duas pessoas dentro de uma. Parece que o rosto estava de perfil, senão me engano estava de perfil. Uma pessoa pra cima e a outra pra baixo. E eu fiquei pensando, nossa que legal!. Duas pessoas dentro de uma. E como que administra isso?

Eu fiquei pensando nisso, sabe! Como que você administra isso, duas pessoas dentro de uma? Mas foi muito legal.

(Pesquisadora): Vou parar a gravação. Obrigada!

(P23): É só isso? Queria mais. Mas é muito legal! Eu assim, fiquei maravilhada com as fotos, com a história. Eu li cada descrição que tinha, eu tentei ver aquelas digitais dos internos que tem na parede. Eu fiquei por horas olhando, identificando sabe. Aí teve uma, que estava bem assim em frente, que estava escrito assim: “Paciente em agito não sei o quê que lá”, porque não consegui tirar a digital. Eu até comentei com J.: “Nossa, pode ser que ela tinha Parkinson. Talvez ela não estava agitada por ser agitada. Talvez ela tivesse um outro problema que não fosse somente a loucura”. Nossa, eu fiquei muito impactada. Muito, muito mesmo! Para mim foi rico, depois do passeio eu vim falando isso com C., C. estava sentada do meu lado, eu falei: “C., não foi só um passeio em si!”.

Eu não sei se você entende dessa forma, mas... como é que eu te explico, a atmosfera do lugar é muito tenebrosa, é muito sombria, é muito carregada de dor. E é um lugar assim muito pesado.

É tenebroso. Eu falei com as meninas: “Nossa, esse lugar é muito pesado”. E olha que a gente não foi mais pra lá por causa da chuva.

(Pesquisadora): Mas deixa eu te perguntar uma coisa, se a humanidade está na lágrima, ela também está no aparelho?

(P23): Não sei.

(Pesquisadora): Quando eu perguntei porque o seu desenho é colorido, você falou que era porque ela está chorando a humanidade dela, que está perdendo. Só que quando você coloca a cor também no eletrochoque, parece... há a mesma cor ali também.

(P23): Sim.

(Pesquisadora): Eu fico pensando que, no sentido literal de um aparelho de eletrochoque, claro que é isso é um horror, não tem como abstrair um sentido saudável. Mas no seu caso específico, na sua história, é simbólica a transformação do que poderia se chamar de “choque de realidade”, que te tira a humanidade, mas que também resgata essa mesma humanidade, sabe? Então eu acho que é nesse lugar que eu entendo que você vai lá e representa também nesse aparelho algo que te traz de volta, aquilo que de uma certa forma...

(P23): Me foi tirado! O mesmo que me tira é o mesmo que me traz. Que legal!

(Pesquisadora): Muito obrigada, M.

#### **Participante 24 (P24)**

(Pesquisadora): Bom dia! Nós vamos iniciar a entrevista coletando alguns dados pessoais, ok? Qual é o seu nome?

(P24): P24

(Pesquisadora): Sexo?

(P24): Feminino.

(Pesquisadora): Qual é a sua data de nascimento?

(P24): 06/02/2001

(Pesquisadora): Qual é a sua escolaridade?

(P24): Graduanda em Psicologia.

(Pesquisadora): Como você se declara com relação à cor?

(P24): Branca.

(Pesquisadora): Você já fez ou faz algum tratamento psicológico ou psiquiátrico?

(P24): Sim, tratamento psicológico.

(Pesquisadora): Como é que você ficou sabendo da visita técnica?

(P24): Foi através da professora, nas aulas.

(Pesquisadora): Você já tinha ouvido falar do Arthur Bispo do Rosário antes da excursão?

(P24): Não.

(Pesquisadora): Conhecía alguma das obras dele?

(P24): Pelo que eu vi também não conhecia.

(Pesquisadora): Lá no museu, qual foi a imagem que mais te tocou, que mais te impactou?

(P24): Teve uma sala lá que teve aquelas cortinas, com várias coisas escritas. Achei bem interessante! Teve um quadro também que foi até o que eu desenhei, que tem duas pessoas dentro da cabeça de outra, meio que abraçadas, se não me engano. E também eu achei interessante uma exposição que tinha tipo uns carrinhos, com uns bonequinhos com as mãozinhas assim levantadas. Eu achei bem interessantes aquelas também.

(Pesquisadora): A pergunta seguinte, você até começou a falar dela, que é... a imagem que te tocou, foram essas três, mas qual foi a que você representou? Você falou que é de uma cabeça, é isso?

(P24): É. Ela é uma cabeça de um homem, é como se fosse um desenho de um cérebro e tinha duas pessoas lá dentro.

(Pesquisadora): Mas porque essa imagem foi importante? Porque que chamou sua atenção?

(P24): Na verdade, eu acho que eu já tinha visto ela no Instagram assim. Não sei se foi... Eu acho que eu estava pesquisando e já tinha visto ela. Aí quando eu vi ela lá também, eu achei ela muito interessante.

(Pesquisadora): Era um desenho, uma pintura?

(P24): Eu acho que era uma pintura.

(Pesquisadora): E como é que foi para você recriar essa imagem?

(P24): Eu fiquei tentando fazer o mais parecido, mas não deu certo não. Mas eu acho legal, porque eu acho que estava todo mundo procurando uma coisa assim e eu fiquei na dúvida se eu desenhava ou não aquela, eu falei: “Ah, vai essa daqui mesmo”. Eu achei muito interessante. Aí eu fui nela.

(Pesquisadora): E quando você pensa nela em si, eu sei que você foi lá no Instagram, olhou, mas quando você pensa na imagem... esse tipo de imagem, de uma pessoa, duas dentro dela, ela te traz alguma memória, alguma lembrança, algum pensamento?

(P24): Eu acho que não. No momento assim não.

(Pesquisadora): Você consegue associar... sei lá, tinha muitas imagens e você vai e fala: “É essa!” O quê que você pensa sobre isso?

(P24): Se eu não me engano, as duas pessoas que estavam na cabeça dessa pessoa, era como se elas estivessem nuas. E... eu não... como que eu posso explicar? É como se eu tivesse alguma coisa na minha cabeça nesse momento também sabe! Não sei explicar muito bem!

(Pesquisadora): E o que é isso: “como se tivesse alguma coisa na minha cabeça”?

(P24): Tipo assim, é como se aquelas duas pessoas tivessem representando alguns pensamentos que eu tenho, tipo de relacionamento, algo do tipo.

(Pesquisadora): Uma eroticidade? Você fala de um casal namorando?

(P24): Não. É como se fosse um companheirismo. Se não me engano as duas pessoas estavam abraçadas.

(Pesquisadora): É, mas elas também estavam nuas, que você falou?

(P24): É (risos).

(Pesquisadora): Você tem namorado?

(P24): Não! Eu acho que estou precisando de um relacionamento (risos).

(Pesquisadora): “Estou precisando de um relacionamento” é ótimo! Mas tem alguém que você gosta?

(P24): Então, eu tô até pensando nisso nesses dias, porque eu conheci uma pessoa, estou começando a gostar dela e eu não sei como que vai ser, e tal.

(Pesquisadora): E ela gosta de você?

(P24): Aparentemente sim. A gente tem... essa pessoa mora muito longe e a gente não se conheceu pessoalmente ainda. A gente só está na...

(Pesquisadora): É um namoro virtual, assim?

(P24): É, por enquanto sim. Eu tenho um certo problema com essas questões de relacionamento, porque tipo assim, o meu primeiro namorado também morava assim muito longe, lá em Brumadinho. Aí eram cinco horas de viagem... (risos) Eu tenho esse negócio de ter interesse por pessoas que moram longe.

(Pesquisadora): Você mora com os seus pais?

(P24): Não, eu moro na cidade e eles moram na roça.

(Pesquisadora): Mas eles são casados?

(P24): É.

(Pesquisadora): E essa pessoa atual mora aonde, em qual lugar?

(P24): Ele mora em Manhuaçu. É umas três horas.

(Pesquisadora): Você vai formar esse ano, se der certo você pensa em ir embora?

(P24): Vamos ver como é que vai ser...

(Pesquisadora): Porque o namoro de Brumadinho acabou?

(P24): Então, ele começou a ter convulsões né, e aí ele começou a ter a restrição de dirigir. Aí ele começou a ficar mais distante e tudo o mais... E um dia antes, não... na verdade ele veio para o dia do meu aniversário, eu vi que ele estava meio estranho e tals, e no outro dia ele terminou comigo.

(Pesquisadora): Ele veio para terminar, mas como era seu aniversário ele não fez?

(P24): É, mas eu acho que eu me senti muito mal por isso também, porque era um dia de comemoração minha e ver que ele estava estranho, foi... é bem pesado.

Porque tipo assim, ele meio que estava querendo terminar, mas não querendo. Ele até me chamou para morar junto com ele e tals, mas eu achei que era melhor a gente terminar mesmo.

(Pesquisadora): Ele te procurou depois?

(P24): Procurou. Eu acho que depois de um ano mais ou menos que a gente tinha terminado, a gente se reencontrou, ele falou algumas coisas, que tinha se arrependido e tudo mais, só que ficou por isso mesmo.

(Pesquisadora): Já tinha passado..., mas agora tem um outro interesse! “Eu só errei de cidade, Andréa, agora eu estou na cidade certa!”.

(P24): Tomara!

(Pesquisadora): Vai dar certo! Eu sempre torço para que dê certo. Tenho uma outra pergunta que é assim: o Bispo, o Arthur Bispo do Rosário, ele fazia obras baseadas no Juízo Final. Quando a gente fala em Juízo Final, o quê que é para você?

(P24): Eu acho que é meio como se fosse um julgamento, um julgamento para ter um fim. É meio que isso para mim.

(Pesquisadora): Você já se sentiu julgada alguma vez?

(P24): Eu acho que... que eu me lembre assim, eu acho que não.

(Pesquisadora): Eu achei interessante que a gente está falando de um fim de relacionamento e ao mesmo tempo você diz sobre “um julgamento para ter um fim”?

(P24): É!

(Pesquisadora): Você já foi julgada? Você acha que ele te julgou, teu namorado lá...

(P24): Eu acho que teve situações que sim, durante o relacionamento. Eu acho que teve momentos que não deveria ter aquele julgamento que ele teve, sabe. Que ele teve uma visão meio que errada primeiro. Tipo assim... sabe quando a pessoa vai provocando, até certo... É tipo, ele ficou me provocando, eu falei algumas coisas que ele não queria ouvir e ele me julgou

como eu era uma pessoa ruim. Aí a gente tinha até dado um tempo naquele dia, por causa desse julgamento que ele fez sobre mim. Eu acho que foi desnecessário isso que ele tinha feito.

(Pesquisadora): Entendi. Eu não pude deixar de associar o seu julgamento para um fim com a tua narrativa. O quê que você achou das narrativas que você ouviu lá no Museu?

(P24): Eu senti meio que... eu me senti meio mal, sabe! Igual aquele moço que estava falando lá, sobre as histórias dele, eu achei bem marcante. E o sofrimento dele assim, deu para eu imaginar tudo o que ele passou sabe? Eu fiquei meio que triste assim, por alguns momentos.

(Pesquisadora): Você gostou de ter ido na viagem?

(P24): Adorei!

(Pesquisadora): O que você mais gostou lá no Museu?

(P24): Eu acho que eu gostei daquela escada colorida.

(Pesquisadora): É mesmo?

(P24): Eu acho ela bonita. Eu acho que ela traz uma alegria para o lugar, sabe!

(Pesquisadora): E as frases que você falou que tinha na cortina, você lembra de alguma?

(P24): Eu não me lembro direito, mas eu tirei uma foto. Eu te mando...

(Pesquisadora): Tem um comentário sobre a viagem, sobre o que você viu lá que você queira trazer aqui no finalzinho?

(P24): Então, eu acho que foi o senhorzinho que estava falando... acho que foi o pai dele que falou com ele de uma maçã... e aquilo foi marcante para mim, sabe. A forma que abandonou ele naquele lugar. Senão me engano o pai dele falou com ele que ia leva-lo para comer uma maçã. E aquela frase foi muito marcante, porque ele foi abandonado com a maior inocência, ele foi fazer algo que ele jamais imaginou. Eu achei muito marcante.

(Pesquisadora): É sim! Obrigada, viu!

(P24): Por nada!

### **Participante 25 (P25)**

(Pesquisadora): Bom dia! Nós vamos iniciar a entrevista coletando alguns dados pessoais, ok? Qual é o seu nome?

(P25): P25

(Pesquisadora): Sexo?

(P25): Feminino.

(Pesquisadora): Qual é a sua data de nascimento?

(P25): 18/04/2000.

(Pesquisadora): Qual é a sua escolaridade?

(P25): Ensino Superior Incompleto.

(Pesquisadora): Como você se declara com relação à cor?

(P25): Parda.

(Pesquisadora): Você já fez ou faz algum tratamento psicológico ou psiquiátrico?

(P25): Sim, já fiz psicoterapia.

(Pesquisadora): Como é que você ficou sabendo da visita técnica?

(P25): Foi na sala de aula, com minha professora.

(Pesquisadora): Você já tinha ouvido falar do Arthur Bispo do Rosário antes da excursão?

(P25): Não, não conhecia, não conhecia a história. Fiquei sabendo tudo, aqui, na visita. Mas não sabia e achei muito interessante isso.

(Pesquisadora): Você conhecia alguma obra dele?

(P25): Não, nada em relação. O engraçado é que eu já fiz estágio no CAPS, então eu já tive um contato maior com os manicômios, pelo menos com a história do manicômio, mas eu não tinha conhecimento do Museu. O foco, parece que para a gente, fica muito em Barbacena. Então, não tenho muito contato.

(Pesquisadora): Quando você chega no Museu e você entra em contato com tudo o que está ali, qual foi a imagem que mais lhe tocou?

(P25): A arte, né?

(Pesquisadora): Mas tem alguma específica?

(P25): Eu tenho algumas fotografias que eu registrei, mas tem uma arte que é muito impactante, que foi a arte que nós andamos em um grupo de quatro pessoas. Então, a arte que chamou a atenção, pelo menos que ficou para mim, de nós quatro. A gente ficou debatendo do que aparecia na arte, porque a gente tem essa visão da psicologia analítica, mas foi uma arte que tem curativos, eu consigo abrir aqui, Andréia, para você falar um pouco dela?

(Pesquisadora): Você consegue, mas não precisa.

(P25): Mas é uma arte que eu consegui ela aqui agora, que parece que ela desenha quatro mundos, não sei bem né, que tem remédio, que tem chave, que tem apito, que tem umas figuras, mas ela coloca tanta coisa aqui que parece que tem tanta informação em uma arte, que é uma arte que chama muita atenção porque a gente conseguiu, de uma certa forma, interpretar do que ela estava falando.

E o mais interessante é que depois nós encontramos no próprio Museu um livro. E aí a gente foi pesquisar no livro onde a autora estava citando a arte e era exatamente aquilo que a gente tinha conseguido elaborar em relação a ela.

Então, assim, foi uma arte, foi a primeira, praticamente, assim, e foi a que mais ficou pra mim, porque eu já fico com isso, né, como que a arte representa tanto esse lugar de inconsciente, que a gente está ali e como que a gente consegue elaborar através dela.

(Pesquisadora): Como é que foi a interpretação de vocês? O que vocês viram na imagem?

(P25): Primeiro, em relação, eu não vou lembrar muito bem agora, mas...

(Pesquisadora): Não tem problema. Não precisa lembrar à risca, é só a impressão.

(P25): Em relação aos remédios, vem muito da medicação que era utilizada nos internos no manicômio. Então, vem muito desse lugar e parece que a pessoa que produziu a arte, ela tinha um lugar de gestação, com a qual ela não conseguia não ficar grávida através desses medicamentos, e aí na própria arte ela coloca camisinhas, então vem de um lugar dela que parece que não conseguia, de certa forma, gestar o filho. Então, foi isso assim, que ficou de uma forma mais geral. Então, tem muitas informações na arte, não sei se eu consigo falar assim daqui.

(Pesquisadora): Deixa-me ver se eu entendi: é como se a pessoa tivesse um desejo de ser mãe e não pudesse pelo excesso de medicamento ou pelas práticas utilizadas?

(P25): Sim, isso mesmo. E aí parece que ela perdeu o filho, sabe? Parece que ela teve uma vez, mas perdeu. Mas a imagem por si só depois eu te mando para ficar mais claro do que eu estou falando, mas foi basicamente isso que ficou, assim.

Esse lugar de mãe também, né? Que fica de que ela queria ter... E devido às condições do manicômio, isso impedia que ela tivesse.

(Houve uma pausa na entrevista, devido a um problema com a gravação e em seguida P25 continuou): Então, vou começar de novo. Eu não sei nem onde eu parei. Eu lembro que na sala de aula a professora disse que a gente escreveria um tema de TCC que tivesse uma relação com a gente.

E aí eu quis buscar um tema que, além de que se tivesse a ver comigo, que ele também pudesse me dar informações. Eu queria que me desse o prazer de estudar.

E no início do ano, eu descobri que eu tenho endometriose profunda. Uma das principais doenças relacionadas à endometriose é a infertilidade. Na época eu fiquei com acompanhamento ginecológico, mas tem muita coisa comprometida.

(Pesquisadora): E o que é muita coisa comprometida?

(P25): Assim, em relação aos ovários, né? Tem muita endometriose... E eu comecei a fazer uso de medicamentos que bloqueasse o avanço da doença. E tô aí... E o meu tema de TCC perpassa muito por isso, assim, de que eu queria... Eu queria me ver descrevendo o TCC porque eu não sei, né? se eu vou poder ser mãe, mas é um sonho, se é algo que realmente é pra minha vida, mas...

(Pesquisadora): Você tem dúvida?

(P25): Às vezes sim. Tem uma grande questão assim também, porque o meu médico fala que eu não posso demorar.

(Pesquisadora): Quando você estava no Museu, você fez a sua arte. Ela foi feita inspirada nesse quadro?

(P25): Eu acho que eu não me lembro muito bem da minha arte, mas eu trouxe alguns elementos que estavam nesse quadro. Eu quis desenhar como se fosse aquela... Eu fiz o círculo do quadro e dentro desse círculo eu coloquei os elementos que me chamaram mais a atenção, dentro de tudo aquilo que eu vi no Museu.

É como se fosse aquela atividade do mundo que nós fizemos na faculdade. O meu é como se fosse aquele mundo, do manicômio! E aí eu trouxe tudo o que me chamou a atenção, assim inclusive um elemento do quadro que eu não soube interpretar o que era, que era tipo uma banana que era o desenho assim, no quadro e eu não soube interpretar, e eu cheguei a comentar que até hoje assim, eu olho pra imagem e... não interpreto.

(Pesquisadora): Tem banana ou não tem banana ali, assim?

(P25): O que é aquilo? Mas, assim, é o que ficou pra mim. Então, ficou na banana mesmo.

(Pesquisadora): Então é um círculo?

(P25): É como se fosse um mundo. Eu lembro o lugar que eu estava, estava com as meninas que estavam andando junto comigo e inclusive eu fui a última a desenhar porque não vinha nada, assim, de como que eu conseguiria representar tudo aquilo que foi de conhecimento, tudo aquilo que foi de experiência.

(Pesquisadora): Eu vou te dar o desenho que você fez, para você acrescentar ou modificar alguma coisa se você quiser.

(P25): Eu sei que tem uma boca, um barco, uma lágrima, parece uma casa, chave, são muitos elementos que tem no quadro. Ah, é esse mesmo! Tem uma banana. É esse!

(Pesquisadora): “Tem uma banana, é esse?”

(P25): Tem uma lua brava né, triste. É, o feminino triste.

(Pesquisadora): O que é esse cabelo, é um mar?

(P25): E agora, o que é esse cabelo?

(Pesquisadora): Eu disse cabelo, porque você desenhou a pessoa né?

(P25): Eu não quis, mas agora parece. Tem um olho de um lado e do outro, as lágrimas. Nossa, que imagem forte, né?

(Pesquisadora): Sim, forte!

(P25): Eu acho que eu não tinha parado pra olhar para ela, sabe? Assim... E tem o barco.

(Pesquisadora): E pra baixo o que é?

(P25): É uma escada no lado direito.

(Pesquisadora): No lado direito uma escada, que tem degraus?

(P25): É, possivelmente é de alguma imagem que ficou também. E é uma escada. O que está embaixo, próximo da escada, eu não tô sabendo identificar muito bem.

(Pesquisadora): Me parece uma planta.

(P25): É, eu acho que é. Eu acho que é uma planta. E tem essas pedras, tem as casas, como eu vi nas imagens, são casas pequenas. E são casas bem coladinhas. Em algumas imagens que tinham... A chave, eu não sei o que a chave está fazendo aqui não, mas ela veio né? Me parece uma bagunça, meio... o quê que eu desenhei aqui?

(Pesquisadora): Eu não sei.

(P25): E o mar do outro lado, me parece, e a boca.

(Pesquisadora): É interessante porque embora não seja um rosto como o nosso, tem elementos do rosto: olhos, a lágrima do outro lado, a boca... Tem uma representação de uma face aqui, não é?

(P25): Sim, eu não tinha...

(Pesquisadora): Tem essa lua que está brava, como você falou. Parece que a lua está segurando alguma coisa? Tem uma mãozinha essa lua?

(P25): Sim. Parece mesmo! (risos). O que será? Não sei.

(Pesquisadora): Não tem filho aí, tem? Não tem essa ideia de aborto nem de fecundação aqui.

(P25): Sim! Nossa, eu tô chocada!

(Pesquisadora): Como o quê? Me fala o que você está pensando.

(P25): Eu não tinha parado pra olhar pra imagem.

(Pesquisadora): E ela é linda!

(P25): Hoje eu olho mais pras imagens. Então fica muito assim, nossa, eu que produzi isso aqui? Foi eu mesmo? E foi eu, né?

(Pesquisadora): Foi você. Você pode colorir se quiser ou se não quiser, pode deixar assim. Se quiser modificar, acrescentar alguma coisa.

(P25): Sim, eu quero colorir sim. Eu estou emocionada, eu tô mexida.

(Pesquisadora): A arte te emociona?

(P25): É. Muito!

(Pesquisadora): Se eu fosse fazer uma associação livre, o nascimento para você tem a ver com o quê?

(P25): Nascimento? Do meu eu? Você fala?

(Pesquisadora): Ok! Essa é uma resposta. Nascer tem a ver com o nascimento do eu.

(P25): Ou do meu novo eu.

(Pesquisadora): Não deixa de ser um nascimento! Quando você fala perda, aborto ou não conseguir engravidar, tem a ver com o que?

(P25): O aborto, engravidar, tem a ver com a doença.

(Pesquisadora): Doença. Então o que é saúde?

(P25): O que é saúde? Nossa, saúde é tanta coisa. Eu vou colocar bem-estar, mas não sei se essa é a melhor definição para saúde.

(Pesquisadora): Você é uma pessoa religiosa?

(P25): Sou.

(Pesquisadora): Dentro da sua concepção religiosa, o que é Deus?

(P25): É a base.

(Pesquisadora): O Bispo, ele tinha uma temática religiosa, do Juízo Final. O que é o Juízo Final pra você?

(P25): O Juízo Final? Para mim ele representa a salvação, né? Que fica para mim.

(Pesquisadora): Mas o que é ser salvo?

(P25): É ficar mais próximo de Deus, né?

(Pesquisadora): Que é a base!

(P25): Bonito isso. Eu achei bonito.

(Pesquisadora): Você gostou da viagem?

(P25): Adorei! Eu acho que tinha que fazer mais vezes, sabe? Porque agora tô doida para ir no Museu do Inconsciente também. Porque você despertou a curiosidade na gente, entendeu? Eu não sei ainda se eu vou no Rio nessas férias, mas se eu for, nossa! Eu tenho que ir no Museu do Inconsciente, porque eu estou muito curiosa para ver o que tem lá.

(Pesquisadora): Vai sim!

(P25): Nossa eu fico assim, fascinada com o inconsciente, você não tem noção.

(Pesquisadora): É um passeio que vale super a pena.

(P25): Eu adoro, eu adoro ouvi-los. Eu não tenho nenhum livro da Nise ainda, mas pretendo ler.

(Pesquisadora): Isso mesmo! Leia sim. Você está bem?

(P25): Não sei te falar. Não sei te falar se eu estou bem, sabe? Eu tô tentando.

(Pesquisadora): O fato de não estar como a gente gostaria que estivesse, ainda não estar né, ainda não ter chegado lá – porque vai chegar! Mas o fato de você ainda não ter chegado, você está levando muito bem o processo.

(P25): Eu também acho. Eu também acho que é isso.

(Pesquisadora): É isso aí! E teu namorado, você mora com ele?

(P25): Ai, Andréa... Eu não namoro mais...

(Pesquisadora): Então você quer ser mãe, mas não tem mais namorado.

(P25): Então, uma relação que não deu certo, né? E eu permaneci. Porque eu permaneci muito nela com o objetivo de ser mãe, porque eu precisava ser mãe rápido. Mas chegou o tempo que não dá mais. Não foi pra ser. E olha que eu tentei muito.

(Pesquisadora): Vocês consideram a possibilidade de um retorno?

(P25): Não... Tomara que não...

(Pesquisadora): Foi muito difícil então?

(P25): Então, sabe uma coisa que não é uma relação difícil? Até os dois anos era... Sabe o que é uma relação tipo... você acredita que é a pessoa e você se doa àquilo, e tudo mais, só que quando eu fiz dois anos de namoro, era uma relação perfeita, entre aspas, eu descobri uma traição. Uma traição que foi com mais ou menos um ano de namoro. Pelo menos foi o que me... o que me contou. Na verdade, eu não sei. E eu perdoei. Muito nesse lugar de que preciso ser mãe. Então, é uma pessoa que me fazia bem. E tem seis meses já que aconteceu isso, só que não é possível acordar todo dia pensando nisso e se maltratar. Foi por isso...

(Pesquisadora): Com certeza!

(P25): Eu fui cansando, sabe? Cansando. E aí meus sonhos começam a...

(Pesquisadora): Aflorar.

(P25): A vir... Sabe assim... Nossa, é um sonho muito marcante, mas... eu falo assim, eu não consegui interpretar esse sonho não, porque... eu não sei porque o mundo é ruim. E hoje eu olho pra ele e falo assim: ‘Nossa, que loucura isso! Gente, como é que pode!’ Mas aí... é... faz pouco

tempo, né? Eu terminei segunda-feira é... e, assim eu... eu tava bem, assim até porque eu não tô chorosa, sabe?

(Pesquisadora): Aham, estou vendo, você não está chorosa. Chorou a entrevista inteira! (risos).

(P25): Eu tô chorosa aqui (risos).

(Pesquisadora): Eu estou brincando...

(P25): Aqui eu estou. Me vem muito de um lugar que era eu, eu sei do meu valor agora. Vou viver isso ou ficar numa relação assim. Só que... eu não quero me sentir sozinha, sabe? Esse assim tem muito de um lugar religioso também. Eu rezava o terço, rezava por ele. Eu perdoei tudo, sabe! Tudo. E eu fiquei muito mal, eu fiquei muito, muito, muito porque eu já tinha feito tudo. Quem perdoa uma traição, não existe isso! Mas eu perdoei porque eu amava ele, sabe? Só que a partir daquele momento em que eu desmoronei e que as lágrimas desceram, eu falei: ‘Não quero mais isso pra mim’. Agora eu tô terminando bem, inclusive, porque quando eu descobri a traição, eu tinha acabado de descobrir que eu tinha endometriose... Tinha muita coisa aqui dentro, sabe?

(Pesquisadora): Para ser elaborada?

(P25): Sim. E assim, quando aconteceu a traição em si, eu estava com o pé quebrado. E... é tanta coisa, que eu fico assim: “Ai meu Deus, porque que eu fiz isso?”, mas enfim.

(Pesquisadora): E aí você faz esse desenho lindo! Olha que incrível sua arte, que incrível ela é!

(P25): É. E eu estava com muito medo de o meu sonho ser interpretado, sabe?

(Pesquisadora): Em sala de aula?

(P25): Ai, não sei. Quando a professora pede para fazer uma pergunta, eu ainda pergunto assim: “o quê que é o amor?” Era essa pergunta, mas depois eu modifiquei. Sabe assim... Mas a primeira coisa que me vem à cabeça: “o que é o amor?” Eu devia ter mantido: “o que é o amor?” Embora não saiba a resposta.

(Pesquisadora): Vou parar aqui, a nossa entrevista. Já falamos muitas coisas, não é? Eu queria te agradecer: obrigada!

### **Participante 26 (P26)**

(Pesquisadora): Nós vamos iniciar a entrevista coletando alguns dados pessoais, ok? Qual é o seu nome?

(P26): P26

(Pesquisadora): Sexo?

(P26): Feminino.

(Pesquisadora): Qual é a sua data de nascimento?

(P26): 19/05/1996.

(Pesquisadora): Qual é a sua escolaridade?

(P26): Graduação em Psicologia.

(Pesquisadora): Como você se declara com relação à cor?

(P26): Branca.

(Pesquisadora): Você já fez ou faz algum tratamento psicológico ou psiquiátrico?

(P26): Já fiz psicoterapia.

(Pesquisadora): Como é que você ficou sabendo da visita técnica?

(P26): Na sala. No momento que a professora falou, já fiquei interessada em ir.

(Pesquisadora): Você já tinha ouvido falar do Arthur Bispo do Rosário antes da excursão?

(P26): Não, nunca tinha ouvido falar.

(Pesquisadora): Você conhecia alguma obra dele?

(P26): Também não.

(Pesquisadora): Quando você chega lá no Museu, qual foi a imagem que mais te chamou a atenção? Entre as obras, entre o que estava escrito, entre os depoimentos, entre tudo o que você viu, o que mais te tocou?

(P26): O que me chamou muita atenção é os quadros mesmo, as pinturas e também a história que o Arlindo contou. Eu lembro que na sala que a gente estava, eu não lembro muito bem, minha memória é muito ruim, mas eu estava olhando em volta e eu vi que tinha um quadro, se eu não me engano era de uma mulher e estava contando a história dela. E eu achei bem impactante. E eu quase não tirei foto lá, eu quase não tirei foto. Eu vivi mais mesmo com a questão da memória. Porque eu rodei tudo, tudo que tinha pra ver eu vi. Se eu não me engano, tinha aparelho lá também dos choques elétricos. E quando eu vi, eu comentei com o R. que estava do meu lado, eu falei: “Gente!” Aí, por um momento, parecia que eu senti como se fosse comigo. Tentei sentir o que eles sentiam naquela época. E aquilo mexeu bastante comigo.

(Pesquisadora): Essa imagem do quadro, era um quadro de uma mulher?

(P26): É, era uma mulher e estava contando a história dela. A minha memória é muito ruim, mas eu lembro que o Arlindo estava falando e eu vi, tá? E eu deixei de dar atenção pra ele para eu ler o que estava escrito no quadro. Só que eu não lembro direito.

(Pesquisadora): Não tem problema não.

(P26): A história mesmo dessa mulher.

(Pesquisadora): Mas você chega a ler o que está escrito sobre a mulher?

(P26): Chego a ler.

(Pesquisadora): E é mais ou menos sobre o quê?

(P26): Eu não sei se falou que tampava a boca dela ou se foi na história do Arlindo que ele contou que tampava a boca dele. Alguma coisa nesse sentido, porque eu lembro que no meu desenho eu cheguei a fazer uma boca costurada, significando isso.

(Pesquisadora): O seu desenho, além disso, o que mais tinha?

(P26): Eu fiz... parece um quadrado. Só que o que eu queria representar seria uma escadaria ou até mesmo um labirinto. Como se... dando sentido para algo que está perdido, alguém que está perdido.

(Pesquisadora): Como se estivesse andando dentro de um labirinto?

(P26): Isso. Uma pessoa que está perdida, está confusa.

(Pesquisadora): E tem mais coisas?

(P26): Aí eu fiz essa pessoa com a boca costurada e a lágrima era lágrima de sangue.

(Pesquisadora): Ah, é mesmo? Muito sofrimento?

(P26): Muito sofrimento, isso mesmo. Eu quis demonstrar no meu desenho o sofrimento por conta do que eu senti naquele local através da história do Arlindo, através dos quadros que eu vi mesmo e eu desenhei também um jarro com flor, mas a flor era normal, ela só estava... era normal.

(Pesquisadora): “Ela só estava...” meio murcha, mas... era normal!

(P26): É, meio murcha. (risos).

(Pesquisadora): Você fez o movimento, né? com as mãos.

(P26): Eu não falei, mas realmente, a minha mão foi.

(Pesquisadora): Estou traduzindo (risos).

(P26): Aí eu pensei, será que ela estava murchando ou não, que eu já esqueci. O que eu coloquei até que foi normal, só que eu quis identificar também as raízes. Eu deixei as raízes bem à vista.

(Pesquisadora): Mas o que essa raiz representa? Porque ela está à vista?

(P26): Ah, eu não sei. Sinceramente... Não sei mesmo, mas na hora de fazer o desenho, acho que a primeira coisa que eu pensei em fazer foi esse jarro com flor. Eu acho que porque eu vi um quadro lá, achei muito bonito, mas eu quis colocar essa raiz.

(Pesquisadora): E isso que você conta, essas imagens que vêm: primeiro você vê um quadro, eu sei que ele não foi o único, mas você vê uma imagem, essa imagem vai para a sua reprodução, vai para o seu desenho. Um feminino silenciado, uma ideia de labirinto, de estar perdida. E vem

essa lágrima de sangue, que também está lá presente, e um vaso com essa raiz. Esse conjunto de imagens, eles falam, de algum modo, sobre você?

(P26): Eu acho que sim. Eu acho que sim, porque no fundo, às vezes, eu sinto que eu tenho uma tristeza guardada em mim. E aí eu estou fazendo terapia, eu estou buscando resolver isso na terapia. Às vezes eu me vejo muito bem, eu já percebi isso em mim, mas do nada eu começo a... me bate uma tristeza.

(Pesquisadora): Sinal de que está crescendo, saindo do vaso.

(P26): Sim.

(Pesquisadora): Mas passa por essa ideia do feminino silenciado?

(P26): Isso mexe muito comigo, me dói muito. Eu vejo que... eu sinto como uma injustiça.

(Pesquisadora): Me explica isso.

(P26): Eu falo em questões de mulheres silenciadas, mulheres que passam por algum relacionamento abusivo, então isso me toca muito, mexe muito comigo, eu sou bem sensível para sentir essas coisas.

Por isso que no meu desenho eu quis retratar bem o rosto, a lágrima de sangue, a boca costurada para significar realmente o silêncio, né? A pessoa teve que ser silenciada. Então, isso me dói muito.

(Pesquisadora): E essa ideia de estar num labirinto, também tem a ver com você? Ou com alguma coisa que você associa?

(P26): Quando eu desenhei essa questão, foi por conta do momento lá mesmo, das histórias. Mas tem vezes que eu me sinto bem confusa nos meus pensamentos.

(Pesquisadora): A gente nunca coloca algo só do outro, né? A gente sempre imprime algo da gente naquilo que estamos fazendo.

(P26): É como se fosse uma identificação, né?

(Pesquisadora): É, exatamente. Mas você pensou nas pessoas que também se viam de uma certa forma dentro de um labirinto?

(P26): Sim, sim. Eu já passei por isso, digamos assim. Onde demorou pra eu entender, pra eu sair desse lugar, mas eu vi que eu também era silenciada.

(Pesquisadora). E o que te deu voz?

(P26): Eu acho que foi a questão de não estar aguentando mais, chegar no limite.

(Pesquisadora): Acho interessante isso! Chegar num ponto que você não está aguentando mais e ir para alguma coitira coisa. Você é religiosa? Você tem alguma crença?

(P26): Eu acredito muito em Deus, eu tenho muita fé em Deus. Eu me considero uma pessoa

religiosa em questão de fé, mas de frequentar a igreja, não.

E eu tenho algo muito resolvido em mim que é, eu não preciso necessariamente estar dentro de uma igreja sempre, pra mostrar pra Deus que eu tenho fé, porque tá no meu coração, tá em mim, na minha oração, quando eu acordo, na minha devoção com Deus, nas músicas que eu gosto de ouvir pra me conectar com Ele. Então, eu sinto muito isso dentro de mim. Eu não me preocupo muito se eu tô indo à igreja ou não, porque eu sei que tá dentro de mim, a conexão entre eu e o Pai. Eu não preciso ir à igreja pra ter essa conexão.

(Pesquisadora): Foi tranquilo para você o processo de criação da sua imagem? Como foi o processo de criação?

(P26): Foi tranquilo. Foi. Geralmente quando se pede, até em sala de aula quando se pede pra fazer algum desenho, no começo tem uma resistência, mas rapidinho eu já vou pensando. Ou até mesmo quando não tem essa resistência, enquanto o professor tá falando eu já tô pensando.

(Pesquisadora): É mesmo?

(P26): Sim.

(Pesquisadora): Uma das últimas perguntas é: que sentimentos, lembranças, recordações você teve ao recriar a obra?

(P26): Eu acho que o sentimento seria...

Teve quadros lá que eu vi, muitas pinturas que, nossa, me deixavam muito feliz, que é na parte de baixo mesmo, numa salinha que tinha umas mulheres pintando E eu adoro olhar quadros pintados. E tinha muita pintura de casinhas, várias casinhas, pintura de flores e eu amo. Isso me deixou muito bem.

Agora a questão de ouvir a história do Arlindo, as coisas que ele passou, a questão da sala que eu vi, o aparelho que dava choque, isso tudo já me deixa mais chateada. É igual eu falei, é como se eu conseguisse sentir o que aquelas pessoas estavam sentindo. Então isso me deixa um pouco mal.

Eu vejo que eu sou uma pessoa que eu sinto muito. Eu costumo falar com alguns amigos que tanto pra algo ruim, pra dor, como pra felicidade. Eu acho que eu sou muito intensa na questão de sentimento.

Se eu, por exemplo, se eu ver uma coisa, um mendigo na rua, por exemplo, às vezes me dá uma tristeza tão grande de querer acolher aquela pessoa que eu sinto como se fosse eu que tivesse ali na pele daquela pessoa, porque me deixa muito mal.

Assim como às vezes eu vejo, por exemplo, algo bobo, mas que me deixa extremamente feliz. Um casal de idosos andando de mãos dadas na rua. Isso me deixa extremamente feliz. Então da

mesma forma que eu sinto uma felicidade muito grande, eu também consigo sentir uma dor do outro muito grande também.

(Pesquisadora): Você traz temas muito interessantes. Um, tem a ver com esse sentir com o outro, que passa por relacionamento, por afeto... E você falou anteriormente de relações que muitas vezes foram silenciadas nesse feminino.

(P26): Eu consegui sair desse lugar, porque eu passei por um relacionamento abusivo, e depois que eu tive noção das coisas que estavam acontecendo, porque eu terminei e contei pra uma amiga, mas eu não tinha noção. E quando eu fui contando tudo o que estava acontecendo, ela falou assim: ‘N. você estava num relacionamento abusivo’, aí eu comecei eu mesma a me julgar, porque o primeiro pensamento foi: ‘mas como assim? Eu faço psicologia, eu entendo dessas coisas, como que eu me deixei cair nisso?’

Só que depois de muito tempo eu vi que às vezes eu via, mas eu queria não ver. É como se eu estivesse querendo tampar meus olhos, ou querendo tentar mais uma vez, ver se o outro ia mudar. Só que depois que eu vi que eu estava naquele lugar, que eu consegui terminar. E foi difícil porque a pessoa não queria, a pessoa fazia chantagem, só que depois que eu já estava decidida, não teve mais volta.

E aí, depois que eu fui... Cada dia que passava eu ia elaborando um pouco, eu vi que eu fui silenciada, eu não era eu. Eu não tinha autonomia para fazer nada e eu pensei: ‘nunca mais eu vou deixar isso acontecer.’

Porque eu costumo falar que era como se eu estivesse numa caixinha. Eu tinha deixado de ser eu e a partir do momento que eu consegui sair desse relacionamento... Por isso eu gosto muito de Borboleta, porque eu vejo que foi uma transformação mesmo.

Silenciada por uns três anos e pouco, eu tinha deixado de ser a N. E depois eu me vi solteira, conhecendo várias pessoas, eu podia falar o que eu queria, eu podia rir na hora que eu queria. Sem ninguém me, me... me proibir de nada, me criticar. Então eu estava sendo eu. E eu vejo que alguns amigos, principalmente na faculdade, falaram isso pra mim. ‘Ah, você tá mais madura, você tá mais aberta, eu tô te vendo diferente’. E antes eu não era assim, mas é porque tinha alguém que me controlava.

(Pesquisadora): E tem uma outra coisa no seu desenho, que é quando você deixa essa raiz à mostra, e você também fala que te emociona a pintura num sentido positivo, uma casinha, uma florzinha...

(P26): Mas é isso mesmo. Eu sempre tive... Pode falar? Passou muito tempo?

(Pesquisadora): Pode, não tem tempo não. Fique tranquila!

(P26): Não, tá tranquilo. Eu não conheço o meu pai biológico, ele só me registrou e eu fui crescendo com uns 15, 16 anos sempre perguntando pra minha mãe, minha mãe também não sabe o que aconteceu e ele era garimpeiro.

Ele só me registrou e sumiu, minha mãe não sabe o paradeiro. Hoje eu tenho a minha mãe, o meu padrasto, eu tenho irmão, mas na casa dos meus pais hoje são só os meus pais mesmo. Meu padrasto, que eu considero meu pai, um pai maravilhoso pra mim, e a minha mãe.

Só que desde os meus 18 anos, a minha vida inteira que eu falo, é que eu sempre tive essa necessidade de construir uma família, de ter o meu marido, de casar, de ter a minha casa, o meu carro e o meu filho. Então, eu sempre tive essa vontade, é algo que eu vou crescendo, vai crescendo comigo.

E eu sou uma pessoa que, eu sou bem ligada à família, eu acho que a questão da raiz talvez tenha a ver com a família também, porque eu tenho medo de ir embora pra longe, justamente de deixar a família longe.

Mas eu sou uma pessoa também que quando eu quero algo, eu vou atrás. Então às vezes eu fico dividida. Eu tenho medo do futuro.

(Pesquisadora): Você chegou a encontrar teu pai?

(P26): Não.

(Pesquisadora): Você tem esse desejo, ou não?

(P26): Tenho muito desejo de encontrar, de saber o paradeiro dele. Ano passado eu encontrei a família através de um amigo da época. Hoje em dia não é mais meu amigo, mas ele me ajudou. Eu encontrei, eles são lá de Rondônia. Encontrei irmão do meu pai, irmã, as primas... só que ele não e ninguém tem notícia dele. Ele saiu de lá em 96 e nunca mais voltou. Mas assim, eu tô feliz que pelo menos uma parte disso eu já encontrei.

(Pesquisadora): Uma parte você já conhece.

(P26): Sim. E pelo menos isso já me deixa o meu coração mais aconchegante. Só que eu tenho muito essa vontade de um dia descobrir o que aconteceu. Igual as pessoas falam comigo, às vezes é melhor você não procurar. Mas é porque é algo muito ruim, porque eu não sei se tá vivo, se tá morto.

(Pesquisadora): E procurar é procurar a tua história.

(P26): É a minha história. Eu só queria ter uma resposta. Única coisa que eu quero é uma resposta. Se ele estiver morto, eu não posso fazer nada, mas pelo menos eu vou parar de procurar, que não tem jeito.

Agora, se ele estiver vivo, enquanto eu tiver a oportunidade, eu pretendo procurar sim, pra saber, descobrir alguma coisa.

(Pesquisadora): Tomara que você encontre! Torço muito para você encontrar o que está buscando.

(P26): Obrigada!

(Pesquisadora): Você gostou de ter ido lá no Museu?

(P26): Gostei bastante. Se tivesse outra viagem, eu voltaria sim.

(Pesquisadora): Você deseja fazer algum comentário ou pergunta, alguma coisa que você queira falar sobre a viagem, que porventura eu não tenha comtemplado?

(P26): Então, como eu falei, eu não lembro muito das coisas, minha memória é muito ruim. Mas eu acho que tudo que eu tinha pra falar mesmo, que eu consegui recordar, eu falei, em questão da viagem.

(Pesquisadora): Muito obrigada, então!

### **Participante 27 (P27)**

(Pesquisadora): Bom dia! Nós vamos iniciar a entrevista coletando alguns dados pessoais, ok? Qual é o seu nome?

(P27): P27

(Pesquisadora): Sexo?

(P27): Masculino.

(Pesquisadora): Qual é a sua data de nascimento?

(P27): 02/09/1983

(Pesquisadora): Qual é a sua escolaridade?

(P27): Curso Superior Incompleto.

(Pesquisadora): Como você se declara com relação à cor?

(P27): Parda.

(Pesquisadora): Você já fez ou faz algum tratamento psicológico ou psiquiátrico?

(P27): Sim, psicológico.

(Pesquisadora): Como é que você ficou sabendo da visita técnica?

(P27): Foi divulgado na faculdade.

(Pesquisadora): Você já tinha ouvido falar do Arthur Bispo do Rosário antes da excursão?

(P27): Não.

(Pesquisadora): Você conhecia alguma obra de arte dele?

(P27): Andréa não, infelizmente não. Não conhecia nem ele, nem a obra dele. Por isso que para mim foi muito importante ter ido lá. Seria muito valoroso pra gente se tivesse outras oportunidades igual àquela. Eu vou em todas que tiverem porque foi muito gratificante.

(Pesquisadora): Lá no Museu, qual foi a imagem que mais te tocou?

(P27): Eu acho que tudo chama um pouco a atenção lá, mas eu acho que é as pinturas, os quadros, aquilo que eles produziram lá. Aquilo que a gente ouviu também dele, da história, até mesmo aquele senhor que estava contando as histórias lá.

Uma senhora também que a gente foi vê ela lá, e tudo o que tinha lá aonde ela estava foi ela mesma que produziu, os quadros.

(Pesquisadora): De tudo o que você viu, teve alguma imagem que te chamou a atenção?

(P27): Ô Andréa, teve um que não era aonde essa senhora estava não. Eu não sei se foi no segundo andar que estava uma senhora, que tinha marcas pelo corpo dela. Eu não vou saber falar agora o quadro assim certo não, mas esse foi o que mais me chamou a atenção. Foi naquele andar que tem uma porta de vidro.

(Pesquisadora): Porque que essas marcas no corpo te chamam a atenção, no quadro?

(P27): Porque para mim retrata o sofrimento que eles passaram lá. Não só vivenciou como ficou marcado no corpo dela tudo aquilo que aconteceu ali.

(Pesquisadora): Tem sofrimento que fica marcado mesmo na pele. A gente fala: 'senti na pele'.

(P27): Sim, que quando você sofre, tem um sofrimento, vamos dizer assim, psíquicas, mas que isso não te trouxe marcas no corpo. Eu acho que todo sofrimento, ele tem a sua dor né, mas quando te deixa marca tanto intrinsecamente quanto visualmente, eu acho que é pior ainda.

(Pesquisadora): É uma violência?

(P27): Sim.

(Pesquisadora): Você chegou a fazer alguma representação, algum desenho?

(P27): Eu fiz sim.

(Pesquisadora): O quê que você desenhou?

(P27): Eu fiz um coração sangrando.

(Pesquisadora): Porque um coração sangrando?

(P27): Então, para mim, o que eu vi lá foi o sofrimento que não tinha voz. Era um sofrimento interno mesmo, que era sentido no coração. Que não tinha como a boca... eu tive assim, ainda que a boca falasse, ela não seria ouvida. Então eu acho que o coração ele... o que eu desenhei foi por isso, porque para mim o que a boca não falou, o coração ele...

(Pesquisadora): Sentiu.

(P27): Sentiu!

(Pesquisadora): Essa imagem que você faz do coração, não era um quadro que você viu não, não é? Era o que ficou para você da sua experiência?

(P27): Isso, isso foi a minha experiência mediante aquilo que eu vi, e o sofrimento, para mim foi isso, um coração sangrando.

(Pesquisadora): Quando você pensa na sua imagem, isso te remete a alguma lembrança, algum sentimento, alguma experiência?

(P27): (Ficou em silêncio)

(Pesquisadora): Você já passou ou conhece alguém que tenha passado por uma dor, de não conseguir falar dessa dor e também senti-la?

(P27): Eu acho, Andréa, que isso tem... tem de... difícil falar né.

(Pesquisadora): Porque?

(P27): Às vezes é difícil falar da gente.

(Pesquisadora): É, é sim. Mas olha, se você não quiser também não precisa não, tá?

(P27): Sim.

(Pesquisadora): Estou aqui te perguntando aqui na entrevista, mas se for muito pessoal, não precisa contar. Está tudo bem, tá!

(P27): Não, não! É claro que tipo assim, o sofrimento, não deixa marca... eu não sei se... eu não sei se seria as marcas visíveis... (seguiu-se um silêncio). Mas tem aquelas marcas que são invisíveis.

(Pesquisadora): É, tem sim. E que é até mais difícil porque ninguém está vendo.

(P27): (Silêncio).

(Pesquisadora): Se a gente for parar pra pensar, se a gente pensar nessas dores silenciadas, muitas pessoas ficam nesse contexto manicomial porque também foram silenciadas por alguém, que também não tiveram oportunidade de falar.

(P27): Sim.

(Pesquisadora): E como é que se consegue, como eu posso dizer assim, dar voz?

(P27): (Aqui se estabeleceu um tempo maior de silêncio e choro). Às vezes é difícil... Eu acho que a gente convive, aprende a conviver com ela.

(Pesquisadora): Você gostou de ter ido no Museu?

(P27): Sim. Gostei muito. Eu me identifiquei com muita coisa lá que eu vi.

(Pesquisadora): Com o quê que você se identificou?

(P27): Acho que eu me identifiquei mais com o silêncio deles. E é um silêncio forçado, porque você não tem voz.

(Pesquisadora): O Bispo do Rosário, ele traz na obra dele o tema do Juízo Final, e dentro do seu entendimento, o quê que é o Juízo Final?

(P27): Então, o Juízo... se eu for falar pela Bíblia, pela área Teológica, para que é, tipo assim, um julgamento que terá da gente das boas e das más ações.

(Pesquisadora): Está dentro da gente?

(P27): Sim.

(Pesquisadora): E quando você fala dessas pessoas que foram silenciadas, ali houve um julgamento?

(P27): Eu entendo que ali houve julgamento, sem eles ter nenhuma defesa, porque eles não eram ouvidos. Eles foram sentenciados sem direito a defesa.

(Pesquisadora): E tem essa ideia de que a partir desse julgamento a pessoa vai para o céu ou para o inferno?

(P27): Sim.

(Pesquisadora): E você entende o céu e o inferno como?

(P27): Eu entendo o céu e o inferno, se a gente for falar na perspectiva...

(Pesquisadora): Eu gostaria de saber a sua perspectiva.

(P27): Então, dentro da minha perspectiva eu não consigo ver o julgamento. Não tem como fazer isso.

(Pesquisadora): Me explica, por favor.

(P27): Porque eu acho que quando eu julgo eu tiro... eu tiro de novo a fala do outro. Como que eu vou decidir pelo outro? Eu acho que quando você não é ouvido, você mesmo passa a desacreditar.

(Pesquisadora): Desacreditar em si?

(P27): Sim.

(Pesquisadora): E tem alguém que escuta? Tem uma verdade aí que ouve?

(P27): Sim. É, e eu acho que a Psicologia em si me deu essa, esse... direito de falar e de ouvir.

(Pesquisadora): Você colocou na sua arte essa imagem de um coração sangrando. O que seria o contrário dessa imagem?

(P27): O contrário do coração sangrando?

(Pesquisadora): Sim.

(P27): Eu acho que é um coração que se daria oportunidade.

(Pesquisadora): Oportunidade para quê?

(P27): Para viver algo novo.

(Pesquisadora): Ótimo! Eu não tenho mais perguntas para fazer não, eu queria saber como é que tinha sido o processo de criação. Fico muito agradecida por você ter me concedido esses minutos. Obrigada mesmo!

(P27): Para mim foi prazeroso, poder falar com você é sempre um aprendizado.

(Pesquisadora): Obrigada, eu é que estou aprendendo com vocês! Tem mais alguma coisa que você queira falar, alguma coisa que eu não disse que você queira colaborar com a pesquisa, falando a sua impressão ou alguma coisa que tenha ficado para você?

(P27): Eu acho que para mim ficou isso, na minha visão da dor deles, que é uma dor de não só ser silenciado, mas de marcas visíveis no corpo. Eu me identifiquei com isso, porque tipo assim, não tive marcas no corpo... não sei se posso dizer que não tive marcas no corpo, porque de certa forma, mesmo que não esteja visível, ficam marcas né.

Mas quando eu fui lá, a imagem que eu tive lá é que eu precisava ressignificar muita coisa em mim, e acho que eu mesmo deveria me oportunizar para algo novo.

E a Psicologia em si tem me oportunizado de... é claro que tudo começou lá atrás com a Bíblia. Eu sempre tive vontade de estudar, e chegou um momento no curso de Teologia, é... para mim continuar eu tinha que voltar a estudar né. E como eu tinha parado na sétima série, eu tinha que fazer tudo de novo. Eu tive que fazer quinta, sexta, sétima... e o primeiro, segundo e terceiro. Aí eu já não... eu já quis mais a Psicologia, não quis a Teologia em si. E a Psicologia virou uma paixão, me...

(Pesquisadora): Transformou?

(P27): É.

(Pesquisadora): Eu entendo que foi um caminho muito sofrido e imagino como deve ter sido difícil ter que retomar os estudos, e de tudo isso que vem de vozes externas. Mas de uma circunstância da vida em que você teve que voltar lá na quinta série, buscando um conhecimento e entendimento mais profundo de si mesmo a partir da Teologia e olha onde você chegou né! E eu não vou nem dizer que você chegou, porque você está a caminho, de ir para outros lugares depois do curso porque o desenvolvimento não finaliza na graduação. Então é tão maravilhoso o que você consegue fazer a partir da dor.

(P27): Sim. E a gente pensa que as vozes que durante um tempo falaram que você não podia, que não era capaz e você vê que não é bem assim, que não é assim do jeito que falavam pra gente.

(Pesquisadora): Exatamente! Talvez você tenha ido mais longe e muito mais longe inclusive do que as vozes que te silenciaram.

(P27): Sim.

(Pesquisadora): Obrigada, viu!

(P27): Por nada! Eu que agradeço pela oportunidade maravilhosa.

### **Participante 28 (P28)**

(Pesquisadora): Bom dia! Nós vamos iniciar a entrevista coletando alguns dados pessoais, ok? Qual é o seu nome?

(P28): P28

(Pesquisadora): Sexo?

(P28): Feminino.

(Pesquisadora): Qual é a sua data de nascimento?

(P28): 29/08/1965

(Pesquisadora): Qual é a sua escolaridade?

(P28): Eu tenho licenciatura de Química, licenciatura de Matemática, bacharel e licenciatura de Biologia, Educação do Campo.

(Pesquisadora): Nossa, que tanto!

(P28): E agora, a minha última foi Educação do Campo, que é Ciência da Agroecologia. E agora Psicologia.

(Pesquisadora): Você dava aula de Química, Matemática?

(P28): Sim. Eu dava aula, logicamente, tinha... alguma coisa que não dava certo, eu saía. Saía, eu fazia outro curso, fazia outro curso. Então, eu comecei com a Química, trabalhei com a Química. Quando eu trabalhei com a Química, eu era Educadora de Jovens e Adultos. Isso em 1970 e poucos, né?

Quarenta anos de sala de aula. Eu fiquei com jovens e adultos. Depois, eu fui para a educação de crianças, o Pré-Mobral. Era um convênio com o Ministério da Educação. Fui para a Química da UFV. Na Química da UFV, eu fiz a licenciatura, o bacharel, inclusive o P. C. era o meu professor lá, até que a gente conversa muito. Outro dia ele me deu o livro dele, você já leu?

(Pesquisadora): Já.

(P28): Ele me deu o livro. Me chamou lá e ele me deu o livro. Então no Bacharel, faltou uma matéria, mas aí eu engravidei e parei; mas a licenciatura eu fiz. Eu peguei e fui para a escola, cheguei na escola meus horários não estavam batendo, eu já tinha filhos. Eu peguei e fiz Ciência

da Natureza com a especialização em Matemática, lá em Ponte Nova. Eu voltei, meu horário estava meio enrolado, eu larguei, priorizei... por isso que eu falei que eu priorizei os meus horários era de acordo com os filhos.

Larguei tudo e fui fazer Biologia. Fiz em Biologia, trabalhei muitos anos, 10 anos na Biologia. Quando eu fiquei na Matemática, eu fiquei na antiga FEBEM. Fiquei 10 anos na Matemática e na FEBEM. Inclusive, fico toda contente quando eu vou pagar minhas contas ali no financeiro, encontro o *fulano* lá: “Dona R, dona R!”

(Pesquisadora): Que legal!

(P28): Adoro! E depois eu larguei tudo e fui fazer a Educação do Campo. Educação do Campo é uma outra história. A Educação do Campo foi apenas para ter um certificado para dar para a minha mãe. Não tinha nada a ver com... acadêmico não.

(Pesquisadora): Que é totalmente fora do...

(P28): ...não era acadêmico, nada, nada a ver, mas é uma coisa que eu gosto, muito, muito, muito. É Agroecologia, Ciências da Natureza. Muito!

Depois eu peguei e falei: ‘Não, agora eu vou mudar’. E vim para a Psicologia, e estou batendo cabeça, não é fácil não. O S. sempre me corrige: ‘R, você não está dando aula para criança’. Aí eu falo: ‘Mas eu não dava aula pra criança’. A primeira aluna minha, ela tinha oitenta e poucos anos, ela queria aprender ariscar o nome pra tirar o título para aposentar. Naquela época, isso em 1979.

79, então, assim, é muito tempo. Então assim, era... Depois eu peguei o Segundo Grau, fiquei muito bem. É onde que eles me mandavam. Tinha... as graduações foram para isso, de acordo com a demanda dos filhos, pra organizar horário eu largava aquilo e partia para outra.

Por isso que eu vejo a questão da criança o tempo todo, né? Eu falava: ‘Esse ano eu não vou trabalhar de noite’. ‘Ah, mas o cargo que tem é a noite’. Eu falava: ‘Não tem problema, eu largo’. Aí eu faço outro e vou cuidar de filho.

(Pesquisadora): É, filho sempre chama, né! Depois dessa pergunta, tem uma parte sobre dados pessoais que é importante. Como você se declara em relação à sua cor?

(Pesquisadora): Como você se declara com relação à cor?

(P28): Parda.

(Pesquisadora): Você já fez ou faz algum tratamento psicológico ou psiquiátrico?

(P28): Já fiz tratamento psicológico.

(Pesquisadora): Tem um segundo aspecto que é sobre a visita ao Museu. Como é que você ficou sabendo da visita?

(P28): A Saúde Mental me chama muita atenção, muita, muita, muita, dentro da Psicologia. Eu não consegui ainda me encaixar na Saúde Mental, no trabalho de Saúde Mental e vejo que não tenho muita possibilidade de trabalhar futuramente, porque eu não posso. Eu sou aposentada em dois cargos públicos, então, não tenho chance.

Então, assim, eu estou querendo trazer isso para a clínica, por isso que eu estou atendendo. Até como hospitalar, estou atendendo pessoas que estão no início do Alzheimer.

Então, assim, Saúde Mental é algo que me chama muito, muito a atenção. Logicamente na hora que foi falado, eu falei: 'Com certeza! Com certeza eu quero ir, quero conhecer esse espaço.' E é um espaço que, assim, você vai me perguntar depois sobre o quê que me chamou mais atenção?

(Pesquisadora): É, mas vamos na sequência. Você ficou sabendo da excursão, então você vai. Você já conhecia o Arthur Bispo do Rosário?

(P28): Não.

(Pesquisadora): Você tinha visto alguma obra dele?

(P28): Não, eu não conhecia nada. Eu só sabia quando falava de Saúde Mental, eu ouvia falar de Barbacena, mas me chama, me provoca muito... aquele filme, o Holocausto. Eu assisto várias vezes aquilo me... sabe?

(Pesquisadora): Traz uma inquietação?

(P28): Inquietação! Então, quando eu via a proximidade... Barbacena eu não pude ir. Então eu falei, como eu via a proximidade lá, então, assim...

(Pesquisadora): É porque as vezes a pessoa vê uma obra, por exemplo, vê o Manto sem saber que é do Bispo.

(P28): Eu não conhecia.

(Pesquisadora): E lá no Museu, qual foi a imagem que mais te tocou, que mais te chamou a atenção?

(P28): As pessoas que estão ali. Eu fiz questão de interagir com aquele que... eu esqueci o nome dele.

(Pesquisador): O que fez a apresentação? Tinha o mediador.

(P28): Não, não é ele não.

(Pesquisador): E o Arlindo de Oliveira, que deu o depoimento dele.

(P28): O Arlindo. Eu não sabia que ele era uma pessoa que ia ser entrevistada. Então, na hora que a gente chegou lá, a primeira pessoa que me chamou a atenção foi ele. Aí ele me chamou para conhecer as obras dele e tal, tal, tal. Em momento algum, eu pensei que era...

Agora eu fico boba como que eu... desliguei disso! Eu não vi o Arlindo como uma pessoa que fazia parte daquele processo ali todo. Não! Simplesmente... ficamos conversando um tempão. Conversas soltas, não tinha... Não tinha a ver com... aquele lugar específico. Conversa. Fui lá para aquela venda onde ele fica e nós ficamos conversando. E ele ficou falando sobre o valor de cada peça, o que ele... O que tem dele naquela peça, aquele quadro, inclusive eu tirei a foto do quadro dele, que tem muito orgulho dele...do quadro.

Ele falou do valor, aí ele falou do valor que tem aquele quadro para ele. Me chamou muito a atenção. E ele destacando cada ponto ali, o porquê de cada ponto e tal, tal, tal. A gente ficou conversando. Ficamos conversando

Aí na hora que chegou, eu custei para associar que ele estava falando do amigo e aquele amigo era o Bispo do Rosário, porque para mim não vinculei. A conversa nossa não foi... em momento algum eu vi ele desse jeito. Na hora que eu vi, eu falei: 'Mas como assim?'

Quando a gente fala do Museu, remete à coisa muito antiga. Sem querer, vem aquela coisa antiga. Aí eu imaginei uma pessoa muito antiga. Você entendeu? Juro!

Na hora que nós vimos, eu imaginei uma história de um passado. Eu falei: não, é a história de um passado recente aqui. O colega está aqui do lado. Então, na hora que ele falou lá na frente, custei para associar aquele Arlindo que eu estava conversando o tempo todo lá embaixo com aquele que estava contando a história daquele espaço. Achei muito interessante.

(Pesquisadora): É muito marcante o depoimento dele, né?

(P28): É, muito marcante ele falar do Bispo do Rosário, da tranca. O que mais me chamou a atenção foi que, para ele, o cadeado... Aí eu fiquei procurando nas obras dele se tem cadeado. Não vi. Mas o cadeado pra ele é algo muito simbólico. Ele falou... tirou o cadeado e ele falou não. Ele estava bem lá, o Bispo do Rosário estava bem e não ia sair, ficou oito anos né? Mesmo com o cadeado na mão.

Aí que eu fiquei, os aprisionamentos, fiquei meio viajada, sabe! Eu fiquei viajada. Os aprisionamentos que nós todos temos com o cadeado na mão. Foi a reflexão que eu fiz o tempo todo lá. Nossa, você tem o cadeado na mão, você tem a chave na mão, você está aprisionado, porque foi confortável.

Então, eu falei assim: o que está confortável? Que sofrimento foi aquele que o Bispo do Rosário sentiu que ficou confortável para ele? Ele naturalizou aquilo ali. Então, isso do Bispo do Rosário que mais me chamou atenção foi esse, ele com o cadeado na mão, com todas as possibilidades, mas que o aprisionamento tinha... naturalizado aquilo.

(Pesquisadora): Na hora que você circula pelo Museu, você escolhe uma imagem?

(P28): Sim.

(Pesquisadora): Qual imagem te chama a atenção?

(P28): Essa do... na hora que eu circulei? Deslocando no espaço eu vi várias imagens, eu vi o Manto, eu vi todas aquelas que a senhora, que eu esqueci o nome dela, falando, mostrando, tudo lindas, mas a imagem do quadro do Arlindo me chamou mais a atenção, a expressão dele. É tipo um Cristo.

(Pesquisadora): Eu vou só pedir para você retomar essa parte que você falou agora sobre a chave, o cadeado, porque eu acho que não ficou gravado. Você podia falar esse pedacinho de novo?

(P28): Do que me chamou a atenção foi o Arlindo destacando que para o Bispo ele tinha a chave, ele tinha um cadeado. Ele ficou oito anos aprisionado com poucos recursos para sair de lá, mas que naturalizou tanto aquele sofrimento, aquelas condições ali, que ele se sentiu confortável naquele espaço, mesmo tendo a possibilidade de sair. E isso me instigou demais. Quantos aprisionamentos que a gente vive com a chave...

(Pesquisadora): Isso te remete a alguma coisa pessoal?

(P28): Pessoal. Depois disso, eu fiquei me perguntando: Puxa a vida, a gente tem a chave, a gente tem o cadeado, mas a gente naturalizou aquele aprisionamento.

Então quer dizer, a doença, independente de ele ter um sofrimento mental ali, e nós que, aparentemente, não temos nenhum diagnóstico de nenhum sofrimento mental. Então, nós estamos aprisionados, tanto quanto ele estava lá. Aprisionados em espaços físicos, tanto quanto ele e aprisionados em questões pessoais. Então, isso me provocou o tempo todo.

Eu rodava, rodava, rodava, aí eu saí procurando onde que era esse lugar onde ele ficava, mas eu não conseguia achar.

(Pesquisadora): Era o portão.

(P28): É. Qual era o portão que ele tinha a chave? Onde era a cela dele? Porque antes era a cela, né? Depois era a moradia. Então, como que se escolhe a sua moradia sendo a sua cela? Foi essa a minha pergunta o tempo todo: como que alguém escolhe morar em sua cela? E aí eu olhava o quadro, a expressão.

(Pesquisadora): O quadro era o quê? O que tinha nele?

(P28): O quadro é uma expressão, é um Jesus Cristo diferenciado, caracterizado pelo Arlindo. A visão do Arlindo como que era o Jesus Cristo. Ele me explicou assim.

(Pesquisadora): O quê que ele explica? O quê que ficou para você?

(P28): Não, ele falou que foi a expressão de como que aquele Cristo estava alegre, de como ele estava bem. Então, assim, era um Jesus Cristo de cor.

Então, ele mostrou cada traço. Ele falou: ‘Olha como ele está bem!’ E para ele era uma imagem do Jesus Cristo. Ele foi falando como que ele colocou cada objeto, como que ele confeccionou.

(Pesquisadora): É feito de quê, R.? É linha?

(P28): Tem linha e tem tipo madeirinha.

(Pesquisadora): Ah, madeira. Parece uns bambuzinhos.

(P28): Tem uns bambuzinhos, tem linha, tem tinta. E ele falando o tempo todo.

(Pesquisadora): Esse Cristo está feliz e liberto?

(P28): Liberto. E eu fiquei olhando o quadro, tanto é que eu guardei em casa e fiquei olhando para ele. Então, quer dizer, o que é a liberdade? Liberdade, aí eu fiquei viajando. O quê que era a liberdade.

Para ele, o Bispo do Rosário, a liberdade era ele tá preso na sua cela, por livre e espontânea vontade, com a chave na mão, mas na sua cela. Então não é o espaço físico que te aprisiona, é a condição que você criou, que você aceitou.

(Pesquisadora): E quando você faz um desenho, você reproduz essa imagem?

(P28): Quando eu reproduzo...

(Pesquisadora): É, quando foi solicitado para as pessoas criarem uma imagem no Museu, foi essa que você fez?

(P28): Não, só porque a gente estava no Museu, num espaço cheio de imagem. Alguém pediu para copiar, a senhora estava lá, e eu convidei ela para falar da obra dela.

(Pesquisadora): Qual que foi a tua imagem? A obra que você se inspirou?

(P28): Deixa eu ver... É porque no caso, eu fiz e entreguei. É tipo um palhaço. Era um quadro que estava lá e ela estava descrevendo. Era um palhaço. No caso, eu tô lembrando só do palhaço e dos barcos.

(Pesquisadora): É essa que você reproduz?

(P28): Essa que eu reproduzi, que eu estava no espaço que a moça estava atendendo, que era o único lugar que tinha alguém assim... falando: ‘olha aqui, é o meu espaço de trabalho’. Eu reproduzo isso.

(Pesquisadora): As pessoas te chamaram muita atenção, né? Tanto o Arlindo quando ela.

(P28): É (risos).

(Pesquisadora): Era um quadro de um palhaço?

(P28): Era um quadro, não era um palhaço. Para mim ficou um palhaço, mas a senhora não falou que era palhaço, não. É, ela falou: “eu faço minha arte.” Eu não tirei a foto dele não.

A galeria colorida. Mas as imagens foram muito marcantes, gostei demais! A sombrinha, já fiz uma em casa para tentar fazer, mas não consegui fazer as três.

(Pesquisadora): Você representa o que no seu desenho?

(P28): No meu desenho eu tentei olhar o quadro que estava lá. Eu não lembro mais quem deu essas coordenadas, “você vão fazer um desenho”. Como eu estava ouvindo a senhora, ela foi descrevendo e eu fui desenhando.

Agora o que mais me chamou a atenção não é tanto a imagem. Pode falar? O que mais me chamou a atenção, eu não sei se é proposital... Eu acredito que tenha sido porque ali as pessoas, algumas, a maioria né, eram ouvidores de vozes, então por isso aquele som no fundo, enquanto todo mundo tá falando, por exemplo, o... não é o palestrante, o coordenador, a pessoa que guiou. Ele tava falando e aquela voz o tempo todo, aquele som no fundo, as pessoas se incomodando. Alguém ainda falou assim – das pessoas que estavam comigo, eu não conheço, eles eram lá do Anglo, e L. também estava. Falaram: “Nossa senhora, devia desligar esse som. Porque não está dando pra ouvir.” Aí eu fiquei o tempo todo pensando, mas é isso que o ouvidor de vozes fica, com essa voz o tempo todo ali e as outras vozes tentando sobressair. Por alguns minutos eu sentei no cantinho e fiquei tentando ouvir o que o guia estava falando, mas tentando, mas ouvindo a voz, bem aguçando a voz na minha cabeça. É isso que eles sentiam! Que eles sentiam não, que eles vivem. A gente com essa poluição de informação e aquela voz, aquele ruído o tempo todo.

(Pesquisadora): Quando você fala assim: “não foi tanto o quadro que me chamou a atenção, mas foi isso”. Isso que você tentou reproduzir de uma certa forma na sua imagem?

(P28): Isso ficou o tempo todo. Se me falar agora, o que foi mais importante no museu? Não foi nenhuma daquelas imagens. Foi vivenciar o que um ouvidor de vozes vivencia dia a dia. Foi assim, muito forte, muito forte.

Eu conheço algumas pessoas que tem esse... Aí eu pensei: gente, quantas vezes que eu tentei falar, falar rápido, e aquela voz na cabeça. Eu até... foi pesado. Eu ouvia aquele... aquela falazada e um guia ali falando, falando, falando. Eu falei: gente, deve ser muito sofrido. Deve ser muito sofrido.

Aí eles não entendem, às vezes, o que a gente está falando. Não é para entender mesmo, não é para entender. Eles têm que entender a voz deles que está vindo do mundo interno. Então foi

muito forte, muito forte. Então, assim, nenhum daqueles quatro, se eu fosse representar, representaria isso. Aquele som o tempo todo.

E as pessoas começavam a falar, falar, falar. Teve uma hora, foi até aquela hora que eu encontrei com você. Eu fui pra lá, pra aquele espaço. Fiquei sozinha. Falei: gente, isso é... Aí que me deu mais agonia, porque aquele barulho é o dia a dia deles. Na hora que não tem ninguém falando nada, ninguém externo falando, eles estão ouvindo o outro. Olha pra você ver, ele não tem descanso. Me deu uma aflição, Andréa. Como que a pessoa... Como que a pessoa fica ali, naquele... Ouvindo, ouvindo, ouvindo, ouvindo... me senti mal, muito mal, eu sinto até hoje.

Quando eu falo do Bispo do Rosário, eu acho até injusto. Eu nem lembro do Bispo do Rosário, eu lembro das pessoas que a gente tem na sociedade, pessoas que vivem junto com a gente e que vivem aquele incômodo que eu vivi por alguns minutos. Aquilo me incomodou, me incomoda até hoje.

Quando eu encontro com uma pessoa que é ouvidor de vozes, eu falo, a gente tem que pausar a fala, escutar mais, porque eles já estão escutando demais, eles não precisam escutar mais um não.

(Pesquisadora): Você estava falando no início da entrevista do cadeado, da escolha em se estar aprisionado e agora das falas que vem de dentro e de fora...

(P28): É. Então assim, eu estou presa, eu tenho a liberdade, mas eu não tenho liberdade. Eu tenho a liberdade de porta aberta. Isso, eu mais o Arlindo discutimos muito, na nossa conversa, só que eu não sabia que eu estava falando da vida dele. A gente conversou muito tempo sobre isso, sobre a liberdade de porta aberta. Liberdade com o cadeado na mão. Porém, em momento algum, eu tinha ele como uma das pessoas. Depois, na hora que ele começou a falar, eu comecei a vivenciar.

(Pesquisadora): E que liberdade é essa também, num lugar que você está aprisionado nas suas próprias vozes?

(P28): Suas vozes. Tem alguém ordenando o tempo todo. Quem é que está ordenando? De onde vem essas vozes? Eu fiquei numa angústia, que eu fiquei assim...

Tem uma senhora, conheço ela muito, ela é lá do meu bairro. Agora ela não tá mais não, ela está no asilo. Então ela tinha dois filhos que eram meus alunos. E um dia ela chegou lá, pegou a nota do M. O M. era uma pessoa, um aluno de muito enfrentamento, mas um enfrentamento dele já vinha dessa realidade, e o irmão mais novo também, eu acredito que eles eram um ouvidor de vozes igual a mãe.

Aí a mãe chegou, pediu a nota e eu entreguei. O M., não, o M... dentro dessa normalidade que nós instituímos, né, consideramos, ele não tem nenhuma. Eu dei a nota pra ele, ele veio, a mãe veio e me questionou e tal, eu dei a nota pra ela, a pessoa que cuidava dele, já que ela não tinha condições, veio e questionou na direção.

Eu falei: ‘não, eu posso fazer duas notas, porque ela é mãe. Ah mas ela... ela é mãe. O papel de mãe eu não vou negar nunca a ela’. Entreguei a nota e ele não gostou. Foi a única vez que eu tive um embate com um aluno, porque eu falei com ele que não, eu ia entregar pra mãe. E depois disso a gente começou a conversar. Então, um dia eu estava numa lotação, era a senhora que ficava no ponto na saída da Univiçosa. Você já viu? Ela ficava ali dentro, dava conta de tudo.

Um dia, eu estava conversando com ela, o W., aqui de Silvestre virou: “R., você está conversando com ela? Ela tá te respondendo?” Eu falei: “tá, mal”. Porque ela interage, só que tinha hora que ela... fugia um pouco, aí a gente trazia e ela conversava. Aí, eu imaginei ela... Mas eu imaginei mais o filho dela, porque o filho dela foi meu aluno. Então, quantas vezes eu fiquei falando na cabeça dele? E ele estava lá, né?

Há pouco tempo, eu cheguei em Belo Horizonte, por acaso, assim, desci naquele ponto ali, no Belas Artes. Desci, ele: “R., vem cá. Vem cá, professora, vem cá.” Que foi maravilhoso! “Olha ali”. Ele me falou tanta coisa que ele estava vendo ali no Parque Municipal. E ele me convidando pra ir lá, porque a estrela cadente... ele estava muito delirante. Eu notei na hora. Minha filha: “mãe, você tem que...”. Não, eu não tenho que ir. Ele tá delirando. Eu falei: “não, tem alguma coisa que ele tá falando, ele tá...”

É muito delírio, mas tem algum ponto, sabe, que eu não conseguia pegar o que era de verdade, o quê que tinha de real. Ele estava conversando mesmo com essas vozes, e tinha uma outra voz que chegou que era eu. Então assim, naquele dia, lá no Bispo Rosário, eu imaginei, sabe, esse M., que sempre... Ele me chama sempre.

Semana passada, eu estava indo pro dentista, “Dona R.!”. Eu assim: “oi, M.?” “Estou trabalhando aqui”.. Mas é assim, sempre delirante. Eu falei: gente, são pessoas que vivem junto com a gente. Não tem diagnóstico’. Não tem diagnóstico. Nem eu tô dando diagnóstico pra ele. Não é isso, não. Não tô com essa pretensão, não. Mas eu falei: gente, a gente também tem que ter essa paciência com essas pessoas.

Imagina uma criança ouvindo esse monte de vozes. Porque adulto cria os seus mecanismos, mas uma criança. E eu peguei esse menino, ele era bebê, e fui com ele até o nono ano.

(Pesquisadora): Você gostou da viagem, R.?

(P28): Sim, sim. Muito.

(Pesquisadora): Foi muito importante.

(P28): Foi, foi. E essa realidade, assim, dos ouvidores de voz, assim... Aquele espaço, quando fala do Bispo do Rosário, não lembro de nenhuma obra. Tanto que você falou e eu não... eu só lembro daquele espaço. Aquele espaço que me deixou agoniada demais.

(Pesquisadora): A imagem foi o espaço.

(P28): A imagem foi o espaço. Aquele barulho. Aquele barulho, barulho e todo mundo querendo falar junto com o barulho, e eu tô assim: gente, como que eles conseguiram reproduzir a realidade de um ouvitor de vozes?

(Pesquisadora): Muito legal isso que você trouxe, viu! Mas é isso, as perguntas eram sobre as imagens, sobre o que te chamou a atenção.

(P28): Por isso que eu falei: você lembra o que me chamou a atenção? Porque é dessa imagem que eu tô querendo falar.

(Pesquisadora): Não, é isso mesmo. Isso que chama a atenção já é uma imagem, o que você associa é uma imagem.

(P28): Isso me deixou agoniada.

(Pesquisadora): E é importante ver aquelas pessoas compondo aquele espaço.

(P28): As pessoas que compõem, que são, né? Aquilo ali é muito familiar.

(Pesquisadora): É, era a casa deles. Era, e é lugar de trabalho.

(P28): Agora não é casa, agora é um lugar de trabalho, você falou muito bem, porque eles não classificam ali como a casa deles não, eles classificam como o lugar de trabalho: “Eu tô indo embora, a barca vai sair tal hora.” Tanto é que a senhora falou assim: “Eu vou embora que a barca vai sair, ela não me espera”. Deve ser de Niterói. “É, a barca não vai me esperar não, tal tal, tal, tal”, sabe? Então, assim, eu conversei com cada um ali, mas não com essa visão de coisa assim, de... de qualquer... de pessoas normais. Então, eu fiquei... Normalmente eu chego nos lugares, eu tenho essa... Esse defeito de estar conversando demais, e eu ficava conversando com todo mundo.

(Pesquisadora): Isso não é um defeito, é uma qualidade. Deixa eu parar a gravação. Obrigada!

(P28): De nada.

### **Participante 29 (P29)**

(Pesquisadora): Bom dia! Nós vamos iniciar a entrevista coletando alguns dados pessoais, ok?

Qual é o seu nome?

(P29): P29

(Pesquisadora): Sexo?

(P29): Feminino.

(Pesquisadora): Qual é a sua data de nascimento?

(P29): 16/11/1999.

(Pesquisadora): Qual é a sua escolaridade?

(P29): Ensino Superior Incompleto.

(Pesquisadora): Como você se declara com relação à cor?

(P29): Parda.

(Pesquisadora): Você já fez ou faz algum tratamento psicológico ou psiquiátrico?

(P29): Sim, psicológico.

(Pesquisadora): Como é que você ficou sabendo da visita técnica?

(P29): Pela aula. Eu tinha chegado um pouco atrasada, já tinha sido falado sobre e a minha amiga I. tinha comentado sobre a viagem. A gente sempre está junto. Ela comentou que iria no Rio de Janeiro, no museu do Bispo, que eu achei que era um Bispo mesmo, não sabia que não era Bispo (risos), e de cara eu falei que queria ir e ela também falou e a gente já pagou na hora. E foi isso, foi assim que eu fiquei sabendo.

(Pesquisadora): Você já tinha ouvido falar do Arthur Bispo do Rosário antes da excursão?

(P29): Não.

(Pesquisadora): Conhecia alguma das obras dele?

(P29): Também não.

(Pesquisadora): Lá no museu, qual foi a imagem que mais lhe tocou? Por quê?

(P29): Tem as que eu desenhei.

(Pesquisadora): Qual você desenhou?

(P29): Eu desenhei... É porque assim, depois que acabou as coisas lá dentro, a gente ficou rodando. E eu e a I. novamente, muito curiosa fomos lá atrás, lá atrás mesmo de onde é o Museu e a gente viu esse lugar aqui, que ainda não está reformado e com certeza deve ser aonde as pessoas ficavam aprisionadas. E a gente olhou por essa janelinha aqui lá dentro. E quando eu olhei lá dentro, eu não sei explicar o que eu senti, mas eu senti uma coisa forte, eu senti como se as pessoas tivessem lá, passando por o que elas passaram.

E eu olhei por essa janela e eu e I. ficamos assim: Meu Deus, aqui é pequeno, fechado, só tem essas mini janelinhas e essa saidinha de ar aqui. E lá dentro tudo destruído, sem nenhuma reforma. Isso foi o que me impactou muito, do lado de fora.

E lá dentro do museu, foram as algemas, quando eles eram eletrocutados né, o negócio de eletrochoque, foi essas. E duas imagens que eu não representei aqui e que me chamaram muito a atenção também, eu tenho até foto no meu celular, é uma mulher que ela está despida, com a blusa levantada e mostrando os peitos; e uma pintura de um cara despido também, que eu fiquei pensando que lá eles ficavam vulneráveis, algumas vezes até sem roupa e eu pensei o como é ruim você se sentir despido na frente de outra pessoa.

(Pesquisadora): Eu lembro de uma fala do mediador, ele falando que quando chegava uma mulher bonita era sempre um problema. Não sei se você ouviu ele falando isto.

(P29): Ah, eu ouvi ele falando tantas coisas....

(Pesquisadora): Ele dizia que era sempre um problema, por causa do estupro mesmo.

(P29): Sim.

(Pesquisadora): Dessa vulnerabilidade que você está trazendo aí.

(P29): Aí foram essas imagens que me chamaram mais atenção.

(Pesquisadora): Quando você estava criando o desenho, como foi para você o processo de criação?

(P29): Eu estava sentada na parte de fora, naqueles banquinhos que tem atrás da onde a gente tirou foto na escada, atrás. E estava eu e a I. e a gente ficou pensando no que desenhar. Aí eu falei assim com ela: “Nossa!”. Como que eu posso chamar isso? Um cercadinho, não é isso...

(Pesquisadora): Um cômodo?

(P29): Esse cômodo, quando eu olhei assim, coloquei o meu rosto na janelinha e eu vi lá dentro, eu não sei explicar a sensação, mas foi uma sensação... não sei... eu imaginei as pessoas lá dentro passando pelo que elas passaram. E eu falei: ‘eu quero desenhar isto, mas como que eu vou desenhar isto?’ Eu pensei: ‘mas como eu vou desenhar um cômodo?’ Aí eu desenhei assim. O eletrochoque também, o aparelho de lobotomia, que também foi o que me chamou muito a atenção. E os dois despidos eu não desenhei porque na hora não me veio, mas foi o que ficou marcado...

Esse aqui eu não sabia como desenhar, eu falei assim: ‘eu vou fazer um lugar que dá para ver que tem um espaço lá dentro, que dá para ficar pessoas ali. Vou colocar isso aqui que me chamou a atenção, que era só isso de saída de ar do lugar, então lá devia ser muito abafado e essas mini janelas’. Aí eu representei no desenho.

(Pesquisadora): E muita gente, né? Não é uma pessoa só?

(P29): Muita gente! Eu imaginei, eu e a I. falamos: “Nossa, devia ser horrível ficar ali. Não dá para ver a luz do sol”, e aí eu representei isso.

(Pesquisadora): E quando você pensa nessas imagens todas que você representa, isso te traz alguma memória, algum sentimento, alguma recordação, lembrança?

(P29): Acho que não.

(Pesquisadora): Ok! Não tem problema não, viu! Eu sempre fico pensando que a gente não elege uma imagem à toa. Quando você fala desse cômodo e fica imaginando a pessoa lá dentro, sem conseguir sair, porque você imagina que uma pessoa poderia estar nesse lugar, porque eles estariam ali?

(P29): Então, eu fiquei pensando, porque lá é mais afastado né. Aí eu pensei: “Talvez fez alguma coisa que não foi do agrado e aí foi punido a mais indo para esse quarto”. Talvez isso.

(Pesquisadora): Como algo a ser julgado mesmo?

(P29): Isso! Punição, castigo. Você fez isso de errado, você vai pra tal lugar. Eu vejo lá como um lugar de castigo.

(Pesquisadora): Que triste!

(P29): Triste, muito triste, principalmente quando eu vi lá dentro. Olhei lá dentro e tive essa sensação ruim, uma angústia, sabe? Como se eu tivesse vivido lá.

E a questão, você me perguntou se algo me lembra... me lembrou agora, mas não sei se faz tanto sentido, mas a minha tia, irmã da minha mãe, que faleceu em 2020, ela muitas vezes deixava de comprar roupa pra ela pra comprar pra mim. Então talvez quando eu vi essa mulher despida, pode ter sido... me desculpa! (A frase foi interrompida pelo choro).

(Pesquisadora): Não, imagina!

(P29): Eu posso ter feito essa analogia sem perceber e agora você falando me veio isso na cabeça.

(Pesquisadora): Você seria como essa mulher despida?

(P29): Sim, ou minha tia né, que deixava de se vestir para me vestir.

(Pesquisadora): E esse lugar do feminino, é uma questão para você? De ser assediada?

(P29): Não, não, graças a Deus, isso não!

(Pesquisadora): Digo isso porque o assédio é comum, quando um rapaz, por exemplo, vê uma moça linda, de ter um olhar meio “torto” e...

(P29): ...isso daí acontece quase todo dia. Eu moro ali embaixo no Silvestre, ali eu tenho que passar a avenida toda, é todo dia. Estou descendo, caminhão, carro, eles param. Eu fico assim: “Será que estão achando que eu vou entrar?” Mas isso daí eu acho que eu já até acostumei. Não... Eu olho, fecho a cara e continuo andando.

(Pesquisadora): Porque que a sua tia precisou te ajudar?

(P29): É porque a minha família por parte de mãe, sempre foi bem... sempre não, graças a Deus mudou as coisas, mas antes era... não tinha muita condição financeira. Antes de eu nascer era pior, eles moravam na roça. Quando eu nasci eles já moravam na cidade, em G. E a minha tia era a única que trabalha fora, entendeu? Então ela meio que sustentava a casa, que a minha mãe ficava cuidando de mim, dos meus avós e minha tia trabalhava fora. E ficava eu e o filho dela, o meu padrinho. E era por isso, como ela era a que trabalhava fora, ela que comprava as coisas pra mim.

(Pesquisadora): E o seu pai?

(P29): Ah, o meu pai! Meu pai... meu pai é bem de vida, mas ele mora lá em São Paulo e minha mãe quando engravidou... ele é presente na minha vida, só que até os seis anos não era. Porque quando minha mãe engravidou, ela estava lá em São Paulo..., só que quando ela descobriu que ela estava grávida, ela morava com ele. Só que eu não sei o quê que deu na cabeça da minha mãe, que ela queria o colo dos pais dela. Ela foi embora pra G., sem contar para o meu pai que estava grávida de mim. E quando eu nasci, ela falou que eu tinha nascido e que eu era filha dele, só que aí eu não sei porque também eu fiquei até os meus seis anos sem conhecer o meu pai, sem ele me conhecer né, porque eu era novinha. Só por foto, que ela mandava foto. E quando eu tinha seis anos teve o DNA, porque na época eu fiquei com muita raiva dele, mas agora eu entendo, tipo minha mãe veio embora e voltou grávida, eu com seis anos.

E desde então ele que paga pensão, ele paga minha faculdade, ele é bem de vida, atualmente ele é empresário e tudo mais, mas antes disso do meu pai, não. Aí era só a minha mãe, meu avô, minha avó e minha tia, e o meu padrinho Bruno, que é o filho da minha tia.

(Pesquisadora): Então você morou basicamente com os seus avós, com sua família materna?

(P29): Até os meus seis anos, que quando eu tinha seis anos, minha mãe foi morar com meu padrasto, que estão juntos até hoje e ele é tudo pra mim, juntamente com meu vô que faleceu. E aí foi isso. Eu não chamo o meu padrasto de pai porque ninguém me ensinou e eu sempre tive o meu pai, que era o meu avô. Eu sempre chamei o meu avô de pai e sempre soube que o meu pai está em São Paulo. Não tenho raiva dele, mágoa nem nada, porque...

(Pesquisadora): É a história dele também.

(P29): É, e eu acho que ele não tinha culpa também, que graças a Deus eu tive pai: o pai A., que é o meu vô; o H. que é o meu padrasto...

(Pesquisadora): Você tem é muito pai, isso sim!

(P29): É (risos). E o meu padrinho, filho da minha tia, que é bobo e também é padrinho/padrasto.

(Pesquisadora): Tanta gente que não tem pai e você com quatro.

(P29): É (risos). E aí foi isso!

(Pesquisadora): Eu fiquei pensando nas suas imagens, tanto essa de estar confinada, quanto a imagem desse copo seminu, que não está representado.

(P29): Sim.

(Pesquisadora): E lá no Museu, você gostou de ter ido?

(P29): Gostei, muito. Inclusive eu estava com receio de ir porque eu não consigo dormir no ônibus, carro, não. Não consigo. 'Nossa, eu vou ficar muito cansada'. E eu dormi. Foi a primeira vez que eu dormi num ônibus. Eu dormi para ir e para voltar.

(Pesquisadora): Se alguém te perguntasse como foi a visita lá no Museu, pensando em tudo o que você viu, o que você diria?

(P29): Eu ia falar que foi muito bom, de muita aprendizagem. Aquelas falas do R., mais do começo, gostei. Quando o Arlindo começou a falar, eu queria muito escutar ele mais. Foi muito legal! Mas eu senti falta de... porque estava chovendo, a gente não pode fazer muita coisa. Senti falta do passeio externo, mas eu gostei muito. Tirando isso foi ótimo! Eu voltaria super!

(Pesquisadora): Que bom! Você deseja fazer algum comentário ou pergunta que eu não tenha contemplado?

(P29): Não, é só isso!

(Pesquisadora): Muito obrigada.

### **Participante 30 (P30)**

(Pesquisadora): Nós vamos iniciar a entrevista coletando alguns dados pessoais, ok? Qual é o seu nome?

(P30): P30

(Pesquisadora): Sexo?

(P30): Feminino.

(Pesquisadora): Qual é a sua data de nascimento?

(P30): 10/12/1972

(Pesquisadora): Qual é a sua escolaridade?

(P30): Eu tenho graduação em Direito e estou fazendo Psicologia.

(Pesquisadora): Como você se declara com relação à cor?

(P30): Branca.

(Pesquisadora): Você já fez ou faz algum tratamento psicológico ou psiquiátrico?

(P30): Não.

(Pesquisadora): Como é que você ficou sabendo da visita técnica?

(P30): A visita foi através da aula.

(Pesquisadora): Você já tinha ouvido falar do Arthur Bispo do Rosário antes da excursão?

(P30): Não, não conhecia.

(Pesquisadora): Conhecia alguma das obras dele?

(P30): Também não.

(Pesquisadora): Porque às vezes a gente conhece a obra e não sabe que aquela obra é daquele autor.

(P30): É, eu não lembro.

(Pesquisadora): Lá no museu, qual foi a imagem que mais te chamou a atenção, que mais te tocou?

(P30): A imagem que mais me chamou a atenção foi exatamente a entrada ali mesmo, aquele Manto dele me chamou muito a atenção.

(Pesquisadora): E lá estava em um papelão, não é?

(P30): É. É?

(Pesquisadora): Não era de papelão? Porque não estava o Manto mesmo, não é?

(P30): Mas, assim, me chamou muito.

(Pesquisadora): E porque que te chama a atenção?

(P30): Eu achei significativo, assim. Achei que tinha muita essência dele. Algumas... a criatividade, o porquê de cada elemento, eu achei muito curioso.

(Pesquisadora): Do quê que ele foi bordado?

(P30): É.

(Pesquisadora): É mesmo!

(P30): Achei aquilo muito curioso. Porque que... eram cores diferentes, desenhos muito diferentes também. Por que ele relacionou aquilo num manto, que a impressão que eu tive é como se fosse um manto de proteção para ele, porque ele... eu achei muito curioso.

(Pesquisadora): Você fala proteção pelo lugar?

(P30): Talvez pelo sofrimento, por tudo. Parece que quando ele vestia o manto, ele se sentia de alguma forma protegido. E essa é a minha percepção, claro! Eu nunca tinha ouvido falar disso, nem nos livros deles. Eu também não li nada, mas eu cheguei e...

(Pesquisadora): Você fala do vestuário no sentido quase católico, onde você põe uma veste de Bispo, de Papa e se transforma.

(P30): Mas porque disso assim? Qual o objetivo desse manto, entende? O quê que ele queria ao usar aquele artefato?

(Pesquisadora): Você é católica?

(P30): Sou.

(Pesquisadora): E você sabe na Igreja, porque as pessoas se vestem assim?

(P30): Não sei.

(Pesquisadora): Nunca parei para pensar sobre isso.

(P30): É. Foi o que mais me impactou, aquele cenário ali, a gente sabe que é de muito sofrimento e porque que ele se diferenciou usando algo para se proteger? Como se fosse isso.

E tinha muitos elementos, então isso me chamou muita atenção, com a pessoa que está ali, né? Num ambiente daquele pensar em cada detalhe. Porquê, né? Eu tinha muita vontade de ter conversado com ele sobre isso, porque aquilo tudo tem um significado, tem um sentido e me chamou muito a atenção.

(Pesquisadora): Ah, com certeza tem. A literatura sobre o Bispo diz que quando chegasse o dia da Anunciação, ele vestiria seu Manto para ser reconhecido. Mas eu não tenho e vou até buscar essa informação, se em outros momentos ele chegou a vestir. Tem uma cena dele também em uma filmagem que o Bispo está vestido com o Manto, mas eu não sei porque ele pôs naquela ocasião. Entende?

(P30): Sim, parece que ele usava em ocasiões especiais ou ocasiões que significam algo muito importante para ele. E ele foi juntando, sabe?

(Pesquisadora): E você viu algum detalhe?

(P30): Eu vi vários. Inclusive, no meu desenho, fui tentando reproduzir o Manto dele, e lotado também. Mas eu quis copiar mesmo. Não consegui copiar tudo, é muita informação, muitas fitas, muitas cores, muitos desenhos.

(Pesquisadora): Você coloriu, foi lá?

(P30): Colori lá, fiz tudo lá.

(Pesquisadora): Então você demorou fazer?

(P30): Demorei um pouquinho. Eu visitei todo o conjunto, mas ali realmente me chamou a minha atenção.

(Pesquisadora): Como foi para você o processo de criação? Foi difícil?

(P30): Não, não foi não. Para mim foi significativo também.

(Pesquisadora): Quando você faz essas duas associações – primeiro você fala que o Manto estava com muitos detalhes, muito ornamentado – essa foi uma associação. A segunda é que

talvez seja um objeto de proteção, né?

(P30): É.

(Pesquisadora): Quando você pensa nessas associações, você consegue trazer alguma relação ou aquilo te remete a quê?

(P30): Eu acho que o manto, algo que você coloca por cima de uma roupa, me remete àquelas... quando a pessoa saía com aqueles capuzes, aquelas capas...

(Pesquisadora): Uma túnica?

(P30): É, uma túnica de proteção. Me remete àquilo.

(Pesquisadora): Na sua história, você já vestiu algo assim?

(P30): Não, mas...

(Pesquisadora): Você se lembra disso porque?

(P30): Porque eu sempre tive vontade de usar algo desse tipo. Significa para mim uma capa, como se me blindasse do exterior, sabe assim? Uma forma de você se resguardar de alguma forma. Uma proteção talvez até da própria pessoa, não sei...

(Pesquisadora): É?

(P30): Eu, para mim, essa é a minha visão, eu colocaria isso, essa capa, com um capuz, uma forma de respeito ao mesmo tempo de proteção.

(Pesquisadora): Você fala de uma proteção num contexto de vulnerabilidade?

(P30): Sim, de algo que você deseja proteger. No ambiente que você fica mais vulnerável, ou na sua ação de medo.

(Pesquisadora): O Bispo tem uma temática que é sobre o Juízo Final, e quando você, na sua formação religiosa, pensa sobre o Juízo Final, o que te remete?

(P30): Exato, eu acho que é isso, uma preparação pra algo que você desconhece, que talvez você tenha que se proteger de alguma forma.

(Pesquisadora): Explica isso.

(P30): Tipo assim, é algo que ninguém, eu não sei o que vai acontecer. A gente imagina, mas... E como você não tem certeza, talvez uma proteção como um vestuário, uma capa, te dá mais conforto, mais segurança. Não sei te explicar.

(Pesquisadora): Mas quando você pensa nisso, nessa preparação, é algo bom ou ruim?

(P30): Bom.

(Pesquisadora): O que vai acontecer é bom?

(P30): Para mim é bom, como se você se preparasse de alguma forma pra ir pra essa outra dimensão desconhecida.

(Pesquisadora): Você acha que o Juízo Final, ele só acontece num outro momento?

(P30): Eu acho que acontece em vários momentos.

(Pesquisadora): Eu fiquei pensando nisso te ouvindo. Você fala que é uma preparação para algo que ainda virá.

(P30): Talvez nos ciclos que vão virando na vida, sabe!

(Pesquisadora): Você acha que ele viveu um Juízo em vida?

(P30): Eu acho. Eu acho. Eu acho que se foram ciclos, talvez primeiro ciclo de uma... sofrimento, depois uma aceitação, depois uma virada de alguma forma. O que eu posso fazer com isso? E o Manto foi um símbolo, uma forma de demonstrar: “não, eu vou...”. Uma armadura, algo que eu possa utilizar para... mais ou menos isso.

(Pesquisadora): Para não se perder de si mesmo?

(P30): É, talvez para não se perder de si mesmo e proteger de algo que pudesse estar ameaçando.

(Pesquisadora): Você gostou da viagem?

(P30): Amei! Gostei ali, toda a parte estrutural. Eu não vi sofrimento, eu vi muita criatividade. Pessoas que estavam ali por alguma situação, mas que... Tinha um ser humano muito lindo que estava ali, demonstrado nos quadros. Eu vi essa parte.

(Pesquisadora): Você falou do ser humano lindo, mas como é que você vê ele? Quem que é o Bispo para você?

(P30): O Bispo é uma pessoa de muita luz, que estava ali.

(Pesquisadora): Por ser um manicômio, muitos pensam que é o contrário dessa ideia, que ele é alienado, louco.

(P30): Ele tava alienado, louco, mas eu não vejo isso aí. Uma pessoa alienada, louca, não tem essa... Eu acho que não teria essa criatividade. Tanto nos quadros, quanto no vestuário. E no ajudar o outro, né? Que ele preocupava com o outro. Acho que quem tá na escuridão não tem essa percepção.

Talvez a escuridão esteja no ambiente, mas não tá na gente. E isso, Andréa, me remete a minha história. Passei determinados... ontem eu estava pensando sobre isso, que a psicologia ou uma pessoa de fora fala: ‘Nossa, isso ia machucar você’. E não me atingiu na alma. Só passou. Aconteceu, mas não me atingiu na alma.

Vou te dar um exemplo: eu tinha 4 ou 5 aninhos, eu estava sentada e meu tio tinha muito ciúmes de mim por causa do meu avô, ele passava e falava assim: ‘Você devia morrer’. Para mim ele estava falando assim: ‘bom dia!’. Então eu via que era agressão, mas eu não sentia agressão no meu corpo, na minha alma. Tanto que não ficou gravado.

(Pesquisadora): Mas depois que você entendeu isso...

(P30): Eu entendi agora.

(Pesquisadora): É isso que eu queria te falar....

(P30): ...continua a mesma coisa. Eu percebi que ele não me feriu.

(Pesquisadora): A gente pode falar também que de uma certa forma, houve um Juízo ali.

(P30): Exato. Exato. Então eu pensava que estava com meus brinquedos ou me protegia de alguma forma ali com a criatividade. Fingia que não estava ouvindo. E é algo que de uma certa forma, aquilo passava. Mas ele não me atingia fisicamente, porque ele não era nem maluco, mas muito menos, que é o pior, a alma, o interior, não conseguia.

(Pesquisadora): Você sempre teve uma religiosidade forte?

(P30): Muito forte. Eu conheço todas as religiões, todas as religiões possíveis né. Minha avó era católica, meu avô era espírita, é espírita. Eu tive tudo deles assim... tanto frequentei um quanto o outro. Então hoje você fala assim: “Católica?” Não sei! Eu sou cristã.

(Pesquisadora): O que é a religião para você hoje?

(P30): Hoje para mim eu sou espiritualista.

(Pesquisadora): Mas eu falo qual que é o sentido?

(P30): Para mim é tudo, para mim é tudo. É tudo que me move, é tudo que me protege, que me faz ir adiante, sabe?

(Pesquisadora): Existe um aspecto de cuidado aí também, como aquela que te conduz.

(P30): Que me conduz, é porque a sensação que eu tenho, Andréa, desde que nasci. Voltando, eu refleti muito sobre a minha vida essa semana passada, é como se algo me protegesse o tempo todo e, assim, os momentos difíceis, se olhando para trás, foram difíceis ao nosso olho, mas não me atingiu na alma, eu consegui seguir e isso foi devido a uma força maior, não foi minha. Eu não tinha condição com cinco anos por exemplo.

Por exemplo, o luto do meu avô. Não tive ninguém assim: “Vem aqui!”. Não. Passei, mas eu passei de forma... lógico, doeu, mas de forma... como se eu sentisse uma proteção muito grande que, na hora certa, ela vem e me resgata.

(Pesquisadora): Bonito isso!

(P30): Eu tirei uma semana. Semana passada eu tirei uma semana. Eu fiz um... como é que eles falam?

(Pesquisadora): Um ano sabático!

(P30): Uma semana de sabático. Eu me dei assim, eu falei: vou ficar assim, vou me resguardar e vou voltar. Aí eu pensei muito, eu fiquei pensando nele.

Eu falei: ‘Porque? Por que eu me perdi? Onde eu me perdi?’ Quando você perde sua essência, quando você deixa de ser você mesmo, começa a deixar o meio te influenciar, tipo: Ah, você não pode fazer isso porque você é mãe, você não pode fazer isso porque você é casada, ou você não pode ser assim porque não está adequado de alguma forma. E essa adequação às vezes tá indo contra sua essência pura, você não tá... entende?

Mas quando você vai na contramão da sua essência, ela te atinge e você começa a não ser você. Quando você não é você, você começa a agir de forma estranha, e não faz sentido. Aí você começa...

(Pesquisadora): E quando você respeita a tua essência e vai, as coisas não te atingem?

(P30): As coisas voltam ao normal, porque você está no seu natural. Você se liga a essa força maior – uns falam Deus, outros falam Espírito, outros falam Céu, outros falam Jesus, enfim. Mas é até uma coisa só. É uma força superior que a gente encontra. A gente encontra essa força e vai equilibrando, sabe?

(Pesquisadora): É isso, S. Era uma conversa para ver com o quê que você associava, suas impressões, sentimentos, lembranças.

(P30): Tive sentimentos maravilhosos. Entende? Eu não consegui perceber. Às vezes você vai em um lugar, por exemplo, em Barbacena, eu fui para Ouro Preto. Eu detesto Ouro Preto. Tem uma energia que me incomoda, de sofrimento, dor. Ali eu não percebi, não senti isso, porque eu me identifiquei com o outro lado, que eu senti assim... embora a gente sofra pelo outro, mas chega um momento que você retorna a essa essência e fala: ‘Peraí, tem algo maior para me sustentar aqui, tem um propósito, tem uma missão, sei lá o quê’, que você entende e vai se reconstruindo de novo, sabe? Eu senti isso, porque é assim que eu vejo a minha vida.

Porque, na verdade eu tive pensando naquele senhorzinho que falou com a gente lá. Ele sofreu muito, mas você vê, ele não tá quebrado, ele tá... ele entendeu de alguma forma e se protegeu de alguma forma que ele tá inteiro ali, e hoje ele ajuda pessoas.

Então assim, não é normal um sofrimento que foi terrível com você, ou ele te atinge de forma superficial e você retoma, porque não vai na sua alma, a sua essência, você continua. É isso que eu senti lá.

(Pesquisadora): Ele se chama Arlindo.

(P30): Arlindo, exato. Ele contando, ele emociona, ele volta, mas você não vê sofrimento de falar assim: ‘nossa, eu queria estar longe disso aqui hoje’. Tanto que ele permanece lá, ele poderia ter saído.

É porque a gente encontra, eu acho assim... a gente usa subterfúgios como essa capa, outros usam... Ele hoje está falando com pessoas, né? Ele fala muito do teatro, que ele encena. Você encenaria um sofrimento se aquilo te atingisse na alma. Você ia reviver aquilo? É uma forma de falar assim: não, foi difícil, mas eu sobrevivi. E tô aqui, gente. É possível!

(Pesquisadora): É.

(P30): Eu pensei, eu levei muito para esse lado. Trouxe para a minha vida isso, sabe!

(Pesquisadora): Você gostou, então, de ter ido?

(P30): Amei. Fez muito sentido.

(Pesquisadora): Deixa eu parar aqui a gravação. Obrigada viu!

### **Participante 31 (P31)**

(Pesquisadora): Nós vamos iniciar a entrevista coletando alguns dados pessoais. Qual é o seu nome?

(P31): P31

(Pesquisadora): Sexo?

(P31): Feminino.

(Pesquisadora): Qual é a sua data de nascimento?

(P31): 20/07/2000

(Pesquisadora): Qual é a sua escolaridade?

(P31): Graduação em Psicologia.

(Pesquisadora): Como você se declara com relação à cor?

(P31): Branca.

(Pesquisadora): Você já fez ou faz algum tratamento psicológico ou psiquiátrico?

(P31): Já fiz psicoterapia.

(Pesquisadora): Como é que você ficou sabendo da visita técnica?

(P31): Foi na aula, quando a professora expôs lá na aula que poderia ter a possibilidade de ir e tal.

(Pesquisadora): Você já tinha ouvido falar do Arthur Bispo do Rosário antes da excursão?

(P31): Nunca. Nunca tinha ouvido falar.

(Pesquisadora): Conhecia alguma das obras dele?

(P31): Também não.

(Pesquisadora): Lá no museu, qual foi a imagem que mais te tocou?

(P31): Das dele? Ou...

(Pesquisadora): Não, de tudo o que você viu, o que mais chamou a atenção?

(P31): Tiveram tantas, mas foi uma que estava na lojinha, que era da artista Rogéria. Até eu e as meninas tiramos foto dela. Depois, se você quiser, posso te mandar a foto dela.

(Pesquisadora): Ah, obrigada. Rogéria que ela chama?

(P31): Aham.

(Pesquisadora): E como é que era a imagem? Descreve ela pra mim.

(P31): Tinha três círculos, aí a gente estava tentando decifrar o que ela queria passar com a imagem. Tinha três círculos, tinha um desenho em cima, meio que uma lua, ou uma banana, algo do tipo assim, e nos círculos tinha algo tipo relacionamento assim.

(Pesquisadora): Algo tipo uma banana?

(P31): Aham. Tinha parecido um feto no desenho também. Tinha... ela usou remédios, ela usou pra colar assim num dos círculos, no círculo do meio. Tinha algumas coisinhas também que ela usou meio que colagem junto com a tinta, sabe?

Aí tinha algumas cores mais fortes, tipo vermelho e tal. Eu não sei descrever muito bem, mas foi bem forte assim. Quando eu vi eu falei assim: Nossa!

(Pesquisadora): Bacana! E quando você foi fazer o seu desenho, foi essa imagem que você representou?

(P31): Não.

(Pesquisadora): Qual foi a imagem que você representou?

(P31): Foi uma que eu vi depois. Essa foi a primeira que eu vi que me marcou. Aí depois, conhecendo o museu, tinha uma foto que era quadrada assim, o busto de alguém e que aqui tinha uma chave, entre a camisa, tinha os botões da camisa e tinha uma chave pendurada. E aqui tinha uma chave, entre os botões da camisa tinha uma chave pendurada. Eu achei muito significativo perto da história do Bispo, porque ele tinha a chave do lugar onde ele morava e depois que foi desfeito essa ideia dos manicômios, ele ficou lá, porque lá era a casa dele. Eu falei, não tem nada mais representativo neste lugar do que eu fazer essa imagem.

(Pesquisadora): É bonito isso que você traz, ele ter a chave.

(P31): Aham.

(Pesquisadora): E essa segunda imagem, já estava nas galerias, não é?

(P31): Estava. Estava nas galerias.

(Pesquisadora): E você consegue relacionar as duas, V.? Porque que uma te chama a atenção e depois a outra? Ou não tem nenhuma relação, mas só te tocou mesmo?

(P31): Não, não tinha pensado até então, mas porque a primeira fala de uma questão de maternidade. Depois a gente viu, folheou o livro dela, porque a Rogéria escreveu um livro sobre as obras dela. A gente folheou até achar o que ela tinha escrito. Aí falava sobre maternidade. E essa outra fala sobre esse encarceramento de si mesmo. Você tem a sua própria chave, sai ou não, e tal. Mas eu não consegui fazer uma relação das duas.

(Pesquisadora): E essa segunda chave, eu não vi a obra por isso que eu estou te perguntando, mas essa segunda, no encarceramento de si mesmo, também era no ventre?

(P31): A imagem estava dessa parte daqui para baixo, sabe, até a cintura, daqui até a cintura.

(Pesquisadora): Bem na barriga.

(P31): Mas de certa forma sim, na barriga.

(Pesquisadora): Como é que foi para você o processo de criação da imagem?

(P31): Eu fiquei muito nervosa, porque a imagem era simples, não era algo muito elaborado, sabe? E eu não tenho muitos dons artísticos, eu fiquei assim, ó... Oi?

(Pesquisadora): Eu falei: 'Até parece que não tem muitos dons artísticos!' (risos)

(P31): Eu fui fazendo traços, assim, bem leves, sabe? Quando você olhar a imagem, sem colorir, vai ficar muito clarinho, porque eu fui tentar representar os traços mesmo. E eu achei difícil de fazer, sabe? Por isso que ficou tão clarinho. Eu não consegui por força no braço para fazer.

(Pesquisadora): Mas se você quiser deixar preto e branco também, não tem problema tá!

(P31): Sim.

(Pesquisadora): Se você vai querer colorir ou não, é com você. O processo de criação, você tentou escolher uma imagem simples, é isso?

(P31): Tá. Sim.

(Pesquisadora): Quando você pensa nessa imagem que você desenhou, que lembranças, sentimentos, recordações você consegue relacionar com a imagem? Vem algum sentimento, alguma recordação, algum pensamento?

(P31): Me veio agora, quando você fala... relembro... é porque quando eu era mais nova, eu sou filha única, então eu não tive muito contato com outros. Tinha meus primos, mas eu ficava mais em casa com a minha mãe, que a gente mora na roça, lá na minha cidade. A minha casa tem grades nas janelas. Aí tá, depois de muito tempo eu comecei a namorar né! Aí eu não podia sair muito de casa, porque filha única e tal. O meu cunhado, ele falou assim: 'Nossa, a V. parece uma prisioneira'.

Me veio isso agora na minha cabeça, eu fiquei muito brava quando ele falou isso. Eu fiquei chateada com ele, mas agora lembrando, eu tinha a minha chave também e estava ali dentro, entendeu?

(Pesquisadora): Estar dentro de uma prisão ou estar do lado de fora, associado a essa chave e que o próprio Bispo tinha. Em seguida, você traz você mesma dentro de uma prisão. Você consegue pensar, quando eu falo isso, numa relação entre o Bispo nesse lugar e esse feminino aprisionado?

(P31): Faz sentido essa relação, porque ele tinha toda uma criatividade, uma visão das coisas do mundo e ficava aprisionado e às vezes ele não conseguia sair porque ele estava há tanto tempo ali que ali virou a própria casa. E há esse feminino também que, às vezes, tem tanto a mostrar para o exterior, mas segue aprisionado porque aquele lugar é um conhecido, confortável. E eu acho que seria essa a relação que eu consigo fazer assim.

(Pesquisadora): Você tem alguma lembrança da visita, algum comentário ou pergunta que eu não falei, mas que você queria trazer, por exemplo, ‘isso aqui para mim foi importante quando eu estive lá’?

(P31): Tem sim, foi uma sensação que eu senti enquanto a gente subia as escadinhas para ir para a parte de cima. Eu me senti um peso, assim, subindo as escadas, que parecia que eu consegui visualizar como que era para as pessoas estar subindo ali. Eu achei tudo muito lindo, as artes e tal, mas essa sensação ficou e, tipo, nesse lugar houve muito sofrimento. E, para mim, aquela escada ficou marcada esse sofrimento, sabe?

(Pesquisadora): Agora está ressignificado de alguma forma, mas a história continua lá.

(P31): Exato.

(Pesquisadora): Obrigada, viu!

### **Participante 32 (P32)**

(Pesquisadora): Nós vamos iniciar a entrevista coletando alguns dados pessoais. Qual é o seu nome?

(P32): P32

(Pesquisadora): Sexo?

(P32): Feminino.

(Pesquisadora): Qual é a sua data de nascimento?

(P32): 05/01/1998.

(Pesquisadora): Qual é a sua escolaridade?

(P32): Ensino Superior Incompleto.

(Pesquisadora): Como você se declara com relação à cor?

(P32): Parda.

(Pesquisadora): Você já fez ou faz algum tratamento psicológico ou psiquiátrico?

(P32): Psicológico.

(Pesquisadora): Como é que você ficou sabendo da visita técnica?

(P32): Foi em sala.

(Pesquisadora): Você já tinha ouvido falar do Arthur Bispo do Rosário antes da excursão?

(P32): Não.

(Pesquisadora): Conhecia alguma das obras dele?

(P32): Também não.

(Pesquisadora): Lá no museu, qual foi a imagem que mais te tocou?

(P32): Eu lembro de um quadro que estava, é um quadro que tinha uma distorção de uma imagem, acho que, não sei se você vai lembrar também, ele era azul, com fundo azul e, fora esse quadro, as obras de arte com coisas que eram básicas mesmo, que iriam para o lixo, né? Tampinha de garrafa, de cerveja, os bonecos dele. Então assim, acho que foi a parte que me chamou a atenção porque eu gosto dessas coisas, eu gosto de artesanato. E assim, a forma que a boneca, ele vestia a boneca, que ele pensava em como que ficaria a roupinha, os detalhes então... Eu tenho uma foto minha e F. perto dessa boneca, deixa eu ver se tá aqui.

(Pesquisadora): Essa boneca que você falou é do próprio Bispo?

(P32): Eu não lembro, é uma boneca que estava na mesma sala do quadro.

(Pesquisadora): Desse quadro distorcido você também tem a foto?

(P32): Tenho, o quadro eu postei no Instagram.

(Pesquisadora): Ah, eu não vi nenhuma obra não.

(P32): Não?

(Pesquisadora): Não.

(P32): Deixa eu ver se M. tem aqui, porque no Instagram eu sei que tem salvo do quadro, sabe?

(Pesquisadora): Tem problema não. Depois se você encontrar você me mostra.

(P32): Ah tá, da bonequinha que está vestida, era lá embaixo. Esse da sala, é feito de coisas que ele encontrou. Dá pra você ver?

(Pesquisadora): Ah tá, é do Arlindo.

(P32): Ah, é do Arlindo?

(Pesquisadora): É, que lindo! Então é a bonequinha e o quadro distorcido. O quadro distorcido é como?

(P32): Ah, eu não lembro Andréa, assim direito, mas era tipo uma imagem que talvez tratava a loucura, o transtorno mental naquela época. Eu lembro que é um cara e o rosto dele, sabe? O foco era o rosto, nas características do rosto mesmo.

(Pesquisadora): E estava meio embaçado assim? Meio torto?

(P32): Sim, é isso mesmo.

(Pesquisadora): Quando foi pedido para vocês representarem uma imagem, você chegou a fazer algum desenho?

(P32): Ah, verdade. No desenho, eu lembro que eu desenhei uma chave, algumas coisas, tipo... Foi uma chave, foi mais alguma coisa, que eu não tô lembrada. Mas a chave, eu lembro que eu desenhei, porque a minha avó ela morava numa fazenda sabe e tinha essas coisas assim de... eu acho que foi uma coisa de escravidão ou... a outra coisa assim não lembro direito, mas o meu pensamento foi esse, porque eu não sei se você já foi a algum museu de escravidão?

Eu lembro que a minha avó tinha tipo uma barra de ferro e sabe aquelas correntes pesadinhas, que tem um círculo dentro do outro e tal, com outra barra? Então, era assim, era tipo negócio, não sei se era para bater, não sei o que que servia, mas tinha. Ainda deve ter, porque ainda tem essa casa lá, mas a gente guardava isso assim, sabe, lá. Então, lembrei dessa intenção, porque foi, foi lá nessa sala também e tinha algumas coisas assim, sabe, acho que material que ele usava para fazer os artesanatos, essas coisas assim.

(Pesquisadora): A imagem do bonequinho te toca porque é feito de material reciclado?

(P32): Aham.

(Pesquisadora): A imagem distorcida porque te lembra loucura?

(P32): Aham.

(Pesquisadora): E a chave porque tem uma relação com essa época da escravidão da sua avó?

(P32): Sim.

(Pesquisadora): Essas são as associações que você vai fazendo. E com a sua história tem a ver?

(P32): Com a minha história? Acho que tem também, porque a relação dos materiais da casa da minha avó é a minha história.

(Pesquisadora): Me conta isso. Como é que é isso?

(P32): Não, é a minha história.

(Pesquisadora): Porque os materiais na casa dela são a sua história?

(P32): Hã?

(Pesquisadora): Como é que essa frase que você falou: ‘os materiais na casa dela é a minha história’, como é que é isso? Esses materiais serem a sua história?

(P32): É a minha história que eu via, entendeu? E tinha várias outras coisas, então assim, eu achava legal ver aquilo e aquilo ali era o que a minha avó guardava, sabe?

(Pesquisadora): De que forma você, vou falar assim, também recicla? Porque você está falando de um ferro para bater, você está falando de uma corrente... são coisas difíceis né?

(P32): Ah, tá. Eu acho que não comigo, sabe? Mas para mim o passado do transtorno mental, da saúde mental, tem uma relação com isso.

(Pesquisadora): Objetos de tortura?

(P32): Isso.

(Pesquisadora): Você diz que sua avó guardava esses objetos, então tinha uma história ali. E tem a V. que é artesã, que pega objetos e os ressignifica. Por outro lado, no Museu tinha um contexto de sofrimento mental, mas também de arte e reciclagem. Então você fala que dos objetos ali, cenas, coisas que a pessoa viveu e que foram muito difíceis, daquela miudeza de uma tampinha de garrafa, de uma colher, algo se transforma.

(P32): De coisas simples, né?

(Pesquisadora): É, vira uma arte. E você também gosta de artesanato, de material reciclado. Como é que isso se deu?

(P32): Não sei, não sei te explicar.

(Pesquisadora): O teu olhar para a dor é um olhar artístico, criativo?

(P32): Não sei. Curiosidade. Não sei se eu posso falar curiosidade, assim. Eu sempre gostei, tanto é que já passou pela minha cabeça estudar história, entendeu? Então, eu acho que esses objetos marcavam, marcou para mim, tanto que eu associei lá porque eu tinha e ainda tenho curiosidade.

(Pesquisadora): Você também falou da chave. A chave para você tem a ver com o quê?

(P32): A chave ela tava perto da... dessas... é instrumento e eu associei acho que a chave com a liberdade de expressão deles, com a liberdade que eles têm hoje entre aspas né? Não tem muita liberdade também, tem muita coisa pra acontecer, mas associei a chave a isso.

(Pesquisadora): Que sentimentos, lembranças, recordações você teve ao recriar a obra?

(P32): Que sentimentos, que lembranças?

(Pesquisadora): Pode ser um sentimento, uma lembrança, um pensamento, uma ideia que te ocorre quando você pensa nisso tudo que a gente está conversando.

(P32): Olha, não sei se é essa a pergunta, mas eu lembrei de uma coisa. Onde tinha essas coisas, esses materiais aí que eu te falei do tempo da minha avó era um paiol. E a minha avó, ela tipo, meio que, não sei se ela cuidava ou se a pessoa não tinha pra onde ficar, ficava uma mulher lá. Esqueci o nome dela, mas enfim, eu era muito pequena, não sei nem se eu era muito pequena, não sei nem se ela chegou a morar lá comigo bebê, mas essa A.

E esse paiol era grandinho e eu tinha uma fase de brincar, eu fiquei com esse quarto dela pra ser minha casinha, entendeu? De boneca. Então assim, perto dessa casinha minha tinha outras coisas e na casa da minha avó ia muita gente. Então, sempre via esses instrumentos lá.

E a lembrança que eu tenho é que essa mulher também que morava lá, ela tinha um transtorno mental. Entendeu? Junto com um outro cara que ia lá também, ele tinha um transtorno mental e ele também era alcoólatra.

E aí, onde que ele ficava? Tipo, fora da casa da minha avó, outras casas, os outros exploravam ele, entendeu? Trabalhava em troca de cachaça. E isso são as minhas duas avós. A minha avó paterna, até hoje, ela cuida de um cara que ele é explorado assim, sabe? Então, é essa lembrança que eu tenho e que eu associei com o Museu.

(Pesquisadora): Entendi. E era um lugar que você brincava?

(P32): É.

(Pesquisadora): Porque que...

(P32): Hã?

(Pesquisadora): Não pode falar, eu não queria te interromper.

(P32): O porquê?

(Pesquisadora): É...

(P32): Primeiro que era um cômodo, que tipo, o paiol, até hoje deve estar lá, né? Mas era o cômodo que tipo assim mais perto da cozinha da minha avó. Então como eu era pequena ela preferia que eu ficasse lá e era um paiol, mas esse cômodo só tinha uma porta, ele não fazia parte do paiol. Então era mais tranquilo eu colocar meus brinquedos lá porque como era paiol então assim, tipo, café, essas coisas tudo ficava no outro lugar e não bagunçava as minhas coisas, entendeu?

(Pesquisadora): Você morava com ela?

(P32): Aham.

(Pesquisadora): Até quantos anos?

(P32): Eu morei com ela até uns seis anos, depois eu fui morar com minha mãe.

(Pesquisadora): Tem seis anos que você saiu de lá?

(P32): Oi?

(Pesquisadora): Fala de novo, você morou com ela até qual idade?

(P32): Eu morei com ela até seis anos.

(Pesquisadora): Depois desses seis anos você saiu de lá?

(P32): Uhum.

(Pesquisadora): Você saiu junto com a sua mãe?

(P32): Não, minha mãe me teve e quando eu tinha três anos ela casou. Quando ela casou, eu fui morar com minha avó.

(Pesquisadora): Entendi.

(P32): Porque meus primos, meus tios, eram mais ou menos da minha idade. E minha mãe, eu lembro que minha mãe ficava muito triste, assim, então se minha mãe vinha e queria me levar, eu não ia.

Então, teve um... acho que... eu não lembro muito bem, mas eu sei que eu fiquei com ela. Minha mãe morava em P. A. em uma cidade, minha avó na roça e eu gostava de ficar mais na roça porque eu ficava mais à vontade, né? Aí eu fui morar com minha mãe, só que minha mãe não ficou muito na rua porque eu gostava muito da roça, então ela mudou para uma casa perto, do lado da casa da minha avó. Então, continuei morando com a minha avó.

(Pesquisadora): Mudou de casa, mas estava no mesmo lugar. Esses instrumentos que você viu quando você era criança, era da sua avó porque usaram com ela ou ela guardava?

(P32): Não, não, não. O meu bisavô, ele foi... na verdade nem é da casa, sabe? Acho que alguém deu, então foi juntando, mas não era, até porque a fazenda não tinha idade pra bater com a idade da escravidão, entendeu? Na época e tal. Mas... o quê que você perguntou mesmo?

(Pesquisadora): Se era da sua avó...

(P32): Não, não era não. Não, e até hoje ela guarda essas coisas, sabe? Hoje ela mora na rua, tem muito tempo já, na verdade, e ela guarda essas coisas, assim, panela de ferro velha, tipo, velha, mas antiga, sabe?

(Pesquisadora): Que lembra essa época?

(P32): É.

(Pesquisadora): E você falou do seu bisavô, o seu bisavô teria vivido essa época?

(P32): Acho que sim.

(Pesquisadora): Para sua avó querer guardar, deve ter alguma coisa na história dela também, ela menina com os pais e avós.

(P32): Ah, sim. Pode ser que sim, mas eu acho que talvez também não, porque a minha avó não era... ela veio morar naquela casa quando ela tinha 25 anos.

(Pesquisadora): Mas talvez tenha alguma coisa que chame a atenção dela para isso.

(P32): É, ela guardou né?

(Pesquisadora): É, para ela querer guardar. E chama a sua atenção também quando você vai no Museu. Esses objetos de tortura, dessa prisão, o lugar que estava exposto no Museu também tinha uma chave, tinha um portão?

(P32): Foi a chave do portão que eu desenhei? Eu fiquei em dúvida se eu desenhei uma pequenininha ou uma grandona. Eu não vou lembrar assim, eu lembro que foi a chave.

(Pesquisadora): Você gostou do passeio, V.?

(P32): Gostei.

(Pesquisadora): Que reflexões essa viagem te traz?

(P32): Eu fico, Andréa, com a reflexão que, tipo, isso, sabe, o que a gente faz hoje não é... básico. A gente tem muita coisa pra fazer e que ainda existe... essa tortura ainda existe, esse preconceito, e tá muito longe disso acabar.

Meu primeiro estágio foi num CAPS, então assim, teve uma situação que tipo, é cidade pequena então quando a gente chega lá não importa se você é estagiário ou se você é psicólogo, você é psicólogo pra eles.

E aí foi no CAPS, então eu chegava, tomava café junto com eles, eu não tomava café com os funcionários e minha tia era fisioterapeuta lá, eles falavam assim com minha tia: “Ah, sua sobrinha é muito esquisita, ela não toma café com a gente, ela é muito metida e isso e aquilo”, mas quando eu sentava com eles eu via tanta coisa assim legal, sabe? Pra mim não tava tendo, sabe? não tinha... sentar lá com eles era mais importante.

O A. era o meu supervisor, na época ele achava o máximo, pedia pra sentar e ficar perto, mais rápido, o mais próximo possível, né?

E teve um dia que foi, eu lembro que foi uma artesã, ela tinha uma... ela se chama L., ela ainda é viva, e aquela simplicidade. Ela chegou a levar uma barra, sabe aquelas barras que a gente compra pra confeitar bolo?

Ela levou uma barra daquela, daquele tamanho pra mim, Andréa, porque eu tinha pintado a unha dela. Eu falei pra ela: “não posso aceitar, só se todo mundo comer, né?” Aí ela falou: “então tá, todo mundo come”. E toda sexta-feira eu lembro que eu fazia a unha dela. E ela tem esquizofrenia, ela é bipolar e mais uns outros lá que eu não lembro mais.

E teve um dia que ela tava chorando, mas chorando muito. Eu falei assim... foi nisso que começou os dias da beleza. Eu pensei, vamos fazer só a unha. E ela tinha uma unha grandona, né. Aí eu fui fazer a unha dela. Então ela todo dia ficava: “ah, eu comprei um esmalte, quero que você passe em mim”. Só que eu não tinha tempo pra todo dia, né?

Eu falei com ela: “toda sexta-feira eu faço a sua unha”. E aí sim, tava dando super certo. E ela tinha diabetes também. E ela... a casa da minha avó era numa esquina e ela tinha que descer. A gente tinha que encontrar junto na esquina pra gente descer pro CAPS.

Teve um dia que eu desci com ela. E ela não podia comer doce, né, Andréa? Eu tô descendo, ela: “você não tá atrasada não?” Sabe esses papos assim, tipo: “vai na minha frente?” Aí eu falei: ‘Humm, alguma coisa tem?’ Aí, ela parou na padaria. Não hora que ela viu que eu ia descer com ela mesmo, ela parou na padaria, “vamos tomar um café?”. Eu falei: “ah, tenho que comer alguma coisa”. Parei, porque pra ela eu não ia parar pra tomar um café não. Aí eu vi ela comendo doce. Eu falei: “Ah, fulana., não faz isso não!”, eu descobri, né?

E então, a gente pegou um vínculo brincando, ela me pediu desculpa, eu achei engraçado. Ela foi na casa da minha avó, Andréa. ‘Sua neta, é tipo, sua neta é muito boazinha, isso e aquilo’, brincando.

Teve um dia que a gente, a artesã, nas horas livres eu ia pra sala do artesanato, ficava com eles, né? E eu lembro que essa artesã falou assim... Ah, a gente tava fazendo um gorro, um gorro nesse momento. Eu lembro que ela falou assim... tava tocando uma música, eles colocavam uma música, né? E tava tocando o Eduardo Costa. E ela virou e falou assim, a artesã virou e falou assim: ‘ah, eu gosto tanto do Eduardo Costa, mas depois que eu tive um filho com ele e ele me abandonou, eu não gosto dele mais’. Perto dela. E era claro que ela ia acreditar. Ela virou e falou assim: ‘Nossa, eu gosto tanto dele. Acho que ele canta muito bem e tal. Então depois de ouvir isso eu nem vou escutar a música dele.’ E ela não desmentiu, Andréa. Ela virou e falou assim: “É, meu filho estuda hoje lá no Rio Grande do Sul. Ele não mora comigo não, por isso que você não o conhece”.

E eu escutando aquilo, eu saí de lá, porque assim, eu não ia comprar briga num lugar que eu tava fazendo estágio por pouco tempo, eu via muito despreparo da coordenação. E no dia que eu saí, tava a artesã na gangorra, ela na outra e eu tava tomando sol, que tava um tempo assim, foi mais ou menos um mês assim e tinha uma cozinheira mais uma mulher que limpa lá, faxineira, escutando isso e rindo e eu fui e saí, sabe! Mas eu não saí, não falei nada e tal, só saí e ela foi, eles comentaram com a minha tia no café que eu, tipo assim, falaram mal de mim, entendeu?

Então assim eu associo com essa reflexão que ainda existe tortura, sabe? Existe tortura psicológica, existe tortura física.

O meu vizinho de lá, ele tem uns quatro CID, que eu lembro que eu li o negócio dele, e ele não ia pra CAPS. E ele não tem como comer. Ele não tem família, ele mora sozinho, no caso. E todo fim de tarde ele me chamava de enrolada. “Ô enrolada, você tá aí?” Que eu trabalhava em home office na laje. Aí ele passava.

E todo fim de tarde a minha avó ia muito pra roça. Então assim, ficava semanas na roça e eu praticamente morava sozinha. Eu fazia café, comprava pão, fazia café. Ele vinha tomar café, toda vez que ele me gritava eu associava porque ele queria café, alguma coisa pra comer.

E eu falava: “nossa, como é que a cidade deixa ele assim”, não tem ninguém pra nada? O A., que era meu supervisor, falou: “V., faz o seguinte, você vai fazer o café que você faz, vai comprar pão e vai chamar ele pra tomar café e vai falar com ele, que se ele for...” e eu vivia chamando ele pro CAPS. Falei assim: ‘vamos C., pro CAPS?’ Ele falou: ‘não, é um lugar de doido, não quero ir, os outros vão rir de mim e tal’. Falei: ‘não C., cê vai comigo, cê não precisa de ir lá como paciente, não, vamos comigo então’.

O Adriano pediu, falou comigo: “V., faz o café e fala com ele que se ele for ele tem chances de ser aposentado. Porque aí ele vai passar a ir.” E nisso a minha tia estava entrando lá. Então assim, ele via eu e a minha tia que morava do lado da minha casa indo, ele pegou a ir.

Então, mesmo com esses pontos negativos de lá, ele passou a comer, passou a tomar remédio, ele não tinha, tipo, eu lembro Andréa que um dia assim é muito frio, né? Ele andava de bermuda e regata. Então ele recebeu doação e ele passou a ter uma vida social também, porque passou a conversar com os outros, passou a ter amizades, sabe? Foi muito bom pra ele, mas ele só chegou a ir pelo interesse que ele seria aposentando.

(Pesquisadora): É uma triste realidade, né?

(P32): E ele foi realmente. Eu lembro que a assistência social, a gente se encontrou em um almoço de família. Eu falei com ela: “eu não entendi até hoje porque é que o C. não é aposentado. Ele não tem condição de viver pra ele”. Ela: “não, ele é aposentado sim”. Eu falei assim: “não é”. Eu olhei a ficha dele, porque o A. pediu pra olhar, pra passar pra ele, pra ter orientação.

Eu falei assim: “ele não é aposentado”. Ela brigou. Brigou assim, né, discutiu. “Não, V., ele é”. Eu falei: “não é”. E não era mesmo. Ele foi aposentado uns dois meses depois, só que não adiantou nada, Andréa, porque, assim, ele tem um único irmão e esse irmão pega o dinheiro dele todo. Então sem ser o CAPS, ele ainda tá na mesma situação.

(Pesquisadora): É, é muito triste! Ainda tem muita coisa para fazer, muito trabalho para mudar essa realidade. É isso, eu queria te agradecer!

(P32): Tranquilo.

(Pesquisadora): Obrigada mesmo, viu! Pela sua disponibilidade, por ter tirado esse tempinho aqui para a entrevista.

(P32): Eu que te agradeço. Eu jurava assim, quando eu entrei na faculdade, uma excursão para Barbacena, que é um lugar que eu também quero conhecer. Eu já fui lá, mas não fui para conhecer.

(Pesquisadora): Eu achei que vocês tinham ido.

(P32): Não, e é interessante, Andréa, que assim, quando a gente estava... Eu lembro que eu mais ou menos pensei na psicologia no meu Ensino Médio, sabe? Quando começou a vir esses assuntos de Segunda Guerra Mundial, então eu falei assim: ‘gente, como que um cara, um cara faz isso com milhares, né?’ E eu passei a estudar o local, eu estudei, vi vários documentários, vários filmes, falei assim: ‘gente, é muito interessante’.

(Pesquisadora): É sim, e muito sofrido também! Mas você está no caminho certo. É assim que a gente faz a diferença no mundo.

(P32): Obrigada.

(Pesquisadora): Eu que agradeço!